

João Ricardo Ferreira Pires

Notas de um Diário de Viagem a Minas Gerais: política e ciência na escrita viajante do Imperador D. Pedro II (1881)

Dissertação apresentada na Pós-
Graduação em História/UFMG como
requisito parcial à obtenção do título de mestre
Linha de Pesquisa: História e Culturas Políticas
Orientadora: Eliana de Freitas Dutra

*Belo Horizonte
Minas Gerais
Setembro de 2007.*

Aos meus pais, que me iniciaram na maior viagem de todas, a vida.

Agradecimentos

Essa dissertação tornou-se possível graças a uma série de pessoas que temo não conseguir enumerar e, desde já me desculpo por uma eventual omissão.

Agradeço, primeiramente, aos meus pais. Cada um deles está aqui dentro de alguma forma.

À minha orientadora, Eliana Dutra, que teve papel fundamental nos caminhos e descaminhos dessa viagem. Com sua competência e faro de pesquisadora me apontou, no início, a fonte do tesouro – o diário de viagem – e, me acompanhou em todos os momentos, algumas vezes de longe outras de perto. Muito obrigado por ter aceitado o século XIX e me ter dado liberdade.

Ao CNPq por ter me prestado importante auxílio financeiro durante um ano, sem o qual boa parte da dissertação não sairia a contento.

À minha querida irmã, Flávia Ferreira Pires, já antiga companheira nos caminhos acadêmicos. Muito obrigado por tudo desde 1979 e por ser minha primeira leitora.

Aos meus outros irmãos, que mesmo avessos a textos desta qualidade, estão sempre presentes.

Às instituições onde foram feitas pesquisas. Primeiro, ao Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis e toda sua equipe que foram muito simpáticos e prestimosos. Ao Arquivo Público Mineiro onde sempre fui bem acolhido desde a graduação. À Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Ao Museu Regional de São João Del Rei/IPHAN pela foto bem acertada. À Biblioteca Pública de São João Del Rei e sua equipe.

À Letícia dos Santos Martins que ajudou na concepção e acompanhou quase todo a gestação. Você foi muito importante.

À Regina Horta Duarte o apoio deste o início e as dicas na qualificação.

À Giselle Venâncio pela simpatia, amizade e dicas.

Ao amigo Loque Arcanjo pela interlocução sempre presente desde a especialização e pelas conversas acompanhadas do infalível cafezinho.

Ao amigo Leonardo Souza Araújo por tantas boas conversas.

Aos colegas da Pós que, às vezes sem querer ajudam tanto com palavras e gestos.

Aos professores do departamento de história da UFMG que desde 1997 deslumbram meu olhar histórico.

Às minhas duas avós *in memoriam* que espero que me acompanhem e me guiem.

Aos viajantes que passaram para o papel suas aventuras e nos legaram um enorme patrimônio literário

Ao amigo de uma vida Leo.

A todos os meus familiares, especialmente minhas tias, tios, primos e primas.

Resumo

A presente dissertação versa sobre dois assuntos na escrita viajante do Imperador D. Pedro II numa de suas viagens a Minas Gerais: política e ciência. Essa viagem é analisada como uma estratégia de poder espacial que busca a manutenção de uma determinada imagem do Império e do Imperador, que procura servir de anteparo à montante de críticas ao governo imperial no período, que lança mão do discurso da ciência como arma política. Dois foram os objetivos: narrar e explicar a viagem – as motivações, os interlocutores, o programa -, analisar a escrita viajante no objeto central: o Diário de Viagem a Minas. Portanto, D. Pedro II viaja duas vezes ao longo da dissertação: entre março e abril pelas estradas da província e, no mesmo período, nas folhas de seu caderno de anotações. Dessas duas viagens retiramos conclusões a respeito da política imperial, da ciência no século XIX, da personalidade do Imperador e de uma certa tradição de escrita de viagem.

Começamos discutindo D. Pedro II como um viajante através da narração de uma série de suas viagens e, através da construção de uma filiação “viajeira” – um conjunto de viajantes e narrativas de viagem que, direta ou indiretamente, influenciaram o Imperador. Passamos a narrar a viagem a Minas Gerais propriamente dita e analisar alguns aspectos fundamentais dessa viagem, por exemplo, seu caráter político/administrativo e a intertextualidade com a obra do naturalista Saint-Hilaire. Continuando passamos a explicar a natureza do nosso objeto, ou seja, o que é um diário de viagem, quais são suas características, quais são suas filiações formais e históricas. Depois, voltamos à viagem para explicar o olhar viajante de D. Pedro II: os interesses da escrita e da viagem. Concluímos levantando hipóteses a respeito das motivações públicas e particulares da vinda a Minas Gerais em 1881, quando as instituições e as representações imperiais sofriam forte abalo.

Palavras-Chave: D. Pedro II, Escrita Viajante, Viagem Política / Administrativa.

Abstract

This dissertation focuses on two themes predominate in the travel writing of Emperor D. Pedro II during one of his trips to Minas Gerais: politics and science. This trip is analyzed as a strategy of spacial power that seeks to maintain a specific image of the Empire and the Emperor, to counteract the mounting criticism of the imperial government of the period, using the language of science as a political weapon. There were two objectives: to relate and to explain the trip - the motivations, the interlocutors, the program -, and to analyze the travel writing in its central object: The Travel Diary to Minas Gerais. Therefore, D. Pedro II travels two times throughout this dissertation: the first between March and April on the roads of the province and, in the same period, he travels through the pages of his notebook. From these two trips, we raise conclusions regarding imperial politics and the science of the XIX Century, the personality of the Emperor and a certain tradition of travel writing.

We start arguing that D. Pedro II was a traveller, recounting a series of trips and, constructing his “travelling inheritance” - a set of travellers and narratives of trip that, directly or indirectly, had influenced the Emperor. We describe the trip to Minas Gerais and analyses some basic aspects of this trip, for example, its administrative/political characters and the inter-textuality with the work of the naturalist Saint-Hilaire. We explain the nature of the object with which we are dealing, that is, what is a travelling diary, what are its characteristics, what are its formal and historical affiliations. Later, we return to discuss the trip, explaining D. Pedro II point of view: the interest in writing and the trip. This dissertation concludes by raising hypotheses regarding the public and

particular motivations for the trip to Minas Gerais in 1881, when the imperial institutions and representatives were suffering a serious attack.

Key-Words: D. Pedro II, Travel Writing, Administrative/Political Trip

Sumário

<i>Introdução</i>	Pg. 10
 <i>Capítulo 1: D. Pedro II Viajante</i>	 Pg. 21
1.1. O Viajante no Exterior	Pg. 22
1.2. O Viajante no Interior	Pg. 31
1.3. Do Viajar e da Escrita de Viagem	Pg. 43
1.3.1. A História Natural e os Relatos de Viagem	Pg. 46
1.3.2. Os Viajantes do Reformismo Português	Pg. 49
1.3.3. Alexander Von Humboldt e sua influência no viajar e na escrita de viagem ----	Pg. 54
1.3.4. As Viagens pelo Brasil no século XIX	Pg. 61
 <i>Capítulo 2: A Viagem a Minas, março e abril de 1881</i>	 Pg. 69
2.1. Da Corte a Barbacena	Pg. 69
2.2. Cobertura Jornalística	Pg. 74
2.3. De Barbacena a Ouro Preto	Pg. 82
2.4. A Intertextualidade com Auguste de Saint-Hilaire	Pg. 91
2.5. Em Ouro Preto	Pg. 96
2.6. De Ouro Preto a Ouro Preto, novamente	Pg. 101
2.6.1. Em Lagoa Santa com Peter Lund	Pg. 107
2.6.2. Discussões religiosas no Caraça	Pg. 114
2.6.3. Semana Santa em Mariana	Pg. 117
2.6.4. Na cidade de Ouro Preto, novamente	Pg. 122
2.7. De Ouro Preto a Corte	Pg. 124
2.7.1. Em São João Del Rei	Pg. 128
2.7.2. De São João Del Rei a Corte	Pg. 132
 <i>Capítulo 3: O Diário e a Viagem</i>	 Pg. 138
3.1. Da Escrita de Diário	Pg. 138
3.1.1 A Escrita de Si: história e características	Pg. 143
3.1.2. A Escrita de Diário do Imperador	Pg. 149
3.1.3. Porquê um diário de viagem não é de todo uma escrita auto-referencial ---	Pg. 151

3.2 A Narrativa no Diário de D. Pedro II -----	Pg. 153
3.3. Do Viajante D. Pedro II e da Viagem a Minas -----	Pg. 157
3.3.1. O Olhar Viajante do Imperador: interesses da viagem e da escrita -----	Pg. 159
3.3.2. As Motivações com a Viagem a Minas -----	Pg. 168
<i>Conclusão</i> -----	Pg. 179
<i>Fontes</i> -----	Pg. 186
<i>Bibliografia</i> -----	Pg. 191

Introdução

Nossa dissertação escolheu tratar uma personalidade histórica já bastante estudada, discutida, louvada ou atacada que é a figura do Imperador D. Pedro II sob um aspecto pouco ou quase nada trabalhado: ele enquanto viajante e, mais particularmente, na sua viagem a Minas Gerais em 1881. Para isso, lançamos mão de seus diários de viagem analisando-os enquanto fonte para as viagens e, enquanto escrita de viagem. Ou seja, os diários não são tomados apenas como fonte de dados sobre os caminhos e as ações das viagens, mas são analisados na sua própria natureza de escrita, trazendo assim conclusões a respeito da personalidade do Imperador e das funções públicas da escrita de viagem. Lançamos mão, ainda, de alguns periódicos para auxiliar numa compreensão mais geral da viagem a Minas saindo da esfera pessoal do Imperador e tentando analisar o que se esperava com essa visita imperial. A grande questão é a tentativa de se compreender esta viagem como uma forma de poder espacial e, ainda, como parte de um projeto maior de governo que estava sendo posto à prova desde a década de 1870, mas que tinha a viagem como estratégia de manutenção do sistema político imperial. Estratégia essa calcada em alguns pontos, como veremos ao longo da dissertação, entre eles: uma visão romântica de ciência, uma determinada forma de posicionamento do Imperador frente a seus súditos e a circulação já antiga de uma determinada construção imagética de D. Pedro II e de seu Império.

Aqui convêm lembrar que do final da década de 1840 até o final da década de 1860, temos o período áureo do Segundo Reinado, marcado pela direção política saquarema; pela prática da conciliação entre os partidos políticos; pelo boom econômico produzido pelo café do vale do Paraíba; pelo romantismo indianista construindo uma imagem harmônica da nação e pela imagem marcante do jovem Imperador presente e

atuante nas artes e nas ciências¹. A Guerra do Paraguai marcará o momento de inflexão na história do Segundo Reinado e o início da crise. Um dos marcos iniciais é a destituição do gabinete Zacarias em 3 de agosto de 1868, por conta do conflito desse com o general Caxias. O Imperador, apostando no seu líder na guerra, convoca um gabinete dos conservadores, e logo depois de um racha dos liberais, é lançado o Manifesto Republicano e fundado o partido republicano. Na disputa Caxias X Zacarias já temos prefigurado a disputa entre o poder civil (representado pelo ministério) e o poder militar (representado pelo Exército) que será um dos elementos, entre outros, a preparar o terreno para a queda do regime monárquico².

A década de 1870 inicia-se com o gabinete Rio Branco responsável por uma série de reformas, a mais importante sendo a Lei do Ventre Livre, que representou a última tentativa dentro da elite imperial para transformar o Império e abrir-se para uma sociedade não-escravista e um sistema político e social que abarcasse novos grupos. Reformas que ficaram inconclusas e abriram o caminho para a contestação aberta do regime³. A partir dos anos 1875 tomam fôlego discussões sobre uma reforma eleitoral

¹ Para uma bibliografia sobre as três primeiras décadas do Segundo Reinado ver: MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema: A Formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: Access Ed, 1994; CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998. Do mesmo autor: *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Brasília: Ed. UNB, 1981; ALENCASTRO, Luiz Felipe de. et. alli. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. vol. 2; MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Letras, 1991; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Da mesma autora: *O Império em Procissão: Ritos e Símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed, 2001; FAORO, R. A Reação Centralizadora e Monárquica / O Sistema Político do Segundo Reinado. In- *Os Donos do Poder*. vo. 1., 8. ed. Rio de Janeiro: Globo, 2000, p. 313 a 397; FERREIRA, Gabriela Nunes. *Centralização e descentralização no Império – o debate entre Tavares Bastos e Visconde de Uruguai*. São Paulo: Ed. 32, 1999; FRANCO, Maria Sylvia de C. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1974; MERCADANTE, Paulo. *A Consciência Conservadora no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972; URICOECHEA, F. *O Minotauro Imperial: a burocracia do estado patrimonial brasileiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Difel, 1978; NABUCO, Joaquim. *Um Estadista do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2 v, 1998; CALDEIRA, Jorge. *Mauá Empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; DOLHNIKOFF, Miriam. *O Pacto Imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX*. São Paulo: Ed. Globo, 2005.

² FAORO, R. Op. cit, p. 49-108.

³ ALONSO, Angela. *Idéias em Movimento: A Geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002, p. 75-96. Esse livro analisa o momento de 1870 e 1880 a partir das obras e práticas políticas dos homens que foram intitulados da geração 1870. Essas obras e práticas contribuíram para destruir os

que tornasse a eleição direta. Acreditava-se que assim o processo eleitoral seria mais livre, sem fraudes, e representaria a expressão da maioria. Tais discussões vão resultar na Lei Saraiva, aprovada no início de 1881, alguns meses antes da viagem do Imperador a Minas. As Falas do Trono - comunicação cerimoniosa elaborada pelo ministério, com a aprovação do Imperador, para abrir e encerrar as sessões da Assembléia Legislativa Nacional - desde 1878 já reclamavam a urgência da reforma eleitoral⁴. É na década de 1870 que toma fôlego a chamada questão religiosa, que opôs o Imperador e políticos regalistas aos religiosos ultramontanos que seguiam a orientação conservadora do Vaticano. É também nessa década que a campanha abolicionista começa a crescer e que políticas de imigração passam a ser discutidas de maneira mais intensa e postas em prática. Todo esse conjunto de mudanças, balançando as estruturas da sociedade escravocrata e imperial, levará ao declínio do sistema cultural e político do Segundo Reinado até o seu fim, com a República⁵. Antes que o sistema imperial ruísse completamente o Imperador e comitiva viajava por seu território para fazer circular a imagem de unidade política, de cuidado estreito com a administração – como veremos

três núcleos significativos da tradição imperial: indianismo romântico, liberalismo estamental e catolicismo hierárquico. A autora analisa como a partir da década de 1870 criou-se uma estrutura de oportunidades políticas que, conjugada com uma certa comunidade de experiência compartilhada por esses homens e um determinado repertório intelectual tanto nacional quanto europeu, criou, primeiro, várias propostas reformistas e, depois, o substrato ideológico que derrubaria o Império. Ela analisa o pensamento e as obras dessa geração 1870 sempre no seu aspecto de mudança política ou de reforma social.

⁴ Para as Falas do Trono ver: BRASIL. *Falas do trono: desde o ano de 1823 até o ano de 1889*, coligidas na Secretaria da Câmara dos Deputados. Brasília: INL, 1977.

⁵ Para o período da Crise do Império ver: ALONSO, Angela. *Idéias em Movimento: A Geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002; CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O Quinto Século. André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1998; FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt: Um Naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002; HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (Brasil Monárquico) vol V (Do Império à República). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995; MORAES, Evaristo de. *Da Monarquia para a República 1870-1889*. Brasília: Ed. UNB, 1985; VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Cia das Letras, 1991; VIANNA, Oliveira. *O Ocaso do Império*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1990; FAORO, Raymundo. *O renascimento liberal e a República*. In: *Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Ed. Globo; Publifolha, 2000. vol. 2, p. 49-108; BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. Positivismo e os Movimentos Sóciopolíticos do Final do Século XIX e Início do Século XX. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 158, p. 401-426, abr/ jun 1997.

ao longo da dissertação – assim, divulgando e imprimindo nas mentes e corações dos súditos o edifício político-cultural que, posto à prova, ainda duraria oito anos depois da viagem. A viagem tornaria presente aos súditos do interior àquilo mesmo que sofria os abalos acima mencionados: a representação simbólica e material do poder imperial. A viagem por sua capacidade espacializante faria um adensamento dessa representação, expressa na pessoa do Imperador. Sabemos que essa tentativa não surtiu efeito a médio prazo – o governo imperial foi derrubado – mas isso já foge de nosso objeto e de nosso limite temporal. Assim, no viajante D. Pedro II e na viagem a Minas Gerais encontraremos algumas questões gerais sobre o ato de viajar.

Quando se pensa em viagens vem logo a mente a noção de deslocamento espacial. Sim, uma viagem é sempre um andar no espaço, mas isso é um tanto óbvio. Devemos pensar a viagem, também, como um deslocamento temporal, no sentido de alteração do tempo do viajante. “[...] *No curso da viagem há sempre alguma transfiguração, de tal modo que aquele que parte não é nunca o mesmo que regressa [...]*”⁶. Viagens são sempre experiências de estranhamento, pois que há sempre nelas um efeito de distanciamento, de desterro, de não pertencer àquele tempo e lugar. A viagem provoca desarranjos internos do viajante, atíça as fissuras e as fendas da própria identidade, produz um estranhamento dela,

*“[...] Pois, as viagens, na verdade, nunca transladam o viajante a um meio completamente estranho, nunca o atiram em plena e adversa exterioridade (mesmo porque ele não se encontra ‘dentro do espaço’, como uma coisa, nem fora dele’, como um espírito, como a cada passo insiste em lembrar Merleau-Ponty); mas, marcadas pela interioridade do tempo, alteram e diferenciam seu próprio mundo, tornam-no estranho para si mesmo [...] É desta natureza o estranhamento das viagens: não é nunca relativo a um outro, mas sempre ao próprio viajante; afasta-o de si mesmo, deflagra-se sempre na extensão circunscrita de sua frágil familiaridade, no interior dele próprio. O distanciamento das viagens não desenraiza o sujeito, apenas diferencia seu mundo [...]”*⁷.

⁶ IANNI, Octavio. A Metáfora da Viagem. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, n. 2, março-abril 1996, p. 19.

⁷ CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante (Do Etnólogo). In: NOVAES, Adauto(org). *O Olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 359-360.

Este texto de Cardoso começa diferenciando o ver: ação estática, natural, que basta ter o sentido que a ação acontece; do olhar: ação dinâmica, de escolha, de voltar a visão para determinado ponto. Depois vai explicando o parentesco do olhar com o viajar, esse último seria uma intensificação do olhar, seria o momento em que o olhar está todo tomado pela experiência de explorar a alteridade/identidade. Tanto o viajar e o olhar são para Cardoso empreitadas no tempo e não no espaço, para ele as viagens não levam de um ponto a outro de um espaço conhecido, elas levam, como já falamos acima, a embaralhar esse espaço conhecido. Pois ele está preocupado em explicar o ato de viajar, o que acontece com o viajante quando viaja. No caso de nosso estudo não podemos abrir mão de entender as viagens no seu aspecto espacial, pois temos todo um capítulo (o segundo) que narra a viagem de D. Pedro II a Minas Gerais. Então nos perguntamos: como fica o narrar a viagem?

Os relatos de viagem são, na linha de Certeau, sintaxes espaciais, são formas de organizar o espaço, formas de tornar o estranhamento da identidade algo mais familiar, formas de ajeitar nos seus devidos lugares as opiniões, sentimentos e impressões que as viagens desorganizam. Relatos “[...] *atravessam e organizam lugares, eles os selecionam e os reúnem num só conjunto, deles fazem frases e itinerários. São percursos de espaços [...]*”⁸. Veremos no terceiro capítulo essa função de edição que a escrita possui sobre a experiência vivida, essa transmutação do vivido no narrado.

O diário da viagem a Minas Gerais é uma dessas sintaxes espaciais. Ele nos conduz pelo espaço visitado por D. Pedro II e, permite entrever, nas entrelinhas, espaços outros. O espaço cotidiano dos súditos mineiros, o espaço de ação de certas elites locais, o espaço deixado de lado ou passado ao largo pela comitiva imperial. E aqui, passemos

⁸ CERTEAU, Michel de. Práticas de Espaço. In: *A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 199.

a uma outra definição de Certeau: o espaço é um lugar praticado. O lugar - as Minas Gerais - se torna um espaço importante para D. Pedro II, a ponto de tomar o tempo do Imperador na feitura de um diário sobre ele, quando percebemos as práticas que envolvem àquele lugar. Tanto as práticas cotidianas de seus habitantes, quanto as práticas excepcionais de uma viagem do Imperador por esse lugar⁹. Essa noção de praticar o espaço corrobora com a idéia acima expressada por Cardoso: a viagem é uma experiência de mudança da identidade, pois ao ocuparmos o espaço estamos dispersando-o. Em outras palavras, o tempo do viajante ao entrar em contato com uma prática de espaço - a viagem -se torna outro. É uma experiência de ser outro, de se tornar o que não era antes de ter viajado. A prática da viagem torna o espaço algo elástico, é um ser e já é outro. Todo fazer espacial organiza uma delimitação e uma determinação de fronteiras. Esta delimitação e determinação é da ordem do político, do poder. É nesse sentido que queremos entender a viagem a Minas como uma forma de poder espacial ou territorial, expressa não só no deslocamento espacial, mas também, na escrita de viagem do Imperador.

Todo relato de espaço, por exemplo, o de viagem, se constrói apontando e delimitando suas fronteiras: é só até aqui, daqui para lá nada interessa. Delimitar fronteiras é uma operação de construção de identidade: o narrador fecha uma história, um percurso, características comuns. Delimitar fronteiras é um ato agressivo, é uma maneira de dizer a si mesmo e a sociedade de maneira geral para não ultrapassar a fronteira, é uma maneira de se preservar de tudo aquilo que está para além da fronteira. Os relatos, nesse delimitar de fronteiras, tem papel decisivo, pois ele descreve o processo. “[...] *Mas toda descrição é mais que uma fixação, é um ato culturalmente criador. Ela tem até poder distributivo e força performativa (ela realiza o que diz)*

⁹ Idem, *ibidem*, p. 199-205.

quando se tem um certo conjunto de circunstâncias. Ela é então fundadora de espaços [...]”¹⁰. Certeau fala de duas figuras narrativas nos relatos de espaço: a fronteira que é o estabelecimento de limites, como já falamos, e a ponte que é ultrapassar esses limites que a fronteira impõe¹¹. A fronteira é um espaço entre dois: entre o de dentro, o próprio, o eu e o de fora, o outro, o não-próprio. É uma figura narrativa de intercâmbios e encontros. No caso de D. Pedro II a fronteira é o encontro com os “outros”: com todos os mineiros, desde o mais rico fazendeiro até os pobres com bócio que o Imperador comenta no diário a Minas. Passar da fronteira e se aventurar em pontes é deixar de ser quem é, deixar de ser Imperador; não chegar até a fronteira é não praticar o espaço, não viver a experiência de mudança que toda viagem provoca, é, enfim, ficar na posição confortável do sedentário.

Para essa discussão sobre o que é viajar e o que é escrever relatos de viagem faz-se necessário chamar atenção para duas coisas: o que quer ver o viajante quando viaja, que está na confluência da sua bagagem com sua intenção e o que ele pode realmente ver, que está na junção daquilo que ele quer com aquilo que a comunidade viajada permite ser visto. Pois, “[...] *toda paisagem decorre de um encontro entre o que é dado a ver e o que a cultura legitima no que é visto [...]”¹². Nenhum viajante é uma folha em branco, nenhum espaço visitado também. O viajante carrega consigo toda sua bagagem de formação, de pré-conceitos e de informação. Essa bagagem conformará aquilo que ele quer ver, o seu olhar. Orientará seus percursos e seus interesses. Ao longo da dissertação discutiremos essa questão do olhar do viajante D. Pedro II principalmente em dois aspectos: a bagagem anterior, ou seja, quais são os viajantes que formam o*

¹⁰ Idem, ibidem, p. 209.

¹¹ Idem, ibidem, p. 209-217.

¹² BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes. Vol 3. A construção da paisagem*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994, p. 19.

ambiente no qual se insere o Imperador e; o que ele vê quando olha para Minas Gerais, ou seja, seus interesses, o que mais lhe chama atenção.

Mas no momento da viagem entra na conformação do viajante além dos imprevistos que toda viagem gera os desejos da comunidade viajada. O viajante por mais que seja curioso e audaz vê aquilo que os que são vistos permitem. Toda viagem deve ser pensada na dialética entre o viajante e o viajado e em todos os elementos culturais de um e de outro que determinaram o curso da viagem. Temos como exemplo de como a comunidade viajada interferia na viagem imperial os cerimoniais e festas de chegada que eram estipulados e organizados pela Câmara que, assim, impunha à D. Pedro II uma série de cerimônias que, veremos, no segundo capítulo, não lhe foi tão agradável.

Para a melhor compreensão da viagem e da escrita de viagem do Imperador dividimos a dissertação em três capítulos. O primeiro intitulado **D. Pedro II Viajante** é dividido em duas partes: na primeira caracterizamos o Imperador enquanto um viajante, tentando mostrar duas modalidades de viagem – uma pelo exterior, outra pelo interior do país – que não são diametralmente opostas, mas possuem muitos pontos de convergência que foram explorados. Nessa parte para melhor caracterizá-lo descrevemos suas viagens ao exterior comentando o contexto em que elas foram feitas e algumas questões que as orientavam. Descrevemos, também, algumas viagens pelo interior do país. Depois de apresentada as viagens de D. Pedro II, tentamos, na segunda parte deste capítulo, montar uma certa “tradição” da viagem e da escrita de viagem para assim compreender qual o meio viajante em que ele se insere. Assim começamos por discutir a relação estreita entre o imperialismo europeu e as viagens, realçando aqui a proximidade entre história natural – que era o esteio científico de boa parte dos viajantes do século XVIII e XIX – e os relatos de viagem. História natural que marcará

profundamente a educação do Imperador e seu olhar quando vier a Minas Gerais. Depois discutimos o que chamamos de viajantes/burocratas do Reformismo Português que empreenderam uma série das chamadas viagens filosóficas pelo Império Português sob o patrocínio da Coroa. Viagens essas com um forte teor político/administrativo, tal como a viagem a Minas. A ciência a serviço do Estado português. Partimos então para discutir o papel fundamental do Barão Alexander Von Humboldt na definição da natureza americana e nas viagens à América na primeira metade do século XIX. O seu estilo de escrita, que ele chamava de tratamento estético dos objetos naturais, e sua concepção paisagística da apresentação dos dados científicos marcará profundamente todos os viajantes do século XIX, entre eles Auguste de Saint-Hilaire que será um dos principais interlocutores do Imperador na viagem a Minas Gerais. Finalizando, essa segunda parte do primeiro capítulo discutimos a importância das viagens na definição do ambiente político-científico romântico, no qual D. Pedro II é mecenas, nos aproximando assim do nosso marco temporal. Para tanto falamos das viagens científicas patrocinadas pelo IHGB e do cientista-viajante Charles Frederick Hartt. Toda essa segunda parte - que parece afastar-se do nosso objeto - é voltada para o entendimento da bagagem “viajeira” do Imperador e, também, para mostrar viajantes e viagens que tocaram diretamente o olhar de D. Pedro II ou sedimentaram o terreno científico/político que estava no seu horizonte quando veio a Minas.

Depois dessa visão mais geral sobre D. Pedro II viajante chegamos ao segundo capítulo intitulado **A Viagem a Minas, março e abril de 1881** aonde adentramos mais detalhadamente na viagem. Aqui trazemos para nosso texto as próprias palavras do Imperador, trazemos para nosso texto seu diário, nossa principal fonte e nosso objeto. É um capítulo narrativo no qual dia-a-dia contamos suas atividades na viagem. Descrevemos algumas festas de recepção, mostramos parte do cerimonial dessas

recepções, descrevemos suas preocupações, seus encontros, suas conversas, seus principais interesses. Nesse capítulo discutimos, também, os periódicos que usamos como fonte. Analisamos detalhadamente o relacionamento intertextual entre o diário e o livro *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* do naturalista Saint-Hilaire que D. Pedro II levava, lia com frequência e comentava. Esse capítulo foi pensado para explicar a viagem a Minas e demonstrar, através das fontes, a noção de uma viagem política/administrativa como entendemos ser o caso desta e exemplificar a idéia correlacionada com esta noção de que a viagem é uma forma de poder espacial, uma forma de dilatar e firmar na consciência dos súditos a imagem do monarca e do governo.

O terceiro capítulo, intitulado **O Diário e a Viagem**, pode ser, tal como o primeiro, dividido em duas partes. Uma primeira parte na qual tentamos analisar a natureza do nosso objeto: a escrita de um diário de viagem. Para isso lançamos mão de toda uma bibliografia que têm como fonte de estudo a escrita auto-referencial. Analisamos as características e a história desta escrita, discutindo algumas questões, tais como, o apelo público presente na escrita de um político como D. Pedro II, a forma narrativa dessa escrita, a movência do eu narrativo nessa escrita sempre se relacionando com outros textos e outras épocas. Definimos o diário a Minas com duas noções: é uma escrita bifronte, está na confluência do privado com o público, escreve-se num momento íntimo, mas os leitores em potencial estão sempre presentes. É um diário crônica: ele não tece comentários longos, não faz análises profundas de fatos e pessoas, constrói pequenas e rápidas crônicas do seu dia-a-dia. Encerramos essa primeira parte respondendo a seguinte pergunta: Porquê um diário de viagem não é de todo uma escrita auto-referencial? Entendida a escrita de viagem do Imperador partimos para a segunda parte deste terceiro capítulo, na qual voltamos a discutir que viajante seria o Imperador,

mas agora, tendo em vista a viagem a Minas Gerais. Analisamos os interesses presentes nessa viagem e nesse diário. Condensamos e explicamos os principais assuntos do diário. E, encerrando a dissertação levantamos algumas hipóteses sobre os motivos da viagem a Minas Gerais. Para isso analisamos o relacionamento estreito de D. Pedro com Claude Henri Gorceix, diretor da Escola de Minas de Ouro Preto e que estará presente nas motivações dessa visita imperial. Analisamos ainda o relacionamento com Peter Lund, falecido a menos de um ano antes da viagem. A tríade Saint-Hilaire-Gorceix-Lund mostra muito dos interesses do Imperador, do seu governo e dessa viagem.

Tanto o diário - com seu apelo público, com sua preocupação exaustiva (às vezes cansativa) em anotar as mínimas coisas feitas - quanto a viagem - com seu programa rigoroso de visita e fiscalização dos órgãos públicos e sua preocupação com os desenvolvimentos técnicos da província, principalmente meios de comunicação e exploração mineralógica - demonstram um estilo de governo e alguns traços da personalidade de D. Pedro II que, ao se dilatar espacialmente, contribuíam para a manutenção do edifício do poder imperial que vinha sofrendo fortes rachaduras ao tempo da viagem a Minas Gerais. Mas iniciemos nossa viagem.

Capítulo 1: D. Pedro II Viajante

“As viagens são os viajantes. O que vemos, não é o que vemos, senão o que somos”.

(Fernando Pessoa)

Iniciamos essa dissertação por uma tentativa de definir que viajante seria o Imperador D. Pedro II, comentando suas viagens e discutindo alguns viajantes e seus relatos de viagem que formam o panorama no qual se insere o Imperador.

Há em D. Pedro II duas modalidades de viagens que se interpenetram: o viajante maravilhado ao exterior e o viajante funcional ao interior. Explicando: quando D. Pedro II viaja para o exterior é, diríamos, um turista quase comum; quando viaja para o interior do Brasil, ele exerce uma função política¹. Mas antes da diferenciação, gostaríamos de deixar claro que essa separação não é rígida: tanto características de um estão presentes no outro, quanto a própria identidade do Imperador enquanto viajante comporta uma multidimensionalidade, como qualquer outra identidade.

Sabemos que D. Pedro II foi um grande viajante: três viagens ao exterior e um número enorme de viagens pelo interior do seu Império. A primeira diferença entre esses dois tipos de viagem é a cronologia: as viagens ao exterior só acontecem a partir dos anos 1870; as viagens pelo país aconteceram durante todo o seu reinado. As primeiras, das décadas de 1840 e 1850, faziam parte de um processo maior de consolidação territorial, política e cultural do Império; outras eram para simples passeios - como as feitas para Petrópolis ou para a região das águas termais do sul de

¹ Eu já tinha expressado essa diferenciação na banca de qualificação, já tinha escrito a primeira versão da dissertação quando José Murilo de Carvalho, na sua recente biografia de D. Pedro II, expressa uma mesma diferenciação. Vejamos a passagem: *“As viagens dentro do Brasil tinham sentido político, as viagens ao exterior destinavam-se a saciar a fome imperial de conhecer países e pessoas”* In: CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 137-38. Minha dissertação é a tentativa de esmiuçar este sentido político de uma das suas viagens ao interior do Império.

Minas - e há várias outras protocolares ou administrativas para inaugurar estradas de ferro e outras obras. Falemos primeiro das viagens ao estrangeiro.

1.1. O Viajante no Exterior

A partida da primeira viagem ao exterior foi no dia 25 de maio de 1871, e o retorno, no dia 30 de março de 1872. Esta primeira viagem contou com forte oposição dos políticos temerosos da regência da princesa Isabel e receosos da ausência do Imperador num momento político crítico: governava o país o gabinete Rio Branco, que tentou implementar toda uma política de reformas - a mais importante, a Lei do Ventre Livre, aprovada enquanto D. Pedro II estava na Europa. Apesar de toda a polêmica, uma motivação prática tornou a viagem obrigatória: o falecimento da princesa Leopoldina de Saxe-Coburgo, deixando os netos para o Imperador buscar e cuidar.

A década de 1870, período das duas primeiras viagens ao exterior, é apontada na historiografia como marco do início do processo que levaria ao fim do Império. O Brasil acabava de sair da Guerra do Paraguai, que tanto marcou o país em vários aspectos. Durante ela aconteceu um dos eventos políticos mais importantes da história imperial: a demissão do gabinete liberal de Zacarias de Góes e Vasconcelos em 1868. Do conflito entre este gabinete liberal e o comandante conservador do Exército no Paraguai, o duque de Caxias, o Imperador preferiu ficar do lado do soldado e chamou ao poder os conservadores. Tal atitude levou a união entre os liberais e uma forte irritação com o que eles consideravam uma intrusão indevida do Imperador, levando-os a atacar o Poder Moderador chamando-o de poder pessoal. Uma segunda consequência da atitude imperial foi a radicalização política de parte dos liberais que levará ao lançamento do Manifesto Republicano e a fundação do Partido Republicano em 1870. Mas o

republicanismo apenas ganhará forças na década de 1880 quando o Exército levado pelo positivismo e os cafeicultores do Oeste Paulista levado pela defesa do federalismo passarem a militar em suas fronteiras. A primeira metade da década de 1870 assistiu, também, ao conflito intitulado Questão Religiosa que tanto estrago fez à imagem do Imperador e do governo imperial. Conflito entre o poder civil e o religioso que levou à prisão dos bispos de Olinda e do Pará e, depois, em 1875, à comutação da pena e anistia dos presos. O gabinete do visconde do Rio Branco tinha sido intransigente na defesa da submissão da Igreja no Brasil ao governo com o apoio do Imperador; o gabinete de Caxias que subiu em 1875 quis acabar logo com o conflito, um ano antes da segunda viagem internacional. Quando da condenação dos bispos em 1874 vários protestos populares eclodiram pelo país, motivados por problemas sociais locais, mas que se revestiram de forte apelo religioso. Destes o mais conhecido foi o Quebra-Quilos, que se alastrou pelo nordeste e teve seu apogeu em 1875. Teve entre suas lideranças vários religiosos protestando contra o tratamento dados aos bispos presos. Outro dado contextual importante nesse período é o processo de discussão da eleição livre que culminará com a Lei Saraiva, aprovada em 1881, alguns meses antes da viagem a Minas Gerais. Desde 1875 a Assembléia e o governo discutiam maneiras de reformar o sistema eleitoral, tornando as eleições, na concepção da época, mais representativas e transparentes. A Lei Saraiva eliminou as eleições em dois turnos, proibiu o voto dos analfabetos e criou mecanismos mais severos para averiguar a renda mínima. Significou uma grande restrição na cidadania política, diminuindo drasticamente o número de eleitores. Mas aqui já estamos falando do contexto das viagens da década de 1880, inclusive a de Minas². Voltemos ao nosso viajante.

² Para esses dados contextuais sobre a década de 1870 ver: FAORO, Raymundo. Op. cit; LEITE, Beatriz Westin de Cerqueira. O Senado: Problemas e Crises do Período. In: *O Senado nos anos finais do Império, 1870-1889*. Brasília: Ed da UNB, 1978, p. 131-216; HOLANDA, Sérgio Buarque (org). Op. cit;

Outra diferença entre os dois tipos de viajantes: este do exterior viaja por prazer, viaja para ver com seus próprios olhos o que tinha lido nos livros; viaja desligado das funções de governo e dos traços majestáticos (ele chega a recusar alguns encontros oficiais e hospedagens em palácios reais³). Já o viajante interno viaja impregnado da mística real e imperial: sua viagem é uma função política, uma estratégia de disseminação do poder imperial e da memória visual da pessoa do governante.

Quando chegam a Portugal, nessa primeira viagem, todos os ocupantes do navio são obrigados a uma quarentena. À D. Pedro II e comitiva foi dada a possibilidade de fugir dela: ele se recusa, alegando não estar em viagem oficial⁴. Assinava só Pedro de Alcântara, tirando o “Dom”, vestia-se quase sempre de casaca e sobretudo. Ou, ainda, quando dizia ao repórter James O’Kelly, correspondente do New York Herald que o acompanhou em sua viagem aos E.U.A em 1876: “[...] *S.M ficou no Brasil. Aqui sou um simples viajante [...]*”⁵. Em todas as suas viagens ao exterior, ele faz uma verdadeira peregrinação da cultura: visita escolas, museus, centros de pesquisa e ciência, se encontra com intelectuais e obriga seus acompanhantes a um estafante itinerário: parece tudo querer ver em pouco tempo, passa por vários países europeus, vai ao Oriente, vai ao norte da África.

A segunda viagem ao exterior - que tinha como motivo oficial o tratamento da saúde da Imperatriz Teresa Cristina e a visita à Exposição da Filadélfia – começa em março de 1876 e termina em setembro de 1877. O momento da chegada aos Estados Unidos é simbólico: era a primeira vez que um monarca pisava em solo norte-americano, e no momento da comemoração do centenário da independência da

MORAES, Op. cit; VIANNA, Oliveira. *O Ocaso do Império*. Op. cit; VAINFAS, Ronaldo (org). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

³ Em Portugal, na primeira viagem, ele recusa hospedagem no palácio real. Ver: BESOUCHET, Lídia. *Pedro II e o século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 192.

⁴ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit, p. 362.

⁵ D. PEDRO II apud GUIMARÃES, Argeu. *D. Pedro II nos Estados Unidos (as reportagens de James O’Kelly e o Diário do Imperador)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1961, p. 122.

república. A imprensa norte-americana assustada com um rei que visita uma república acompanhará exaustivamente os itinerários de D. Pedro II, e contribuirá para a disseminação da imagem do monarca-cidadão ao comentar os modos democráticos e nada-aristocráticos do Imperador⁶. Nos Estados Unidos, D. Pedro II visita cientistas e escritores, conhece indústrias e escolas e abre, junto com o presidente Ulysses S. Grant, a Exposição Universal da Filadélfia - vitrine da civilização desse momento. Ele vai da costa oeste à costa leste, passando por várias cidades, como Chicago e Nova Orleães, e volta da costa leste à costa oeste, parando em Washington e visitando o presidente. Sua intenção era ver os avanços materiais e tecnológicos, estudá-los e depois aplicar no Brasil, se possível - o telefone, que conheceu na Exposição Universal é um exemplo. Em conversa com o repórter James O'Kelly na viagem marítima até Nova York, D. Pedro II teria dito: “[...] *Quero ver os maiores centros industriais, para aprender alguma coisa que possa aproveitar no meu país, quando regressar [...]*”⁷.

Depois dos Estados Unidos, começa seu périplo pelo Velho Mundo, detendo-se mais tempo em Paris, aonde vai quase todos os dias às reuniões do Instituto de Ciências de Paris, centro intelectual, e do qual se tornaria sócio. Visita Renan, Pasteur, Wagner e outros. Quanto ao escritor Victor Hugo, o grande nome intelectual da época, o Imperador pede uma visita, que lhe é negada. D. Pedro II quebra o protocolo e vai ele próprio, sem avisar, à casa do grande escritor.

Qual é o olhar do viajante Pedro II? É um tanto óbvio, mas não custa realçar que a experiência de vida, a bagagem cultural do viajante conforma esse olhar, determina o

⁶ O livro *As Barbas do Imperador* de Lília Schwarcz faz instigante análise da construção da imagem de D. Pedro II durante toda sua vida, inclusive desse projeto deliberado da parte do Imperador de se afastar dos traços majestáticos durante e após a Guerra do Paraguai, e de se aproximar da imagem de cidadão, inspirado em seu parente Luís Filipe, o rei burguês que governou a França de 1830 a 1848. Ver o capítulo 12, p. 319-343. As informações sobre as viagens ao exterior foram retiradas dos seguintes livros: SCHWARCZ, Lília Moritz. Op. cit, p. 357-383; LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938, 3 vol; BESOUCHET, Lídia. Op. cit; GUIMARÃES, Argeu. Op. cit.

⁷ D. PEDRO II apud GUIMARÃES, Argeu. Op. cit, p. 59.

que e o como serão vistas as coisas. D. Pedro II é uma pessoa culta, altamente letrada, interessada por tudo o que diz respeito aos progressos científicos; seus itinerários, suas programações refletem isso: seu olhar se prende longamente em questões científicas e técnicas, seus interlocutores privilegiados ora são homens de ciência ora homens de letras. É nesse universo que D. Pedro II gostava de estar, e suas viagens ao exterior eram momentos privilegiados para exercer esse gosto, uma vez que, estando fora do país, não tinha todas as funções imperiais a atrapalhar suas leituras e suas conversas com intelectuais. Seu olhar é de um homem ilustrado do século XIX, que acreditava no papel regenerador e transformador da ciência.

Seguindo a indicação de Cristóvão, podemos definir as viagens ao exterior como eruditas⁸. Para esse autor a aquisição de conhecimentos é a preocupação maior de um viajante erudito, ele bebe na tradição enciclopédica do Iluminismo: quer tudo ver. E quem são esses viajantes? “*São príncipes, preceptores, artistas, eclesiásticos [...], intelectuais críticos que não se acomodam à estreiteza política, cultural, religiosa ou artística dos seus países, desejosos de encontrar fora de fronteiras o que lhes falta dentro*”⁹. E quanto aos itinerários? “[...] *processam-se sobretudo na Europa culta*”¹⁰. Esses viajantes “[...] *No decorrer dessas viagens [...], convivia-se com sábios e mestres famosos, e no regresso dava-se início a uma erudita correspondência entre espíritos ilustrados que se admiravam*”¹¹. Essa caracterização que Cristóvão faz de um viajante erudito pode ser aplicada *in totu* ao Imperador no que diz respeito ao viajante do exterior. Além desse viajante que têm uma sede de conhecimento podemos, também, caracterizar D. Pedro II, seguindo a indicação de Pimentel e Oliveira, como um viajante

⁸ CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma Teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando(org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografia*. Coimbra: Almedina, 2002, p. 48-50.

⁹ Idem, ibidem, p. 49.

¹⁰ Idem, ibidem, p. 49.

¹¹ Idem, ibidem, p. 49.

romântico¹². Esse viajante se caracteriza pela evasão, a viagem torna-se um momento de fuga, de refúgio. Estamos vendo aqui como D. Pedro II encarava essas viagens ao exterior como circunstância para escapar das obrigações de monarca, como um momento para o exercício de atividades de lazer e estudo que a vida cotidiana da Corte não permitia. Além do que, o seu olhar é orientado por todo um conjunto literário-cultural romântico, inclusive os relatos de viagem, como veremos logo à frente. No viajante e no narrador-viajante D. Pedro II temos o erudito que quer comprovar in loco seus estudos e suas leituras e o romântico que quer ter momentos de sonho e fantasia que a dura realidade do governo não permitia¹³. Mas voltemos às viagens.

A terceira viagem ao exterior - que começou no dia 30 de junho de 1887 - se deu em momento crítico: a questão militar se acirrara, os republicanos produziam cada vez mais barulho, e o Imperador estava bastante doente. A justificativa da viagem era o tratamento de D. Pedro II - a diabetes já lhe acompanhava - e a comitiva era composta da Imperatriz; do neto D. Pedro Augusto de Saxe; do conde e médico Mota-Maia com a família; do visconde e a viscondessa de Carapebús; do visconde de Nioac com seu filho; do Barão do Rio-Branco José Maria da Silva Paranhos e do professor de línguas orientais, Seybold. Na Europa, a comitiva aumentaria de tamanho, com a chegada de, entre outras, da condessa de Barral, que já tinha acompanhado D. Pedro nas outras viagens¹⁴.

¹² PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Viajar e Narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 25, jul/01, p. 98-100; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. *De Viagens e de Viajantes: A Viagem Imaginária e o Texto Literário*. Tese de Doutorado apresentada a FALE/UFMG. Belo Horizonte, 1995, p. 45.

¹³ Sobre os tipos modernos de viagem ver: SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>; PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Op.cit; da mesma autora: *De Viagens e de Narrativas: Viajantes Brasileiros no Além-Mar (1913-1957)*. Tese de Doutorado apresentada a FFLCH/USP. São Paulo, 1998; CARNEIRO, Henrique Soares. O Múltiplo Imaginário das Viagens Modernas: Ciência, Literatura e Turismo. *Historia: Questões e Debates*, Curitiba, n. 35, 2001, p. 227-247; CRISTÓVÃO, Fernando. Op. cit; OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. Op. cit.

¹⁴ Para essa terceira viagem ver: BESOUCHET, Lídia. Op. cit, p. 471-502; LYRA, Heitor. Op. cit, p. 105-129.

Para alguns adversários do regime, o Imperador, debilitado com a doença, já não tinha condições de conduzir o governo e apresentava grande decadência. Rui Barbosa teria dito na Assembléia: “[...] esse imperador formiga rábica, agora, da noite para o dia, já se esquece de tudo e de tudo se alheia, renunciando ao senhorio de sua própria pessoa nas mãos de parentes, ministros ou criados [...]”¹⁵.

Em 16 de julho, o navio Gironde, que levava a comitiva, aportou em Lisboa. No dia 20 do mesmo mês, o Imperador chegou à estação de trem de Paris, sendo recebido por autoridades francesas e brasileiras que moravam na França. Como os aposentos do Grande Hotel só estavam reservados a partir do dia 22, D. Pedro II aceitou, pela primeira vez, hospedagem na casa de um particular, na residência do barão de Nioac. Nessa residência, recebeu as primeiras visitas e consultas com renomados médicos franceses, como o dr. Charcot, que seria depois professor de Freud. Fora do ambiente de trabalho como monarca e da pressão dos opositores, a saúde melhorou rapidamente. Nos dias consecutivos, começou a fazer visitas, como a Pasteur e à Academia Francesa da qual era sócio, e a receber visitas de nobres e intelectuais.

Ficou dois meses em Baden-Baden, na Alemanha, descansando e se curando com exercícios de ginástica e com as águas termais. Nessa estação de águas, teve a companhia do imperador Guilherme I, da Alemanha e do rei Leopoldo II, da Bélgica. Depois de Baden-Baden, voltou a Paris, passando primeiro em Coburgo para ver o túmulo de sua filha, D. Leopoldina, em Essen, para ver as fundições de aço dos Krupp e em Bruxelas, na Bélgica. Em 9 de outubro, já em Paris, onde permaneceu durante 21 dias, retoma suas atividades de visita a exposições, teatros, institutos de pesquisa e ciência e personalidades, não aceitando nenhuma cerimônia oficial. No dia 28 de outubro, partem para mais uma temporada de repouso, agora, em Cannes.

¹⁵ BARBOSA apud BESOUCHET, Lídia. Op. cit, p. 472.

Depois de um repouso de seis meses em Cannes, e tendo sido proibido pelos médicos de viajar ao Oriente, a comitiva se desloca para a Itália. Visitam Gênova, Nápoles - terra natal da Imperatriz - Pompéia, Florença - onde inaugura a tela *A Proclamação da Independência*, do pintor Pedro Américo -, Bolonha, Veneza, Milão - onde assistem à estréia da ópera *Carmosina*, de Carlos Gomes. Nessa última cidade, sua saúde tem uma recaída, e durante duas semanas fica entre a vida e a morte e é assistido por uma junta médica comandada por Charcot. Pelo dia 13 de maio de 1888, no momento em que o Brasil comemorava a Lei Áurea, sua saúde se restabelece. Continuando a viagem e o tratamento, vai para Aix-les-Bains, na França, carregado e de maca, pois sua saúde tivera outra recaída. Passa dois meses se tratando e, recuperado, viaja a 3 de agosto de 1888 para Bordéus, França, onde, a 5 do mesmo mês, embarca no navio Congo de volta ao Brasil. Passando por Lisboa e Dakar, na África, chega ao Rio no dia 22 de agosto, e é recebido com grande festa popular. Chega alquebrado, magro; o corpo, outrora ereto, agora curvado, para passar seu último ano como Imperador.



Imperador e comitiva em Pompéia, cercados de objetos recolhidos. Ele trouxe para o Brasil algo em torno de oitocentos souvenirs, como talheres, vasos.

Viagem Internacional de 1888. Retirado do texto: BEDIAGA, Begonha. O Arquivo Histórico do Museu Imperial e as pesquisas sobre o século XIX. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 369, jul-out 1997.

Não podemos entender o viajante no interior e, mais particularmente, na viagem a Minas Gerais de 1881 sem compreender o do exterior. Desse último encontraremos no primeiro os interesses científicos e técnicos, o olhar orientado por outras leituras feitas antes e durante as viagens e um ritmo de movimento bastante acelerado. As viagens, não importando os motivos, são todas momentos em que encontraremos todo um conjunto de ações e símbolos políticos sendo agenciados pelo próprio Imperador, pela comitiva, pelas autoridades visitadas e pela população que cruza o caminho de D. Pedro II. Por mais que o indivíduo Pedro quisesse fugir de suas obrigações imperiais – e ele conseguia em muitos momentos – nas viagens ao exterior ele estava contribuindo para a disseminação de uma imagem “civilizada” da nação brasileira, imagem essa que tinha vasto uso político. Por mais que o Imperador D. Pedro II quisesse fiscalizar minuciosamente a administração pública – e ele conseguia fazer isso – nas viagens ao interior ele tinha vários momentos para fazer aquilo que agradava ao indivíduo Pedro, por exemplo, ler e conversar com homens de ciência. Portanto, o mais importante dessa parte é guardar as características do viajante D. Pedro II que voltaremos a encontrá-las quando analisarmos a viagem a Minas e o Diário de Minas¹⁶. Características que estamos apontando ao longo dessa descrição das viagens, entre outras, o olhar científico e romântico, a vigilância estreita e minuciosa com tudo que diz respeito à administração e o relacionamento com outros textos, por exemplo, o livro de Auguste de Saint-Hilaire que ele levava na viagem a Minas Gerais.

¹⁶ Cabe aqui uma explicação metodológica. Como, ao longo de toda a dissertação, descrevemos e analisamos vários diários do Imperador, resolvemos, para deixar bem claro, referirmos ao nosso objeto, o diário da viagem a Minas em letra maiúscula. E, todos os outros diários em letra minúscula.

1.2. O Viajante no Interior

Agora, apresentaremos o outro viajante: o das viagens pelo país. Essas podem ser pensadas como uma estratégia de poder espacial, que estaria calcada na visualização e no conhecimento da pessoa do Imperador e, também, no reconhecimento por parte do Imperador dos seus vários súditos¹⁷ Essas viagens comportam uma carga simbólica e política que as do exterior não possuem (não no mesmo nível e com o mesmo fim): elas são empreendimentos mais públicos que privados. As viagens ao exterior são investimentos mais privados que públicos, a começar pelo próprio orçamento: nas viagens ao exterior D. Pedro II fazia questão de usar o dinheiro destinado à sua família; nas viagens internas, os gastos ficavam divididos entre o governo central, o governo provincial, as câmaras e particulares.

As viagens pelo interior do país não sofreram nenhuma contestação, como ocorreu com as viagens para o exterior. Nem poderiam: ao viajar, ele prestava um grande serviço à imagem do Império e à sua unidade. Essas viagens eram acompanhadas de todo um cerimonial, tanto da parte da comitiva que viajava quanto da parte dos locais visitados. Normalmente, o Imperador se fazia acompanhar de um ou mais ministros, de políticos com origem nos locais visitados, de médicos pessoais, de alguns criados, às vezes da Imperatriz e suas criadas e, muitas vezes, a comitiva aumentava ao longo do caminho. Organizava-se um programa que era enviado aos governos que seriam visitados, e esses, por sua vez, divulgavam esse programa. As Câmaras publicavam editais com os cerimoniais de chegada, que sempre previam ruas adornadas com flores, casas iluminadas, festejos religiosos e civis e outros. Reformas

¹⁷ Em artigo na revista *Tempo* Genovez faz uma interessante análise de uma das viagens do Imperador a Minas, pensando-a, também, como estratégia política e como demonstrativa da malha do poder local. Ver: GENOVEZ, Patrícia Falco. A Viagem enquanto Forma de Poder. A Viagem de Pedro II e a inauguração da Rodovia União e Indústria em 1861. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 5, jun/98, p. 161-180.

eram feitas nos estabelecimentos públicos e nas casas dos principais do lugar, festas com recitais de música, teatro e danças eram preparados, monumentos eram erguidos. O Imperador, quando no local, seguia uma rotina quase sempre igual, parte da estratégia política de que falávamos acima: visitava escolas; assistia às aulas; inquiria os alunos; visitava e fiscalizava todos os órgãos públicos; reclamava do que estava errado; visitava as igrejas e seminários; conversava com autoridades civis e eclesiásticas; em suma, percorria todos os meandros e locais da administração e da política, marcando com seu corpo, sua presença e seu poder, e sendo visto e ouvido por seus súditos. Um grande exercício de visualização do poder imperial.

Gostaríamos de discorrer agora sobre essas viagens. Em 1845, D. Pedro foi às províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul para selar o fim da Farroupilha. Ao retornar, passa por São Paulo. O Brasil vivia nessa época a pressão da Inglaterra para extinguir o tráfico, tendo a mesma decretado o Bill Aberdeen em 8 de agosto de 1845 que permitia o apresamento de qualquer navio negreiro. O Imperador adolescente ensaiava os primeiros passos na direção política auxiliado e dirigido pelo grupo que se convencionou chamar de facção áulica: Aureliano Coutinho, o visconde de Sepetiba, o mordomo-mor Paula Barbosa e outros; que contavam com estreito contato no Paço, ocupando ali cargos importantes. Esse grupo direcionará o Imperador até, pelos menos 1847, ano de criação do cargo de presidente do Conselho de Ministros, uma tentativa de aproximar o país do parlamentarismo inglês. Na Assembléia Nacional e entre os partidos começava a se consolidar o domínio saquarema, sob o comando da trindade: Eusébio de Queiroz, 11 anos chefe de polícia da Corte, várias vezes deputado; Paulino José Soares de Souza, visconde do Uruguai, ministro, senador, deputado e mentor intelectual da política centralizadora do Império; Joaquim José Rodrigues Torres, visconde de Itaboraí,

deputado, senador, conselheiro de Estado, ministro e presidente do conselho várias vezes. Essa trindade saquarema dirigiu o Partido Conservador a partir do projeto regressista de 1837 e consolidou, ao longo das décadas de 1840 e 1850, o estilo de política imperial: centralizadora, escravocrata, não-reformista. Seriam responsáveis pela repressão aos movimentos liberais de 1842 em Minas e São Paulo e o de 1848 em Pernambuco chamado A Praieira. Portanto, num momento de afirmação e consolidação de um estilo de política, D. Pedro II visita a região que sustentava economicamente e politicamente este estilo. Em 1847, visita o interior da província fluminense, hospedando-se nas casas dos grandes cafeicultores e prestigiando essa região¹⁸.

Em 1859 e 1860, visita as províncias da Paraíba, Espírito Santo, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe, região economicamente decadente, mas importante no espectro político do país. Encerrava no Brasil o chamado decênio dourado, período em que as antigas rivalidades partidárias foram abafadas pela política da Conciliação, em que o café rendia cada vez mais e o país assistia um surto de progresso industrial e comercial proporcionado pelo investimento dos capitais do tráfico em outras atividades, como fábricas, bancos e estradas de ferro. Em 6 de setembro de 1853 assumiu o governo o gabinete da Conciliação comandado por Honório Hermeto Carneiro Leão, marquês de Paraná, que propunha a união de liberais e conservadores em prol do projeto moderado centralizador. Mesmo com a

¹⁸ Para o contexto dessas viagens nas três primeiras décadas do governo de D. Pedro II ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. et. alli. Op. cit; CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de Sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998; do mesmo autor: *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Brasília: Ed. UNB, 1981; DOLHNIKOFF, Miriam. Op. cit; FAORO, R. Op. cit; FERREIRA, Gabriela Nunes. Op. cit; FERTIG, André. Centralização, Ordem e Regresso: O Tempo Histórico da Consolidação do Império do Brasil. *Fronteiras*, Campo Grande, v. 5, n. 10, p. 81-98, jul/dez 2001; GENOVEZ, Patrícia Falco. *Visões de Liturgia: O Imperador e os Partidos Políticos*. Disponível em: <http://www.rhr.uepg.br>; IGLÉSIAS, Francisco. O Segundo Imperador. In: *Trajectoria Política do Brasil 1500-1964*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 161-189; MATTOS, Ilmar Rohloff de. Op. cit; MAURO, Frédéric. Op. cit; VAINFAS, Ronaldo (org). Op. cit.

morte do marquês, vítima de uma febre perniciosa em 1856, liberais e conservadores continuaram dividindo o governo até o início da década de 1860, quando o projeto conciliador ruiu. A década de 1850 foi também o período de ouro nos negócios de Irineu Evangelista de Sousa, o visconde de Mauá, que terá grande participação no surto industrial que falamos acima. O início da década de 1860 assistirá, também, ao nascimento da *Questão Christie*, conflito diplomático entre o Brasil e a maior potência da época, a Inglaterra, gerado pelo embaixador desse país, William Dougal Christie. Em 1860 ele acobertou dois marinheiros ingleses que haviam assassinado um agente alfandegário no Rio de Janeiro. O caso, amplamente denunciado pelos jornais, gerou inúmeros protestos. Em 1861 ele acusou de negligência o governo imperial em virtude da fuga dos responsáveis pela pilhagem da carga do barco *Prince of Wales*, que naufragara no litoral do Rio Grande. O conflito continuará até 1863 quando o Brasil romperá relações com a Inglaterra e terminará em 1865 quando a Inglaterra envia formalmente pedido de desculpas. Portanto, temos o Imperador num período de calma e estabilidade visitando as províncias do Norte e num período de ampliação dos meios de comunicação, como foram as décadas de 1850 e 1860, visitando a região do sul de Minas para inaugurar uma estrada de rodagem.

Da viagem ao nordeste, temos o diário publicado em livro - *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859*. Acompanhemos um pouco este diário para explicar um pouco os interesses e os modos viajantes do Imperador.

D. Pedro II, ao longo do diário, se mostra muito preocupado com todos os ramos da administração: visita cadeias, câmaras, hospitais, asilos, escolas, faz apontamentos sobre a situação de todas elas, exige dos funcionários relatórios orais ou escritos sobre a situação da província. Nas escolas, assiste às aulas, participa

delas inquirindo alunos e professores - momento privilegiado para firmar entre seus súditos a imagem de um rei ilustrado, de um homem culto -, se preocupa com a situação dos prédios, com a uniformização dos livros didáticos, com o tipo e a qualidade do ensino ministrado. Este programa de viagem - visita minuciosa a todos os órgãos da administração - é uma constante nas suas viagens pelo país.

“[...] a marca registrada de todas as suas viagens, no Brasil e no exterior, com o devido registro no diário: visitas a igrejas, conventos, hospitais, fábricas, cemitérios, escolas, prisões, quartéis. Em cada local, anotava as condições dos prédios, a situação do pessoal, a qualidade da administração, a eficiência do administrador. Em instituições de caridade fazia doações, também do próprio bolso[...].”¹⁹

Há, também, notas sobre os aspectos naturais das províncias. Sempre se faz acompanhar de um mapa aonde vai registrando os acidentes geográficos. Tem um olhar, também, voltado para as atividades econômicas: visita canteiros de obras, fábricas e empreendimentos agrícolas. Já os registros sobre os representantes das elites locais são discretos, D. Pedro II faz um papel conciliador, moderador: não interfere, apenas escuta e, quando volta à corte, distingue àqueles que, segundo ele mais mereciam, com títulos e condecorações. Vejamos um exemplo do estilo conciliador:

“[...] Depois falei com diversas pessoas, gostando dos dois rivais de influência política, ou antes eleitorais: Antônio Francisco Tinta e Manuel Pedro da Silva, parecendo-me todavia o primeiro mais ativo, devendo-se-lhe a direção das principais obras daqui, como as da ponte, cais e diversos calçamentos, em que devia ter gasto algum dinheiro seu, serviços que aliás sempre preconiza; e o segundo mais sério, tendo também dirigido obras e estando a seu cargo as obras da estrada do Caraípe que vai encontrar a que segue da Aldeia para o Sapé. Portanto é difícil escolher entre ambos [...]”²⁰

D. Pedro II faz muitos apontamentos sobre o hábito dos senhores locais de se vangloriar, de elevar seus feitos públicos para mostrarem que são súditos especiais e

¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras, 2007, p. 139.

²⁰ PEDRO II. *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859*. Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2003, p. 183.

homens preocupados com o bem público, mas também, para demonstrarem o alcance e a qualidade do seu mando local ou regional. Visita igrejas, distribui esmolas, faz apontamentos sobre os padres, sobre as cerimônias e sermões. As cidades por onde passava organizavam festas com bandas de música, fogos de artifício, missas e outras cerimônias religiosas, bailes. O costume do beijão-mão ainda existia nessa viagem de 1859: só será extinto a partir da primeira viagem internacional que falamos acima. Muitos desses procedimentos de viagem, desses interesses e desses assuntos da escrita se repetiram na viagem e no Diário a Minas. Mas voltemos ao nosso itinerário de viagens imperiais

Em 1861, o Imperador vai a Juiz de Fora inaugurar a estrada União Indústria, a primeira estrada de rodagem do país, que aproximava a corte da importante região do sul de Minas, produtora de café, a grande riqueza do país. A viagem serve ao poder de duas formas: a presença do Imperador significa reconhecimento e prestígio à elite juiz-forana e um fator de agregação e união dessa mesma elite em prol do projeto nacional imperial, expresso na figura de D. Pedro II. Os ritos da viagem e o cerimonial colocam a pessoa pública de D. Pedro II (o Imperador) em primeiro plano, produzindo um exercício de visualização do Estado e, ao mesmo tempo, produzem e reproduzem uma representação daquela sociedade, deixando claras as diferenças e hierarquias que a compõem. Viajar pelo seu Império poderia ser uma das formas de expressão da política nacional. O ser conhecido e o ser visto aproximam o poder, algo impessoal, das pessoas tornando-o mais aceitável. Mas, no caso de D. Pedro II e dessa viagem a Juiz de Fora, o laço forte de poder que uma viagem produz entre súditos e imperador é através do despojamento e da simplicidade.

“[...] Surpreendente e, por vezes, decepcionante, a simplicidade dos cerimoniais relatada por políticos e cronistas de época apontava para o

retraimento, para a ausência da ostentação, do esplendor tão característicos das famílias reinantes da Europa. O poder simbólico de Pedro II, contudo, até mesmo pela sua ausência, foi responsável pela construção de uma prática que impunha uma ordem ao mundo social vivido. Criava uma espécie de “concordância entre as inteligências”, delegando ao símbolo vivo da monarquia a função social de integração. E cumpriu sua função de cumplicidade, uma vez que tal simplicidade garantiu a toda a família real um enorme prestígio moral [...]”²¹.

Este despojamento e simplicidade será uma constante da imagem de D. Pedro II, que foi produzida por várias instâncias: o próprio, seus familiares e amigos, escritores da época, os órgãos políticos, jornais da Corte e das províncias e seus súditos. No artigo de Genovez, da revista *Tempo* que citamos acima, o cerimonial que envolve a viagem é estudado para se entender a malha delicada do poder na cidade de Juiz de Fora e, para isso, ela chama a atenção para questões importantes que envolvem o cerimonial e que podem ser destacadas.

Por exemplo, os gastos: quem gastou e como gastou? As Câmaras Municipais eram incumbidas de organizar a recepção e divulgavam em editais o programa, escolhiam comissões, incumbiam moradores de consertos e embelezamento da cidade, dividiam os moradores no espaço da cidade de acordo com o prestígio social de cada um²².

Do exame das cartas do correspondente do *Jornal do Commercio* - jornal de grande circulação por todo o Império e de tendência conservadora, defensor do projeto político em vigor, a Conciliação - que acompanhava a comitiva podemos ter informações que confirmam o caráter político dessas viagens²³: a participação na

²¹ GENOVEZ, Patrícia Falco. A Viagem enquanto Forma de Poder. A Viagem de Pedro II e a inauguração da Rodovia União e Indústria em 1861. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 5, jun/98, p. 167-168.

²² Apesar de não se referir ao período aqui em questão e muito menos às viagens imperiais a dissertação de Camila Santiago faz uma interessante análise da luta de representações que envolvem uma Câmara Municipal quando essa organiza festas ou recepções a autoridades. Ver: SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *As Festas promovidas pelo Senado da Câmara de Vila Rica(1711-1744)*. Dissertação de Mestrado apresentada no departamento de história da UFMG. Belo Horizonte, 2001.

²³ A referência para essas cartas é: *Viagem Imperial de Petrópolis ao Juiz de Fora por ocasião da Inauguração do Tronco Principal da Estrada da Companhia União e Indústria (cartas do*

comitiva de ministros, nobres e homens importantes da região de Juiz de Fora, a visita minuciosa aos estabelecimentos públicos e aos estabelecimentos ligados à estrada, a hospedagem nas casas dos principais e os gastos envolvidos nela, como na quinta do comendador Mariano Procópio, presidente da companhia que construiu a estrada. Por onde a comitiva passava era recepcionada com bandas de música, com decorações e festas. As estações de troca de animais e consertos nas diligências estavam enfeitadas com iluminações e arcos alusivos à visita.

A estrada União Indústria perderá sua utilidade para as estradas de ferro que serão construídas cada vez mais, a partir da década de 70 do século XIX. Em Minas Gerais, as regiões Sul e da Mata vão ser as que mais estradas de ferro terão nas últimas décadas do século XIX: “ [...] *Quase 60% da rede total de 1006 Km da província estava localizada na Mata em 1884, embora a Mata constituísse apenas 5% da superfície de Minas*” [...] ²⁴. A expansão da malha ferroviária nessa região acompanha o desenvolvimento da cafeicultura.

E aqui abordaremos as duas visitas que ele faz para ver a construção e a finalização da estrada Minas e Rio, que começava em Cruzeiro e terminava em Três Corações. A década de 1880 é pródiga em viagens para inaugurar estradas de ferro. A primeira visita foi em 24 e 25 de junho de 1882, para ver o túnel da Mantiqueira, que finalmente estava sendo vencida. A segunda foi em 22 e 23 de junho, para constatar a finalização da estrada ²⁵. Os que primeiro pensaram uma estrada de ferro que, saindo da E.F. Pedro II, fosse adentrar o vale do Rio Verde em Minas Gerais, foram o visconde de Mauá e o Gal. Couto Magalhães, neto do viajante-burocrata José Vieira

correspondente do Jornal do Commercio). Rio de Janeiro: Typographia Imp e Com de J. Villeneuve e C, 1861. Para uma breve explicação do Jornal do Commercio ver: VAINFAS, Ronaldo (org). Op. cit, p. 419-421.

²⁴ BLASENHEIM, Peter L. As Ferrovias de Minas Gerais no século dezenove. *Locus*, Juiz de Fora, n. 2, vol. 2, p. 83-84, 1996.

²⁵ Todas as informações sobre essas visitas foram retiradas de: FEDERICI, Hilton. Duas visitas de D. Pedro II ao sul de Minas. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 42/43, 1981/1982, p. 85-116.

Couto. Em 1875 com a concessão imperial, estudos preliminares para a construção da estrada foram feitos pelo engenheiro Herbert Edgell Hurt, que será depois Superintendente da Estrada entre 1881 e 1884, e hospedará a comitiva imperial na primeira viagem. Em 1877, foram aprovados os estatutos da companhia exploratória sob o comando de Couto Magalhães. No dia 24 de abril de 1880, em Londres, foi constituída a The Minas and Rio Railway Company, e o decreto de 21 de junho de 1880 do governo imperial concedeu a licença de exploração que tinha sido cedida por Couto de Magalhães.

Da primeira viagem, faziam parte da comitiva, além do Imperador; sua esposa, D. Teresa Cristina; a princesa Isabel e o conde D'Eu; os príncipes D. Pedro e D. Augusto; os senadores Afonso Celso (visconde de Ouro Preto), Joaquim Delfino Ribeiro, Cristiano Benedito Otoni e os conselheiros Afonso Pena e Manuel Alves Araújo, respectivamente ministros da Guerra e da Agricultura, Comércio e Obras Públicas.

Saíram de trem especial da Corte às 11 horas, pararam em Barra do Pirai, onde representantes da companhia inglesa ofereceram um almoço, e em Barra Mansa, onde a Câmara prestou homenagem ao Imperador. Às 17:30 do dia 24 de junho de 1882, chegaram à estação de Cruzeiro e foram recepcionados pelos representantes e engenheiros da companhia e pelo “povo com aclamações e foguetes”. Foram hospedados na casa do engenheiro Hunt, como já dissemos antes, onde, depois do jantar, os colonos da fazenda Boa Vista do Major Novais, homem forte do local, organizaram uma festa de recepção à comitiva. No outro dia, depois de missa na capela da fazenda Boa Vista, um trem levou-os até o Km 19, ponto terminal dos trilhos já assentados. A partir daí foram de cavalos até o túnel, onde inspecionaram minuciosamente a passagem da Mantiqueira, e almoçaram. Fizeram uma rápida visita

ao arraial de Passa Quatro, e às 18 horas, já estavam de volta na estação de Cruzeiro, onde baldearam para o trem da E.F.Pedro II, chegando ao Rio de Janeiro às 3 da madrugada.

Da segunda viagem, participaram, além de D. Pedro II; a Imperatriz Teresa Cristina; o conde D'Eu; o conselheiro e ministro dos Estrangeiros João da Mata Machado; e o também conselheiro e ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, Antônio Carneiro da Rocha. Partiram da Corte no dia 22 de junho de 1884, às 6 horas, e chegaram a Cruzeiro ao meio-dia, onde foram recebidos com aclamações pelo povo. Meia hora depois, pegaram o trem da Minas e Rio e partiram para Três Corações: as estações por onde passavam estavam todas arrumadas com gala e, algumas, com bandas de música. Chegaram ao destino final da Estrada Minas e Rio às 18 horas, onde foram, como sempre, recepcionados com uma grande festa. Pouco depois, o Imperador saiu a percorrer a cidade de Três Corações. A visita da comitiva imperial veio para selar a inauguração da estrada, que tinha acontecido uma semana antes. No outro dia, 23 de junho, o Imperador subiu o ponto mais alto da cidade de onde se avista a freguesia de São Tomé das Letras, visitou escolas, igrejas e as comunidades vizinhas. À noite, houve grande festa na estação e, no dia seguinte, depois de ouvir missa, todos partiram da estação de Três Corações às 6 horas. Pararam para almoçar na estação de Carmo, e outras vezes, para o Imperador apreciar a paisagem e fazer anotações. As 12 horas estavam na estação de Cruzeiro e passaram para o trem especial da E.F.Pedro II. Antes de partirem, a Imperatriz fazia um gesto que já era bem comum nas viagens imperiais: entregar uma carta de alforria a um escravo libertado em honra da visita. Às 18 horas da tarde chegaram à Corte.

Podemos falar, ainda, da viagem ao Paraná feita entre 17 de maio e 17 de junho de 1880. É a viagem imediatamente anterior à viagem a Minas e, as duas têm

semelhanças. Primeiro, os mesmos jornais da Corte cobriram as duas: Jornal do Commercio, Cruzeiro e Gazeta de Notícias. Na Fala do Trono de 17 de janeiro de 1882 as duas viagens estão associadas:

“[...] Na visita que, durante os meses de maio a junho de 1880 e de março, abril e agosto último, fiz às províncias do Paraná e Minas Gerais, tive ensejo de avaliar os elementos de prosperidade que, convenientemente aproveitados, devem assegurar-lhes progressivo adiantamento. Os testemunhos de estima tributados naquelas províncias a mim e à Imperatriz muito me penhoraram [...]”²⁶.

Para além do caráter cerimonial de uma fala do trono - momento de abertura e fechamento da Assembléia Legislativa - temos o rascunho dessa Fala com anotações de próprio punho do Imperador e o conteúdo é o mesmo²⁷. Nessa Fala podemos notar duas referências ao tema do progresso e do desenvolvimento econômico: “elementos de prosperidade” e “progressivo adiantamento”. Este assunto dos elementos possíveis para um deslanchar do progresso econômico será recorrente no Diário de Minas e nos jornais consultados²⁸. O tema do progresso será o grande assunto nesse final do século XIX: tanto para os indivíduos, como D. Pedro II, quanto para as instituições.

Pelos diários de viagem podemos afirmar que os programas de viagem pelo país eram semelhantes: visitas a todos os órgãos públicos, a escolas, a estabelecimentos científicos, a manufaturas e indústrias. Procedimentos que já faziam parte do trabalho administrativo na Corte²⁹. Há no diário do Paraná muitas referências

²⁶ BRASIL. *Falás do trono: desde o ano de 1823 até o ano de 1889*, coligidas na Secretaria da Câmara dos Deputados. Brasília: INL, 1977, p. 467.

²⁷ Ver o documento: **Maço 186 doc 8465** do *Fundo Casa Imperial do Brasil* no Arquivo Histórico do Museu Imperial.

²⁸ Foram consultados os seguintes periódicos: **A Província de Minas**; **A Actualidade**, ambos de Ouro Preto; a **Revista Ilustrada** do Rio de Janeiro e **O Arauto de Minas** de São João Del Rei. No segundo capítulo nos deteremos na análise desta cobertura jornalística.

²⁹ Sobre os diários de viagem foram consultados, além do de Minas e do Nordeste já mencionado acima, mais os seguintes: o diário da viagem ao Paraná em 1880 cuja referência é: SANTOS, Francisco Marques dos. D Pedro II e a Província do Paraná (Diário da Visita de D. Pedro II a Província do Paraná). *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 20, p. 29-75, 1959; o diário da viagem a São Paulo em 1875 cuja referência é: PUPO, Celso Maria de Melo. Diário da Viagem do Imperador D. Pedro II a São Paulo. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 36, p. 66-102, 1975; o diário da viagem ao Egito que é parte da

à mineralogia e à geologia, tal como no de Minas. Fala, também, dos problemas de implantação dos padrões métricos. O que queremos é realçar em dois diários próximos temporalmente temas e procedimentos comuns.

Dois são os viajantes em D. Pedro II, e a diferença está no fim e na natureza de cada viagem. O viajante estrangeiro é o que obedece a uma programação mais pessoal, no máximo determinada, também, por seus companheiros de viagem. Seu fim é de prazer, é de poder ver com os próprios olhos as maravilhas vistas antes só nas letras. É, ainda, de tratamento de saúde ou para resolver problemas familiares, como foi em 1871 para buscar os netos. O Imperador fazia questão de se afastar das questões de política, era Pedro D'Alcântara que viajava, como ele mesmo gostava de afirmar. O viajante político obedece a uma lógica pública e multifacetada nos seus fins e formuladores. A viagem é uma estratégia de visualização política; ainda quando realizada nesse período em que a estrutura política imperial já dava sinais de ruína, como a de Minas em 1881. Essa separação não pode ser tão rígida, e observamos características de uma na outra, e vice-versa. Exemplo disso é o olhar ilustrado preocupado com a ciência e as letras, que está nos dois tipos de viagem. E não nos esqueçamos que, a qualquer lugar que o homem Pedro vá, ele é sempre o Imperador do Brasil. Portanto, há nele sempre duas pessoas, dois corpos, que ora se acertam, ora se desacertam: a pessoa jurídica, pública - o Imperador – e a pessoa física, privada - o Pedro.

Nesse trabalho onde estamos preocupados em entender uma das viagens do Imperador não poderíamos nos furtar ao entendimento de outras viagens feitas por ele, como acabamos de fazer; muito menos, no entendimento do que significava viajar

segunda viagem internacional em 1876 cuja referência é: PEDRO II. Voyage du haut Nil. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 8, p. 1-37, 1947; o diário que não é de viagem, mas pessoal de 1862 cuja referência é: PEDRO II. Diário de 1862. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 17, 1956. E, ainda, excertos do diário da viagem aos E. U. A que, também, é parte dessa segunda viagem internacional que foi publicado no livro: GUIMARÃES, Argeu. Op. cit.

naquele momento, na compreensão do meio viajante, ou seja, quais são os outros viajantes que D. Pedro levava consigo na bagagem. E marcado esse tópico da característica política, pública das viagens ao interior, portanto, da viagem a Minas, faremos agora uma breve incursão pela história do viajar e dos seus viajantes da segunda metade do século XVIII até a época aqui em questão. Para tanto, destacaremos alguns viajantes e as questões que envolvem suas viagens que acabaram repercutindo no viajante D. Pedro II.

1.3. Do Viajar e da Escrita de Viagem

“Sempre me interessei pelas expedições científicas, desde a do Ceará [...] lembrando-me agora dos de Agassiz e de alguns que ilustraram nossos patricios no conhecimento europeu”.

(D. Pedro II no texto Fé de Ofício)

Nessa parte nos indagaremos sobre os motivos que levam os homens no século XVIII e XIX a viajarem num momento em que viajar não era uma opção tão segura. E, mais, os motivos que os levam a registrar na escrita essas aventuras. Nos preocuparemos com duas instâncias que marcam toda viagem: a pessoal e a institucional, seguindo a indicação de Ilka Leite:

“[...] Pude, portanto, identificar as viagens como fruto da conjunção de interesses que são representados através de duas instâncias: uma pessoal, que circunscreve como do viajante, e uma institucional, que se circunscreve como dos órgãos vinculados aos governos dos Estados Nacionais, ou destes diretamente. As relações entre essas duas instâncias foram, nesse aspecto, os dois planos mais importantes na representação do outro [...]”³⁰.

³⁰ LEITE, Ilka Boaventura. Antropologia da Viagem: Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996, p. 51.

Essa preocupação nos leva a vincular os relatos de viagem ao projeto imperialista europeu do século XIX e, também, aos projetos de construção nacionalista do mesmo século. Nos indagaremos sobre as viagens e os relatos de viagem ao Brasil: suas características e suas construções imagéticas a respeito do país visitado. Nos indagaremos sobre o que é ser um viajante nesta época, qual o olhar que conforma o jeito de viajar e de escrever. Então, vamos lá.

Marquemos como ponto inicial desta nossa história a segunda metade do século XVIII. E porquê esta data? Porque a partir deste momento surgem elementos que marcarão as viagens e os relatos do século XIX e, portanto, marcarão o viajante D. Pedro II. Primeiro a vinculação das viagens à política de colonização e imperialismo. Todos os estudos são unânimes em apontar que as viagens dos séculos XVIII e XIX estão intimamente relacionadas com o imperialismo do mesmo período, mesmo as que possuem todo um discurso de isenção científica. As viagens participam do que Pratt (1999) chamou de uma nova consciência global que a Europa adquire nesse período. Essa consciência estaria calcada, segundo a autora, no projeto de classificação global que a história natural adquire com Lineu (1707-1778) e em num novo paradigma de exploração dos territórios voltado para seu interior, diferentemente de antes quando era voltado para a conquista do litoral³¹.

As viagens de vários tipos: de comércio, de ciência, de diplomacia, de governo e seus escritos vão oferecer os temas, as representações, as imagens que circularam entre os povos viajantes e os povos viajados, num grande exercício de intercâmbio cultural que não tinha nada de inocente, já que calcado em relações assimétricas de poder. As imagens construídas sobre o Brasil, sobre a América pelos europeus e pelos próprios brasileiros ou americanos ao longo do século XIX serão retiradas, em boa medida, das

³¹ PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturização*. Trad. Jézio Hernani B. Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 41-75.

opiniões e dos juízos proferidos nos livros de viagem do período. Daí o enorme boom editorial desse gênero literário que vai ter como um dos critérios definidores o que podemos chamar de exotismo, ou seja, o gosto pelo diferente. Essas narrativas realçarão as diferenças de costumes, de governo, de natureza para assim, como em um espelho que mostra a imagem invertida, enquadrar todo o mundo numa escala evolutiva civilizacional, na qual o ponto mais alto cabia ao homem branco europeu e à natureza organizada e já conhecida européia³².

Os governos imperialistas incentivaram, patrocinaram várias expedições científicas internacionais que partiram dos portos europeus carregados de cientistas naturais preocupados em vasculhar, coletar, classificar e nomear as espécies novas. Serão fundadas instituições ou reformuladas as antigas com o objetivo de guardar e expor espécimes naturais ou humanas. Esse projeto classificatório global da natureza será ao longo do século XIX o enredo principal dos relatos de viagem. Dentro dele se destaca a história natural. O próprio ato de nomear cientificamente espécies, de tirá-las do seu suposto caos natural e ordená-las já é um ato de posse, um ato de domínio. Tal como o mapeamento sistemático do interior dos continentes contribuirá para solucionar a crescente busca de recursos e terras exploráveis que o imperialismo europeu vinha fazendo, a história natural dará sua contribuição para o desenvolvimento econômico.

“[...] Uma a uma, as formas de vida do planeta haviam de ser extraídas do emaranhado de seu ambiente e reagrupadas conforme os padrões europeus de unidade global e ordem[...] o potencial do sistema[taxonômico de Lineu] de subsumir a história e a cultura à natureza. A história natural não apenas

³² Leite em texto citado acima diz que um dos motivos para esse boom editorial é o fascínio do Outro que a literatura de viagem permitia exercer, ver p. 60. Para a construção do exótico, esteio dessa escrita, e, também, do que podemos chamar de auto-exotismo (o viajado se auto-representando a partir dos dados do viajante) ver: PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 295-335, LEITE, Ilka Boaventura. Op. cit, p. 60-100; FILHO, Amílcar Torrão. Narrativas de Viagem: Cruzamentos de Espaços, Saberes e Temporalidades. Séculos XVIII e XIX. *Estudos de História*, Franca, v. 12, n. 1, p. 127-144, 2005. O fascinante trabalho: HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004 mesmo se tratando da História Antiga e, não fazendo diferenciação entre viagens imaginárias e viagens acontecidas, traz importantes contribuições no entendimento das partilhas antropológicas do mundo grego entre bárbaros e civilizados a partir de narrativas de viagem, o que ele chama de narrativas sobre a fronteira.

extraía os espécimes de suas relações orgânicas e ecológicas um com o outro, mas também de seus lugares nas economias, histórias, sistemas simbólicos e sociais de outras populações[...]Ele extrai todas as coisas do mundo e as recoloca numa nova estrutura de conhecimento cujo valor repousa precisamente naquilo que a distancia do original caótico. Aqui, o nomear, o representar e o reivindicar são todos a mesma coisa; o nomear dá origem à realidade da ordem [...]"³³.

1.3.1. A História Natural e os Relatos de Viagem

A história natural e depois suas especializações além de constituir a prática científica mais comum dos viajantes da segunda metade do séc XVIII em diante vai se conjugar com procedimentos narrativos do Romantismo e se tornará um dos principais tópicos de toda a literatura de viagem deste período. Saint-Hilaire, fundamental interlocutor de D. Pedro II na viagem a Minas Gerais, se influenciará por este tópico: seus escritos conjugaram o rigor científico da observação com o olhar atento e a pena afiada em relação a sociedade visitada. Não são os relatórios científicos, carregados de uma terminologia voltada ao público restrito de cientistas que chamaram atenção do público leitor do século XIX (inclusive D. Pedro); - mas sim, as narrativas de viagem que deixam claramente explícitas o narrador e suas aventuras, que permitem o exercício, tão caro à literatura, da imaginação, da evasão para um mundo desconhecido. E, tudo isso só foi possível porque estes cientistas naturais não abriram mão de formas e tópicos comuns a toda uma tradição literária.

Essa história natural produzida a partir dos marcos aqui definidos (século XVIII e XIX) está umbilicalmente conectada aos relatos de viagem. “[...] a literatura de viagem se confunde, enquanto gênero literário, com os primeiros textos das ciências naturais modernas [...]”³⁴. A viagem era a forma que o naturalista tinha de transformar

³³ PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 66-69.

³⁴ CARNEIRO, Henrique Soares. Op. cit, p. 231.

a natureza em ciência, era o seu grande campo de testes. Incentivados pelos avanços na classificação de espécies naturais, com a taxonomia de Lineu; pela necessidade cada vez maior de mercados que o avanço do capitalismo gerava, os naturalistas serão os primeiros grandes viajantes da ciência natural moderna. Vejamos a passagem de Cristóvão que confirma essa relação dos relatos de viagem com a história natural:

“[...] O papel desempenhado pela História Natural nos textos da Literatura de Viagens é verdadeiramente notável. Não só porque viajar é observar coisas diversas e nessa diversidade o que imediatamente salta à vista é a paisagem natural, sobretudo quando é diferente, mas também porque uma tradição congênita sempre associou a descrição à narração, e nela a circunstância natural ou social, teve sempre lugar. A esta situação uma outra se acrescentou, a de grande número de viagens ser de descoberta de novos mundos [...]”³⁵.

Ao lado dos antigos personagens da literatura de viagem - como o missionário, o diplomata; vai surgir, com frequência nos relatos de viagem, a figura do herborizador, daquele indivíduo que, sem ganho material nenhum, passava horas coletando e armazenando espécies. Esse discurso de isenção científica, de inocência trará grandes dividendos aos que a ele se dedicarem e será uma importante arma para os imperialistas disfarçarem intenções de conquista. É a noção de anticonquista, tão bem elaborada por Pratt (1999) e que partirá do pressuposto de uma escala de civilização (tão ao gosto da terminologia do XIX) que seria galgada a partir da conquista de habilidades científicas que o centro irradiador europeu faria o “favor” de levar às nações “menos civilizadas” através de suas viagens. Um outro nome para isso, muito usado à época, é missão civilizadora. Era encarado como um dever, mas trazia em seu bojo todo um aparato de dominação e imposição de valores³⁶.

Na escrita de D. Pedro II está presente esta aproximação do relato de viagem da história natural. Primeiro, porque o interesse em Saint-Hilaire é calcada nesta ciência, as

³⁵ CRISTÓVÃO, Fernando. A Literatura de Viagem e a História Natural. In: CRISTÓVÃO, Fernando(org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografia*. Coimbra: Almedina, 2002, p. 185.

³⁶ PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 77-154.

várias referências ao naturalista, na sua grande maioria, são falando de espécies ou ambientes da natureza. Além disso, os biógrafos do Imperador afirmam que esta é uma ciência de sua predileção, tendo ele herdado e aumentado o museu de história natural que D. Leopoldina montou no palácio de São Cristóvão. O gosto por história natural fazia parte de uma boa educação cortesã no século XIX e D. Pedro não fugiu à regra. Muito possivelmente o seu tutor José Bonifácio é que tenha lhe passado as primeiras influências do gosto pelas ciências naturais. Além disso, Antônio Alexandre Vandelli, filho de Domenico Vandelli, importante naturalista italiano e responsável pela reforma do ensino de ciências na Universidade de Coimbra, foi seu professor de ciências a partir de 1839 e era genro de José Bonifácio³⁷.

Uma dimensão importante da história natural do final do século XVIII é a utilitária. Muitos naturalistas em seus relatos de viagem se preocuparam em apontar a utilização econômica das espécies observadas e defenderam a necessidade de patrocinar estudos que apontem estas utilizações. Saint-Hilaire é um deles. Muitos ainda participaram de instituições científicas que abriam espaço para estas discussões. Outros se engajariam nos seus respectivos governos e seriam responsáveis por uma série de estudos baseados em viagens que apontariam as necessidades de cada região e as maneiras que a história natural poderia ajudar. Aqui podemos falar dos viajantes-burocratas do Iluminismo Português que no período denominado de Crise do Antigo Sistema Colonial fizeram várias viagens por todo o Império português para diagnosticar e apontar soluções para o que à época era chamado de atraso econômico.

³⁷ Para informações sobre a educação de D. Pedro II ver: SANTOS, Nadja Paraense dos. Pedro II, Sábio e Mecenaz e sua relação com a Química. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 54-64, jan/jun 2004; RANGEL, Alberto. A Educação de D. Pedro II. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 4, p. 59-78, 1943; GARCIA, Rodolfo. Os Mestres do Imperador. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 7, p. 7-20, 1945. Para biografias e ou estudos sobre sua personalidade e atuação ver: BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Trad. Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005; BESOUCHET, Lídia. Op. cit; IGLÉSIAS, Francisco. Op. cit; LYRA, Heitor. Op. cit; MAURO, Frédéric. Op. cit; SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit.

1.3.2. Os Viajantes do Reformismo Português

Não pretendemos aqui examinar com profundidade o Reformismo português, mas apenas destacar algumas de suas características que conformam o tipo de viagem executada por seus intelectuais-burocratas e ao mesmo tempo, a escrita produzida a partir destas viagens³⁸. A Coroa portuguesa na segunda metade do século XVIII estava em grave crise: o modelo mercantilista de exploração colonial vinha sendo cada vez mais criticado tanto em seus resultados econômicos quanto em seus arcabouços ideológicos. Para sair dessa crise, a Coroa implementou uma série de reformas iniciadas por Sebastião José de Carvalho e Melo - o poderoso ministro Marquês de Pombal - e continuadas nos reinados seguintes. Uma das características fundamentais dessas reformas, e que nos interessa, é o uso pragmático da ciência. As reformas pombalinas introduziram em Portugal todo um conjunto de ciências que vinham se desenvolvendo pela Europa e tinham como premissa básica a experimentação. Pombal, ao expulsar os jesuítas, expulsou junto a escolástica que dominava o ensino e as ciências portuguesas. Fazia-se urgente abandonar a especulação e formar um conjunto de técnicos e cientistas capazes de oferecer soluções para a crise que vivia o Império português. Daí, o uso pragmático da ciência que marcará os viajantes aqui em questão. Pombal organizará uma grande reforma na Universidade de Coimbra, da qual sairá a grande maioria dos viajantes-burocratas.

³⁸ Para um estudo mais aprofundado do Iluminismo Português ver: FALCON, F. J. C. *A época Pombalina (Política Econômica e Monarquia Ilustrada)*. São Paulo: Ática, 1993; MAXWELL, K. *Marquês de Pombal-Paradoxo do Iluminismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. SILVA, Ana Rosa Cloclot da. *Inventando a Nação: Intelectuais Ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006. Para as relações entre o Reformismo Português e o Brasil, incluindo sua influência nas primeiras décadas do século XIX até a independência ver: NEVES, Lúcia M. B. Pereira das. *Corcundas e Constitucionais: A Cultura Política da Independência (1820-22)*. Rio de Janeiro: Revan-Fapesj, 2003; LYRA, M. de. L.V. *A utopia do poderoso império-Portugal e Brasil: bastidores da política, 1798-1822*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994; SILVA, M. B. N. da. *A cultura luso-brasileira: da reforma da Universidade à Independência do Brasil*. Lisboa: Estampa, 1999; DIAS, M. O. da S. Aspectos da Ilustração no Brasil. *RIHGB*, v. 278, p. 105-170, 1968.

Para coordenar essa reforma foi contratado o naturalista padovano Domenico Vandelli (1735-1816), que disseminará a taxonomia de Lineu (1707-1778), fundará na mesma universidade um Museu de História Natural e um Jardim Botânico, e será grande incentivador das viagens de coleta e catalogação de espécies naturais, as chamadas viagens filosóficas. Além de coletar e catalogar produtos naturais, essas viagens vão se preocupar com todos os aspectos sociais e culturais das regiões visitadas. A história natural se tornará o esteio científico de todos os viajantes que analisamos aqui. Suas teorias, tais como a taxonomia de Lineu, são grandes incentivadoras das viagens. Essas ações reformistas portuguesas inscrevem-se numa política de Estado, preocupadas em radiografar todas as partes do Império para encontrar matérias-primas que, se exploradas, trariam grandes lucros ao Império Português.

“[...] Estas características do iluminismo português – seu caráter ambíguo, que iria impor uma absorção eclética, parcial e fragmentada das luzes, o pragmatismo, conferido ao conhecimento e ao próprio papel do estadista, aliado ao sentimento do atraso cultural do Reino – imprimiriam sua marca na formação intelectual de toda a geração dos estadistas luso-brasileiros educados neste sistema sócio-cultural [...]”³⁹.

É dessa geração que sairá o que podemos caracterizar como viajantes-burocratas: José Bonifácio, Alexandre Rodrigues, Manuel Ferreira da Câmara, José Vieira Couto, para só ficarmos nos “brasileiros”. Brasileiros no sentido de naturalidade e não de nacionalidade, o que seria um anacronismo. As viagens desses homens são patrocinadas pelo Império Português, eles cumprem um serviço para o Estado, são viagens políticas. Temos aqui um ponto de comparação com a viagem a Minas Gerais de D. Pedro II, que, também, é política, feita sob o patrocínio estatal⁴⁰.

³⁹ SILVA, Ana Rosa Cloquet da. Op. cit, p. 139.

⁴⁰ Uma relação, mesmo que restrita a poucos números de títulos dessa produção de memórias e relações dá uma idéia do pragmatismo e da política direcionada do Estado Português: de José Bonifácio: *Memória sobre a pesca das baleias e extração do seu azeite, com algumas reflexões a respeito das nossas pescarias* de 1790, *Memória sobre a necessidade e utilidade do plantio de novos bosques em Portugal*. De Domenico Vandelli: *Memória sobre causas da decadência do Reino e instando pela escolha de ministros hábeis e competentes*, *Memória sobre os meios de se atenuar o déficit público e a organização*

Toda produção escrita desses viajantes – as memórias, os relatórios – foi pensada como documentos internos de uso da Coroa Portuguesa: seus relatos de viagem não são para serem publicados, não é literatura de viagem para leitura ampla, servem como dicas ou recomendações para melhorar a produção agrícola e industrial do Império Português. Esses viajantes, normalmente, faziam anotações em cadernos ou folhas para, depois, ao voltar para Portugal, organizarem em uma narrativa contínua suas experiências da viagem. Portanto, há dois níveis, dois tempos nessa escrita de viagem: um mais direto, em contato mais próximo com os fatos da viagem; outro, mais indireto, mais refletido. No primeiro, o olhar determina o que será anotado, e esse olhar é carregado da bagagem cultural e informacional do viajante e das expectativas pessoais e institucionais que envolvem a viagem. No segundo já é o pensamento que determina o que será escrito e, além da bagagem e expectativas que conformam o primeiro, temos o trabalho da memória pessoal que escolherá o que melhor lhe apetece, fará um exercício de recorte, de edição. Além da memória, temos ainda, a conformar a escrita nesse segundo nível, a história pessoal e as experiências vivenciadas desde o momento das anotações até o momento da escrita definitiva das memórias e relatórios.

Quem são esses viajantes-burocratas e quais são suas viagens? Primeiro, é necessário realçar que esse projeto científico-político da Coroa Portuguesa abriu um campo de atuação para os homens das colônias, notadamente os da América Portuguesa. Segundo, esse projeto possuía uma vontade de atuação global que abarcasse todas as colônias do Império: não é à toa que contribuiu, sem querer, para abalar as estruturas de dominação colonial, fazendo com que se repensasse o papel das colônias dentro do Império. Usamos aqui, como exemplo desses viajantes, os que são “brasileiros”. A

da defesa de Portugal, dadas as exigências da França para a celebração da paz. De José Vieira Couto: *Memória sobre a Capitania de Minas Geraes, seu território, seu clima e produções metálicas* de 1799. Para esses títulos ver: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes. Vol 2. Um lugar no Universo.* São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994, p. 60-75.

própria identidade desses homens é uma questão complexa. Ana Lúcia Rocha (2002), em texto na revista *História: Questões e Debates* resume muito bem isso:

“[...] Num nível superior [...] se identifica com uma identidade portuguesa, que tem a ver com sua condição de vassalagem ao soberano de Portugal. Esse pertencimento, porém, desdobra-se, no caso dos nossos viajantes, numa identificação com a grande região do Império de onde são oriundos, o Brasil (ou América) e que define sua condição de colonos. Identificam-se ainda, com sua pátria chica, seu local de nascimento, que os faz reconhecerem-se como mineiros, baianos ou paulistas, ou, mais restritamente, moradores de uma região ou cidade dessas capitanias. Para além dessas dimensões, acrescente-se que eles são cientistas coimbrões (o que os vincula à comunidade científica internacional) e, por fim, são funcionários burocráticos da coroa”⁴¹.

Temos como exemplo destes viajantes José Bonifácio que viajou durante quase dez anos pelos principais centros mineralógicos da Europa para depois se tornar um importante funcionário do Império Português e aplicar seus conhecimentos a serviço do Estado. Outro viajante é o baiano Alexandre Rodrigues Ferreira com sua Viagem Filosófica. Tal viajante foi aluno de Domenico Vandelli na Coimbra Reformada e foi indicado por esse para comandar uma missão exploratória na América Portuguesa a fim de coletar espécies dos três reinos vegetais e enviá-las ao Real Museu da Ajuda em Lisboa. A viagem deveria *“[...] formar com a maior diligência possível uma exacta história natural de tão vasto continente [...]”*⁴². Outro, ainda, foi o médico, matemático e naturalista, também formado em Coimbra, aluno de Vandelli, o mineiro do arraial do Tijuco - hoje Diamantina - José Vieira Couto. É designado para percorrer a Comarca de Serro Fio, onde sua família ocupa lugar de destaque na elite local, para observar a extração de metais. Foi professor da Universidade de Coimbra. E, por último, o também mineiro, da comarca de Serro Frio, Manuel Ferreira da Câmara Bitencourt e Sá. Bacharelou-se em leis e filosofia na Universidade de Coimbra, tendo sido amigo de José Bonifácio. Depois de formado, acompanha José Bonifácio pela Europa, para se

⁴¹ CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. As Viagens são os Viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do século XVIII. *História: Questões&Debates*, Curitiba, n. 36, p. 76.

⁴² FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Kapa Editorial, 2º vol, 2002, p. 7.

especializar em mineralogia. Câmara acaba por se interessar pelos aspectos administrativos e torna-se conselheiro do ministro Coutinho para as ciências “montanhísticas”. Em 1807 volta ao Brasil, onde assume o cargo de Intendente Geral das Minas, onde Saint-Hilaire o encontra quando passa por Minas Gerais⁴³.

As viagens desses cientistas-burocratas podem ser definidas como viagens políticas/administrativas e aqui está a semelhança com a viagem do Imperador. Elas (a do Imperador e a desses burocratas) produzem inventários tal como Raminelli aponta para as viagens coloniais em artigo na revista *Questões e Debates*. Inventários administrativos, a profusão de informações administrativas no Diário justifica tal noção⁴⁴.

Interessa-nos essa relação estreita entre saber e poder, relação que se funda numa dependência do campo intelectual ao campo político, pois, a Coroa era o mercado e a instância consagradora. O saber é instrumentalizado pelo poder, os conhecimentos adquiridos por esses viajantes vão servir aos próprios, quando se tornam funcionários reais (é o futuro da maioria deles); vão servir ao Estado, quando da transformação da viagem em relatórios que trarão informações preciosas para orientar e direcionar a ação estatal e quando da própria atuação do viajante como funcionário. O conhecimento se torna um capital simbólico que confere status a quem possui, distinguindo-o dos demais. José Bonifácio viaja, sob o patrocínio da Coroa Portuguesa, com o objetivo de aprimorar seus conhecimentos, adquirindo, assim, capital simbólico que será usado a favor do poder e a favor de si mesmo. Saber e poder se legitimam mutuamente. Essa perspectiva utilitária do conhecimento estará presente em todos esses viajantes-

⁴³ Para uma pequena biografia de José Bonifácio ver: VAINFAS, Ronaldo Op. cit, p. 424-26. Para a Viagem Filosófica ver: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Op. cit, v. 2, p. 64-69. RAMINELLI, Ronald. Viagens e Inventários: Tipologia para o período colonial. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 32, jan/jun 2000, p. 27-46. FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Op. cit, p. 5-32. Sobre José Vieira Couto e o Intendente Câmara ver: CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. Op. cit, p. 72-73; BLAKE, Sacramento. BLAKE, Sacramento A. Victorino. *Diccionario bibliographico brasileiro*, 5 e 6 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898, p. 75-76, 228-229.

⁴⁴ RAMINELLI, Ronald. Op. cit.

burocratas, herança, entre outras coisas, do ensino de Vandelli que pensava a história natural e outras ciências como necessárias na medida que úteis economicamente. Em sua obra de divulgação dos termos de Lineu afirma não consistir a história natural:

“[...] em hum simples conhecimento dos nomes de cada animal; mas he necessário saber quanto possivel a sua anatomia, seu modo de viver, e multiplicar, os seus alimentos, as utilidades, que delles se podem tirar; e saber aumentar, e curar, e sustentar os que são necessarios na economia, procurar descobrir os usos daquelles que ainda não conhecemos, ou extinguil-os se são nocivos, ou defender-se delles [...]”⁴⁵.

1.3.3. Alexander Von Humboldt e sua influência no viajar e na escrita de viagem

Continuando nossa breve história do viajar e dos relatos de viagem falemos de um viajante que será paradigma para todos os outros da primeira metade do século XIX (talvez até muito mais tarde nesse século): Alexander Von Humboldt. O Barão Humboldt nasceu na Prússia no ano de 1769 (mesmo ano em que nasceu Napoleão), é educado por sua mãe, huguenote francesa, num ambiente cortesão devotado à erudição. Seu pai tinha sido camareiro de Frederico II. Tinha um irmão, Wilhem, que se destacaria mais tarde nas áreas da filosofia e da linguagem, e seria responsável por uma grande reforma de ensino universitário, lançando as bases da moderna academia. Alexander estuda na Universidade de Gottingen e na Escola de Minas de Freiburg. Terminados seus estudos, foi trabalhar como consultor de mineração e inspetor do governo prussiano, posição que lhe dava a possibilidade de viajar bastante e desenvolver suas inclinações científicas. Quando sua mãe morre, em 1797, Humboldt, aos 28 anos, herda uma vultosa riqueza que usará para realizar seu sonho: conhecer o

⁴⁵ VANDELLI apud FERREIRA, Alexandre Rodrigues. Op. cit, p. 18.

mundo. Depois de alguns planejamentos fracassados, conhece Aimé Bonpland em Paris e os dois partem para a Espanha com a intenção de promover uma jornada para a América. Em Madri, depois de meses agenciando seus interesses - antes do fim do sistema colonial na América nenhuma pessoa que não fosse da metrópole e, mesmo esses precisavam de autorização, poderia viajar para a América, com raríssimas exceções - Carlos IV concedeu-lhes uma carta branca para viajar pelos territórios hispano-americanos, inteiramente às expensas de Humboldt. Os dois amigos zarparam para a Venezuela em 1799, onde ficaram mais de um ano para cima e para baixo no rio Orenoco. Rumaram para Havana em 1802 para organizar e enviar a enorme coleção de espécimes e plantas e, depois, rumaram por terra para o Peru para encontrar uma expedição francesa. Humboldt e Bonpland durante todo o período que permaneceram na América mantiveram contatos estreitos com intelectuais e cientistas crioulos e contrataram muita mão-de-obra nativa para coletar, desenhar, carregar e guiá-los. De Bogotá, atravessaram a cordilheira dos Andes e chegaram a Quito. Sua estadia de seis meses foi marcada pela tentativa de escalar o monte Chimborazo, então considerado o pico mais alto do mundo. Chegaram a 400 metros do cume de 6300 metros. Em fins de 1802 chegaram a Lima, já sabendo que não se encontrariam com os franceses. Navegaram para o México, onde ficaram mais de um ano explorando o rico acervo arqueológico nunca antes aberto para os não-espanhóis. Viajaram aos Estados Unidos, onde foram recepcionados por Thomas Jefferson. Em agosto de 1804 retornaram a Paris⁴⁶.

⁴⁶ Para a breve biografia aqui presente ver: PRATT, Mary Louise, op. cit, p. 203- 208. Algumas informações foram retiradas de uma cronologia que está no final do livro: PEDRAS, Lúcia Ricota V. *Natureza, Ciência e Estética em Alexander Von Humboldt*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003. Para a viagem de Humboldt e Bonpland temos uma boa descrição, mas sem analisar muito em: HELFERICH, Gerard. *O Cosmos de Humboldt: Alexander Von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

A partir de então, Humboldt começou a capitalizar rendimentos materiais e simbólicos entre toda a alta sociedade de vários países europeus, mas principalmente, na França. Humboldt se tornará uma celebridade continental: dava aulas, organizava encontros, freqüentava todos os salões aristocráticos e vai passar o resto da vida envolvido com o acervo amalhado durante a viagem. Sua primeira preocupação era converter suas coleções e notas em livros e, para isso, reuniu, aproximadamente, 115 pessoas: os melhores artistas (gravadores, desenhistas, pintores) do mundo na época. O portento editorial foi de trinta volumes editados em francês de 1814 a 1825. O trabalho gráfico, de imagem, revolucionou os relatos de viagem. Humboldt era um cientista extremamente preocupado com a questão estética, com a visualidade de suas idéias; sua ciência não separava o que é subjetivo do que é objetivo. O cientista deveria ser um pouco artista, a compreensão do mundo deveria ser total: envolvendo o mundo microscópico e o macroscópico, as estrelas e a Terra, o homem e as bactérias. Havia uma totalidade na natureza e a ciência deveria ter como objetivo máximo entendê-la. Influenciado pelo idealismo do Romantismo alemão o cientista-viajante elaborará uma concepção de descrição paisagística que se preocupava em montar, nos relatos de viagem, quadros descritivos o mais abrangente possível e que, conjugasse ciência e sentimento, observação e análises de dados científicos com a descrição pessoal do viajante. Tal concepção marcará todos os viajantes ao longo do século XIX e vários deixaram patente a influência estética e estilística do barão, quer seja de maneira direta, fazendo menção a ele, quer seja, indireta. Não temos a pretensão de aprofundar uma explicação da ciência de Humboldt e suas vinculações com seu tempo - notadamente, com o Idealismo alemão. Aqui apontaremos apenas o que for necessário para entendê-lo como um paradigma de viajante e escritor de viagem⁴⁷.

⁴⁷ Para o aprofundamento no assunto há poucos textos em português: os mais completos estão em alemão ou inglês, mas sugerimos: PEDRAS, Lúcia Ricota V. Op. cit. Um bom resumo dessa concepção

Antes de explicar melhor sua influência nos relatos de viagem oitocentistas, se faz necessário explicar sua importância na re-imaginação da América feita nas últimas décadas do século XVIII e primeiras do século XIX. Pois esta nova imagem circulou entre os americanos e europeus e servirá de tema para vários viajantes do XIX.

“[...] Sua jornada histórica e o monumento impresso que ela produziu estabeleceram as linhas para a reinvenção ideológica da América do Sul, operada nos dois lados do Atlântico, durante as tumultuadas primeiras décadas do século XIX [...] Ele foi celebrado tanto na América europeia quanto na Europa, e seus escritos foram a fonte de novas e seminais visões da América nos dois lados do Atlântico [...]”⁴⁸.

Humboldt dialoga com um processo que foi chamado “a querela das Américas”, disputa científica e intelectual que tomou conta da Europa nos séculos XVIII e XIX e versava, sobretudo, sobre a inferioridade ou superioridade das espécies naturais da América. Na verdade, estavam em disputa imagens positivas ou negativas da América, que vinham sendo forjadas e compartilhadas na Europa desde os descobrimentos; estava em disputa o estatuto de civilização da América: se essa era ou poderia, um dia, se tornar civilizada⁴⁹. Humboldt produziu uma inflexão nessa polêmica, fazendo ganhar força a imagem positiva da América. Essa imagem servirá, no momento do fim do

paisagística está em: PEDRAS, Lúcia Ricotta V. A paisagem em Alexander Von Humboldt: o modo descritivo dos quadros de natureza. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 97-114, junho/agosto 2000. Para a influência e importância de Humboldt ver: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Op. cit, v. 2, p. 20-24, 96-137; PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 195-247; LIMA, Luiz Costa. Alexander Von Humboldt: Descrição da Natureza e Experiência Estética. In: *Terra Ignota: a construção dos Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 219-231; LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1997, p. 39-46. O livro: LEITE, Miriam L. Moreira. *Livros de Viagem: 1803-1900*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997 o classifica como mentor intelectual da voga naturalista e de viagem do século XIX (p. 164-209). Do seguinte texto: KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/hscience/index-pont.htm> retiro a citação que Humboldt “[...]defende que impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica[...]” (p. 4).

⁴⁸ PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 195-196.

⁴⁹ Não pretendemos aqui explicar o que foi essa querela, para isso sugerimos o livro que faz um estudo dela: GERBI, Antonello. *O Novo Mundo: História de uma Polêmica (1750-1900)*. Trad. Bernardo Joffily. São Paulo: Cia das Letras, 1996. Para essas visões edênicas contrapostas às visões infernais, que circularam no imaginário europeu e americano, mais particularmente sobre o Brasil ver o clássico: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso: motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 2000. Para essas visões nos relatos de viagem ver: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Imagens do Brasil nas relações de viagem dos séculos XVII e XVIII. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 7-15, set/out/nov/dez 2000.

domínio colonial espanhol, para uma re-imaginação mútua entre América e Europa. Para as elites da Europa, a América foi re-imaginada como o lugar, novamente, de grandes possibilidades expansionistas - só que de outra forma, acompanhado o desenvolvimento do capitalismo mundial. Para as elites recém-independentes, fazia-se necessário imaginar a nação e o povo, e as construções imagéticas humboldtianas contribuíram em cheio para esse processo e, precisarão (as elites sul-americanas) ainda, re-imaginar as formas de relacionamento entre as populações européias e não-européias dos novos países. E como se deu essa reinvenção?

Simon Bolívar, líder de alguns dos principais movimentos de independência latino-americano, em carta para Humboldt de 10 de novembro de 1821, aponta o caminho. Ele diz de Humboldt: “[...] *um grande homem que, com seus olhos, arrancou a América de sua ignorância e, com sua pena, pintou-a tão bela quanto sua própria natureza [...]*”⁵⁰. A América do Sul foi reinventada enquanto natureza

“[...] Como sugerem os títulos de seus trabalhos, Alexander Von Humboldt reinventou a América do Sul antes de tudo enquanto natureza. No entanto, não como a natureza acessível, coletável, reconhecível, categorizável dos lineanos, mas como uma natureza dramática, extraordinária, um espetáculo capaz de ultrapassar o conhecimento e inteligência humano. Não uma natureza que senta e espera ser conhecida e possuída, mas uma natureza em movimento, impulsionada por forças vitais em grande parte invisíveis para o olho humano; uma natureza que apequena os homens, determina o seu ser, excita suas paixões, desafia seus poderes de percepção [...]”⁵¹.

Humboldt não foi o primeiro a construir imagens de natureza para a América, desde os relatos dos cronistas quinhentistas essa forma de imaginar a América estava presente. Sua importância aqui é a idéia de natureza que ele tinha e projetou sobre a América, que estará no imaginário dos viajantes da grande voga da primeira metade do século XIX. A natureza em Humboldt não é aquela que estamos acostumados a entender, não é só o meio natural, ela inclui o homem e todos os seus produtos. A

⁵⁰ BOLÍVAR apud PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 196.

⁵¹ PRATT, Mary Louise. Op. cit, p. 212.

cultura, a história se assimila à natureza. Nela, age uma harmonia vital que demonstra uma união entre as forças celestes e as forças terrenas. Para Humboldt, o entendimento, a cognição do mundo, não é feita só de maneira mental, teórica: é feita, sobretudo, através dos sentidos, sendo a natureza o campo onde se desenrola esse entendimento subjetivo/objetivo. A sua idéia primordial é a do cosmo todo conectado, ao contrário do mundo lineano, científico - na concepção especializante que se tornou dominante. A natureza deve produzir maravilhamento, deve excitar, não pode ser apenas categorizada e explicada de maneira lógica. A sensação de grandeza, de incognoscível, de deslumbre, provocada pela natureza e sua imagem correlata de pequenez do homem frente a ela, estarão presentes em todo o século XIX. Essa concepção de ciência e de natureza é romântica - propunha, ao contrário da ciência clássica, um conhecimento das partes a partir do todo, do simples a partir do complexo. Criticou a separação entre teoria e empiria, entre espírito e matéria, entre objetividade e subjetividade. A noção principal da ciência romântica seria organismo, todo o mundo teria uma unidade vital⁵².

“[...] Natureza que parece sempre, por mais que se a conheça e a desvende, reservar ‘um mistério’, revelando somente alguns de seus aspectos e guardando uma imagem vinculada à expectativa de novas descobertas, constituindo algo enigmático, por se conhecer e entender. Fica patente a insuficiência do intelecto, que procura vê-la de fora e dominá-la, pela subdivisão e sistematização em partes, como forma de tentar alcançar o seu entendimento como um todo [...] Natureza que tudo envolve, criadora, fora da qual nada parece possível ou pensável. Concepção romântica do mundo, que pode ser melhor compreendido pela poesia que pela ciência, mais pela intuição da alma que pela razão [...]”⁵³.

Para além dessa influência na representação da América, devemos destacar sua influência na literatura de viagem, no estilo das narrativas de viagem. Sua concepção

⁵² Não pretendemos aprofundar a concepção de ciência romântica, só realçar a vinculação de Humboldt. Nessa parte nos apoiamos nos livros: NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed. UNB, 2004. Principalmente no capítulo *Representando o mundo: entre natureza e civilização* p. 41-80 e PEDRAS, Lúcia Ricota V. *Natureza, Ciência e Estética em Alexander Von Humboldt*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

⁵³ NAXARA, Márcia R. C. Op.cit, 55-56.

paisagística de descrição da natureza tornou-se modelo para outros viajantes: esses deveriam ir além do meramente descritivo, ir além do acúmulo de dados científicos, deveriam captar o todo, o movimento de toda uma cena natural. Deveriam, num esforço enciclopédico, abarcar o máximo possível de áreas do conhecimento. Descrever, pintar uma paisagem era conectar o indivíduo com os outros indivíduos, e esses com o ambiente, com o meio desde o mais próximo ao mais afastado. Era explicar a fisionomia da natureza, a sua unidade.

“[...] Humboldt recomenda aos cientistas que não se deixem guiar pelos órgãos visíveis da reprodução, nem pelos involúcros florais ou frutos, mas pelos ‘traços que sobressaem e determinam a impressão geral produzida pelas grandes massas de vegetais’. Pretende, assim, reunir o que a botânica havia dividido. Também propõe o discurso na primeira pessoa, considerando que o observador experimental, vive e sente a natureza, para percebê-la [...]”⁵⁴.

É na grandeza da paisagem que o homem sentiria uma comoção diante do universo, identificando sua condição de parte de um grande organismo. O prazer estético é tão importante quanto o conhecimento científico, aliás, ele é condicionante na produção da ciência humboldtiana. Daí sua preocupação com o estilo da escrita, com a forma da narrativa, é o que ele chamava de “tratamento estético de objetos histórico-naturais”. Todos os viajantes após Humboldt se preocuparam com a transposição mais exata (cientificamente e sensitivamente) dos cenários vistos e vividos nas terras desconhecidas. Daí lançaram mão de efeitos literários não só para descrever, mas como uma forma de compensar para os leitores, que não viram e nem viveram, o prazer incomensurável provocado pela experiência com a natureza tropical. Belluzo (1994) em livro citado acima lista as influências, as ligações e as ações do Barão no cenário científico e das viagens na primeira metade do século XIX. Vejamos:

“[...] Dada a importância que o conhecimento da diversidade da natureza tropical apresenta para a ciência nesse momento, Humboldt estimula e

⁵⁴ BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes. Vol 2. Um lugar no Universo*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994, p. 24.

acompanha pessoalmente outras iniciativas. Mantém-se em contato com um número muito significativo de viajantes que se dirigem ao Brasil, induzidos indiretamente por sua obra ou diretamente por suas gestões, como comprovam as suas relações com Friedrich Sellow (1789-1831); a viagem de Carl Ferdinand Appun (1820-1871); o prefácio da edição inglesa da obra do príncipe Adalbert da Prússia (1811-1873); as recomendações de viagem feitas a Hermann Burmeister; a proteção que ofereceu a Robert Ave Lallemand (1812-1884); a relação que mantém com o pioneiro da geologia no Brasil, Von Eschwege, e com o autor da grande obra sobre a flora brasileira que foi Karl Von Martius; com o príncipe Maximilian Von Wied-Neuwied; com Auguste de Saint-Hilaire; Robert Hermann, Schomburgk; Louis Agassiz; Eduard Poeppig; Charles Darwin; Karl Von Steinen [...] reconhecimento de Humboldt a aquele que considerava o criador da arte de representação da fisionomia da natureza: Johan Moritz Rugendas, de quem incluiria um conjunto de desenhos brasileiros na reedição de sua Géographie des Plantes [...] Por recomendação de Humboldt, que esteve identificado com as aspirações da revolução francesa, o marquês de Marialva contrata Joaquim Le Breton para orientar a Missão Francesa ao Brasil. Ele também obtém apoio junto ao rei da Prússia para a vinda de Hildebrandt ao Brasil, já na metade do século XIX [...]"⁵⁵.

1.3.4. As viagens pelo Brasil no século XIX

Chegamos, então, na grande voga de viagens científicas para o Brasil da primeira metade do século XIX. Com a vinda da família real, os portos são abertos, e vai haver uma verdadeira corrida (científica, diplomática, econômica) para esse “continente” desconhecido chamado Brasil. Além disso, D. João VI e seus sucessores empreenderam uma política de aproximação estreita com os valores culturais do Velho Mundo, através do financiamento de pesquisas e estudos de brasileiros no exterior. Através de dezenas de facilidades para cientistas, artistas estrangeiros visitarem e permanecerem no novo país e através da fundação de centros de memória e ciência similares aos da Europa. Ou seja, a invenção de uma cultura e de uma identidade nacional.

⁵⁵ Idem, *ibidem*, p. 22-24.

Esses viajantes serão os modelos para essa invenção. A utilização dos relatos de viagem desse período já é bastante antiga na historiografia e em outros campos científicos ou literários. Há estudos críticos que versam sobre a ambigüidade inerente ao olhar desses viajantes carregado da bagagem iluminista ou romântica européia; há trabalhos que utilizam os relatos como documentos de uma época apostando na isenção de um olhar estrangeiro; há produções ficcionais que se baseiam em informações desses relatos, como, por exemplo, a literatura romântica; há trabalhos que abordam questões específicas de campos do conhecimento também específicos. Resumindo, esse período, que foi chamado de redescobrimto do Brasil, já foi por demais estudado⁵⁶. Não retomaremos aqui estes estudos, só destacaremos alguns momentos de viagem que estão relacionados com D. Pedro II.

Leite (1996) em texto já citado enfatiza que a produção escrita dos viajantes sobre o Brasil é “[...] *fruto também de exigências impostas pela expansão do capitalismo [...]*”⁵⁷. Seus autores ou são agentes diretos dos países imperialistas, como os diplomatas; ou do comércio global em expansão, como os muitos comerciantes ingleses; ou são cientistas que enchem os organismos científicos europeus de amostras da vida tropical; ou, ainda, pessoas que viajam porque a expansão das comunicações entre os países tornou isso possível. Leite (1996) aponta três momentos dessa produção: o primeiro, sob a influência e o exclusivismo português - dos séculos XVI ao XVIII; o

⁵⁶ Uma lista, mesmo que mínima, dá a idéia da variedade (de temas, de datas e de abordagens) de estudos que utilizam esses viajantes: LEITE, Ilka Boaventura. Op.cit; LEITE, Miriam L. Moreira. Op. cit; SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990; OBERACKER, Carlos. Viajantes, Naturalistas e Artistas Estrangeiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 1º Volume: O Processo de Emancipação. São Paulo: Difel, 1965, p. 119-131; HARTMANN, Telka. *A Contribuição da Iconografia para o Conhecimento de Índios Brasileiros do Século XIX*. São Paulo, Coleção Museu Paulista, 1975; FERREZ, Gilberto. *O Brasil de Thomas Ender, 1817*. Rio de Janeiro, Fundação João Moreira Salles, 1976; LEITÃO, C. de Mello. *História das Expedições Científicas no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1941; LISBOA, K. M. Op. cit; BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. Op. cit; Guimarães, Manoel L. S. História e natureza em Von Martius: esquadrinhando o Brasil para construir a nação. *História, Ciências, Saúde — Manguinhos*, vol. VII (2), jul.-out. 2000, pp. 389-410.

⁵⁷ LEITE, Ilka Boaventura. Op.cit, p.40.

segundo, sob a influência européia -século XIX, sobretudo britânica num primeiro momento e, depois, mais para o final do século, norte-americana; o terceiro, sob influência norte-americana - século XX. A autora se concentra no século XIX, nós também. Antes da abertura dos portos em 1808 o sistema colonial português barrava a entrada de estrangeiro no Brasil, o que provocou um número reduzido de escritos viajantes. Estes foram elaborados em situações ocasionais movidos por contatos portuários em caso de naufrágio, como é o caso de Hans Staden; por invasões de território e tentativas de colonização como é o caso de Jean de Léry e André Thevet narrando a tentativa frustrada da França Antártica e missões religiosas como é o caso de frei Gaspar da Madre de Deus que deixou uma memória sobre a capitania de São Vicente.

“[...] Pode-se concluir, portanto, que esse período apresentou uma produção marcada pelo exclusivismo, pela descontinuidade no tempo e no espaço e pela clandestinidade, devido à restrição à divulgação de informações sobre o Brasil, pela Metrôpole. O que se percebe, entretanto, é que apesar das restrições, as informações transmitidas visavam sempre orientar a empresa colonizadora sobre as riquezas naturais, ou sobre a melhor maneira de submeter os habitantes nativos [...]”⁵⁸.

Os viajantes-burocratas do Reformismo Português, que falamos acima, se enquadram neste período. Chegando o século XIX falaremos de um período e um ambiente político-intelectual mais próximo do nosso marco temporal, com o qual compartilha os horizontes e as expectativas.

O IHGB, importante centro intelectual do Império Brasileiro, teve como política constante o patrocínio de viagens científicas pelo interior do país. Tal instituição - da qual D. Pedro II além de sócio era ativo participante e financiador - foi responsável, junto com outras (instituições e pessoas), por formular a idéia de nação do Império, por

⁵⁸ Idem, ibidem, p. 44.

buscar as fontes da nossa nacionalidade⁵⁹ Para tal fim as viagens científicas se prestaram, principalmente mapeando o território e a população, fazendo-os conhecido. As viagens científicas e suas decorrentes práticas estavam intimamente relacionadas com a colonização das terras desconhecidas de nosso território. Ferreira em artigo na revista *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* afirma que a história natural era, grosso modo, a principal disciplina praticada nessas viagens e, ela era sustentada pelo nacionalismo e o imperialismo, como acima explicamos. Para os viajantes e comissões patrocinados pelo IHGB, como as do Cônego Benigno, da Comissão Científica de 1859 e de Couto de Magalhães essas viagens:

“[...] seriam importante por três razões. Em primeiro lugar, permitiriam a construção de um saber para conjurar os conflitos que ameaçavam a divisão do Império. Em segundo lugar, possibilitariam a coleta de novas fontes para a escrita da história do Brasil, a reunião das imagines maiorum, dos vestígios de civilização e monumentos históricos, capazes tanto de fixar as fronteiras nacionais, como de traçar uma genealogia da Nação. Por fim, as viagens arqueológicas, em seu percurso errante, esquadrihariam a geografia e as populações indígenas das províncias visitadas. Numa palavra, o território nacional, as populações indígenas foram os objetos diletos de inquirição [...]”⁶⁰.

⁵⁹ Não retomaremos aqui esta discussão da construção nacional do Império através de suas instituições, só queremos apontar que o universo da ciência coligada com a política presente nos relatos de viagem não era estranho ao Imperador, muito pelo contrário, ele financiou uma série destas viagens. Para o IHGB e a construção da história e da historiografia nacionalista do XIX junto com o papel fundamental exercido por D. Pedro II ver: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988; GUIMARÃES, Lúcia M. Paschoal. “Debaixo da imediata proteção de Sua Majestade Imperial: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838-1889)”. *RIHGB*, Rio de Janeiro, n. 388, 1995. Para as ciências e a historiografia romântica, inclusive com suas críticas, e seu papel na formulação nacional ver: GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. *Nação e Civilização nos Trópicos. Rio de Janeiro: Vértice*, 1988; LOPES, Maria Margaret. *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec, 1997; KURY, L. Ciência e Nação: Romantismo e História Natural na obra de E. J. da Silva Maia. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 276-91, jul/out 1998; SÁ, Magali Romero. O Botânico e o Mecenaz: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, supl, janeiro 2001. Para as viagens científicas do IHGB ver: FERREIRA, Lúcio Menezes. Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, abril/junho 2006; DOMINGUES, Heloísa M. Bertol. As Ciências Naturais e a Construção da Nação Brasileira. *Revista de História*, São Paulo, n. 135, p. 41-59, 1996. Para uma perspectiva comparada entre as instituições científicas, só que no caso o Museu Nacional ver: LOPES, Maria Margaret. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 55-76, 2001.

⁶⁰ FERREIRA, Lúcio Menezes. Op. cit.

Ao tempo de D. Pedro II não se pode pensar a ciência desligada da ideologia nacional formulada pelo Romantismo desde finais da década de 1840. Essa ideologia foi buscar nos viajantes coloniais e nos estrangeiros, que passaram pelo país nas primeiras décadas do século, os seus temas e suas formas. A ciência natural desses viajantes será parte dessa ideologia, será elemento forte na construção imagética da nação, na qual D. Pedro II não só era figura central, mas também, mecenas. O Romantismo, a parte cultural desse processo, ao louvar a natureza e os índios brasileiros como os elementos definidores da nacionalidade, incluirá o discurso dos naturalistas-viajantes⁶¹. O olhar do viajante, do de fora era tomado como autoridade, conferida pela ciência européia. Era tido como “melhor” primeiro porque vinha de fora, estava fora do jogo das paixões locais, segundo porque era europeu, ou seja, trazia consigo toda uma cultura tida como superior. Nesse contexto chega ao Brasil o viajante Hartt (1840-1878) que tomaremos como representante de um momento de transição, seguindo a trilha de Freitas, e para mostrar o ambiente científico e de viagem à época do nosso objeto.

Hartt foi pupilo de Agassiz (que privou de um contato estreito com o Imperador) e o acompanhou na viagem de 1865-66 ao Brasil. Depois desta viagem faria mais algumas viagens ao país até se estabelecer definitivamente em 1874 para dirigir a Comissão Geológica do Brasil até sua morte em 1878, que culmina também com a morte da Comissão. Hartt contou com o apoio do Imperador enquanto durou a Comissão. Hartt está no momento de transição de uma ciência romântica, com uma visão mais holística para uma ciência que apostaria com sucesso na especialização. Hartt está no momento em que o edifício montado pelo Romantismo e pela política de Conciliação começava a dar seus sinais de ruptura⁶². Hartt e seus textos têm um poder de síntese entre toda a tradição de narrativa de viagem e a observação científica. Até ele,

⁶¹ FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt: Um Naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002, p. 35-46.

⁶² Idem, *ibidem*, p. 42-46, 70.

o naturalista se misturava com o viajante como viemos apontando aqui desde Humboldt, ele tem em sua formação um forte apelo pictórico: ele não só convivia com pintores e se preocupava com estes aspectos da representação científica, como também, era um pintor. Ele também dialoga com toda uma tradição literária e viajante do Romantismo, possui, ao fim, uma visão romântica da ciência⁶³, visão essa compartilhada pelo meio em que vivia D. Pedro II. As narrativas literárias e científicas retomadas pelo Romantismo brasileiro ou por ele criadas eram leituras conhecidas por D. Pedro II. Seus procedimentos narrativos, seus temas prediletos, como a descrição de paisagens, suas elaborações sobre o pitoresco e sobre o sublime não eram desconhecidos do Imperador. É esse o horizonte de relatos de viagem, de ciência conhecido e, muitas vezes incentivado, por D. Pedro II quando vêm a Minas Gerais. A morte de Hartt em 1878 é um emblema dos conflitos vivenciados a partir da década de 1870: de um lado, D. Pedro II acreditando e divulgando o ideário nacionalista de conciliação e, de por outro lado, toda uma série de demandas e forças sociais pressionando o Império⁶⁴. Mas no momento da viagem a Minas o Imperador ainda se sentia bastante forte e capaz de levar adiante todo esse projeto político-científico que já estava a caminho a algumas décadas.

“[...] pode-se dizer que a Conciliação, ao dar a estabilidade política necessária ao alargamento dos horizontes do país, forjou a sua própria destruição, pois o crescimento social e econômico fez brotar novas demandas, vindas de novos grupos, agora com espaço político [...] Ao mesmo tempo, o Imperador, aparentemente alheio a esses sinais do tempo, lutava para manter o país sob a sua total inspiração [...] Mais do que nunca, Pedro II estava empenhado em construir e simbolizar uma nação moderna, onde as artes e as ciências dessem o tom [...] Os anos que vão de 1871, com a subida de Rio Branco, a 1878, com a ascensão dos Liberais – depois de dez anos fora do governo – foram marcados por essas pressões vindas de dois flancos. Por um lado, o Imperador tentando imprimir sua marca política, expressa sobretudo na construção do ideário nacional; por outro o crescente desejo de reformas, expresso pelos novos segmentos urbanos, sejam os ideólogos da república, os abolicionistas, os jovens oficiais do exército, os profissionais liberais ou os cientistas [...]”⁶⁵.

⁶³ Idem, ibidem, p. 77-112.

⁶⁴ Idem, ibidem, p. 183-190.

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 185.

A viagem a Minas Gerais, como veremos no próximo capítulo, fazia parte desse empenho maior do Imperador em construir uma sociedade calcada na ciência e nos desenvolvimentos técnicos correlatos, fazia parte da luta para manter sua marca e sua direção na política do país.

Concluindo esse capítulo gostaríamos de frisar alguns pontos no entendimento de D. Pedro II como um viajante, que foi o principal objetivo do texto até aqui. Viajar é uma maneira de dilatar espacialmente a presença do Estado Imperial no território do país, há, poderíamos, dizer, uma política da viagem. Tal como falamos acima da literatura de viagem como arma imperialista, como uma das formas de se imaginar a relação entre o imperialista e o império, o fato do Imperador se deslocar com frequência pelo seu Império também é uma arma imperialista, também é uma forma de se criar uma imagem do Imperador para seus súditos e uma de seus súditos para o Imperador. E D. Pedro II não viaja sozinho, é acompanhado por toda uma tradição literária, cultural, científica que está expressa, entre outros lugares, na relação intertextual com Saint-Hilaire presente no Diário, no seu interesse estreito com a Escola de Minas e na sua vigilância administrativa. Na bagagem a Minas ele traz toda uma experiência de 40 anos de governo, de já duas grandes viagens internacionais e de várias outras pelo seu Império. Traz consigo suas crenças românticas na ciência e na sua capacidade de transformar o mundo. Traz consigo todo um interesse por todos os ramos das ciências naturais, mais particularmente no caso de Minas, na geologia e na mineralogia. Traz consigo toda um série de viajantes que fazia parte de suas leituras ou, ainda, do universo cultural do Romantismo brasileiro. Traz consigo a imagem de um monarca-cidadão despojado de traços majestáticos, de um rei que “[...] *Nas visitas que fazia às províncias, d. Pedro II se irritava e desaprovava os grandes rituais. “Consta que S. M.*

mandou remeter às presidências toda a economia no seu recebimento, pois evitava o aparato oficial e as despesas particulares [...]”⁶⁶.

Esse cidadão, portanto, deveria conhecer seus concidadãos viajando pelo seu Império e deveria conhecer, também, as “maravilhas” do Velho Mundo trazendo para o país tudo que significasse avanço técnico e científico. Tal como o Imperador fez várias viagens pelo interior do seu Império no final da década de 1840 e na década de 1850 com o firme propósito de firmar sua representação num momento de consolidação da unidade política e territorial do Império, agora, nas décadas finais do regime imperial, ele, também, viaja com propósitos semelhantes: reafirmar a imagem de unidade política em sua pessoa neste momento que ela sofria seus mais fortes abalos, vindos de várias forças sociais que pretendiam modificar a estrutura social, econômica, política e cultural do governo Imperial. Viajava, também, para o exterior, para adicionar à sua imagem e à imagem de seu governo a marca da cultura européia, o que, também, tentava contribuir para deter a montante de críticas que seu governo começava a sofrer.

“[...] Em meio a um jogo político e simbólico, a itinerância do soberano reafirma seus direitos, legitimava seu poder e apropriava o espaço e as fronteiras. A própria construção de fronteiras revela-se como uma prática de identidade, elemento fundamental na representação desse território tão amplo e afeito ao perigo da descentralização física e política [...] O ritual ajuda a inscrever, portanto, uma cartografia oficial [...]”⁶⁷.

No segundo capítulo acompanharemos a viagem a Minas através do Diário e de alguns jornais e teremos a chance de aprofundarmos na questão da bagagem do Imperador, nos seus interesses e o que o levava a Minas Gerais em 1881.

⁶⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 321.

⁶⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Império em Procissão: Ritos e Símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed, 2001, p. 19-20.

Capítulo 2: A Viagem a Minas, março e abril de 1881.

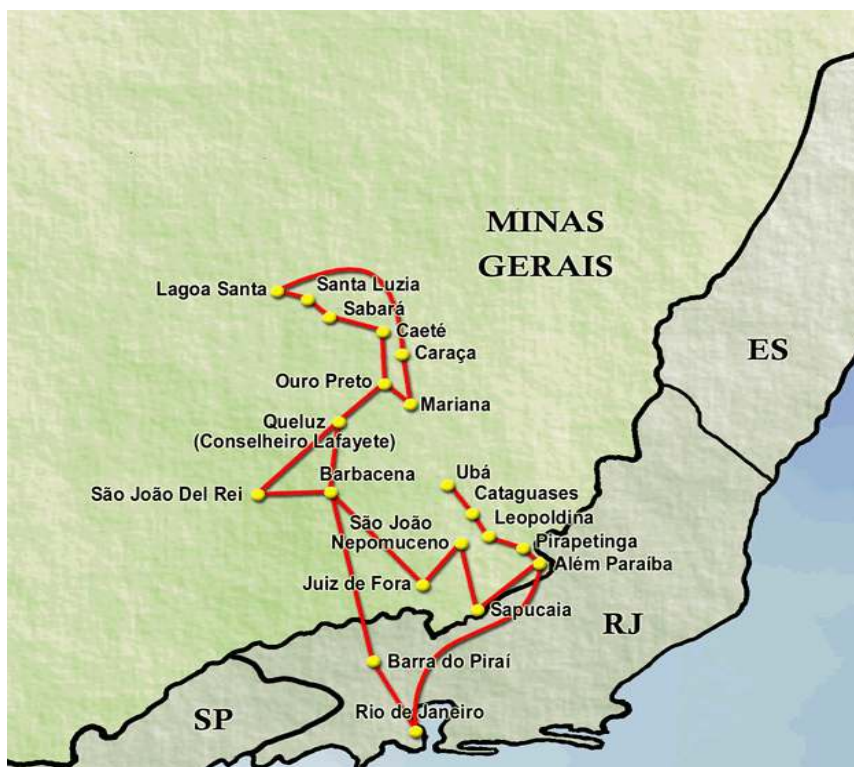
*Como é o lugar
quando ninguém passa por ele?
Existem as coisas
sem ser vistas?*

(Carlos Drummond de Andrade, “A suposta existência”).

“Sempre me ocupei das vias de comunicação de todas as espécies no Brasil”.

(D. Pedro II no texto Fé de Ofício).

2.1. Da Corte a Barbacena



Mapa da Viagem de D. Pedro II por Minas em 1881. Retirado do Cd’Rom: BEDIAGA, B. (org).
Diário do Imperador D. Pedro II. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

A viagem imperial começa no dia 26 de março de 1881, um sábado. Às 6 horas da manhã parte o trem especial da Estrada de Ferro D. Pedro II da estação de São Cristóvão. Fazia parte da comitiva, além do próprio D. Pedro II, a imperatriz D. Teresa Cristina, sua dama de honra Maria Cândida de A. V. de Figueiredo, o veador-mor José Caetano de Andrade Pinto, o camareiro-mor Barão de Nogueira da Gama, o médico pessoal do Imperador Barão de Maceió, o conselheiro José Rodrigues de Lima Duarte, ministro da Marinha, o conselheiro Manuel Buarque de Macedo, ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, além de criados. Além desse núcleo que acompanharia todo o percurso viajavam, também, os jornalistas-correspondentes J. Tinoco pelo **Jornal do Commercio**, Julio de Vasconcellos pelo jornal **Cruzeiro** e José Carlos de Carvalho da **Gazeta de Notícias**. Ao longo da viagem outros jornalistas dos periódicos provinciais se acrescentariam à comitiva. Estavam presente no trem especial, ainda (mas não acompanhariam a comitiva), José Antônio Saraiva, chefe do governo e ministro da Fazenda; Manuel Pinto de Sousa Dantas, ministro da Justiça; Francisco I. M. Homem de Melo (depois Barão Homem de Melo) e Martinho A. da Silva Campo, presidente da província do Rio de Janeiro.

O trem pára na estação de barra do Piraí, entroncamento de onde a EF DP II¹ se reparte em dois ramais -um vai para São Paulo, outro adentra Minas-, a comitiva almoça e os ministros e mais o presidente do Rio retornam para a Corte. A viagem continua galgando a serra da Mantiqueira, grande obstáculo às comunicações com a região central de Minas tendo sido um prodígio da engenharia vencer suas montanhas. Por volta das 16 horas chegaram em Barbacena, primeira grande parada em Minas.

¹ Nomearei a Estrada de Ferro D. Pedro II assim a partir de agora.

Aqui temos a descrição que o jornal **A Actualidade**² do dia 30 de março de 1881 faz da chegada:

“[...] as corporações estavam representadas, e entre ellas distinguão-se a camara municipal e a comissão nomeada pela presidência para receber os Augustos Viajantes [...] As ruas estavam ornadas de vistosos arcos, bandeirolas, galhardetes, e esmeradamente aceiadas. Durante a noite a iluminação produzia um efeito deslumbrante e sobressaíam as bandas de musica, que tocarão em um coreto e percorrião as ruas [...]”³.

Na passagem temos uma breve descrição de um procedimento comum às vilas e cidades por onde passava a comitiva: a festa de recepção. Nesta recepção parece ecoar antigas práticas festeiras. Nas sociedades de Antigo Regime era muito comum - quando o rei, ou uma autoridade por ele designada, viajava para visitar vilas que não fosse a capital - a organização de uma festa de recepção chamada entrada régia⁴. Festa que marcava e fazia representar para todos um acordo entre o poder central e o poder local. As corporações, as agremiações e os órgãos públicos elaboravam todo um cerimonial que servia para firmar a vassalagem ao rei, mas, também, para marcar o seu poder e fazer representar a hierarquia social local. O rei era visto e, portanto, aclamado e marcado na memória; e o rei se avistava com àqueles que deveriam ser distinguidos na sociedade local e, portanto, reproduzindo a ordem social⁵. Esse duplo

² Jornal oficial do Partido Liberal editado em Ouro Preto três vezes por semana. No seu devido tempo, neste capítulo, discutiremos a cobertura jornalística. Referência na Hemeroteca Pública de Minas Gerais: **JOP 03**.

³ Jornal **A Actualidade**, 30 de março de 1881, nº 33, p. 3.

⁴ Sobre as entradas régias ver: ALVES, Ana Maria. *As Entradas Régias Portuguesas: Uma Visão de Conjunto*. Lisboa: Ed. Livros Horizontes, s.d. Livro que explica as entradas régias da Idade Média até o fim da Idade Moderna quando elas declinam junto com o Antigo Regime. O livro: JANCSÓ, István., KANTOR, Íris.(orgs) *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: HUCITEC: ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. 2 vol traz alguns artigos sobre o tema, tais como: *Etiqueta e Cerimônias Públicas na esfera da Igreja (séc. XVII-XVIII)* de José Pedro Paiva (p. 75-94); *Entradas Solenes: Rituais Comunitários e Festas Políticas, Portugal e Brasil, séculos XVI e XVII* de Pedro Cardim (p. 97-124); *Entradas Episcopais na capitania de Minas Gerais (1743 e 1748): A Transgressão Formalizada* de Íris Kantor (169-180).

⁵ Essa relação rei-municipalidade é apontada em todos os textos citados na nota acima. Vejamos: “[...] a entrada solene era a festividade que assinalava a primeira vez que o monarca se deslocava a uma determinada cidade, e por isso mesmo esperava-se que tal ocasião fosse assinalada por uma recepção condigna, a qual envolvia um reconhecimento recíproco: da parte da cidade, por meio da festa as autoridades citadinas demonstravam que reconheciam esse monarca, apresentando-se dispostas a acolhê-lo e a obedecer-lhe [...] da parte da realeza, o fato de comparecer na festa e de aceitar as galas

jogo do poder vai estar presente em todas as recepções feitas para a comitiva imperial. Ainda que as festas de recepção a D. Pedro II se distinguiam das entradas régias, verifica-se a persistência de certos modos de festejar a autoridade real. Este é o caso da participação da Câmara Municipal e dos potentados locais.

Depois de decidida a viagem o governo central avisava o presidente da província que ficava encarregado de avisar as câmaras que, por sua vez, eram responsáveis pela organização e de avisar toda a população. Vemos na passagem acima do jornal que se destaca a comissão da Câmara de Barbacena e a comissão enviada pelo presidente da província, que as ruas estavam adornadas e iluminadas - procedimento que se repetirá nas outras cidades que a comitiva passar. A Câmara anunciava antecipadamente em editais pregados em locais públicos e publicados em jornais a chegada da comitiva, estipulava o caminho da comitiva dentro da localidade para a população acompanhar, pedia para a população adornar as ruas. Ela ainda criava comissões de organização e financiamento das festas.

Esses editais de convocação da população - dois de chegada e um de retorno - não possuem diferenças de escrita a não ser aquelas que dizem respeito a particularidades da cidade: dois da Câmara de Ouro Preto (chegada e retorno) e o da Câmara de São João Del Rei. Transcrevemos o de Ouro Preto:

“A camara municipal desta Imperial cidade do Ouro Preto, possuída de prazer e do maior jubilo, faz publico, que no dia 30 do corrente mez, aqui, chegarão SS. MM. Imperiaes, fazendo sua entrada pelo caminho do Funil, ruas do Ouro Preto, Gloria, Rozario, Tira-Dentes, São José, Contos, Bobadella e Praça, indo hospedar-se no palácio da Exm^a presidência. Por tão feliz e agradável motivo, a camara congratula-se com todos os habitantes d’esta cidade, e os convida para receberem SS. MM, pedindo que se dignem de ornar suas casas, alcatifando de flores as ruas, e illuminado-as nas noites

que a cidade organizava era um sinal claro que reconhecia os direitos da corporação urbana, e de que estava disposta a governar sem jamais perder de vista os foros camamários [...] A entrada, organizada em parte pela cidade e em parte, pela Casa Real, transmitia uma certa noção de colaboração e de interdependência entre as diversas entidades políticas presentes na festa, e a antiguidade dessa cerimônia, por sua vez, recordava que tal interdependência estava em vigor desde há muito, e que não convinha alterá-la[...].” In: CARDIM, Pedro. Op.cit, p. 97-102.

de 30, 31 do corrente e 1º de Abril próximo futuro. E para que chegue a noticia a todos, se expede o presente, que será affixado no lugar de costume, e publicado pela imprensa. Paço da camara municipal do Ouro Preto 22 de Março de 1881 O presidente Domingos de Magalhães Gomes”⁶.

Quanto às comissões eram constituídas dos próprios vereadores ou dos potentados locais. Temos as atas das sessões da Câmara de São João Del Rei onde seus vereadores discutem a criação da comissão e criam-na entre eles mesmos⁷. Quanto aos gastos é impreciso afirmar com exatidão a não ser o que retiramos dos dois jornais **A Província de Minas** e **A Actualidade** que eram inimigos políticos e entraram numa polêmica justamente sobre os gastos⁸. Mas podemos afirmar, com certeza, que o caixa da província era a grande fonte da renda gasta em tudo que envolveu a passagem da comitiva por Minas. Muitos particulares, também, desembolsaram dinheiro para arrumar suas casas e propriedades por onde passou a comitiva.

As festas em Minas já não tinham toda a pompa das entradas régias típicas de uma sociedade de Antigo Regime. Primeiro, porque o próprio Imperador fazia questão de viver de uma maneira austera e sem esbanjamento. Segundo, ainda que o governo imperial em vários momentos tenha reaproveitado rituais típicos da sociedade de corte europeia, o Brasil constitucionalmente era uma monarquia liberal. Éramos uma monarquia tropical que adequava seu discurso visual aos elementos americanos e

⁶ Jornal **A Província de Minas** 27 de março de 1881 n° 40 p. 3. O **A Actualidade** publicou esse mesmo edital no dia 24 de março de 1881 n° 29. O de Ouro Preto do retorno dia 18 foi publicado no **A Actualidade** 9 de abril de 1881 n° 35 p. 4 e no **A Província de Minas** 10 abril de 1881 n° 43 p. 4. O jornal **O Arauto de Minas** 6 de abril de 1881 n° 5 p. 3 publicou o de São João Del Rei

⁷ Ver a Sessão extraordinária de 19 de março de 1881, presidida por Carvalho Mourão, da pasta documental **ATA SES 37** no *Fundo Arquivo da Câmara Municipal de São João Del Rei* na Biblioteca Municipal da mesma cidade.

⁸ Para os gastos no Diário não há nenhuma menção direta, apenas inferimos pelas várias ações administrativas do Imperador que os caixas dos governos provinciais e municipais foram os mais gastos. Os dois periódicos de Ouro Preto publicaram algumas listas enviadas pela fazenda provincial e por várias cartas de políticos, autoridades municipais discutindo os valores. A discussão é invariavelmente o **A Província de Minas** contestando os valores do **A Actualidade**, detratando figuras locais importantes do partido Liberal. Quase todos os números aqui consultados trazem partes dessa polêmica.

nascemos, enquanto regime monárquico, no momento de decadência dos regimes de monarquia absolutista. D. Pedro II, em 1881, há muito se apresentava mais como um burguês “esclarecido” do que como um D. João V, já havia extinto o beija-mão, deixava claro que fazia questão que não se gastasse demasiadamente com suas viagens, que não fizesse deslocar as pessoas de suas atividades públicas e privadas para o recepcionar⁹. Exemplo disso é a comissão que o presidente da província enviou para Barbacena - composta de vários chefes de repartições públicas - e que D. Pedro II, no Diário, expressa seu pesar com o tempo em que estão afastados de seus serviços e os manda de volta para Ouro Preto¹⁰. Exemplo desse ritual sem pompa que D. Pedro II fazia questão é o fato de que o Imperador dispensou o pátio - muito usado nas entradas régias - e seguiu da estação de trem em Barbacena de “carro” (algum veículo puxado a cavalo). “[...] *Quiseram que eu viesse até casa debaixo de pátio. Escusei-me por não ser a primeira vez que visito Barbacena. Segui devagar em carro [...]*”¹¹. Já que mencionamos os jornais, passemos a analisá-los.

2.2. Cobertura Jornalística

Os jornais da província mineira e os da Corte são usados aqui com dois propósitos: um, de auferir dados sobre o dia-a-dia da viagem e, outro, como indicativos

⁹ No fascinante trabalho **As Barbas do Imperador** Lília Schwarcz, como já apontamos no primeiro capítulo, faz a análise de um conjunto documental imagético enorme sobre a monarquia tropical de D. Pedro II, apontando as várias construções representacionais ao longo de seu reinado, demonstrando o papel forte que o próprio D. Pedro II teve na fixação e perpetuação de sua memória.

¹⁰ Ver: Diário volume 24 p. 2 do manuscrito. O Cd’Rom, editado pelo Museu Imperial, possui as duas cadernetas manuscritas digitalizadas e a transcrição. A partir de agora quando se referir ao manuscrito referenciaremos da maneira acima. Quando se referir à transcrição escreveremos da transcrição. Usamos, também, ao longo da pesquisa, como consulta a edição: VIANA, Hélio. Diário da Viagem do Imperador a Minas (1881). *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 18, p. 67-118, 1957.

¹¹ D. Pedro II no diário volume 24 p. 2 do manuscrito. A casa que ele fala é a do visconde de Prados (elevado a conde depois da viagem), Camilo M. F Armond (1815-1882) onde ele se hospedou em Barbacena.

dos objetivos da viagem, tanto da parte do governo quanto da população representada nos jornais e, também, das repercussões simbólicas e materiais da viagem. Podemos dizer que os jornais fazem parte de todo o investimento simbólico e político que as províncias visitadas colocam na figura do Imperador: o dissenso e os conflitos não podem aparecer - eles são mascarados - e o povo sempre recebe D. Pedro II com vivas e entusiasmo. Os jornais provinciais, no século XIX, eram, na sua grande maioria, facciosos, eram representantes dos dois partidos políticos ou lançados em momentos específicos de discussão política. Muitos já colocavam no próprio título sua vinculação política, como é o caso dos aqui analisados. Não podemos, portanto, considerar jornais como documentos isentos dos anseios de grupos políticos provinciais e de suas esperanças depositadas na visita imperial.

Os periódicos que acompanharemos a cobertura são: dois jornais oposicionistas e porta-vozes de cada um dos partidos imperiais na província de Minas: o **A Província de Minas** e o **A Actualidade** e, ainda, a **Revista Ilustrada** do Rio de Janeiro por ter dado uma especial atenção a essa viagem.

O primeiro desses jornais era redigido e de propriedade de José Pedro Xavier da Veiga, importante figura conservadora na província. Era publicado uma vez por semana e saía aos domingos. Tinha no subtítulo órgão oficial do Partido Conservador. Foi publicado de 1879 a 1889 sendo substituído pelo **A Ordem**, que se tornará em Minas o representante dos antigos conservadores durante os primeiros anos do regime republicano¹².

O segundo destes jornais era o órgão oficial do Partido Liberal editado em Ouro Preto três vezes por semana. De propriedade de J. E. da Silva Campos e Carlos Gabriel Andrade. Esse último abrigará parte da comitiva quando de sua passagem por Ouro

¹² Referência na Hemeroteca Pública de Minas Gerais: **JOP 50**. Para essas informações sobre esse jornal ver: ALVES, Lúcia Maria. *Jornais de Ouro Preto: 1823-1897*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1970.

Preto e participará ativamente da organização da recepção ao Imperador na capital. Não podemos esquecer que os jornais são importante veículo de organização, preparação da viagem e de reprodução e perpetuação das ações de determinado grupo envolvido nessa viagem. Esse jornal é a voz oficial do governo mineiro à época, já que o presidente da província Graciliano A. do Prado Pimentel era do Partido Liberal (quem exercia interinamente a presidência era o vice, também liberal, José Francisco Netto). Portanto ele veicula a imagem daqueles que estavam organizando a recepção ao Imperador. Esse jornal começava sempre, a não ser no número especial sobre a visita imperial, com as atas das sessões da Assembléia Legislativa Provincial. Tinha invariavelmente quatro páginas. Foi publicado de 1878 a 1882, sendo substituído pelo **Liberal Mineiro** como órgão do partido liberal¹³.

Já a **Revista Ilustrada** era redigida por Ângelo Agostini no Rio de Janeiro entre as décadas de 70 e 90 do século XIX. De formato menor que o jornais acima compunha-se de textos leves, de crônicas literárias e sobre atualidades e normalmente três ou quatro páginas de ilustrações. A segunda metade do século XIX assistiu no jornalismo a uma voga de periódicos ilustrados com forte caráter satírico em relação ao governo e às figuras proeminentes do momento. A Revista Ilustrada faz parte desse movimento que teve no Brasil forte presença. O próprio Ângelo Agostini participou de outros empreendimentos do tipo, como a **Semana Ilustrada**. O italiano Ângelo nasceu em 1843 em Vercelli no Piemonte Italiano. Após estudar Belas-Artes em Paris por um breve período desembarca no país com 16 anos acompanhando a mãe, cantora lírica que tinha se casado com um fazendeiro paulista. Foi na São Paulo de 1860 que começou sua carreira como caricaturista. Em 1868 muda-se para o Rio acompanhando o caminho mais corriqueiro de vários artistas no século XIX, buscando na Corte visibilidade e

¹³ Referência na Hemeroteca Pública de Minas Gerais: **JOP 03**. Para essas informações sobre esse jornal ver: ALVES, Lúcia Maria. Op. cit.

projeção. No Rio colaborou em várias publicações como a **Vida Fluminense** e a **Mosquito** até que em janeiro de 1876 lança a **Revista Ilustrada** que acompanhou todos os movimentos de contestação à ordem imperial, principalmente o Abolicionismo. Joaquim Nabuco classificava-a como “a Bíblia da Abolição para os que não sabem ler”. Ângelo praticava, além da caricatura, a fotografia e a pintura. Entre 1888 e 1895 viveu na Europa, encerrando as atividades da revista. O grande assunto da Revista Ilustrada sempre foi a imagem da política no Império, ela mostrava políticos, funcionários e o próprio Imperador de maneira cômica, fazia rir a imagem de ordem e estabilidade do regime. A Revista que se caracteriza por produzir a imagem cômica do regime contribuiu para o ataque à representação harmônica do Império e do Imperador, para a desmontagem do edifício ideológico-cultural que, com a viagem, o governo e D. Pedro II batalhavam para manter em pé, como já apontamos na introdução. As imagens cômicas serviram de instrumento para a crítica dessa representação¹⁴.

O jornalista José Carlos de Carvalho da **Gazeta de Notícias** também colaborava com a Revista Ilustrada e essa fez uma cobertura da viagem, tendo produzido um número substantivo de ilustrações sobre a mesma. A Revista explorou, dentro do seu tom crítico e satírico, as várias quedas de cavalo que o Imperador teve ao longo da viagem¹⁵.

Para a cobertura, ainda temos o jornal de São João Del Rei, **O Arauto de Minas**. Esse jornal tinha o subtítulo *Hebdomadário Politico, Instructivo e Noticioso*. Era o veículo oficial do Partido Conservador na cidade. Seu redator era Severiano Nunes Cardozo de Resende e o editor Antonio Patrício de Paula Fonseca. Como o

¹⁴ Para esses dados biográficos sobre Agostini e sobre seus empreendimentos ver: BORGES, Augusto Carvalho. “Esse gargalhar quem em tudo se desdobra”: do significado das imagens cômicas de Ângelo Agostini na crise no império de Pedro II. Monografia de conclusão de curso apresentada no departamento de História da UFMG. Belo Horizonte, 2005, p. 12-18. Essa monografia desenvolve a noção de que a imagem cômica da Revista contribuiu para um processo maior de crise da representação, o que estamos mencionando acima.

¹⁵ A revista se encontra encadernada na Hemeroteca Pública de Minas Gerais, onde foi feita a pesquisa.

próprio subtítulo já anuncia era semanal e circulou de 1877 a 1883. Foram consultados do número quatro de 26 de março de 1881 ao número dez de 14 de maio do mesmo ano¹⁶

Os jornais de Ouro Preto elaboraram um número especial sobre a visita imperial. A edição especial do **A Província de Minas** é de 31 de março de 1881, número 41. Quase toda a 1ª folha é ocupada por um extenso texto laudatório intitulado Homenagem A Suas Magestades Imperiaes cheio de adjetivos para a família imperial, para a cidade de Ouro Preto e para a população ouro-pretana. Fala, ainda, que o Imperador e a Imperatriz já estão acostumados, através de suas viagens, a ver todos os produtos da ciência e da técnica do homem, a apreciar todas as maravilhas da arte humana. Em Ouro Preto não encontrarão nada das grandes maravilhas científicas, pois que, a província se encontra isolada entre montanhas e atrasada no seu desenvolvimento, mas encontrarão:

“[...] os esplendores da natureza americana radiando luz purrissima e desprendendo bálsamos vivificantes, no seio vasto e misterioso de nossas florestas, nas collinas formosas de nossos campos, nas várzeas floridas de nossos vales uberrimos [...]”¹⁷

Terminando esse texto saudando a vinda do Imperador o jornal diz que os esplendores da natureza aliados aos sentimentos de patriotismo, monarquismo e hospitalidade são o que os mineiros oferecem aos visitantes ilustres. Depois desse texto, ainda na primeira página vem outro intitulado Breve Noticia da Provincia Mineira com um conjunto de dados sobre a história, a economia da província, uma maneira de apresentar as Minas Gerais. Na p. 4 há um outro texto interessante que repercute noções e idéias que estarão presentes em outros jornais e em outras pessoas com as quais conviveu D. Pedro II. Por exemplo, a noção que Minas Gerais estava estagnada economicamente e que apenas a

¹⁶ Ele não está catalogado, só encadernado por ano na Biblioteca Municipal de São João Del Rei, onde foi feita a pesquisa.

¹⁷ Jornal **A Província de Minas** 31 de março nº 41 p. 1.

exploração mineralógica de seu solo traria melhoramentos. Esse texto reclama do desânimo, da falta de política que anime o progresso da província e diz que a culpa é do interesse partidário, da falta de uma visão pública mais ampla e, aponta a vinda do Imperador como um possível marco de mudança nesse estado de coisas:

“[...] Alenta-nos, todavia, fé interna nos destinos auspiciosos da terra mineira, tão favorecida pela Providencia e tão digna da prosperidade que anheia. Essa fé mais se robustece hoje, ante a presença augusta do Imperador entre nós. Sua Magestade, revestido das insignias do patriotismo e da sabedoria como das insignias da realeza, vai ver de perto nossas necessidades e nossos recursos, para utilizar estes em bem da civilização e da pátria, para attender aquellas em homenagem á justiça e á opinião. Assim o cremos esperançosos. Será isto o inicio de uma nova phase na vida mineira e mais um padrão de glória immortal para o reinado brilhante do magnanimo príncipe”¹⁸

Essa edição especial finaliza com uma seção Gazetilha onde há algumas notas sobre a viagem. Há, por exemplo, a primeira notícia dentro desse jornal da chegada da comitiva em Ouro Preto no dia 30 de março que diz que, por onde passa o Imperador, ele é saldado de forma efusiva pela população e anuncia, com prazer, que a saúde dos Imperantes, apesar da cansativa viagem, estava ótima. Em outra nota lista os participantes da comitiva, numa terceira nota anuncia o percurso da comitiva por Minas e anuncia que às 19 horas desse dia (31) Gorceix fará uma conferência no salão da Assembléia Provincial.

A edição especial do **A Actualidade** é a de 30 de Março de 1881, número 32. Em toda a 1ª folha há só em letras garrafais **À SS. MM. II Homenagem**, encimado pelo brasão do Império. No verso dessa folha há um trecho de um poema de Bernardo Guimarães:

*“ Salve, oh! Pedro, as auras do Itamonte
Alegres te saudão,
E as tristes nevoas da rugosa fronte
Em gala hoje se mudão;
A velha Villa-Rica, de contente,
No petreo leito treme*

¹⁸ Idem, ibidem, p. 4.

*E um hymno puro, extreme,
Te envia alegre oh! Hospede Eminente!*

*A débil voz que neste fausto dia
Se ergue p'ra saudar-te
Com acentos despidos de harmonia,
Toscos e sem arte,
Vem toada de amor e de respeito,
Em nome do fiel povo mineiro,
Render ao Soberano Brasileiro
Homenagem sincera, justo preito*

*De Ouro Preto, de par em par abertas,
As portas vos esperão;
Aqui encontrareis provas bem certas
De quanto vos venerão
Os filhos seus; bem pouco vos offertão,
Mas é signal seguro
De quem em seu peito, generoso e puro,
Em fraternal abraço vos apertão”¹⁹.*

Na página 3 dessa edição encontramos um texto semelhante ao que comentamos acima do **A Provincia de Minas** que além de saudar o Imperador visualiza a visita imperial como um marco para desenvolver Minas Gerais, principalmente na questão das comunicações. A partir da segunda metade do século XIX as estradas de ferro serão tomadas como a panacéia para o progresso das nações, serão o emblema, o símbolo maior da civilização material²⁰. Vejamos o texto:

“[...] Vossa rica província de Minas precisa de estradas, Senhor, precisa de empresas que saibão utilizar suas magnificencias quase virgens! [...] É tempo de se acudir ao reclamo deste povo, e a viagem de V.M.I terá o mérito de apressar-lhe a marcha na senda da civilização [...] Della já os proveitos começam a ser colhidos. A estrada de ferro, que tem o vosso nome, em breve, demandará os cimos da Itabira, aqui mesmo, nesta isolada capital, o telegrapho acaba de unir-nos com a vossa corte, e o asylo agricola de Ouro Preto só espera vossa imperial presença para ser inaugurado [...].”²¹.

Continuando na página 3 há um texto retirado do **Jornal do Commercio** do dia 27 de março intitulado Viagem Imperial onde são descritos os caminhos, os horários, os

¹⁹ Jornal **A Actualidade** 30 de março nº 32 p. 2. Esse trecho de poema não está assinado, descobrimos ser de Bernardo Guimarães porque na seção Literatura da página 3 do mesmo jornal de 7 de abril nº 34 encontramos o poema todo sem título e com assinatura.

²⁰ Sobre as ferrovias em Minas, no período aqui em questão, ver: BLASENHEIM, Peter L. Op. cit.

²¹ Jornal **A Actualidade** 30 de março nº 32 p. 3.

acompanhantes na saída do Rio de Janeiro. Menciona, ainda, que Gorceix acompanhará a comitiva a partir de Ouro Preto executando, junto com D. Pedro II, excursões científicas. No final dessa página temos o texto que descreve a chegada em Barbacena que acima transcrevemos. A página 4 inicia-se com uma seção oficial com os decretos do ministério do Império: um sobre a substituição temporária do ministro da Marinha que fazia parte da comitiva e outro que a diocese de Mariana determina que os padres na hora da missa acrescentem orações enquanto durar a viagem imperial. Depois dessa parte oficial vêm telegramas que dão notícia da saída da comitiva de Queluz e de Ouro Branco. A edição especial termina com o edital de chegada que já transcrevemos acima. Todo o jornal foi adornado com margens floreadas.

O jornal **O Arauto de Minas**, também, produziu um número especial sobre a visita imperial. É o de 24 de abril nº 7. Na sua primeira folha, a de rosto, estampava vivas ao Imperador, a Imperatriz e a Monarquia em letras bem maiores que o normal. Seguia um texto laudatório que expressava o que falamos acima da imagem que os mineiros faziam dessa visita (pelo menos as autoridades, elites e quem se expressava através de jornais) como um marco para a melhoria e o progresso da província:

“Si grande é o nosso contentamento pela honrosa visita, mais o é ainda na certeza de que a vinda de SS. MM. II. aproveitará muito a Minas Geraes. S. M. o Imperador veio verificar o abandono em que foi lançada a província, mais do que nenhuma, rica em elementos de prosperidade e que digna de melhor sorte, definha e em desalento guarda em suas entranhas riquezas bastante para tornarem prospero o thesouro nacional. S. M. se convencerá de que a opulenta Minas tem sido reduzida a colonia e como região tributaria concorre com votos e dinheiro, representando no meio de suas irmãs um papel somenos; [...] não deixará de attender a seus justos reclamos cooperando para que a mais bella porção de seo império entre na senda do progresso e da civilização [...]”²²

²² **O Arauto de Minas** 24 de abril de 1881 nº 7 p. 1. Não podemos nos furtar a pensar que esse discurso de abandono pode ser mais partidário e restrito do que um verdadeiro sentimento de ultraje. Esse jornal, como órgão do Partido Conservador, pode está fazendo ataques sub-reptícios ao governo da época que era Liberal. Mas, também, não podemos nos esquecer que a questão das comunicações e da exploração mineral estava na ordem do dia. Portanto, consideramos que há um apelo geral no sentido da melhoria, do progresso através da ampliação dos meios de comunicação; mas, misturado a isso, as intrigas e disputas partidárias regionais ou locais.

Nas folhas 2 e 3, textos sobre São João Del Rei, sua história, suas belezas naturais e seu estado atual. A folha 4 começa com um soneto laudatório a D. Pedro I e depois um texto intitulado *O Sr. D. Pedro II* retirado de um escritor português que não é citado e que resume louvando o Segundo Reinado. A edição termina com a descrição da chegada em São João Del Rei.

Apresentado os periódicos aqui trabalhados e deixando clara a importância que a viagem adquiriu para os mesmos, a ponto de produzirem edições especiais, concluímos essa parte da cobertura chamando atenção para a noção recorrente nos jornais de que a viagem deveria representar um marco de uma futura melhora na economia provincial, principalmente nas comunicações e na exploração mineralógica. O próprio D. Pedro II, como veremos ao longo desse capítulo, se mostrará bastante interessado nestas duas questões. Mas voltemos à viagem.

2.3. De Barbacena a Ouro Preto

Em Barbacena o resto deste primeiro dia foi de descanso e de conversas com a população e os chefes locais. Na manhã do dia 27 a comitiva foi fazer uma excursão ao Monte Mário, elevação nas proximidades de Barbacena. Chegaram no alto as 7:35. D. Pedro II comenta das montanhas possíveis de se avistar do alto: “[...] *Havia nuvens no horizonte, porém descobri a serra de S. José, Morro de S. João Del Rei, monte de Prados para o lado O. e do S. os serros de Ibitipoca [...]*”²³.

²³ Diário volume 24 p. 3 do manuscrito.



Excursão ao Monte Mário em Barbacena em 27 de março de 1881. Foto tirada da Revista Ilustrada nº 243, p. 8 na Hemeroteca Pública de Minas Gerais.

Antes dessa excursão o Imperador se avistou com um conhecido seu Chico Nogueira, sitiante na fazenda da mãe do ministro da marinha, que participava da comitiva. Na descrição que o correspondente da Revista Ilustrada faz desse encontro fica claro o procedimento de “maquear” a cidade para a visita imperial. Foram liberadas verbas públicas para consertar estradas, monumentos e edifícios, para pintar e ornar os espaços por onde passaria D. Pedro II, como veremos ao longo do capítulo. Vejamos a passagem, é uma fala desse Chico Nogueira para D. Pedro II: “[...] *mas foi bom você vi, porque tá tudo limpo agora por ahi. Caiou-se a cadeia e varreu-se a casa da camar, que estava suja, hi! que nem monturo!* [...]”²⁴. Fica bastante claro a

²⁴ **Revista Ilustrada** nº 243 p. 7. Quanto às verbas para reparações temos os seguintes documentos: No *Fundo Câmara Municipal de Ouro Preto* do Arquivo Público Mineiro os documentos **Folha/Doc 37**: recibo dado pelo procurador da Câmara ao capitão Francisco José Lopes pela iluminação do paço da Assembléia nas noites de recepção ao Imperador; **Folha/Doc 40**: recibo por conserto na calha da Cadeia e Senado por causa da chegada do Imperador cuja referência é CMOP3(4) cx 33 Receita e Despesas. Do *Fundo Presidente da Província* do Arquivo Público Mineiro os documentos: **Doc 49**: de 13 de novembro de 1880. Sobre a fiscalização das obras deixadas a cargo de comissários para a recepção ao Imperador cuja referência é PP1(33) cx 167 Documentos da Câmara de Ouro Preto; **Docs 23, 24, 26**: conjunto de documentos que se referem a despesas feitas com os preparativos, acomodação e reformas públicas para receber o Imperador cuja referência é PP1(40) cx 51 Fazenda Provincial; **Doc 52**: sobre o conserto na estrada que liga Barbacena a Ouro Preto por ocasião da visita de D. Pedro II cuja referência é PP1(50) cx 169 Requerimentos e Petições; **Doc 13**: requerimento de pagamento das despesas feitas com conserto da

vinculação entre a vinda da comitiva e a limpeza da cidade.

Na volta do Monte Mário assistiu uma missa e foi inaugurar a pedra fundamental de uma penitenciária e não passou despercebido o fato desta ser construída no local de execução da pena de morte: “[...] *Pedra fundamental da penitenciária da província no antigo morro da forca — que diferença de épocas! [...]*”²⁵. Depois foi visitar os locais de ensino de Barbacena, atitude que se repetirá por todas as cidades e hábito que já tinha na Corte. Visitou as aulas dadas aos meninos e meninas, comentando que a instrução não era adiantada. Visitou, ainda, o colégio do educador baiano Abílio César Borges (1824-1891) que se tornaria barão de Macaúbas e outro de meninas. Já desses colégios se agradou. No colégio do Abílio recitou e tocou piano, durante a visita imperial, o menino Belisário Pena, futuro sanitarista e ministro da Educação e da Saúde Pública²⁶. Foi depois visitar a Câmara e examinou papéis e chamou atenção para um fato, que voltará a dizer no Diário, que o secretário Cristóvão Colombo não guardava corretamente os padrões do sistema métrico²⁷.

Esse tipo de passeio político-administrativo seguirá, por todas as cidades, um mesmo itinerário: visitar os órgãos públicos, os ligados à instrução e os de interesse econômico, parte de uma estratégia de viagem e de afirmação política; mas que já era executada na Corte e em todas as viagens anteriores que tivemos acesso através dos diários. Tal característica de suas viagens nos faz definir a viagem aqui em questão

estrada de Cachoeira a Casa Branca e hospedagem do Imperador e comitiva, **Doc 14**: mesma coisa do anterior só que o concerto é no trajeto entre Mariana e Antônio Pereira, **Doc 24**: requerimento de ordem de pagamento para o embelezamento da entrada de Ouro Preto pela passagem da comitiva imperial cuja referência é PP1(50) cx 170 Requerimentos e Petições. Do *Fundo Arquivo da Câmara Municipal de São João Del Rei* na Biblioteca Pública da mesma cidade os documentos: **REC 182** Receitas e Despesas da Câmara de São João Del Rei 1877 a 1882. Três recibos de pagamentos para o procurador da Câmara sobre concertos por ocasião da visita Imperial.

²⁵ Diário volume 24 p. 4 do manuscrito.

²⁶ Ver: Diário volume 24 p. 4 do manuscrito e nota 9 no mesmo diário volume 24 p. 1 da transcrição.

²⁷ O Brasil tinha adotado o padrão métrico internacional em 1862 e, ainda, não tinha sido implementado completamente, levando inclusive à revoltas populares como a do Quebra-Quilos na Paraíba em 1874 e 75. Discutiremos a questão dos padrões métricos no último capítulo.

como político/administrativas vinculada a um determinado fazer político que têm o espaço e a ocupação simbólica e material desse espaço como práticas fundamentais. Veremos ao longo desse capítulo e já constatamos nas outras viagens pelo interior do Império essas práticas de poder espacial.

Seguindo então, o Imperador visita a cadeia, o laboratório de farmácia local do Dr Lepage e o escritório das obras da EF DP II chamando atenção no Diário para o observatório astronômico e metereológico, sob os cuidados de Hipólito Ache que ensinava aos funcionários como fazer as medições. Aqui D. Pedro II começa a demonstrar uma de suas atrações principais: as coisas da ciência. Durante toda essa viagem seu olhar vai se voltar e, sua escrita registrará, detalhadamente, as técnicas industriais e científicas. Ao final da tarde volta para o palacete do visconde de Prados. Recebe a comunidade de Barbacena até as 21 horas, assiste um teatro que considera ruim e vai dormir, encerrando o segundo dia de viagem.

Ao amanhecer do dia 28 de março a comitiva partiu de Barbacena na direção de Ouro Preto. A partir desse ponto a Imperatriz, sua dama de companhia e respectivas criadas foram de liteiras - veículo sem rodas preso a dois animais -, o Imperador e os outros homens da comitiva foram ora de cavalo ora de burros. Seguiam o caminho do ramal férreo em construção da EF DP II. D. Pedro II fará no Diário, ao longo de toda viagem, várias observações sobre as estradas de ferro já construídas e as em construção. Entre Barbacena e o sítio do coronel Gentil José de Castro²⁸, onde pernoitariam, os comentários não foram positivos:

“[...] A estrada parece ter sido mal estudada e mal feita que pude ver passando. O viaduto da Boa Vista ao sair de Barbacena tem a cabeça do lado oposto e está rachado, segundo disse-me Ewbank. Há aterros e consideráveis,

²⁸ Grande fazendeiro mineiro que será um dos financiadores do movimento de tentativa de restauração monárquica durante a primeira década republicana. Em 1897 foi assassinado por republicanos exaltados que o ligavam ao financiamento de Canudos, movimento de contestação que resistiu durante muitos anos ao exército republicano. Sobre o movimento monarquista na República ver: JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

onde podem ir o leito de nível, a pouca distância, exigindo a má direção revestimentos de pedra dispendiosos. Aterros abatidos e um deles de tal forma que exige que o leito tome outra direção ao lado. Talvez alguns túneis houvessem poupado bastante despesa. Não me agradou o que vi embora Ewbank prevenisse às vezes meus reparos. Há muitíssimos cortes e alguns imensos só para suprimento de terra [...]”²⁹.

Com o coronel Gentil, um dos sócios e responsáveis pela construção dessa parte da EF DP II, D. Pedro II conversará sobre a criação de gado do primeiro e sobre o melhor caminho para a estrada de ferro. Depois de jantar D. Pedro II acompanhado de Gentil e do engenheiro Ewbank fazem um passeio no alto de um monte próximo de onde se avista todo o sítio do coronel denominado Rincão.

No outro dia continuam na direção de Carandaí que dista 6 Km do sítio Rincão. Passam por Carandaí onde D. Pedro II anota no Dário a existência de duas boticas, uma igreja e bastantes casas. Às 11 horas o Imperador caiu do cavalo, pois a sela estava solta. Colocaram-no em outro cavalo, meio arisco, que empinou e quase que caiu de novo. Então trocou de cavalo por burro.



Foto tirada da Revista Ilustrada n. 243 p. 4-5 na Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Essa ilustração retrata o momento da queda de cavalo acima mencionada³⁰.

²⁹ Diário volume 24 p. 6 do manuscrito. Ewbank que ele fala é o engenheiro Ewbank da Câmara que trabalhava na construção desse ramal que ligaria Barbacena a Ouro Preto.

³⁰ O escrito abaixo das ilustrações é: o do lado esquerdo abaixo do Imperador: “Deo-se apenas um incidente. Ao montar o cavallo baio, abrio-se o estribo e S. M cahio como um simples mortal (Não

Na região montanhosa da Bandeirinha, que do seu alto já se avista Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), passam pelas terras do coronel Antônio Rodrigues Pereira, feito barão de Pouso Alegre em 15 de junho de 1881³¹. Aqui D. Pedro II diz que conversou com o coronel sobre a produção das fazendas desse. No caminho para Queluz foram ao encontro da comitiva mais de 100 cavaleiros e, ao entrar na cidade por volta das 15 horas, a comitiva foi recebida com fogos de artifício, músicas e grande aclamação³². Ao chegar em Queluz o Imperador descansa um pouco na casa de Washington Rodrigues Pereira, filho do coronel Pereira e, depois, sai para conhecer a cidade e fazer suas visitas costumeiras: as aulas de meninos e meninas, a cadeia aonde anota que falta quase tudo não tendo os soldados nem armas e a Câmara Municipal aonde chama atenção para o fato que sua arrumação acabou naquele dia, 29 de março. À noite houve um *Te-Deum* na igreja matriz que D. Pedro II achou “sofrível” e uma roda de violas e violões feitos em Queluz que foram tocados bem nas palavras de D. Pedro.

admira: o cavallo era de um padre!); o do lado direito abaixo da comitiva: Houve um momento de consternação na comitiva. Supuzeram S. M victima de algum nihilista”. A Revista Ilustrada, com seu teor humorístico e crítico, explorará em algumas ilustrações as várias quedas de cavalo que sofreu D. Pedro II. Cabem duas explicações sobre o texto da ilustração. O fato do cavalo ser de um padre e ter derrubado o Imperador é uma referência ao posicionamento laico forte de D. Pedro II na chamada questão religiosa, que opôs regalistas, como D. Pedro II, a ultramontanos na década de 1870. Fala-se da possibilidade da comitiva ter achado que D. Pedro II era vítima de um nilista porque precisamente em março deste ano o czar Alexandre II da Rússia tinha sido vítima de um atentado, no qual faleceu, arquitetado pelo grupo Narodnaya Volya (A Vontade do Povo) que em toda a imprensa pelo mundo foi associado ao movimento sócio-cultural denominado nilismo. Nilismo, do latim nihil (nada) é uma corrente filosófica que, em princípio, concebe a existência humana como desprovida de qualquer sentido. O termo aparece, primeiramente, no romance *Pais e Filhos* do escritor russo Ivan Turguéniev e, depois se populariza na Rússia czarista, como reação de alguns intelectuais, mormente anarquistas e socialistas à lentidão das reformas democráticas empreendidas pelo czar Alexandre II. O evento de seu assassinato foi, a época da viagem imperial, bastante divulgado pela imprensa de todo o mundo. Para essas informações sobre o nilismo ver: MOURA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 4 v, 2004; DUROZOI, Gerard. *Dicionário de Filosofia*. Campinas, SP: Papyrus, 1993.

³¹ Pela data da investidura podemos aventar a hipótese, bastante plausível, que tal coronel recebeu o título em função de seus auxílios na passagem da comitiva por suas terras. Não podemos afirmar com certeza, mas sabemos que o Imperador ao voltar da viagem distribuiu vários títulos e honrarias. O coronel faleceu em 1883, ano em que era chefe do governo seu filho, o conselheiro Lafaiete Rodrigues Pereira que deu o nome atual da cidade de Queluz.

³² Para a recepção em Queluz foram consultados dois telegramas publicados no jornal **A Actualidade** de 29 de março, nº 31.

Por volta das 6 horas do dia 30 de março iniciam o quinto dia de viagem que teria seu término quando chegam em Ouro Preto. Perto do ribeirão Varginha pararam na casa onde se reuniam os Inconfidentes e o Imperador repara na mesa e banco onde eles sentavam. Atravessam a ponte desse ribeirão, entrando no município de Ouro Preto, e param na casa do engenheiro de Obras Públicas Bruno Von Sperling casado com a sobrinha do visconde de Sepetiba, Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho (1800-1855). Chegaram nessa habitação às 10 horas que ficava próxima do arraial de Ouro Branco. Aqui veio recepcionar a comitiva Claude Henri Gorceix, fundador e primeiro diretor da Escola de Minas de Ouro Preto, onde era professor de mineralogia, geologia, física e química. Gorceix, a partir daqui acompanhará D. Pedro II por sua viagem e se tornará um dos mais importantes interlocutores dessa viagem, sendo mencionado no Diário inúmeras vezes³³. Almoçaram na casa do engenheiro Sperling, onde D. Pedro II frisou

³³ No capítulo 3 trataremos melhor dessa interlocução através do Diário. Registra-se que ambos já eram interlocutores antes da visita a Minas. A Escola de Minas de Ouro Preto, fundada em 1875, sempre contou com forte apoio do Imperador. Gorceix em todos os momentos de aperto recorria ao Imperador e invariavelmente obtia sucesso em seus pleitos. A visita imperial a Escola já era tratada, em cartas entre os dois, a bastante tempo. Sobre a Escola de Minas de Ouro Preto ver: CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. Sobre o relacionamento entre Gorceix e D. Pedro II, a importância do último na fundação e manutenção da Escola, inclusive as cartas trocadas entre os dois ver: LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: A Fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. São Paulo: Fundação Gorceix, 1977. Do livro de José Murilo retiramos a pequena biografia de Gorceix que se segue: “[...] Filho de pequenos proprietários rurais, Gorceix ficou órfão de pai aos 9 anos de idade. Com auxílio de uma bolsa do governo [...], frequentou o Liceu de Limoges e, ainda com a bolsa, entrou para a Escola Normal Superior de Paris em 1863, na seção de ciências. Licenciou-se em ciências físicas e matemáticas em 1866. No ano seguinte, por sugestão de seu professor Achille Delesse, que era também professor da Escola de Minas de Paris [...], foi nomeado agregé-préparateur de geologia e mineralogia na Escola Normal. Nessa Escola ele fora aluno de Pasteur [...]. Dois anos depois, seu espírito de aventura foi satisfeito com a ida para a Escola Francesa de Atenas, para onde eram anualmente enviados os melhores entre os diplomados pela Escola Normal. Na Grécia, dedicou-se principalmente ao estudo do vulcanismo. Em 1870, voltou à França para lutar na guerra contra a Prússia, mas regressou logo à Grécia, onde retomou o estudo do vulcão Nisiros, que dera sinais de erupção. Em 1874, voltou à França e publicou várias memórias nos Anais da Escola Normal e nos Anais de Química e Física de Paris. Foi então que recebeu o convite para vir ao Brasil e o aceitou [...]. Esse jovem entusiasmado pelo trabalho e pela ciência, cujo temperamento os brasileiros considerariam rude, chegou ao Brasil em 1874 para dar início a uma tarefa que lhe consumiria 17 dos anos mais produtivos da vida. Sua formação científica era sólida e possuía boa experiência de trabalho de campo [...]. A Escola Normal em que se formou fora criada pela Convenção em 1794 e, junto com a Politécnica, renovara o ensino na França [...]. De seus bancos saíram nomes como Victor Cousin, Pasteur, Lemoine, Levasseur, Georges Dumas, Henri Bérgson, Pierre Denis, Langevin, Picard, Halévy e outros. Na época de Gorceix, a instituição possuía excelentes laboratórios, onde trabalhavam Pasteur, Delesse, Saint-Claire Deville entre outros [...]. Gorceix trouxe para o Brasil

no seu Diário ter conversado, sobretudo, com Gorceix, que segundo ele, já fala muito bem o português, conhece os principais de Minas e se porta como um mineiro. Seguiram viagem descendo a serra de Ouro Branco, aonde Gorceix ia chamando atenção de D. Pedro II para todas conformações geológicas e tipos de pedra. “[...] Gorceix ia-me mostrando as diversas rochas quase todas de xistos micáceos e cuja inclinação é N.N.O. Conversamos muito de geologia e mineralogia [...]”³⁴. Na subida da serra Itatiaia, no lugar denominado Falcão, o Imperador desmontou e seguiu viagem numa caleça (tipo de carruagem) e o resto da comitiva em troles (tipo de carro puxado a cavalo). Na descida para Ouro Preto veio recepcionar a comitiva um grande número de cavaleiros, como será feito nas outras cidades. D. Pedro II descreve assim a chegada a capital:

“[...] e às 5 ½ chegada a Ouro Preto cuja vista encantou-me. Apareceu-me na imaginação como Edimburgo. A estrada que margeia o ribeirão do Carmo que atravessa em parte uma espécie de túnel é lindíssima. A caleça custou-lhe a subir por estas ruas de aspecto tão original, e temia que se pisasse alguém pois havia imenso povo e cordialíssimo acolhimento. Enfim alcancei o alto do palácio, mas tive de apear-me e subir ainda um pouco. Ai encontrei vice-presidente e bispo [...]”³⁵.

A cidade estava toda adornada como pedia o edital que acima transcrevemos. Defronte o palácio dos governadores (antiga residência em estilo militar dos governadores da capitania e hoje pertencente à Universidade Federal de Ouro Preto), onde ficaram alojados o Imperador, a Imperatriz, seus criados, a dama de companhia, o barão de Maceió e o barão de Nogueira da Gama; e na cadeia (antiga Casa da Câmara e Cadeia e hoje Museu da Inconfidência) foi feita uma iluminação grandiosa com copos

o que de melhor havia na química européia do momento. Também em física sua formação era excelente [...]” (p. 47-49).

³⁴ Diário volume 24 p. 16 do manuscrito.

³⁵ Diário volume 24 p. 17-18 do manuscrito. Exercia a presidência da província o seu vice José Francisco Netto, um dos líderes na organização da recepção ao Imperador, como já mencionamos acima. Era bispo D. Antônio Maria Correia de Sá e Benevides (1836-1896).

coloridos, velas e luz elétrica que o Imperador classificou de lindíssima³⁶. A comitiva jantou e D. Pedro II recepcionou a população ouro-pretana. Houve, ainda, um espetáculo de fogos de artifício e o Imperador se recolheu pouco depois das 21 horas. Ele diz que pouco leu. Era hábito do Imperador nessa viagem quando ele se recolhia ler os jornais da Corte que conseguisse, o livro de Saint-Hilaire *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes* que ele levava e escrever no seu Diário.

Antes de continuarmos a viagem, discutiremos essa relação intertextual entre o Diário e o livro do naturalista, discutiremos de que forma o olhar do Imperador foi informado pelo do Saint-Hilaire. Entender o porquê de Saint-Hilaire é compreender alguns dos interesses de D. Pedro II com a viagem, é entender que viajante é o Imperador³⁷.

³⁶ O resto da comitiva foi assim alojada: Na casa do tenente coronel Domingos de Magalhães (presidente da Câmara Municipal) o conselheiro Lima Duarte e o jornalista J. Tinoco do **Jornal do Commercio**. Na casa do tenente coronel Carlos Gabriel Andrade (proprietário do jornal **A Actualidade**) os jornalistas Julio de Vasconcellos do jornal **Cruzeiro**, José Carlos de Carvalho da **Gazeta de Notícias** e Vargas do jornal **Gazeta de Barbacena**. Na casa de Camillo Brito Agostinho Correa, representante da imprensa de Juiz de Fora. Sobre os respectivos lugares de alojamento da comitiva em Ouro Preto ver o jornal **A Actualidade** 2 de abril de 1881 nº 33 pg 2 na seção Noticiário o texto intitulado Visita Imperial.

³⁷ “[...] Auguste François César Provençal de Saint-Hilaire nasceu em Orléans, França, em 4 de outubro de 1779, em família da pequena nobreza rural. Ainda menino, foi levado para a casa de sua tia paterna, na Alemanha, em consequência dos tumultos causados pela Revolução Francesa de 1789. Cresceu na Alemanha e ali conheceu Charles Kunth, colaborador do naturalista Alexander Von Humboldt, o que despertou sua vocação científica. Mais tarde, conviveu com o botânico Aimé Bonpland, retornou à França e prosseguiu seus estudos em Orléans [...]” In: VAINFAS, Ronaldo. Op.cit, p. 61. “[...] Dedicou-se ao estudo da botânica e, em 1816, fez parte da comitiva do duque de Luxemburgo, embaixador da França, que veio para o Brasil com a Restauração Bourbônica. Desembarcou no Rio de Janeiro, ficando no país por seis anos. Empreendeu nesse período quatro longas viagens pelo Brasil, sendo que três delas foi a Minas Gerais [...]” In: LEITE, Ilka Boaventura. Op. cit, p. 27. De todas as suas viagens “[...] fez valiosa coleta de material botânico e zoológico, dando enorme contribuição para a geografia, a história e a etnografia brasileiras. Reuniu um herbário de 30 mil espécies, abrangendo mais de sete mil espécies de plantas, sendo as espécies novas mais de 4500 [...] De suas obras científicas, destaca-se a *Flora Brasiliae Meridionalis*, publicada em Paris, de 1824 a 1835 [...]” In: VAINFAS, Ronaldo. Op.cit, p. 62. “[...] Enviou para o Museu de Paris como resultado de sua primeira, um rico material zoobotânico e suas memórias de Botânico. Do Rio de Janeiro obteve licença para visitar também Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (foi-lhe recusada a licença para ir ao Mato Grosso) [...] A primeira viagem, com duração de 15 meses, iniciou-se em 1817. Suas impressões foram publicadas posteriormente em dois volumes: *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais* e *Viagem pelo Distrito dos Diamantes e Litoral do Brasil*. Nelas, o autor conjugou o seu diário de campo com reflexões e pesquisas históricas sobre os lugares e situações vividas. A segunda viagem foi relatada no volume *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Foi parte de sua expedição pelo litoral, em 1819, e de suas andanças pelo Rio de Janeiro, quando tomou a estrada principal, deslocando-se para Rio Preto, Valença e São João Del Rei. Daí tomou o caminho para a foz do rio São Francisco, na Serra da Canastra, seguindo para Goiás, e tomando o caminho sempre norte por esta província. No volume *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo – 1822*,

2.4. A Intertextualidade com Auguste de Saint-Hilaire

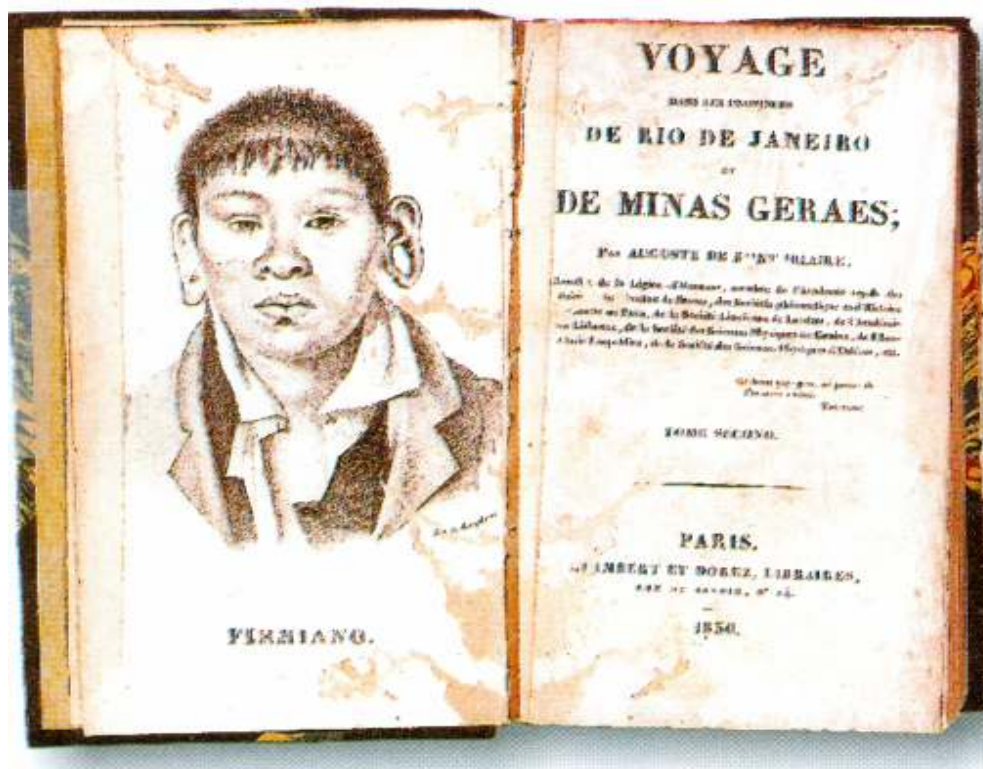


Foto tirada nas obras raras da Biblioteca Central da UFMG da folha de rosto do livro de Saint-Hilaire, aqui em questão, edição de 1830.

Começemos com uma vinculação entre um dos viajantes que, falamos no primeiro capítulo, Alexander Von Humboldt com Saint-Hilaire. Essa vinculação se faz importante, pois, todos os viajantes da primeira metade do século XIX sofreram

Saint-Hilaire refere-se, na verdade, à terceira vez que saiu do Rio de Janeiro em direção a Minas. Essa obra foi encontrada 30 anos após sua morte, mas havia-lhe servido, anteriormente, para a redação das obras publicadas em vida. Trata-se de um diário, reproduzido tal como o autor o escrevera [...]" In: LEITE, Ilka Boaventura. Op. cit, p. 27-28. De volta à França, uma doença nervosa que já tinha dado sinais antes da viagem debilitou-o muito. Nos últimos trinta anos de sua vida, foi obrigado a interromper várias vezes o trabalho, por problemas de saúde que o privaram da fala e da visão. Em conseqüência, passava longos períodos em Montpellier, cujo ar lhe fazia bem, e estava cercado de médicos. Nomeado correspondente do Institut de France em dezembro de 1819, quando estava no Brasil, Saint-Hilaire tornou-se, em seguida, professor de botânica na Faculdade de Ciências de Paris. Já nessa época, tinha adquirido fama universal de cientista; fizera várias descobertas em botânica e esclarecera fatos até então pouco conhecidos de organografia e organogenia; revelara e classificara duas novas plantas, bem como um grande número de gêneros e espécies. Com base nas observações que trouxera de suas viagens no Brasil, escreveu várias obras que valeram a eleição à Academia Francesa de Ciências, como membro titular, para ocupar a cadeira deixada por Lamarck. Saint-Hilaire foi membro de vários institutos espalhados pelo mundo, como, por exemplo, Academia de Berlim, de Lisboa, de São Petersburgo, do IHGB, das Sociedades de História Natural de Boston, de Genebra, de Botânica de Edimburgo, Médica do Rio de Janeiro. Morreu de um ataque de apoplexia fulminante, aos 73 de anos de idade, a 30 de setembro de 1853. Para essas últimas informações depois de seu retorno do Brasil ver: LIMA, Maria Emília Amarante Torres. As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 25-31.

influência do Barão prussiano. Ele lançou um estilo de escrita de viagem e uma maneira de apreender a natureza, como já apontamos no primeiro capítulo, que Saint-Hilaire será devoto.

A concepção paisagística ao apresentar e descrever um evento ou um espécime natural, a contemplação sensitiva e extasiante da natureza, a descrição que conjuga sensações com explicações científicas, o primado de um olhar direto captando uma totalidade, são legados humboldtianos presentes nas seguintes passagens de Saint-Hilaire do livro *Viagem às nascentes do Rio São Francisco*:

“[...] Se, porém, não podia dar um passo nas sombrias florestas que percorria, sem encontrar novas dificuldades, por outro lado ofereciam-se elas, a cada passo, objetos de admiração [...] Estava, por essa época, bastante acostumado às florestas virgens, e, entretanto, não podia atravessá-las sem contemplá-las com êxtase. Quanta riqueza de vegetação! Quanta pompa! Quantas belezas nos contrastes! [...]”³⁸.

E descrevendo a Cachoeira de Casca D’Anta, na nascente do Rio São Francisco:

“[...] Vou descrevê-la tal como apareceu aos meus olhos, quando dela me aproximei o máximo que era possível. Acima dela vê-se, como já disse, uma larga fenda na rocha. No ponto onde caem as águas, as pedras formam uma concavidade pouco pronunciada. [...] Ela não se precipita das rochas com violência, exibindo, pelo contrário, um belo lençol de água branca e espumosa que se expande lentamente e parece formado por grandes flocos de neve. As águas caem numa bacia semicircular, rodeada de pedras amontoadas desordenadamente, de onde descem por uma encosta escarpada para formar o famoso Rio S. Francisco [...] O estrondo que as águas da Cachoeira da Casca-d’Anta fazem ao cair é ouvido de longe, e a névoa extremamente fina que elas produzem é levada a uma grande distância pela deslocação de ar causada pela queda. [...] Para ter uma idéia de como é fascinante a paisagem ali, o leitor deve imaginar estar vendo em conjunto tudo o que a Natureza tem de mais encantador: um céu de um azul puríssimo, montanhas coroadas de rochas, uma cachoeira majestosa, águas de uma limpidez sem par, o verde cintilhante das folhagens e, finalmente, as matas virgens, que exibem todos os tipos de vegetação tropical [...]”³⁹.

Percebemos nessas passagens a estética contribuindo para o conhecimento: a quantidade de adjetivos, um certo ritmo na descrição da queda; tudo isso não era muito comum

³⁸ SAINT-HILAIRE apud NAXARA, Márcia R. C. Op. cit, 139.

³⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975, p. 104-105.

antes de Humboldt. Percebemos, ainda, uma idéia de movimento: a natureza não é a estática, separada do meio, individual dos seguidores de Lineu. Para senti-la, é necessário “*estar vendo em conjunto tudo*” e, ao torná-la relato, deve-se “*descrevê-la tal como apareceu aos meus olhos*”. O leitor é nomeado, pede-se a sua participação, orienta a sua leitura: procedimento narrativo típico da literatura e não de textos estritamente científicos. Vejamos uma passagem de Humboldt, também cheia de imagens sensoriais e de movimento:

“[...] Mal é umedecida a superfície da terra, já a fértil estepe se cobre de Kyllingias, com as muitas Paspalum paniculadas e uma variedade de gramíneas. Excitada pelo poder da luz, a Mimosa herbácea desdobra suas folhas dormentes e pendentes, saudando, por assim, dizer, o sol nascente, em coro com a música matinal dos pássaros e as flores desabrochantes das plantas aquáticas. Cavalos e bois, animados de vida e prazer, vagam e pastam nas planícies. A luxuriante vegetação rasteira oculta o Jaguar lindamente malhado, que, furtivamente, em seguro esconderijo, e cuidadosamente medindo a extensão do salto, atira-se, como o tigre asiático, com um pulo felino, sobre sua presa que passa [...]”⁴⁰.

Importante ressaltar ainda, a questão da “retórica do eu vi”. Nos relatos do século XIX tornar-se lugar comum frases como a de Saint-Hilaire que atestam o primado da visão. Na tentativa de construir um consenso de veracidade os relatos de viagem se ancorarão num acordo tácito entre o narrador-escritor e o leitor baseado na experiência, no ter estado lá, no ter visto de fato as coisas que narra. A toda hora encontraremos relatos que criticam outros relatos baseando-se nessa idéia. E essa pretensão de veracidade nem sempre foi um dado inquestionável, até aproximadamente 1800 o narrador de viagem era muitas vezes considerado um mentiroso⁴¹. Não havia a rigorosa separação entre a imaginação e a realidade, que o movimento científico do século XVIII em diante defendeu. Não que depois do Iluminismo a imaginação literária deixou de trabalhar nos relatos de viagem, mas houve sim, uma declarada preocupação de objetividade, de não

⁴⁰ HUMBOLDT apud PRATT, Mary Louise. Op. Cit, 218-219.

⁴¹ FILHO, Amílcar Torrão. Op. cit.

deixar a subjetividade entrar num relato pretensamente científico. É um processo de controle do imaginário⁴². Mas voltemos à intertextualidade entre D. Pedro II e Saint-Hilaire.

Porque o Imperador levava o livro de Saint-Hilaire? Pergunta difícil, pois não podemos entrar, tanto quanto queríamos como historiadores, na cabeça dos homens do passado. Podemos tentar nos aproximar, buscar alguns indícios, mas entender plenamente a leitura feita por D. Pedro II de Saint-Hilaire parece-me impossível. O Imperador lia Saint-Hilaire normalmente à noite, antes de dormir ou de dia, antes de sair para seus passeios. Portanto num momento de distração, de descanso. O texto de Saint-Hilaire se presta a esse tipo de leitura? Achamos que sim, ele não enche seu relato de dados científicos, tempera-o com todo tipo de informação. Mas, ao mesmo tempo, não abre mão dos nomes científicos e de tentar explicações científicas para eventos naturais. É como acima falamos: os relatos dessa primeira metade do século XIX e até depois conjugam, à sua maneira cada um, ciência e sentimento, objetividade e subjetividade, análise e descrição.

Das dezenas de referências e citações de Saint-Hilaire podemos dizer que o assunto principal é a história natural: tal como Saint-Hilaire, D. Pedro II se preocupa em anotar a vegetação e suas características, citando, também, os nomes científicos e fazendo comparações com o cientista. Da história natural, também, D. Pedro II vai buscar em Saint-Hilaire passagens que se referem a seu aproveitamento, se referem ao desenvolvimento agrícola a partir do auxílio da ciência e da técnica – preocupação que

⁴² Para essa noção de controle do imaginário ver: LIMA, Luiz Costa. *O Controle do Imaginário: Razão e Imaginação nos Tempos Modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2ª edição, 1989. Do mesmo autor: *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986. Para esse processo de cientificização que vários gêneros literários passam entre o século XVIII e XIX, que acaba criando as categorias de ficção e não-ficção e, também a história científica ver: LIMA, Luiz Costa. A Narrativa na escrita da História e da Ficção. In: LIMA, Luiz Costa. *A Aguardar do Tempo: estudos sobre narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 15-121; BENATTI, Antonio Paulo. História, Ciência, Escritura e Política. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira(orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 63-103.

perpassa todo o Diário. Vejamos algumas passagens: “[...] Não tem aparecido carneiros e com razão diz St. Hilaire que *“les paturages des montagnes de Minas Gerais conviennet parfaitement aux bêtes à laine [...]”*⁴³.

*“[...] St Hilaire diz: En peu d’années un petit nombre d’hommes auront ravagé (pela mineração) une immense province et ils pourront dire: He terra acabada! Contudo essas minas abandonadas são de novo trabalhadas pela indústria melhorada pela ciência e disseram-me em Caeté que a vida reaparece. Sempre lembrando que St. Hilaire pg. 190 tomo 1 parte 1ª. Siga a estrada de ferro, deite estes ramais, naveguem-se os rios onde se achem desimpedidos de pedras, sobretudo, e a província de Minas será uma das mais ricas do Brasil [...]”*⁴⁴.

D. Pedro II faz, ainda, no Diário referências a pessoas que Saint-Hilaire comenta, como por exemplo, a milagreira Germana que vive na Serra da Piedade; referências a comentários do cientista sobre distâncias e sobre o estado de certas cidades, como por exemplo, o elogio as pinturas do coro da igreja de Sabará e a constatação de decadência que os dois fazem; referência ao despreço que o cientista expressa a respeito dos padres mineiros e que o Imperador concorda.

Saint-Hilaire representa para D. Pedro o discurso da autoridade, a ciência de que ele é representante o eleva aos olhos de um homem que sabemos, era um apaixonado por tudo o que dizia respeito à ciência. Além do prazer e descanso que a leitura proporcionava, D. Pedro II buscava um entretenimento que fosse ao mesmo tempo instrutivo, o que pode ser encontrado em relatos de viagem. Além disso, é sabido o enorme sucesso que tal tipo de leitura fazia no século XIX e, D. Pedro II tendo a leitura como atividade das mais prediletas não poderia passar infenso a esse sucesso. Afora isso, sabemos que a literatura de viagem – particularmente essa, dos estrangeiros que

⁴³ Diário volume 24 p. 99 do manuscrito. A passagem de Saint-Hilaire é: “[...]É entretanto incontestável que as pastagens das montanhas de Minas Gerais são muito próprias à criação de ovinos;[...]”. In: SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1974, p. 65.

⁴⁴ Diário volume 24 p. 100 do manuscrito. A passagem de Saint-Hilaire é: “[...] Em poucos anos um pequeno número de homens terão estragado uma imensa província, e poderão dizer: ‘é uma terra acabada’[...]”. In: Idem, ibidem, p. 72.

viajaram e escreveram sobre o Brasil no início do século XIX, onde se enquadra Saint-Hilaire – e seu narrador com um olhar de fora, não suscetível às paixões locais, armado com toda a bagagem cultural européia foi o modelo da literatura e da historiografia romântica brasileira, que teve na figura do Imperador um dos seus mais fortes, se não o maior, defensor e incentivador⁴⁵. Esse era o meio intelectual que circulava D. Pedro II e nele os relatos de viagem da primeira metade do século XIX tem uma importância muito grande. Saint-Hilaire é um viajante auxiliando intertextualmente um outro viajante. Além do que, Saint-Hilaire parece ter tido um apreço bem grande por Minas Gerais - das quatro grandes viagens, três passaram por esta província – o que gerou um conjunto substancial de informações e impressões sobre a região que D. Pedro II visitava. Ainda, podemos dizer que o caminho mais palmilhado por Saint-Hilaire na província é aquele, com pequenas diferenças, que sessenta anos após a comitiva imperial passará: o caminho, que passando pelo sul de Minas, ligava o Rio de Janeiro a capital provincial, Ouro Preto. Caminho também bastante percorrido por todos os que viajavam a Minas Gerais. Voltemos à viagem

2.5. Em Ouro Preto

Ao amanhecer do dia 31 de março, uma quinta-feira, o Imperador saiu para dar uma volta pela cidade. Foi visitar as igrejas e no Diário comenta da igreja de Nossa Senhora do Carmo cujo interior lhe agradou e, também, o lavabo da sacristia atribuído a Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Nessa igreja entreteve conversa com o cônego Joaquim José Santana, ex-vice-presidente da província, várias vezes em exercício. Depois foi para a Escola de Minas, que será um dos locais mais visitados

⁴⁵ SUSSEKIND, Flora. Op. cit.

pelo Imperador durante suas duas passagens por Ouro Preto nessa viagem, aonde assistiu a aula dada por Gorceix e percorreu a escola. Pareceu-lhe bem montada. Voltou ao palácio para almoçar, descansou e bem depois de 12 horas estava na matriz para assistir um *Te-Deum*, onde ouviu sermão do cônego Honório Hermeto Ottoni, vigário de Carandaí⁴⁶. Daí vai para a igreja do Rosário e de São Francisco de Assis onde as obras de Ataíde e Aleijadinho lhes chamam atenção. Para adjetivar a obra desse último na igreja de São Francisco ele usa a palavra notável. Depois vai ao quartel de polícia e reclama da falta de estatística criminal e de legislação. Entre essas duas visitas - as igrejas e a polícia - D. Pedro II presta atenção à casa de Marília de Dirceu e do ouvidor Tomás Antônio Gonzaga. Visitou depois a Câmara, tendo-a achado a melhor que se viu em suas viagens, só novamente chamará atenção para o fato de não guardarem corretamente os padrões métricos⁴⁷. Voltou ao palácio e depois foi ao salão da Assembléia Provincial assistir a palestra do Gorceix intitulada *Riquezas Minerais de Minas Gerais*, onde ele fez um levantamento mineralógico e geológico da província, apontando os locais mais ricos e se debruçando, particularmente, na extração e produção do ferro, que lhe tomava a atenção desde a fundação da Escola de Minas. Os comentários do Imperador foram positivos:

“[...] Conferência de Gorceix no salão da Assembléia, que ficou cheio. Gorceix expôs com talento as riquezas de Minas, sobretudo a do ferro, cuja quantidade calculou em 81 mil milhões de toneladas podendo a província tornar-se a fornecedora de aço ao resto do mundo se por meio de linhito de que se encontram vários depósitos em Minas se conseguir aceitar diretamente o seu ferro. Gostei de ouvir a exposição de idéias tão civilizadoras a 80 léguas do Rio de Janeiro de onde felizmente já começou a irradiar-me o progresso a todo o Brasil [...]”⁴⁸.

⁴⁶ Diário volume 24 p. 20 do manuscrito. Sobre o cônego Ottoni ver: Diário volume 24 p. 5 nota 37 da transcrição. Sabemos pelo jornal **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 nº 45 p. 1 que o cônego Ottoni também era deputado na Assembléia Legislativa Provincial e que esse sermão em ação de graças pela viagem foi editado em avulso. E, no jornal **A Actualidade** de 9 de abril de 1881 nº 35 p. 3 há trechos desse sermão extremamente laudatório. Sabemos, através desse jornal, que ele foi encomenda do presidente da província em exercício José Francisco Netto.

⁴⁷ Para os comentários de D. Pedro II sobre Aleijadinho, Ataíde, as casas de Marília de Dirceu e de Tomás Gonzaga, o quartel de polícia e a casa da Câmara ver: Diário volume 24 p. 21-22 do manuscrito.

⁴⁸ Diário volume 24 p. 22-23 do manuscrito.

Depois da conferência recebeu quem queria com ele falar. Prática que exerceu durante toda a viagem. No Diário chama atenção para a conversa sobre a justiça em Minas com o juiz de direito José Inácio Gomes Guimarães e com o desembargador Quintiliano José da Silva, ex-presidente da província e com a conversa com a mãe do deputado Manuel Joaquim Lemos⁴⁹.

Ao amanhecer do dia 1º de abril D. Pedro II visita a cadeia, desagradando-se das partes inferiores, conversa com os presos e analisa o ensino da cadeia lamentando o fato de que, dentre mais de 300 presos, apenas 36 assistisse as aulas. Visita novamente a Escola de Minas onde assiste aula do professor Bovet (Armand de Bovet, professor de exploração de minas e metalurgia) sobre a exploração de ouro. Pede informações escritas sobre a mina de Morro Velho, para onde se dirigiria depois de Ouro Preto. Depois da lição foi visitar as coleções mineralógicas acompanhado de Gorceix e com quem discutia os assuntos da Escola. Com um pedaço de grafite deixou escrito: “*Muito me tem agradado a Escola de Minas criada por Mr. Gorceix – 1 de abril de 1881 – Pedro*”⁵⁰. Assistiu às provas dos alunos chamando atenção para Augusto Barbosa da Silva em matemática.

Depois de almoçar tornou a sair a cavalo. Visita os estabelecimentos educacionais, inclusive a Escola de Farmácia. Depois a tesouraria provincial, na antiga Casa dos Contos⁵¹, aonde chama atenção para a necessidade de alguns reparos na parte física do edifício. Tanto o jornal **A Actualidade** de 9 de abril nº 35 quanto o jornal **A Província de Minas** de 10 de abril nº 43 trazem um texto noticioso sobre essa visita e os dois publicam a ata da visita. O do **A Província de Minas** é mais extenso.

⁴⁹ Diário volume 24 p. 23-24 do manuscrito.

⁵⁰ Para essas informações do início da manhã do dia 1º, inclusive essa visita a Escola de Minas ver: Diário volume 24 p. 24-25 do manuscrito. Para o escrito deixado por D. Pedro II: Diário volume 24 p. 6 da transcrição nota 47.

⁵¹ Ainda hoje chamada de Casa dos Contos abriga um museu histórico sobre as finanças e impostos da época colonial.

Acompanhava-no Lima Duarte, Barão de Maceió e Barão Nogueira da Gama. Foi à sala que trabalhava o tesoureiro e onde ficava o caixa, interrogou o inspetor sobre o estado da escrituração e ao tesoureiro sobre o cofre. Examinou os livros-caixa. Foi à seção do contencioso e se informou com o procurador fiscal do movimento. Visitou a contadoria e arquivos, o correio que, segundo as palavras do Imperador, ficava mal acomodado junto com a tesouraria. Examinou, detidamente, a arquitetura do prédio e, segundo o jornal, “[...] retirou-se deixado bem patente a sua satisfação pela boa ordem em que encontrou a thesouraria [...]”⁵². Já no Diário seus comentários não são nada satisfatórios⁵³. Podemos pela citação do jornal perceber diferenças na apreciação de D. Pedro com a do jornal. Todas as notícias desses dois jornais construía um consenso calcado na boa ordem e organização da recepção e na satisfação de D. Pedro II com a mesma. Os jornais provinciais, como falamos acima, não deixavam transparecer momentos que poderiam demonstrar as fraquezas da organização oficial e reforçavam o beneplácito do Imperador para reafirmar o poder e a influência do grupo liberal que organizava essa recepção. Os jornais, para além de dados, nos fornecem indícios desse consenso político que envolvia a visita imperial. Eles são co-participantes nesse cerimonial de recepção e na perpetuação de uma certa imagem da visita: a de ordem e de satisfação por parte de D. Pedro II. Vemos, como nessa passagem da visita a tesouraria, que nem sempre D. Pedro tinha as opiniões favoráveis que os jornais lhe imputavam.

Logo após visita a casa de Marília de Dirceu e faz comparações entre o estado que encontrou a casa e o que diz os textos de Tomás Antônio Gonzaga. Passa pela matriz de Antônio Dias e pela igreja São Francisco de Paula e, depois, visita o Hospital

⁵² Jornal **A Província de Minas** 10 de abril nº 43 p. 2.

⁵³ Para os comentários de D. Pedro II a respeito da tesouraria ver: Diário volume 24 p. 26-27 do manuscrito.

da Misericórdia. No final desse dia o Imperador diz no Diário que entregou cartas de alforria e que a Baronesa de Camargos, D. Maria Leonor T de Magalhães, alforriou seus escravos que trabalhavam na liteira da Imperatriz. Essa prática de alforria se repetirá em outras cidades. D. Pedro II e D. Teresa Cristina também deixavam por todos os lugares que passavam grande quantidade de esmolas, principalmente em igrejas e organizações pias; além, de verbas para as manumissões de escravos⁵⁴.

O jornal **A Província de Minas** de 10 de abril publicou um edital da Câmara de despedida da comitiva e versando sobre o retorno da mesma no dia 18 de abril. Procedimento oficial de orientação e organização das festas. Vejamos:

“A camara municipal desta imperial cidade do Ouro Preto, cheia de prazer pelo patriótico entusiasmo com que forão aqui recebidos as Augustas Pessoas de SS. MM. Imperiaes no dia 30 de Março p. p, manifestando o povo em geral, o maior jubilo e contentamento pela presença dos Augustos Soberanos, que sempre cercados de sinceras aclamações, estiverão nesta capital até o dia 2 do corrente, seguindo nesse dia a visitar outras partes da província, convida e espera que no dia 18 deste mez, em que SS.MM são nesta cidade esperados, de volta de sua viagem, fazendo sua entrada pelo caminho de Marianna, sejam encontrados no Taquaral, a cavallo, por todos os cidadãos, sem distinções mais do que a da boa vontade e alegria com que devem ser recebidos os Augustos viajantes E para que chegue á noticia de todos, se expede o presente, que será affixado no lugar de costume e publicado pela imprensa. Paço da câmara municipal do Ouro Preto 4 de abril de 1881. Domingos Magalhães Gomes O Secretario, Paulo Barbosa Feu de Carvalho”⁵⁵.

Já que era a Câmara a responsável pela direção da festa, sendo ela que escolhia as comissões de organização e controlava as verbas, o seu documento oficial, como não poderia ser diferente, louva e agradece à população ouro-pretana a sua ordem e a sua aclamação em uníssono do Imperador. Se houve vozes discordantes, elas não podem aparecer quando se trata da divulgação para o grande público das coisas feitas para

⁵⁴ Sobre esses últimos acontecimentos do dia 1º de abril ver: Diário volume 24 p. 27-28 do manuscrito. O jornal **A Província de Minas** de 3 de abril nº 42 p. 1 dá a notícia dessas alforrias. Todas as cartas foram entregues aos libertos pelo Imperador. José Joaquim Fernandes Toros libertou Braz e Maria casados. A Baronesa de Camargos que falamos acima libertou três escravos. Família Magalhães (possivelmente de Domingos Magalhães, presidente da Câmara Municipal de Ouro Preto) libertou um e o coronel José Egydio da Silva Campos libertou dois.

⁵⁵ Jornal **A Província de Minas** 10 de abril nº 43 p. 4.

recepcionar D. Pedro II.

2.6. De Ouro Preto a Ouro Preto, novamente

Saindo de Ouro Preto às 6 horas chegaram no arraial de Cachoeira do Campo. Ao entrar na cidade a comitiva foi recepcionada com os sinos tocando, com uma banda de música executando o Hino Nacional e com as aclamações da população reunida no átrio da matriz. As ruas estavam adornadas de flores e arcos comemorativos foram levantados. Arcos de folhagem ornamentavam a casa do comerciante Felisberto Gomes de Moura, escolhida e preparada para alojar a comitiva. Na porta dessa habitação um grupo de cinco meninas vestidas de branco jogavam flores sobre a cabeça do Imperador e da Imperatriz. Foram recebidos, além do dono da casa, por dois membros da comissão que tinha sido formada para organizar essa recepção: Joaquim Fernandes Ramos e o capitão Lúcio Fernandes Ramos. Na hora do almoço foi mostrado ao Imperador uma cadeira na qual seu pai, D. Pedro I, sentou-se quando esteve em Minas - D. Pedro I veio a Minas em duas ocasiões: em 1822 e depois no final de 1830. Foi-lhe apresentado, ainda, Manuel de Neves Murta de 88 anos que cuidara dos animais para D. Pedro I numa dessas viagens. Depois do almoço foi visitar e rezar na igreja matriz que o agradou muito nos seus trabalhos de talha⁵⁶. Em seguida, a Imperatriz ficou na residência onde continuou a receber a população local e o Imperador foi visitar a coudelaria, instalada numa fazenda que tinha sido doada para a província pelo mesmo e no local do antigo Regimento de Dragões da capitania de Minas Gerais. A opinião do Imperador sobre o uso da fazenda não foi boa:

⁵⁶ Para essas informações sobre a recepção em Cachoeira do Campo ver o jornal **A Província de Minas** de 17 de abril nº 44 p. 3. E, também, o Diário volume 24 p. 29-31 do manuscrito.

“[...] Visitei só a coudelaria. Casa arrumadíssima. O arrendatário fulano Castro não quis responder-me claramente sobre a extensão das terras e as cabeças de gado por causa de pequena renda que paga e assim mesmo sem tê-lo feito pontualmente. A terra da coudelaria é só de meu usufruto mas a fazenda do buraco igualmente arrendada ao mesmo é minha propriedade. Pensarei em aproveitá-las para colonos [...]”⁵⁷.

Foram, então, visitar os estabelecimentos aonde se davam as aulas de meninos e de meninas e examinou o conhecimento de alguns alunos. Ao partir deixou com o pároco da matriz 400\$000 (quatrocentos mil réis) para a igreja e 200\$000 (duzentos mil réis) de esmolas para os pobres e entregou duas cartas de alforria dadas por José Joaquim Fernandes Torres a dois escravos cônjuges⁵⁸.

Chegaram em Casa Branca, aonde pernoitariam, às 16 horas. Foram recepcionados com uma queima de fogos de artifício e um cortejo de cavaleiros. Ficaram hospedados na casa do vigário local. À noite a cidade foi iluminada e se encheu de bandeirolas. A mesma banda de música que tocava em Cachoeira do Campo tocou aqui o Hino Nacional. Foram visitar a igreja matriz e depois voltaram para a casa do vigário⁵⁹.

No caminho depois de Casa Branca quem mais próximo ficava de D. Pedro II e com ele entretia longas conversas era Gorceix quase todas sobre os ramos científicos da geologia, especialidade desse último. O vigário de Casa Branca acompanhou a comitiva até o arraial do Rio das Pedras, aonde almoçaram. Continuando a viagem chegaram ao arraial de Santo Antônio de Rio Acima. Nesse caminho já se avista o Rio das Velhas. Ao se aproximar de Congonhas do Sabará (hoje Nova Lima) o diretor da Mina de Morro Velho Pearson Morrison e um grande número de funcionários e pessoas foram

⁵⁷ Diário volume 24 p. 29-30 do manuscrito.

⁵⁸ Para a visita às escolas, para o valor da esmolas e para as cartas de alforria ver: **A Província de Minas** de 17 de abril nº 44 p. 3; Diário volume 24 p. 30-31 do manuscrito. Esse Joaquim Torres, organizador da recepção, era um dos filhos do falecido senador José Joaquim Fernandes Torres (1795-1869). Ver: Diário volume 24 p.7 nota 54 da transcrição.

⁵⁹ Para as informações de Casa Branca ver: **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 nº 45 p. 3; Diário volume 24 p. 31 do manuscrito.

recepcionar o Imperador. Com o grande alarido provocado pela agremiação de pessoas o cavalo de D. Pedro II se assustou e jogou-o no chão de costas.



Capa da Revista Ilustrada de 9 de abril de 1881 nº 244. A ilustração retrata, de maneira humorística, a queda acima mencionada. Retirado do Cd’Rom: BEDIAGA, B. (org). *Diário do Imperador D. Pedro II*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.

O repórter Tinoco do Jornal do Commercio assim descreveu o evento:

“[...] Depois que Sua Magestade se despediu do Sr. Morrison chicoteou o cavalo, e, instantes depois, quando subia uma pequena elevação, olhou para trás como que para chamar alguém. Nessa ocasião o cavalo em que ia montado espantou-se com os vestidos de umas mulheres que tinham ido postar-se em um barranco para verem passar os augustos viajantes, e S. M. o Imperador, perdendo o equilíbrio por causa do brusco movimento do animal, caiu de costas no chão [...] Sua Magestade ficou extremamente pálido [...]”⁶⁰.

Para o Imperador *“[...] Não foi nada, montei noutra oferecido pelo diretor de Morro Velho e continuei a andar [...]”⁶¹*. Depois do susto D. Pedro II pára numa lavra para se informar sobre a mineração e acaba por, também, trabalhar um tempo com a bateia.

⁶⁰ Diário volume 24 p. 8 nota 59 da transcrição.

⁶¹ Diário volume 24 p. 33 do manuscrito. Para essas informações entre a partida de Casa Branca e o tombo, perto de Congonhas do Sabará ver: Diário volume 24 p. 32-33 do manuscrito; **A Provincia de Minas** de 24 de abril de 1881 nº 45 p. 3.

Todo esse tempo Gorceix o informa dados a respeito desta lavra. Chega, então, a casa do diretor de Morro Velho aonde grande número de pessoas já o aguardava.

Ao longo do outro dia, 4 de abril, ficou apenas examinando a Mina e seus arredores. No Diário ele toma notas detalhadas sobre todos os processos envolvidos na mineração. De volta a casa do diretor foi conhecer a biblioteca e o que lhe chamou atenção foram as obras em inglês sobre as viagens modernas para a América do Sul e a África. Podemos afirmar que tal atenção voltada para esse tipo de literatura é um leve indício de seu gosto por literatura de viagem, o que realça a importância dessa literatura para a escrita viajante do Imperador, como discutimos no primeiro capítulo. Foi, então, visitar em Congonhas do Sabará o hospital e capela católica. Às 3 horas estava defronte a Mina e, acompanhado pela Imperatriz, ambos vestidos de mineiro (roupa de brim-lona, chapéus de couro duro com uma vela espetada), desceram os 457 metros até o fundo da Mina no elevador. Lá permaneceram por uma hora e meia ouvindo as explicações do diretor⁶².



⁶² Para as informações sobre esse dia quatro em Morro Velho ver: Diário volume 24 p. 35-40 do manuscrito; Diário volume 24 p. 9 nota 63 da transcrição e o jornal **A Província de Minas** de 17 de abril nº 44 p. 1.



Fotos tiradas da Revista Ilustrada de 7 de maio nº 246 p. 9-10 na Hemeroteca Pública de Minas Gerais A primeira à esquerda é o Imperador e a Imperatriz em trajes mineiros. A segunda à direita é a descida ao fundo da Mina. A terceira acima é a comitiva no fundo da Mina, tendo o jornalista Carlos Carvalho em primeiro pano desenhando essa mesma ilustração. A assinatura JC nas ilustrações são suas iniciais.

Na outra manhã depois de um banho e uma refeição partem na direção de Sabará. No caminho chama atenção do Imperador a vista da serra do Curral e da Piedade. Chegam na casa que ficariam hospedados às 9: 30 da manhã - D. Pedro II diz que é a mesma que abrigou seu pai. Além da população reunida estava presente o deputado Inácio Assis Martins (1839-1903), depois senador e visconde de Assis Martins. Visitou a escola secundária, um internato, assistiu às aulas e anotou no Diário o desempenho dos alunos. Depois visitou as casas aonde se davam as aulas primárias de meninos e meninas. Visitou a igreja do Carmo “[...] *que nada tem de notável* [...]”⁶³ e, segundo o Diário, a casa onde nasceu Cândido José de Araújo Viana (1793-1875),

⁶³ Diário volume 24 p. 43 do manuscrito. As informações para esse dia 5 em Sabará foram tiradas todas do Diário volume 24 p. 40-45 do manuscrito e da transcrição p. 10. Dos periódicos aqui coligidos apenas **A Província de Minas** do dia 17 de abril nº 44 p. 1 tem a seguinte nota: “No dia 5, pela manhã, os imperiaes viajantes chegarão á Sabará, onde forão *enthusiasticamente* recebidos pelo povo”.

visconde e marquês de Sapucaí⁶⁴. No caminho para o hospital da Misericórdia a vista da Serra do Curral e a da Piedade chamou-lhe a atenção novamente. Voltou para casa e foi para a igreja do Carmo para um *Te-Deum* em sua homenagem.

No dia seguinte começam a navegar o rio das Velhas, na barcaça Cônego Santana. No percurso que os levou até Santa Luzia o Imperador anotou no Diário o tempo de navegação, a situação das margens ribeirinhas, a profundidade em alguns pontos e as fazendas e pequenos arraiais nas margens. Chegaram em Santa Luzia e foram recepcionados pela população e por autoridades na Ponte Grande sobre o rio das Velhas.



Foto tirada da Revista Ilustrada de 7 de maio n° 246 p. 9-10 na Hemeroteca Pública de Minas Gerais. Título da Ilustração: Ponte de madeira sobre o Rio das Velhas em Sta. Luzia.

Essa ilustração retrata a chegada em Santa Luzia. O barco à frente com a bandeira hasteada levava o Imperador, a Imperatriz e a comitiva. O barco atrás levava

⁶⁴ Sapucaí nasceu não em Sabará, mas em Congonhas de Sabará (Nova Lima). Ver: Diário volume 24 p. 10 nota 68 da transcrição.

os criados e uma banda de musica. A casa de um piso só na base da encosta no centro ao fundo é onde serviram o almoço. Vemos nessa ilustração os arcos de folhagem que eram montados pelas cidades por onde passava a comitiva.

Em Santa Luzia a comitiva almoçou e D. Pedro II ficou conversando com o médico e chefe do Partido Liberal nessa localidade, Modestino C. da Rocha Franco, filho do 2º Barão de Santa Luzia Quintilliano R da Rocha Franco⁶⁵ sobre o caminho da EF DP II. Partiram de Santa Luzia continuando sua viagem pelo rio. Aqui o Diário se torna esquemático, com D. Pedro II marcando as horas e os correspondentes lugares por onde passava. Temos, ainda, a primeira referência a Saint-Hilaire: “[...] 3 h 5’ Ribeirão da Mata. 3 h. Muitas macaúbas (*acrocomia selerocarpa*) Mat. St. Hilaire — *Voyages dans les provinces de Rio etc., 1^{ère} partie vol. 2 pág. 377 [...]*”⁶⁶. Chegaram em Macaúbas às 17:30 da ta horas. Foi visitar a igreja local, o colégio de meninas e o Recolhimento de Macaúbas cujo diretor era o padre Joaquim José de Oliveira Lana (durante 36 anos capelão e diretor) que recepcionou o Imperador.

2.6.1. Em Lagoa Santa com Peter Lund

No outro dia, 7 de abril, atravessam a margem do Rio das Velhas e partem a cavalo e liteiras. As 8:30 horas avistam Lagoa Santa do alto de um morro e vieram a seu encontro, entre outros, o Barão do Rio das Velhas, Francisco de Paula Fonseca Viana. Nas palavras de D. Pedro II: “[...] *A entrada da povoação foi por entre hastes e ramos de bananeiras, e outras plantas algumas floridas que produzem aprazível efeito*

⁶⁵ As informações para esse dia 6 em Santa Luzia e Macaúbas foram tiradas todas do Diário volume 24 p. 45-49 do manuscrito e da transcrição p. 10-12. Dos periódicos aqui consultados apenas **A Província de Minas** do dia 17 de abril nº 44 p. 1 tem o seguinte texto: “*A 6 seguirão para Macaúbas, ahi chegando nesse mesmo dia á tarde, tendo almoçado em Santa Luzia. A viagem foi feita em barco, rio das Velhas abaixo*”.

⁶⁶ Diário volume 24 p. 47 do manuscrito.

[...]”⁶⁷. Almoçaram e saíram para visitar a cidade. Nessa cidade o que mais prendeu a atenção do Imperador foi Peter Lund⁶⁸. Ele visitou a sua casa percorrendo-a toda e, depois anotando detalhes no Diário. Travou conhecimento com Nereu Cecílio dos Santos, ajudante e braço direito do cientista em Lagoa Santa que o deixou como herdeiro no Brasil. Nereu a pedido de D. Pedro II redigiu uma série de notas sobre o cientista e lhe entregou junto com o testamento⁶⁹. Pelo Diário se depreende que D. Pedro II instigou a todos que conheceram Lund com inúmeros questionamentos sobre este. “[...] Perguntei muito se tinha deixado filho ou criara alguma relação afetuosa neste lugar. Responderam-me positivamente que não [...]”⁷⁰. Ainda, explorou as grutas

⁶⁷ Diário volume 24 p. 51 do manuscrito. Vemos nesse trecho do Imperador, tal como na ilustração acima da chegada em Santa Luzia, a prática de fazer arcos comemorativos com produtos da região para saudar a chegada da comitiva. A parte da narrativa de viagem que se refere a esse dia, 7 de abril e o outro, 8 que D. Pedro II permaneceu em Lagoa Santa é: Diário volume 24 p. 49-61 do manuscrito e p. 12-14 da transcrição incluso as notas.

⁶⁸ “Reconhecido como o Pai da Paleontologia no Brasil, Peter Wilhem Lund nasceu em Copenhague (Dinamarca), a 14 de junho de 1801. Filho de família abastada, concluiu o curso de medicina, mas não chegou a exercer a profissão. Dedicou-se aos estudos de zoologia e botânica. Afetado por uma tuberculose pulmonar, veio para o Brasil em 1825... Estabeleceu-se nas cercanias de Niterói, em Itaipu, dando início a curiosas coleções de plantas e peixes. Recuperado fisicamente, retornou à Dinamarca[...] Após perder a mãe, voltou para o Rio de Janeiro, em 1833, aproximando-se do botânico alemão Luís Riedel, integrante da malograda expedição do conde de Langsdorf. Acompanhado de Riedel, iniciou viagem pelo interior do país, programada para se estender até Goiás. Porém, por motivo de doença, viu-se obrigado a interromper a excursão em Curvelo, no sertão de Minas. Conheceu, então, um compatriota que ali vivia, ex-integrante da comitiva do naturalista Friedrich Sellow, de nome Peter Claussen, que lhe mostrou grandes quantidades de ossos de animais pré-históricos, descobertos por acaso em sua própria fazenda. Fascinado, Lund decidiu permanecer na região e fixar residência em Lagoa Santa. Realizou sucessivas explorações espeleológicas, detendo-se no exame das numerosas lapas e cavernas da bacia do rio das Velhas, nas proximidades de Curvelo, Santa Luzia e Sete Lagoas. Na Lapa do Sumidouro [D. Pedro II fala dela no Diário] encontrou ossos humanos misturados aos de animais, alguns extintos, evidências que o conduziram para a questão da possível coexistência do homem americano com alguma espécie de animal pré-histórico[...] Admitido sócio honorário do IHGB [instituição que contava com a proteção direta e a presença constante de D. Pedro II], em 1839, exerceu notável influência nas atividades desse reduto intelectual[...] Peter Lund procurou oferecer uma visão científica a respeito da antiguidade da terra de Santa Cruz. Basta dizer que, ainda hoje, 30 de seus trabalhos não foram superados. Descreveu 114 espécies de animais, em parte extintos, sendo alguns de grande porte. Publicou, dentre outras contribuições, o clássico *Sur l’antiquité de la race Américaine* (1845), obra que desvendou a história da era pleistocênica brasileira. Doou ao acervo do Museu de Copenhague sua grande coleção de fósseis e ao IHGB um conjunto de ossos humanos, no qual se incluía um crânio que ficou conhecido como o homem de Lagoa Santa. Permaneceu em Lagoa Santa, vindo a falecer em 25 de maio de 1880”. Essa pequena biografia foi retirada de: VAINFAS, Ronaldo (org). Dicionário do Brasil Imperial. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 575-576. Portanto, tinha menos de um ano do falecimento do cientista quando a comitiva passou por Lagoa Santa.

⁶⁹ No Arquivo Histórico do Museu Imperial existem um conjunto de documentos com a seguinte referência: **Maço 186 doc 8454** que são um conjunto de anotações sobre o Lund e mais seu testamento em dinamarquês. Podemos afirmar que se trata desse conjunto de anotações entregues a D. Pedro II por Nereu nessa ocasião.

⁷⁰ Diário volume 24 p. 53 do manuscrito.

por onde andar o cientista e, também, as colees paleontológicas e arqueológicas montadas por Lund.

Depois de visitar a casa do cientista na parte da manhã e início da tarde desse dia 7 a comitiva visita as escolas do local e D. Pedro se desgosta com o fato de estarem ensinando doutrina religiosa nestas. “[...] *Aproveitei a ocasião para repetir que a doutrina religiosa deve-se ensinar somente na casa paterna e na igreja ou templo quando se possa ensinar a; o que não sucede ainda no Brasil [...]*”⁷¹. O Brasil vivia, ainda, no clima do que a historiografia chama de questão religiosa e, o Imperador, nesse ponto, era claramente a favor de uma não ingerência excessiva da Igreja Católica na sociedade em geral. Apesar de ser um católico praticante (no sentido de freqüentar regularmente as cerimônias da Igreja Católica), tinha um espírito mais liberal em relação  religo.

s 14 horas foi navegar e pescar na lagoa. Volta para casa que estava hospedado, descansa conversando com Nereu. Aqui temos no Diário uma informação preciosa sobre a feitura do mesmo: ele escrevia durante a viagem em momentos de folga e, ainda, era mesmo que uma obrigação, ou melhor, uma prática comum na vida do Imperador escrever esses diários; pois, até num momento de cansaço confesso ele separava um tempo para o anotar a viagem. “[...] *Descanso até o jantar às 6 h, porém mesmo deitado pensarei e escrevo a respeito da viagem [...]*”⁷². Junto com o Barão do Rio das Velhas discute a navegação do Rio das Velhas. Depois do jantar voltou a conversar com a população local e ouviu Nereu e sua mulher cantarem um lundum (música com traços africanos), intitulado *quero me casar, quero me casar*.

Na manhã seguinte seguindo as orientações de Gorceix recebidas no dia

⁷¹ Diário volume 24 p. 54 do manuscrito.

⁷² Diário volume 24 p. 56 do manuscrito. O que vem corroborar, ainda mais, o que apontamos no primeiro capítulo: ele tomava notas durante as suas viagens.

anterior, saíram para ver a gruta da Aldeia, uma das principais onde pesquisou Lund. No caminho passaram por fazendas, engenhos e pequenas grutas. Era guia da comitiva o sobrinho do Barão do Rio das Velhas Antônio Fonseca Viana. Chegaram na gruta às 11 horas e lá permaneceram por 2 horas, explorando seus salões, tendo o Imperador anotado no diário, mais tarde, várias informações sobre a conformação geológica e os produtos naturais existentes na gruta. Na gruta o Imperador conheceu Manuel Simão Reis que explorava o salitre da gruta e tinha trabalhado junto com Lund. D. Pedro II ficou um bom tempo conversando com ele e quando foi embora deixou para ele uma esmola. Volta para Lagoa Santa, come alguma coisa e, antes de dormir, vai escrever suas notas sobre a viagem, marcando o momento da escrita como 22 horas.

No dia 9 de abril, um sábado, a comitiva retorna para Santa Luzia. Antes de sair Nereu entregou obras de Lund para o Imperador que diz no Diário que mandará traduzir e entregar uma cópia para Gorceix. Chegaram em Santa Luzia onde almoçaram. Saiu para visitar a cidade, tendo ido a igreja matriz, aos locais onde se davam as aulas de meninos e meninas - gostou só da de meninos -, à casa da Câmara e Cadeia - novamente notou a falta de cuidado com os padrões métricos - e ao hospital da Misericórdia fundado com o dinheiro do 1º Barão de Santa Luzia, Manuel Ribeiro Viana (1767-1844). A comitiva ficou alojada no sobrado que tinha sido dos Barões de Santa Luzia, ocupado pela filha do 2º Barão Quintiliano, já mencionado acima (Esse Quintiliano tornou-se 2º Barão depois de casar com a viúva do 1º, Maria Alexandrina de Almeida). Às 14 horas voltou a sair com representantes da Câmara com quem discutiu a situação financeira da mesma. Logo depois, voltam para Sabará pelo rio das Velhas. No caminho pegaram uma forte chuva e todos chegaram molhados na casa do coronel Jacinto Dias - hoje a Câmara de Sabará. Veio da parte da Companhia de Mineração Morro Velho um acompanhante para a visita que o Imperador faria no outro

dia a mina Cuiabá de propriedade da Companhia. À noite D. Pedro II e comitiva assistiram a duas peças de teatro. Temos no jornal **A Província de Minas** notícia a respeito dessa etapa da viagem que foi de Sabará até Lagoa Santa e voltou a Sabará passando por Santa Luzia

“[...] Depois de sua excursão á Santa Luzia (onde S. M. o Imperador visitou a matriz, hospital e escolas), Macaúbas e Lagôa Santa, tendo neste último lugar percorrido e explorado varias cavernas notaveis e celebres pelos estudos do Dr. Lund, cuja casa visitou, regressarão os augustos viajantes á Sabará. Nesta cidade o Imperador deixou 1:000\$ para a Misericórdia e 400\$ para os pobres, tendo também dado em Macaúbas 500\$ para o recolhimento que ali ha e 200\$ para os pobres [...]”⁷³.

Na manhã do outro dia levantou bem cedo assistiu missa na própria casa que estava e saiu. Visitou a casa de uma autoridade religiosa local, Monsenhor José Augusto e a igreja matriz de Sabará e seus comentários foram bem favoráveis:

“[...] A mais bonita igreja internamente que tenho visto. Duas galerias laterais com arcos a que correspondem os altares. Coro elegante. Obra de talha dourada de bom gosto. Quadros na sacristia de que o melhor é o da ressurreição. Penso que são os que St. Hilaire elogia [...]”⁷⁴.

Depois dessas visitas seguiu viagem para a mina Cuiabá acompanhado pelo comendador Viana, o homem mandado pela Companhia de Morro Velho. Chegando na mina foram recepcionados por Pearson Morrison, o diretor da Companhia. D. Pedro II anotou no Diário várias informações sobre o processo mineralógico, como fez em Morro Velho e em todas as minas por onde passou. Às 11 horas despediu de todos e seguiu viagem na direção de Caeté, já avistando a serra da Piedade. No caminho encontraram com uma comitiva da Câmara Municipal de Caeté toda trajada de gala e que tinha como líder o vice-presidente da mesma, tenente Emilio Pereira da Silva

⁷³ **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 nº 45 p. 1. As informações para esse dia 9 de abril foram retiradas todas do: Diário volume 24 p. 61-68 do manuscrito e da transcrição p. 14-16 incluso as notas.

⁷⁴ Diário volume 24 p. 69 do manuscrito. O elogio de Saint-Hilaire é para as pinturas do coro, D. Pedro se corrigirá no Diário. A passagem do elogio é: “[...] Cada lado do coro é ornado por três quadros representando passagens da vida de Jesus Cristo, e são os melhores que vi na provincia[...]” In: SAINT-HILAIRE, Auguste de. Op. cit, p. 75.

Grillo. Chegaram na cidade que estava com suas casas ornadas, suas ruas floridas, com arcos levantados em homenagem ao Imperador. Logo depois, dispensou o *Te Deum* e foi visitar a matriz, considerou-a elegante. Visitou as casas de ensino primário, a Câmara e a cadeia que não gostou chegando à conclusão que o serviço de polícia na província era mal feito.

“[...] Pela noite foi a cidade illuminada e uma bella orchestra, depois de longo exercício na frente do paço e em seguida aos vivas a SS. MM. Imperiaes percorria as ruas com o povo em um só corpo até o alvorecer do dia 11 [...] A essa hora SS. MM. deixarão os leitos e as 6 horas seguirão para São João do Morro Grande, deixando o Caethé em justa saudade, mas ufano pela honra recebida. S. M. Imperador logo que alcançou as colinas de Cuyabá avistou a Serra da Piedade e não mais a deixou, reparando suas diversas columnas, galerias [...] que attrahem a attenção dos sábios, e até ausentar-se do Caethé mostrou desejos de a visitar e examinal-a em todo o seu corpo. É cheio de bondade amante da caridade pois que legou ao Asylo S. Luiz 1:000\$000, aos pobres 200\$000 e ao hospital em construção 200\$000 reis [...]”⁷⁵.

Antes de dormir ficou lendo Saint Hilaire. Na manhã do outro dia parte para o Caraça. Ao sair de Caeté lhe chama atenção a vista e a casa do Barão de Catas-Altas João Batista Azeredo Coutinho⁷⁶. Acompanhavam o Imperador, além da comitiva, Gorceix, o 2º visconde de Barbacena, Felisberto Caldeira Brant (1802-1906) e o monsenhor José Augusto que não cansava de comentar o caso da Irmã Germana, que era tida como santa na região e outros casos de curas e milagres. D. Pedro II anota no Diário que Saint-Hilaire comentou dessa suposta santa. O monsenhor José Augusto prometeu ao Imperador o parecer que o médico e senador Antônio Gonçalves Gomide

⁷⁵ **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 nº 45 p. 3. As informações para esse dia de Sabará até Caeté estão no texto *Viagem Imperial* do qual tirei essa citação e ainda na mesma edição do mesmo jornal na p. 1 em texto, também, intitulado *Viagem Imperial*. E, ainda: Diário volume 24 p. 68-74 do manuscrito.

⁷⁶ Era capitão-mor e guarda honorário da Casa Imperial no governo de D. Pedro I. Casou-se, sucessivamente, com duas filhas do guarda-mor José Alves da Cunha Porto. Foi um homem muito rico, dono de fazendas e de minas, a mais famosa Gongo-Soco. D. Pedro II diz no Diário que rendia para mais de 300.000 contos e que o Barão era pródigo em jogar moedas para o povo. Gastou toda sua fortuna e morreu pobre em 1839. Diz, ainda, que foi cunhado duas vezes do marquês de São João Marcos, Pedro Dias Paes Leme (1772-1868), descendente do bandeirante paulista, Fernão Dias, que casou, também, com duas filhas do acima mencionado José Alves da Cunha. Ver: Diário volume 24 p. 17 notas 118, 119 da transcrição. Diário volume 24 p. 75 do manuscrito.

(1770-1835) fez a respeito dessa Irmã Germana desacreditando a crença da santidade⁷⁷. No caminho passam pelos edifícios abandonados de Gongo-Soco e uma outra lavra abandonada. D. Pedro II diz que aprendeu muito sobre mineralogia na conversa com Gorceix e faz uma anotação no diário que deveria ler um trabalho do francês Aimé Pissis, possivelmente sugerido por Gorceix⁷⁸.

A comitiva parou numa fundição de ferro de propriedade de Manuel Martins Marques, pois o Imperador estava interessado em conhecer detalhadamente o processo antigo de separar o ferro do minério. Conversa longamente com Gorceix sobre o processo, seu rendimento e valores. Pouco antes da vila de São João do Morro Grande (atual município de Barão de Cocais) uma comitiva de cavaleiros veio recepcionar a comitiva, entre eles Afonso Augusto Pena (1847-1909), então deputado geral. A igreja dessa vila é semelhante à de Caeté e D. Pedro II dirá no Diário que Saint-Hilaire teve razão de falar dela. O que o naturalista falou foi: “[...] *uma das mais belas igrejas que vi na Província de Minas [...]*”⁷⁹. Partiram de São João do Morro Grande, passaram pela povoação de Brumado, aonde observou antigas escavações para exploração de ouro e a casa principal do lugar que pertenceu a Sebastião Pena, avô do deputado Afonso Pena que seguiu na comitiva até aquele ponto. Passa por Santa Bárbara e começa a subir a serra do Caraça.

“[...] Desde que se começa a subir a serra do Caraça cresce a beleza da paisagem, e do alto descobre-se vastíssimo horizonte e depois uma das mais

⁷⁷ Sobre a chamada Irmã Germana em 1814 publicou no Rio de Janeiro o futuro senador Antônio Gonçalves Gomide o folheto intitulado: Impugnação analítica do exame feito pelos clínicos Antônio Pedro de Sousa e Manuel Quintão da Silva em uma rapariga que julgaram santa, na capela de Nossa Senhora da Piedade da Serra, próximo a Vila Nova da Rainha de Caeté, comarca de Sabará. O assunto foi também abordado por J. P. Xavier da Veiga em Efemérides Mineiras cit., vol I, p. 253-259. Para essas informações sobre Monsenhor Augusto e a Irmã Germana ver: Diário volume 24 p. 76 do manuscrito. Diário volume 24 p. 17-18 notas 115, 124 da transcrição. A parte do texto de Saint-Hilaire sobre a Irmã Germana é: SAINT-HILAIRE, Auguste de. Op. cit, p. 68-70.

⁷⁸ O trabalho intitula-se: *Mémoires sur la position géologique des terrains de la partie australe du Brésil et sur les soulèvement qui a diverses époques ont changés le relief de cette contrée*. Publicado no Compte Rendu da Academia de Ciências de Paris, da qual D. Pedro II e Gorceix eram sócios. Ver: Diário volume 24 p. 77-78 do manuscrito. Diário volume 24 p. 18 notas 127-128 da transcrição.

⁷⁹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. Op. cit, p. 63.

*belas cascatas que eu conheço que forma lençóis e tanque e corre depois em fundo vale estreitado pelas montanhas de que já falei. Nunca admirei lugar mais grandiosamente pitoresco do que este. O caminho passa por cima da cascata que parece sumir-se de repente. Continuei como anteriormente por dentro da mata e por cima de pedras. Felizmente o belo luar sempre deixa ver um pouco o lugar por onde se anda mesmo debaixo das árvores, e num lugar de grandes lagos, perigoso para liteira alumiaava a lua com todo o seu esplendor. O cruzeiro fulgurava em nossa frente e à esquerda Vênus faiscava quase sobre a montanha. Não posso descrever tanta beleza. Por fim dobrando uma ponta do morro aparece de repente o edifício do Caraça iluminado e de que descem pela encosta duas longas filas de luzes. Altíssimos rochedos em anfiteatro formavam o fundo do quadro. Era belíssimo, mas a lua e as estrelas elevam-me os olhos a maior altura [...]*⁸⁰.

Essa passagem destoa do estilo da narrativa do resto do Diário. Ela tem um forte apelo sensorial e imagético que era característica da literatura de viagem oitocentista. Percebemos como a paisagem afetou o viajante D. Pedro II tocando seus sentidos e provocando nele um certo deslumbramento. A relação paisagem que domina e viajante que se extasia é uma das tópicas mais freqüentes na literatura de viagem. Em pouquíssimas passagens o Imperador produz uma narrativa desse estilo, mas todas essas características da narrativa de viagem oitocentista estavam no seu horizonte e, portanto, conformaram seu olhar.

2.6.2. Discussões religiosas no Caraça

Chegando no alto apeou do cavalo e seguiu entre uma fila de alunos todos vestidos de batinas e com velas na mão, ao som da banda de música do colégio que os padres tinham organizado para recepcioná-lo. Passou pela capela em estilo gótico que estava sendo construída e foi terminada em 1883. Tomou banho e foi conversar com o superior do colégio padre Julio José Clavelin e com outros professores, segundo o Diário, principalmente com o professor de história e geografia padre Socrate Collaro,

⁸⁰ Diário volume 24 p. 83-85 do manuscrito.

nascido em Constantinopla de família grega. Jantou e se informou com Clavelin sobre o estado dos estudos no colégio⁸¹.

Acordou às 6 da manhã do dia 12 e foi tomar banho no rio. Na sala aonde ele escrevia o Diário, nota haver bons livros pertencentes ao padre Clavelin ou ao padre Miguel Maria Sipolis que tinha sido superior de 1854 a 1857 e de 1862 a 1867. Entre esses livros chamou-lhe atenção os livros de história natural. Ciência que estava em sua predileção como já discutimos. Assistiu missa feita pelo superior no refeitório. Depois foi visitar a biblioteca “[...] onde achei bons livros e edições antigas chamando minha atenção a da Crônica de Eusébio de 1483. Veneza, impressor Arnoldt Augustensis. Há aí uma pequena coleção de minerais quase todos de Minas [...]”⁸². Gastou o resto do dia em assistir as aulas e conhecer as dependências do colégio. Na aula de direito canônico se envolveu com uma discussão com o professor João Chanavat sobre a relação entre o poder civil e o eclesiástico, deixando bem claro sua independência em relação ao movimento de conservadorismo religioso que o Vaticano difundiu a partir da segunda metade do século XIX, denominado ultramontanismo e que pregava uma total submissão das questões sociais e políticas aos preceitos da Igreja. No Diário temos a passagem que D. Pedro II se explica falando que “[...] eu ressaltava o direito unicamente contra abusos de autoridade eclesiástica que não deviam ficar dependentes da única apreciação daquela [...]”⁸³. Fizeram uma pequena excursão ao pequeno

⁸¹ A referência do Diário para esse dia 11 e no dia 12 que permaneceram no Caraça é: Diário volume 24 p. 74-93 do manuscrito. Diário volume 24 p. 17-21 da transcrição. Outras informações foram colhidas no jornal **A Província de Minas** de 24 de abril nº 45 p. 1.

⁸² Diário volume 24 p. 87-88 do manuscrito.

⁸³ Diário volume 24 p. 88-89 do manuscrito. Na nota 138 da p. 20 da transcrição temos o que escreveu o repórter J. Tinoco para o Jornal do Commercio: “*Vou me referir um fato que se deu aqui na aula de teologia e direito canônico, que é regida pelo padre lazarista João Chanavat. Fã-lo-ei sem comentários, porque é um verdadeiro ferro quente, no qual não perei a mão. Foi assim: o professor, arquiando naquela aula um aluno, perguntou-lhe quantos poderes conhecia. O aluno, respondendo que o civil e o eclesiástico, acrescentou que ambos eram independentes, mas que o primeiro era sujeito ao segundo; aduzindo o professor que o poder civil estava sob o eclesiástico, por vir êste de Deus, Sua Magestade declarou que protestava contra esta doutrina, na qualidade de representante do poder civil e por ser ela contrária à Constituição do Estado*”.

monte do Calvário de onde se avistava boa parte de todas as montanhas da região, o colégio, e a capela em construção. À noite foi organizada uma sessão de discursos literários proferidos pelos professores e foi cantado um hino em homenagem a Imperatriz finalizando com a banda de alunos que o Imperador considerou sofrível. Passava das 21 horas quando D. Pedro II foi deitar-se. Deixaram no Caraça 200\$000 para os pobres e 500\$000 para auxiliar nas obras da igreja.

No outro dia partiram para Catas-Altas, “[...] *Freguesia de bastantes casas, bonita igreja, cujas torres têm remate um pouco extravagante e muito bem situada com a pitoresca serra do Caraça defronte para o ocidente [...]*”⁸⁴. Aqui foram recepcionados, mais uma vez, pelo deputado geral Afonso Pena e uma comitiva de cavaleiros. Almoçaram e o Imperador entregou três cartas de alforria dadas pelo diretor da mina de Cocais e 400\$000 (quatrocentos réis) de esmola para os pobres⁸⁵. Continuaram a viagem e passaram pelo arraial do Inficionado, aonde recebem correio e ficam sabendo da morte recente do Barão de Taunay⁸⁶. D. Pedro II indaga a um morador sobre a casa do poeta Santa Rita Durão, nascido no Inficionado, descobrindo que já tinha passado por ela. Resolve não voltar e seguem o caminho passando pelo arraial de Bento Rodrigues e de Camargos. D. Pedro II anotarà no Diário que desde o Inficionado sempre se tem bela vista do Caraça. Pouco depois de Camargos uma comitiva de cavaleiros vão ao encontro do Imperador, entre eles, o coronel Gentil José de Castro - a comitiva ficou hospedado em sua fazenda entre Barbacena e Ouro Preto -, Carlos Afonso de A. Figueiredo (1844-1907), irmão do visconde de Ouro Preto e o

⁸⁴ Diário volume 24 p. 94 do manuscrito.

⁸⁵ Para esse dia 13 ver: Diário volume 24 p. 93-98 do manuscrito, Diário volume 24 p. 21-22 da transcrição, **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 n° 45 p. 1.

⁸⁶ Félix Emily Taunay (1795-1881), antigo professor do Imperador, de suas irmãs e filhas, ex-diretor da Imperial Academia das Belas-Artes. Participante da chamada Missão Francesa, trazida ao Brasil por D. João VI para implementar o ensino e os ofícios ligados à arte. Em Mariana, a 17 de abril, a comitiva assistirá uma missa em sua intenção, na capela do palácio episcopal. Ver: Diário volume 24 p. 21 nota 147 da transcrição.

diretor da mina da Passagem Joseph R. Partridge com família. O Imperador anota no Diário que o caminho de entrada em Mariana foi reparado e que não estava mau apesar das ladeiras e pedras que, em alguns momentos, impedia a passagem das carruagens. Às 20 horas entraram na cidade de Mariana. Era Semana Santa e a comitiva foi recepcionada pelo bispo D. Antônio M. C. de Sá e Benevides - já o tinham visto em Ouro Preto - no palácio episcopal devidamente arrumado para a ocasião.

“[...] Na noite de 13, chegarão SS. MM. Á Marianna, onde forão entusiasticamente recebidos pelo povo, com aclamações, musica, vistosa illuminação, arcos, etc., indo hospedar-se no palácio de S. Exa. Revma o Sr. Bispo, que antes se passára para o Seminário [...]”⁸⁷.

2.6.3. Semana Santa em Mariana

Acordou as 5:30 do dia 14 de abril, uma quinta-feira santa. A missa na Sé durou das 11 horas até as 15 horas. Jantou, descansou e voltou para a matriz para a cerimônia do lava-pés. Segundo o Diário o sermão do cônego Bernardino Brandão da cidade de Campanha foi ordinário. Acompanhado do bispo foi visitar a igreja de São Francisco e voltou, ainda uma vez, para a Sé para acompanhar as cerimônias de Semana Santa.

Podemos afirmar, pela leitura do Diário, que, excetuando esses compromissos religiosos, o Imperador teve nesse dia bastante tempo livre que usou para descansar, ler e escrever suas notas de viagem. Há no Diário algumas referências a Saint-Hilaire nesse dia, nas quais o Imperador tece comparações entre o que viu e o que escreveu o cientista. O olhar, a reflexão do Imperador é guiada e auxiliada pela do Saint- Hilaire, *“[...] A mesma reflexão de St. Hilaire já fiz eu [...]”⁸⁸*. Tal como Saint-Hilaire constatou que a mineração arrasara as terras mineiras, o Imperador dirá: *“[...] Todos os povoados*

⁸⁷ **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 nº 45 p. 1.

⁸⁸ Diário volume 24 p. 99 do manuscrito.

*revelam mais ou menos decadência [...]”*⁸⁹. Mas, D. Pedro II não deixa de acreditar no papel regenerador da ciência, na sua capacidade de reverter essa situação de decadência. Deixando, também, entrever, através do texto de Saint-Hilaire, a sua opinião a respeito do desenvolvimento das comunicações pela ampliação das estradas de ferro. Tema que, também, reverberava nos jornais mineiros, entre os potentados locais que tiveram a chance de expressar ao Imperador suas opiniões sobre isso e na população em geral.

*“[...] Contudo essas minas abandonadas são de novo trabalhadas pela indústria melhorada pela ciência e disseram-me em Caeté que a vida reaparece. Sempre lembrando que St. Hilaire pg. 190 tomo 1 parte 1ª. Siga a estrada de ferro, deite estes ramais, naveguem-se os rios onde se achem desimpedidos de pedras, sobretudo, e a província de Minas será uma das mais ricas do Brasil [...]”*⁹⁰.

Notemos nessa passagem os dois assuntos mais discutidos com as autoridades e chefes mineiros durante a viagem: a construção de estradas de ferro e a ampliação das vias fluviais. De Saint-Hilaire ainda falará de seus comentários a respeito do Caraça, da origem do nome, da situação da capela e dos prédios e das paisagens presenciadas⁹¹. Nesse dia teve que trabalhar nos papéis que os ministros na Corte enviaram pelo correio. Recebeu carta de Gorceix mandando-lhe o Comptes-Rendus - a publicação da Academia de Ciência de Paris - e contando-lhe os assuntos a respeito da questão do canal do Panamá⁹².

Acordou e ficou estudando os processos e papéis mandados pelos ministros. Almoçou e foi assistir os ofícios religiosos. A cerimônia dessa sexta-feira santa começou às 10 horas e terminou às 14 horas. *“[...] Não tenho gostado do modo porque*

⁸⁹ Diário volume 24 p. 100 do manuscrito.

⁹⁰ Idem, ibidem.

⁹¹ Para esse dia, 14, em Mariana ver: Diário volume 24 p. 98-103 do manuscrito.

⁹² Em 1881 o empresário francês Ferdinand Lesseps, que já tinha construído o Canal de Suez, no Egito, criou a Compagnie Universelle du Canal Interoceânico de Panamá e deu início aos trabalhos. Os ingleses e americanos, que pelo acordo Clayton-Bulwer (1850) dividiam o controle de todas as ferrovias e canais que poderiam ser construídos no istmo, não se opuseram e passaram a concessão aos franceses. A empreitada não foi muito adiante. Problemas técnicos e financeiros não foram os motivos do fracasso, e sim o clima insalubre e a febre amarela que mataram cerca de 25 mil trabalhadores. Só em 1914 os norte-americanos inaugurariam o canal. Para essas informações e um pouco da história do Canal do Panamá ver: www.unificado.com.br/calendario/06/panama.htm

cantam aqui p. e. a Paixão. As lamentações das trevas de ontem foram lamentáveis, tom sem caráter triste e muito aborrecido, pior foi o das lições dos noturnos [...]”⁹³.

Pelo Diário podemos supor que essa maratona religiosa em Mariana não foi muito do agrado do Imperador, aliás, ele mesmo diz que não era seu hábito na Corte freqüentar tanto assim as cerimônias na Semana Santa. Quando chegou em Mariana na noite do dia 13 de abril ele não quis participar da missa daquele dia e falou: “ [...] Irei às de amanhã e de 6a. fa., o que não faço no Rio [...]”⁹⁴. Das 14 horas até pouco antes das 17:30, quando jantou, o Imperador ficou lendo - o quê ele não afirma, mas já sabemos que lia com freqüência o livro do Saint-Hilaire e os jornais que conseguisse ter acesso. No final da tarde e início da noite nova cerimônia na Sé. Da Sé foi para a casa onde nasceu a dama de companhia da Imperatriz Maria Cândida - que acompanhava a comitiva e era filha dos marqueses de Sapucaí - e aonde estava o presidente em exercício José Netto e o desembargador Quintiliano José da Silva para assistir a procissão da Paixão de Cristo. Diz que enquanto aguardava a procissão conversou muito com Quintiliano⁹⁵.

Na manhã do outro dia recebeu a visita de Robert Wendeborn, enviado da Companhia que administra a mina de Passagem, que lhe entregou uma coleção de minerais da região. Antes do almoço ficou lendo notícias científicas. Depois dos officios religiosos que duraram de 10 horas às 14 horas D. Pedro saiu para visitar a cidade. Visitou o local aonde se davam as aulas de meninos e meninas e depois foi ver a construção interrompida da igreja de São Pedro - permanece inacabada até os dias de hoje - e achou “[...] que pena é não acabarem pois é a mais bela externamente das de

⁹³ Diário volume 24 p. 104 do manuscrito.

⁹⁴ Diário volume 24 p. 98 do manuscrito.

⁹⁵ Para esse dia 15 ver: Diário volume 24 p. 103-105 do manuscrito, Diário volume 24 p. 23 da transcrição.

*Mariana [...]*⁹⁶. Logo após foi ver o Seminário de Mariana e, anotou no Diário comentários a respeito de alguns de seus professores e alunos, como já era de costume. Voltou para o palácio, jantou e recebeu a população até as 21 horas, tendo vindo dois índios que D. Pedro II conhecia a língua.

No dia 17, um domingo, visitou a Câmara achando o edifício bom, só anotando, novamente, o descuido com os padrões métricos. Visitou a cadeia achando-a com muitos presos, sua enfermaria pestilenta pelo mau cheiro e os livros de registro irregulares - na verdade, aparentando um certo desânimo e prostração frente a uma situação irregular recorrente, o Imperador diz que os livros *como sempre* irregulares⁹⁷. Foi, então, assistir as cerimônias festivas desse domingo de Páscoa que teve uma pregação do cônego Honório Ottoni - o mesmo que tinha feito o discurso em Ouro Preto por encomenda do presidente da província. Foi depois visitar um colégio organizado por irmãs de caridade tendo-o apreciado muito pelo asseio e ordem. Visitou, ainda, o hospital e a mina da Passagem. Percorreu o interior da mina por durante 1 hora e voltou. Jantou e ficou conversando com o bispo D. Antônio; com o padre Sipolis, já mencionado acima na parte do Caraça, sobre as descobertas naturais deste em suas andanças por Minas e vários outros assuntos biológicos que muito agradavam o Imperador tendo anotado no Diário que a conversa foi muito interessante e que o padre era extremamente simpático; com o cônego e monsenhor Joaquim S. G. Pimenta (1840-1922) sobre estudos de grego e hebraico e animou-o a estudar árabe indicando-o livros. Pelo jornal **A Província de Minas** sabemos que D. Pedro deixou para obras pias a quantia de 1:340\$000 (um conto e trezentos e quarenta réis) e para a instrução 400\$000

⁹⁶ Diário volume 24 p. 106 do manuscrito.

⁹⁷ Diário volume 24 p. 108 do manuscrito. Para esses dois últimos dias em Mariana ver: Diário volume 24 p. 105-112 do manuscrito, Diário volume 24 p. 23-25 da transcrição, **A Província de Minas** de 24 de abril de 1881 n° 45 p. 1 e do mesmo jornal 1° de maio n° 46 p. 1.

(quatrocentos réis) em Mariana⁹⁸.

Na manhã do dia 18 se despediu de Mariana. Seguiu viagem passando pela mina de Morro de Sta. Ana administrada por uma Companhia inglesa sob a direção de Walter Heilbuth. Examinou as máquinas e entrou nas galerias - numa delas comenta que anda perfeitamente uns 440 metros - reparando em tudo e trazendo consigo um pedaço de rocha como exemplo. Comenta, ainda, que há mais de trezentos trabalhadores todos escravos de aluguel. A próxima parada seria o arraial de Antônio Pereira para visitar a gruta N. Senhora da Lapa que também era uma capela. O caminho entre Mariana e esse arraial estava em péssimas condições e o governo provincial liberou verbas para repará-lo o que foi feito em 3 dias⁹⁹. Às 11 horas uma girândola de fogos de artifícios anunciou a chegada da comitiva. As ruas, como foi o costume em todos os lugares, estavam adornadas de flores e arcos de folhagem e as janelas das casas coloridas com panos de várias cores. A comitiva entrou na povoação acompanhada de cavaleiros e o Imperador foi saudado com o Hino Nacional. Chegando na gruta foi novamente saudado e recebeu das mãos de um aluno do internato de N. Senhora da Lapa um discurso em sua homenagem. Visitaram o interior e a opinião do Imperador não foi das melhores: “[...] *Não tem nada de notável. Afearam-na com o pórtico, e o que construíram dentro para tornarem-na capela. Deviam aproveitar somente as pedras naturais. Corri o que pude da lapa [...]*”¹⁰⁰. Montou novamente no cavalo e continuou a viagem para Ouro Preto acompanhado por um grande número de cavaleiros, entre eles, o coronel Pereira de Queluz. Em Antônio Pereira o Imperador

⁹⁸ **A Província de Minas** de 1º de maio nº 46 p. 1.

⁹⁹ No Arquivo Público Mineiro tem um documento do fundo Presidente da Província referência PP1(50) cx 170 Requerimentos e Petições, já mencionado, que é um conjunto de requerimentos sobre esses concertos. As informações sobre essa passagem por Antônio Pereira foram retiradas: texto Visita imperial Antonio Pereira do jornal **A Província de Minas** de 1º de maio nº 46 p. 3 e do Diário. Sobre esse dia 18: Diário volume 24 p. 112-118 do manuscrito.

¹⁰⁰ Diário volume 24 p. 114 do manuscrito. Enquanto o jornal é todo beneplácito, exaltando a união e a ordem da população e o apreço do Imperador ele não se agüentava e saiu o quanto mais rápido daquela gruta.

deixou 200\$000 (duzentos mil réis) para a igreja matriz e 100\$000 (cem mil réis) para os pobres¹⁰¹. Chegaram ao palácio em Ouro Preto sob forte acolhida popular. Recebeu algumas pessoas, entre elas Quintiliano, ex-presidente da província e o juiz de direito José Inácio Gomes Guimarães que trouxe filhas e estas tocaram piano e cantaram para o Imperador.

2.6.4. Na cidade de Ouro Preto, novamente

Na manhã do dia 19 foi assistir uma aula de Gorceix sobre pré-história na Escola de Minas. Nessa aula Gorceix falou, ainda, dos estudos de Lund e de Emmanuel Liais (1826-1900), diretor do Imperial Observatório Astronômico desde 1871, sobre fósseis nas cavernas mineiras. Logo após assistiu parte da aula do professor de mecânica Arthur Thiré e no Diário anotou o desempenho do aluno Augusto Barbosa da Silva, um dos alunos prediletos de Gorceix, que depois se destacará na metalurgia, tendo construído um forno elétrico durante a Primeira Guerra Mundial e será professor da mesma escola¹⁰². Almoçou e foi visitar a escola primária da freguesia de Antônio Dias - agradeceu-se mais da dos meninos. Passou pela casa do tenente Carlos de Andrade e conheceu sua mulher, Francisca L. Andrade - o tenente tornaria Barão de Saramenha depois da viagem. Passou, ainda, na Relação (tribunal de justiça) e no quartel da cavalaria e infantaria que considerou em mal estado. Depois saiu acompanhado da Imperatriz para mostrar-lhe as vistas que se tem na igreja de São Francisco de Paula. A Imperatriz é mencionada poucas vezes no Diário - aliás, o que acontece, também, nos

¹⁰¹ Para essa informação ver: **A Província de Minas** de 1º de maio nº 46 p. 1.

¹⁰² Para uma análise do papel dos ex-alunos, inclusive deste Augusto ver: Os capítulos **Destino dos Ex-Alunos e Impacto** do livro: CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002, p. 101-134. Para esses dois dias que permaneceu em Ouro Preto, 19 e 20, ver: Diário volume 24 p. 118-121 do manuscrito e volume 25 p. 1-4 do manuscrito; Diário volume 24 p. 26-27 da transcrição e volume 25 p. 1-2 da transcrição.

outros diários consultados - e podemos afirmar que muitas vezes eles se separavam ao longo da viagem. Tinha atividades e compromissos distintos. Além disso, o Imperador era um homem bem reservado, sua vida íntima ele fazia questão de não divulgar, seus diários não são textos da intimidade. Mesmo nesse momento tão íntimo (sozinho com uma folha em branco) D. Pedro II não era dado a divagações pessoais ou assuntos familiares. No próximo capítulo discutiremos a natureza e o estilo de sua escrita viajante.

Na volta assistiu a um espetáculo de fogos de artifícios enquanto conversava com o desembargador Joaquim C. Guimarães que lhe prometeu dar um livro que tinha escrito sobre costumes mineiros¹⁰³. No resto da noite assistiu a um drama, *O Capitão Paulo* de A. Dumas, no teatro que era novo e, segundo D. Pedro, mais bonito e elegante que o de Sabará. No outro dia, às 7 horas partiram para a excursão ao pico Itacolomi. Cerca de quarenta pessoas fizeram essa excursão organizada pelo diretor da Escola de Minas Gorceix e por seus professores Bovet e Thiré, entre essas pessoas estavam o coronel Gentil e o engenheiro francês Edmond Boutan que estava encarregado na província de avaliar minas para algumas companhias francesas e foi convidado pessoalmente pelo Imperador. No Diário anotarà, como em tantas outras passagens, comentários a respeito das paisagens, vistas e morros quase sempre usando os adjetivos belo e admirável. Todos almoçaram no alto do Itacolomi. Voltou ao palácio e à tarde foi visitar a escola agrícola de Saramenha. À noite assistiu um *Te-Deum* na matriz de Antônio Dias executado pelo Bispo Antônio de Sá e a um sarau musical que os jornais

¹⁰³ Na nota 1 do Diário volume 25 p. 1 da transcrição temos: “O referido romance é o intitulado *João e Francisco*, publicado em Mariana, em 1878, estudado por Eduardo Frieiro em *Páginas de Crítica* (Belo Horizonte, 1955), p. 381-389. O desembargador era irmão do poeta e romancista Bernardo José da Silva Guimarães (1825-1884), a propósito do qual registrou o seguinte o repórter Tinoco [no *Jornal do Commercio*]: ‘tendo S. M. o Imperador declarado ao Dr. Bernardo Guimarães que desejava possuir uma coleção completa de suas obras, ontem à noite em palácio aquele estimado escritor e poeta levou-lhas, mas sendo intérprete perante Sua Magestade a menina Constança da Silva Guimarães, filha do referido poeta’... Constança Guimarães, falecida ainda moça, foi a primeira amada de seu primo, o poeta simbolista Alfonsus de Guimarães (1870-1921)”.

consideraram como o grande fechamento das comemorações na capital - um texto que falava do sarau estava intitulado chave de ouro - e que D. Pedro II achou, em suas palavras, sofrível¹⁰⁴. O sarau aconteceu no salão principal da Assembléia Provincial e teve início às 21 horas. Na capital D. Pedro II e a Imperatriz deixaram 1:200\$000 (um conto e duzentos réis) para alforria de escravos, 200\$000 (duzentos mil réis) para os pobres da freguesia de Ouro Preto e 150\$00 (cento e cinquenta mil réis) para os de Antônio Dias¹⁰⁵.

2.7. De Ouro Preto a Corte

Dia 21 se despediram de Ouro Preto. Até o Falcão, aonde almoçaram, fez companhia à comitiva alguns dos homens principais da província e que se tinham entretido com D. Pedro II durante sua permanência na capital. Eram eles: o desembargador Quintiliano, monsenhor Pimenta, coronel Gentil, Carlos de Assis Figueiredo e outros - o Diário só menciona estes quatro. Continuando a viagem

¹⁰⁴ No jornal **A Província de Minas** de 1º de maio nº 46 p. 2 há o texto Chave de Ouro dando notícia do sarau e elogiando muito a apresentação musical. No mesmo jornal de 24 de abril nº 45 p. 1 tem o programa executado. Transcrevemos-o: “1º Pout-porri-concertante para duas clarinetas, com acompanhamento de orchestra composto por André Spaeth, executado pelos Srs. Fernando e Francisco Moreira. 2º Murmurios Eolios, para piano, pela Exmª Srª D. Eugenia, filha do Sr. Dr. Gomes Guimarães. 3º Romance italiano, cantado pela Exmª Srª Drª Anna, acompanhada pela Exmª Srª D. Leopoldina, filhas do Exmº Sr. Desembargador Quintilliano. 4º Favorita- variação por Gottschalk executada ao piano pela Exmª Srª D. Maria, filha do Cor. João P. de Faria. 5º Trovador, por Billerma, a 4 mãos executado pelas Exmª Srª D. Eliana Amélia, filha do Sr. Dr. Marçal José dos Santos e D. Maria Faria. 6º Solo Concertante de clarineta pelo Sr. Francisco Moreira, acompanhado de orchestra. 7º Chanson Creole- pela menina Olympia, filha do Sr. Dr. Gomes Guimarães. 8º Radiosa- valsa a 4 mãos executada pela Exmª Srª DD Eugenia e Christina, filhas do Sr. Dr. Guimarães. 9º Concerto de clarineta sobre motivos da Somnambula executado pelo Sr. Fernando Moreira acompanhado pela orchestra. 10º Traviata- recitativo e aria para canto e piano, pela Exmª Srª D. Amélia, filha do Sr. coronel Francisco Teixeira Amaral. 11º Somnambula, para piano executada pela Exmª Srª D. Christina Guimarães. 12º Aida por Soller executada ao piano pela Exmª Srª D. Elisa Amélia. 13º Variações concertantes de corneta a pistom, acompanhadas pela prchestra, executadas pelo Sr. Oscar Augusto da Silva Bessa. A orchestra foi regida pelo hábil professor Sr. Francisco Vicente Costa”. O mesmo texto diz que o sarau terminou a meia noite. O Imperador fala que as senhoras tocaram piano bem.

¹⁰⁵ Para essa informação de donativos ver: **A Província de Minas** de 1º de maio nº 46 p. 1. Esse texto intitulado *Donativos Imperiaes* diz que até o momento dessa segunda partida de Ouro Preto Imperador e Imperatriz já tinham dado mais de 34:000\$000 (trinta e quatro contos de réis).

chegaram na casa do engenheiro Von Sperling em Ouro Branco aonde jantaram e D. Pedro ficou o resto do dia descansando e conversando com Sperling sobre o ramal férreo em construção que ligaria Barbacena a Ouro Preto, tendo, inclusive, examinado os vários papéis do engenheiro a respeito disso¹⁰⁶.

Acordou nesse dia 22, uma sexta-feira e saíram. Pouco à frente de Ouro Branco Gorceix se despediu de todos e retornou para Ouro Preto. Chegaram em Queluz (hoje Conselheiro Lafaiete), almoçaram e partiram novamente. No Diário anotarà que essa região é terra, sobretudo, de criação comentando quanto gado existia nas fazendas por onde passava. Beirando a serra de Camapuã chegaram ao arraial de Santo Amaro na casa do vigário local aonde jantaram e o Imperador ficou conversando com a população local. O Diário desse dia, novamente, é cheio de referências a Saint-Hilaire. Num parágrafo extenso D. Pedro II vai fazendo comparações entre suas impressões e a descrição do cientista, aprovando ou discordando do mesmo.

“[...] St. Hilaire diz que Queluz é a 15 léguas E. de S. João Del Rei é 8 léguas S.E. de Vila Rica (hoje Ouro Preto). Não pude ver nas vizinhanças de Queluz a nicotina Langsdórfica de que fala St. Hilaire 1ª parte tomo 1 nota 2 pg. 127. A canela-de-ema do gênero velosia está descrita a pg. 133 e 134. Já falei dele na primeira passagem da Serra do Ouro Branco... O que St. Hilaire diz da falta de hospital próprio de uma capital é exato. Indagando no que poderia eu auxiliar de útil a Ouro Preto não me falaram de hospital. Ainda não há iniciativa individual nem espírito público bem entendido. Leia-se o que diz St. Hilaire pg. 150...St. Hilaire fala a pg. 158 do mata-pasto que parece não ser o capim-gordura. Nota a diferença de vegetação entre Ouro Preto e Mariana tão perto uma da outra mas com grande diferença de nível. O que ele diz no clero de Minas ainda tem alguma aplicação. Juízo de St. Hilaire muito favorável aos mineiros [...]”¹⁰⁷.

D. Pedro II, ao que parece, usa o texto do botânico como um discurso da autoridade, como já mencionamos. A ciência natural (da qual D. Pedro II muito se apetecia) que Saint-Hilaire pratica legitima as observações desse e do Imperador também. Ou seja, ao fazer referências a nomes científicos, a observações naturais a narrativa ganhava

¹⁰⁶ Para estes dois dias, 21 e 22, de viagem ver: Diário volume 25 p. 4-9 do manuscrito.

¹⁰⁷ Diário volume 25 p. 7-9 do manuscrito.

legitimidade científica para o próprio D. Pedro II, como já mencionamos acima. O juízo favorável dos mineiros que fala o trecho acima é a tão propalada hospitalidade mineira de que os livros de Saint-Hilaire não cansam de gabar¹⁰⁸. O que ele diz do clero e que D. Pedro II concorda é a sua venalidade e corrupção, mais afeitos às verbas eclesiásticas do que o cuidado com os fiéis¹⁰⁹. Quanto à falta de espírito público a passagem de Saint-Hilaire começa comentando a existência precária das manufaturas em Ouro Preto, dizendo haver apenas a fábrica de pólvora que era do governo e a de louça e prossegue:

“[...] É evidente, aliás, que se conseguirá facilmente evitar esses defeitos, e a manufatura de Vila Rica acabará sem dúvida por rivalizar com as de Europa, sobretudo se os habitantes da região, sabendo zelar sua honra e interesses, quiserem fazer alguns esforços para sustentar o primeiro estabelecimento de produtos industriais que se fundou entre eles. Mas, deve-se confessá-lo, se bem que os Mineiros pareçam muito orgulhosos de sua pátria, há realmente entre eles tão pouco espírito público, que quase nunca ouvi os habitantes de Vila Rica referirem-se senão com desprezo à única indústria que possuem; exageram os defeitos de seus produtos, e, se comparam sua louça com a da Inglaterra, é para fazer sentir quanto é superior a que se compram aos estrangeiro [...]”¹¹⁰.

Voltando à viagem. No outro dia, 23, acordou e ficou lendo Saint-Hilaire até a hora da oração na igreja local. Partiu para Lagoa Dourada às 6 horas. Nesse dia chovia e a comitiva foi passando por várias fazendas de criação e de café. Almoçaram numa delas de nome Curtume de propriedade, segundo o Diário, de João Ferreira da Fonseca. De lá continuaram a viagem. Chegaram ao arraial de Lagoa Dourada saudados por uma

¹⁰⁸ Em todos os livros que falam de suas viagens por Minas Gerais há comentários sobre a hospitalidade. Os relatos de viagem de Saint-Hilaire que passam por Minas são: SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1974; SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975; SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975; SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. Trad. Affonso de Taunay. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. Esse último da Coleção Brasileira, importante empreendimento editorial nas décadas de 1930 e 1940.

¹⁰⁹ Sobre o clero ver, sobretudo, o capítulo VIII **Religião e Clero na Província de Minas** do livro: *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975, p. 81-86.

¹¹⁰ SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Idem*, ibidem, p. 74.

comitiva de cavaleiros. Nessa cidade foi imediatamente examinar uma mina de extração de ouro e outros minérios e, como fez com outras, anotou no Diário sobre os equipamentos existentes, sobre a condição de trabalho, sobre a produção e os rendimentos e outros assuntos concernentes à mineração. O gerente dessa mina é o major Caetano Dias da Silva. Voltou para a sua habitação no arraial e depois ficou conversando com a população local¹¹¹.

No dia 24 acordou e ficou lendo até a hora de ouvir missa na capela da cidade. Depois da missa partiram na direção de São João Del Rei. Da mesma forma que o dia anterior passou por algumas fazendas de criação de gado, em uma delas, a de Domiciano Ribeiro de Resende – sobrinho neto do marquês de Valença – descansou até as 10 horas quando partiu. No caminho já se avistava a serra de São José e a de Lenheiro. Na fazenda chamada do Retiro parou para trocar os animais das liteiras e o cavalo que estava montado. No caminho foram encontrar com a comitiva um séquito de cavaleiros, entre os quais D. Pedro chama atenção no Diário para: deputado Galdino Emiliano das Neves (1825-1897), juiz Costa Belém e o juiz da cidade de Pirai Penido¹¹². Passaram por arraiais e fizeram a entrada em São João Del Rei.

“[...] É bem colocada e risonha, sobre o Sto. Antônio (hoje Riachuelo) há duas pontes de arco de pedra correndo a água antes da primeira e do lado delas por uma rampa de lagedo de um açude, o que dá a este lado da cidade subindo para o edifício da Câmara o aspecto do Arno em Florença [...]”¹¹³.

O jornal **O Arauto de Minas**, em sua edição especial, descreveu assim a chegada:

“ Acabam de entrar nesta cidade acompanhados de mais de 600 cavalleiros que sahiram ao seu encontro os augustos viajantes. As ruas e praças estavam atufadas de povo que acompanha o préstito em vertiginoso jubilo. A cidade apresenta uma vista lindíssima. Grandes e soberbos arcos se levantam por toda a parte, as ruas se converteram em bosques frondentes, as janellas em que o bello sexo agglomerado se inclina para ver passar os amados Imperantes,

¹¹¹ Para esse dia, 23, ver: Diário volume 25 p. 9-14 do manuscrito.

¹¹² Para esses dois dias em São João Del Rei, 24 e 25, ver: Diário volume 25 p. 14-28 do manuscrito e da transcrição p. 4-7.

¹¹³ Diário volume 25 p. 17-18 do manuscrito. Essa é a primeira descrição de D. Pedro II da chegada em São João Del Rei.

então ornadas de damascos e flores. As igrejas sobresaem pela vistosa perspectiva, pomposamente adornadas. Á entrada da residência Imperial um gentil cortejo de lindas meninas saúda os itinerantes que sobem pisando sobre flores debaixo de um céu brilhantemente adornado. A musica, de mistura com o troar das girândolas, excita o entusiasmo e de todos os peitos sahe unisono o brado. Vivão Suas Magestades Imperiaes”¹¹⁴.

2.7.1. Em São João Del Rei

Ao chegar na cidade o Imperador apeou-se do cavalo em frente à casa do Barão de São João Del Rei, Eduardo Ernesto da Silva, onde ficariam alojado e onde foi recepcionado pelos vereadores e outras autoridades. O mesmo jornal faz a descrição de um arco construído por ocasião da chegada do Imperador que estava sobre uma das duas grandes pontes de cantaria - a que é chamada ponte da Cadeia ou Câmara - e que abaixo colocamos a foto.



Foto da ponte de cantaria com o arco comemorativo (torreão), 1881. Cedido pelo Acervo dos Arquivos Históricos do Museu Regional de São João Del Rei/IPHAN. No fundo a direita vemos a fachada do edifício sede da Câmara Municipal.

¹¹⁴ O Arauto de Minas de 24 de abril nº 7 p. 4.

A descrição é a seguinte:

“[...] Linda era então a perspectiva que se apresentava: ao fundo uma monumental ponte de cantaria de trez arcos, sobre a qual se levantava um torreão gothico entrelaçado de festões e onde tremulava bandeiras e galhardetes de vivíssimas cores, obra devida ao patriotismo dos intelligentes Acadêmicos e Pharmaceuticos; de um lado o grande edificio da municipalidade, de outro vários prédios de ellegante apparencia; no centro, rolando em cascata, as águas do riacho que divide a cidade [...]”¹¹⁵.

Saiu para fazer suas visitas costumeiras. Primeiro, visitou a casa da Câmara e Cadeia, tendo-a achado de boa aparência, só ressaltando, novamente, o desmazelo com os livros oficiais. E, pela primeira vez, nessa viagem anota que os padrões métricos estavam devidamente guardados e cuidados. Depois a biblioteca pública aberta à população só de manhã e com, segundo D. Pedro, livros impróprios para o gosto popular. Uma pena para nós, historiadores, foi não ter indicado que livros são esses. Passou pela casa da Filarmônica, foi ao hospital e, depois ao recolhimento de meninas. À noite a cidade foi toda iluminada e bandas de música tocavam pelas ruas e nos dois coretos colocados ao lado da moradia temporária do Imperador e teve, ainda, um espetáculo de fogos de artifício.

No dia 25 acordou e ficou lendo Saint-Hilaire. Foi depois visitar as outras igrejas, voltou para o palácio, almoçou e retornou a sair, agora com a Imperatriz, para visitar o colégio de meninas S. Francisco. *“[...] Gostei do arranjo do colégio. As meninas responderam bem [...]”¹¹⁶*. Nesse colégio gostou, sobretudo, do professor de francês Aureliano P. C. Pimentel com quem conversou muito, apesar de ter escrito no Diário, quase como uma prevenção quanto às idéias deste, *“[...] Suas idéias pelos livros que citou são ultramontanas [...]”¹¹⁷*. Visitou, depois, o internato de meninos do padre Antônio J. Machado e, tal como no caso do professor acima, gostou do padre

¹¹⁵ **O Arauto de Minas** 2 de maio nº 8 p. 2.

¹¹⁶ Diário volume 25 p. 24 do manuscrito.

¹¹⁷ Idem, ibidem.

apesar de ser ultramontano. “[...] *A biblioteca do vigário compõe-se de excelentes livros revelando nele muita inteligência e seriedade de espírito, embora ultramontana [...]*”¹¹⁸. Continuando o périplo educacional inaugurou a Escola João dos Santos de propriedade de João Batista dos Santos (1828-1911), médico e depois Barão e Visconde de Ibituruna - último presidente da província de Minas durante o Império¹¹⁹. Nessa discursou o professor Pimentel acima mencionado. Subiu depois ao alto do Bonfim de onde se tem a vista de toda a cidade. Voltou para o palácio, jantou e foi assistir o *Te-Deum* na igreja matriz em sua homenagem. No Diário chamará atenção novamente para idéias ultramontanas presentes no sermão do vigário local.

Antes de continuarmos a viagem gostaríamos de discutir mais extensamente um conjunto documental que nos fará compreender melhor a organização da recepção e o jogo político e simbólico local. São os documentos da Câmara Municipal de São João Del Rei. Primeiro as atas das sessões. Em sessão extraordinária de 19 de março os vereadores se reuniram sob a presidência de Carvalho Mourão para: primeiro, dar conhecimento dos ofícios enviados pela presidência da província comunicando a chegada da comitiva nas Minas Gerais. Esses são de 25 de fevereiro e de 12 de março. Vemos aqui que os órgãos administrativos começavam a se preparar bem antes da chegada. Os ofícios comunicam, ainda, a data de chegada oficial da comitiva. Segundo, nessa mesma sessão foi decidida a criação de uma comissão entre os vereadores para organizar a recepção e ficou decidido que esta poderia criar outras sub-comissões. A comissão foi aprovada com os seguintes membros: o presidente Carvalho Mourão e os vereadores Bastos e Carlos Ratton¹²⁰. Em outra ata da sessão ordinária de sete de abril o presidente comunicou que todas as autoridades civis e religiosas já tinham sido

¹¹⁸ Diário volume 25 p. 25 do manuscrito.

¹¹⁹ Para essas informações ver: VIANA, Hélio. Op. cit, p. 112 nota 190.

¹²⁰ Ata da sessão extraordinária de 19 de março de 1881. Referência na Biblioteca Pública de São João Del Rei: *Fundo Arquivo da Câmara Municipal de São João Del Rei ATA SES 37*.

avisados da chegada de D. Pedro II e solicitados a cooperar nas manifestações. Foi lido nessa sessão o ofício do presidente da província confirmando o auxílio de 3.000\$000 (três contos de réis) para os gastos com a festa. Foi lido, também, ofício onde o delegado de polícia pede auxílio para “[...] a limpeza da cadeia dentro da verba de 3.000\$000 concedida para as despesas com a recepção Imperial”¹²¹. Em outra sessão de 23 de abril foi indicado ao presidente da Câmara a criação de uma comissão para permanecer todo o tempo no palácio para resolver qualquer assunto que surgir entre os viajantes¹²². Depois que o Imperador já tinha voltado para a Corte, na sessão de 11 de julho foi lido ofício do ministro da Marinha, Lima Duarte, datado de 23 de maio agradecendo, em nome do Imperador e da Imperatriz, os cuidados tomados pela Câmara durante a permanência da comitiva. Da mesma sessão temos, ainda:

“Leu-se outro offício da mesma Directoria [da Fazenda Provincial], datado de 2 de Junho último, declarando que para ter lugar o pagamento, a bocca do cofre daquela Repartição, da quantia de três contos de réis (3:000\$000) com que a Província concorreu para a hospedagem de SS. MM. Imperiaes, fazia-se mister que fosse devolvida a ordem que para esse fim foi expedida ao Collector desta Cidade. Pello Snr Presidente foi dito que já tinha sido satisfeita a exigência e devolvida a ordem por intermédio do [ilegível] Domingos Magalhães a que se officiara nesse sentido”¹²³.

Temos aqui, um dos caminhos que já falamos acima, da verba alocada para a recepção: saía dos cofres da província para o cofre da Câmara que controlaria sua aplicação e distribuição. Por isso as Câmaras têm um papel fundamental na forma como a comitiva vai se dirigir e ser saudada em cada uma das cidades, tal como nas entradas régias. Elas escolhem a hierarquia e a distribuição das pessoas da cidade no contato com o Imperador¹²⁴, elas escolhem quais serão os tipos de homenagens feitas ao Imperador, elas podem inclusive influenciar os jornais a construir determinada imagem

¹²¹ Ata da sessão ordinaria de 7 de abril de 1881. Referência na Biblioteca Pública de São João Del Rei: *Fundo Arquivo da Câmara Municipal de São João Del Rei ATA SES 37.*

¹²² Ata da sessão ordinaria de 23 de Abril de 1881. Referência idem.

¹²³ Ata da sessão ordinaria de 11 de Julho de 1881. Referência idem.

¹²⁴ É claro que esse controle tem limites, mas não podemos analisá-los, pois falta documentação nesse sentido.

da passagem da comitiva - muito possivelmente os vereadores eram financiadores dos jornais locais, ou eram determinantes na existência ou não de determinados jornais. Podemos para dar um exemplo falar do caso do tenente Carlos Gabriel que participou da organização da recepção em Ouro Preto e, também, era dono-editor do jornal **A Actualidade**¹²⁵.

Ainda sobre esses documentos camerários temos alguns recibos que se referem às providências de embelezamento da cidade:

“Pagar o Procurador a Bernardino de Figueiredo Neves, de salários a trabalhadores para concertos e melhoramentos na Cidade que forão feitos por ocasião da visita de suas MM Imperiaes, quatrocentos e oitenta e sete mil e vinte réis \$487,020.

Pagar a João da Silva oitocentos réis (800\$000) por concertos na cadeia e quartel por ocasião da visita.

Pagar a Manoel José Pinto de Sousa pelos concertos feitos nos chafarizes... por ocasião da visita \$859, 450¹²⁶.

2.7.2. De São João Del Rei a Corte

Mas voltemos à viagem. Ao partir às 6 horas do dia 26 o Imperador deixou em São João Del Rei 1:500\$000 (um conto e quinhentos réis) para o hospital da Misericórdia e para o recolhimento de órfãs, 400\$000 (quatrocentos mil réis) para

¹²⁵ O livro - SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *As Festas promovidas pelo Senado da Câmara de Vila Rica (1711-1744)*. Dissertação de Mestrado apresentada no departamento de história da UFMG. Belo Horizonte, 2001 - faz uma análise das lutas políticas e representacionais que envolvem a organização de festas pelas Câmaras Municipais. Em outro texto de sua autoria, *Os Gastos do Senado da Câmara de Vila Rica com Festas: Destaque para Corpus Christi (1720-1750)* da coletânea: JANCSÓ, István, KANTOR, Íris.(orgs). Op. cit, 2º vol, p. 487-502 vemos como estudar o direcionamento dos gastos e suas disputas nos ajuda a entender qual o valor simbólico atribuído a determinado evento, por exemplo, a recepção ao Imperador.

¹²⁶ Todos esses recibos estão datados de 12 de maio de 1881. Referência na Biblioteca Pública de São João Del Rei: Fundo Arquivo da Câmara Municipal de São João Del Rei REC 182 Receitas e Despesas 1877-1882. A título de comparação, o texto: SPALDING, Walter. D. Pedro II no Rio Grande do Sul durante a Guerra do Paraguai. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 6, p. 129-135, 1945 traz trechos e analisa as atas da Câmara Municipal de Porto Alegre quando por lá passou o Imperador em 1865. A semelhança de procedimentos é total: escolhe-se uma comissão, define-se o trajeto de entrada, manda publicar editais, orienta e organiza a festa de recepção, cria sub-comissões para angariar fundos e cuidar do embelezamento da cidade e outros.

esmolas e 300\$000 (trezentos mil réis) para a biblioteca pública¹²⁷. O caminho para São José Del Rei - hoje Tiradentes - seguia a estrada de ferro chamada do Oeste que margeava o rio das Mortes e tinha a serra de São José à esquerda. Nesse caminho parou numa gruta chamada Casa da Pedra e percorreu-a. Chegaram em São José. O Imperador achou a cidade decadente e no Diário ele anota que conversou com um sobrinho-neto do frei José Mariano da Conceição Veloso¹²⁸. Nessa cidade visitou a escola de meninos e a igreja matriz que não lhe agradou. Continuou a viagem pelo leito da estrada de ferro e chegou na estação de Invernada aonde pegou um trem especial que o aguardava. Partiram dessa estação às 17 horas, pararam na estação de Sítio aonde trocaram de trem para um da linha comum da EF DP II e chegaram na estação de Barbacena perto das 20 horas. Da estação partiram de carruagens para a casa do visconde e da viscondessa de Prados - a mesma que tinham ficado no início da viagem. Apesar de considerar a construção da estrada de ferro do Oeste boa, o Imperador comenta no Diário que os planos de finalização expressos pela Companhia eram inviáveis, “[...] *falta ainda bastante trabalho* [...]”¹²⁹.

Às 7 horas partiram de Barbacena na direção de Juiz de Fora. Deixaram em Barbacena de donativos: 500\$000(quinzentos mil réis) para hospital, 200\$000(duzentos mil réis) para esmolas e 200\$000(duzentos mil réis) para a liberdade de um escravo¹³⁰. Chegaram em Juiz de Fora onde foram recepcionados na casa do Barão de Cataguases, Manuel de Castro Guimarães. Almoçaram e partiram de trem. Na estação de Serraria

¹²⁷ Para esses valores ver: **A Província de Minas** de 8 de maio de 1881 n° 47 p. 2.

¹²⁸ Autor da importante obra setecentista *Flora Fluminense*, era de nascimento do Brasil, mas viveu boa parte de sua vida em Portugal exercendo cargos administrativos e científicos. Foi editor-diretor da famosa tipografia Arco do Cego em Lisboa que editou várias obras sobre o Brasil. Protegia e servia de apoio a vários estudantes brasileiros em Portugal. Para essas informações ver: Diário volume 25 p. 7 nota 17 da transcrição. Para esse dia 26 ver: Diário volume 25 p. 28-30 do manuscrito. Do noticiário nos jornais para esses cinco últimos dias de viagem, da saída de São João até a chegada em São Cristóvão, quase todo feito de trem, ver: **A Actualidade** de 30 de abril de 1881 n° 42 e de 3 de maio n° 43. **A Província de Minas** de 10 de abril n° 43, de 1° de maio n° 46 e de 8 de maio de 1881 n° 47. **O Arauto de Minas** de 2 de maio de 1881 n° 8.

¹²⁹ Diário volume 25 p. 30 do manuscrito.

¹³⁰ Para esses valores ver: **A Província de Minas** de 8 de maio de 1881 n° 47 p. 2.

trocaram de trem e passaram para um da Estrada de Ferro União Mineira. Percorreram 84 Km até a vila de São João Nepomuceno. Essa estrada de ferro passava por várias fazendas de café e o Imperador considerou-a bem construída.

“[...] Vim conversando com o engenheiro Betim cuja direção inteligente e ativa revela-se no modo porque a estrada foi construída e se conserva tendo trilhos de aço, e com o desembargador Pedro de Alcântara Cerqueira Leite a cuja influência se deve sobretudo a estrada que é de bitola de um metro [...]”¹³¹.

Essa vila, antes decadente, ressurgia devido à estrada de ferro. A comitiva visitou a casa da Câmara e Cadeia, as aulas primárias de meninos e meninas e o edifício em construção por Virgílio de Melo Franco¹³² para abrigar um colégio.

Na manhã do dia 28 D. Pedro II foi rezar na igreja de São João Nepomuceno e embarcou no trem às 7 horas. Antes de partir deixou como donativos 400\$000 (quatrocentos mil réis) para o colégio em construção, 100\$000 (cem mil réis) de esmola para os pobres e 300\$000 (trezentos mil réis) para a fundação de uma biblioteca¹³³. Chegaram na fazenda de Assis Ferreira, sobrinho do visconde de Prados, aonde almoçaram. Antes do almoço o Imperador foi examinar a fazenda de café e anotou no Diário detalhes da produção e da maquinaria. Seguiram viagem logo depois do almoço e passaram pela estação de Sapucaia e pararam na de Porto Novo do Cunha - hoje Além Paraíba. Nessa estação abandonaram a Estrada de Ferro União Mineira e pegaram o trem especial da Estrada de Ferro Leopoldina. A partir desse ponto até a estação de Pântano o Imperador teve a companhia de Antônio Paulo de Melo Barreto, diretor da Leopoldina e com o qual conversou muito sobre os vários ramais férreos em construção

¹³¹ Diário volume 25 p. 32 do manuscrito. O engenheiro que ele fala é o comendador Pedro Betim Paes Leme. Pedro de Alcântara se tornaria logo depois Barão de São João Nepomuceno. Para essas informações e esse dia 27 ver: Diário volume 25 p. 30-33 do manuscrito e p. 8 da transcrição.

¹³² Juiz de Direito, deputado geral na monarquia, senador estadual e professor de Direito na República. Pai de Afrânio de Melo Franco (1870-1943). Para essas informações ver: Diário volume 25 p. 8 nota 23 da transcrição.

¹³³ Para esses valores ver: **A Província de Minas** de 8 de maio de 1881 n° 47 p. 2.

naquela região¹³⁴. Da estação de Pântano - hoje Antônio Carlos - a comitiva foi a pé até a fazenda de José Joaquim dos Santos Silva, secretário da Companhia da Leopoldina e aonde passariam a noite¹³⁵.

Às 6 horas partiu de trem até a estação da Volta Grande, local de entroncamento da Estrada de Ferro Leopoldina com o ramal de Pirapetinga. Foram recepcionados nessa estação pelos diretores da Pirapetinga e foram até o arraial de Pirapetinga, ponto final da estrada. Nesse arraial almoçou e visitou a igreja local, a casa do ensino primário e uma ponte que dividia a província de Minas com a do Rio. Voltam, então, para a estação de Volta Grande e continuam a viagem. Passam por várias estações – Pomba, Cataguazes, São Geraldo – chegando em Ponte Nova, vila muito recente e com poucas casas construídas a partir da fundação da estação um ano antes¹³⁶. Era o ponto extremo da estrada. Depois de percorrer a cidade retornam e chegam à fazenda de Cesário Alvim¹³⁷ aonde pernoitariam. Na chegada a casa estava toda iluminada e uma banda de música de Ubá tocava. Ficou depois conversando com Cesário Alvim e família e assistiu a uma procissão de colonos italianos que viviam na fazenda. Conversou com eles e os viu tocarem gaita de fole e dançarem.

Na manhã do último dia de viagem, as 5:30 tomou banho de cachoeira e partiu para a vila de Ubá. Aqui visitou a igreja matriz; a casa da Câmara tendo anotado no Diário sobre ela: “[...] *mas está só com o livro de entradas mal escriturado; padrões métricos para um lado e no chão do quarto das testemunhas [...]*”¹³⁸; a cadeia onde

¹³⁴ Para uma visão geral dessas estradas de ferro na Zona da Mata mineira ver: BLASENHEIM, Peter L. Op. cit. Para esse dia 28 ver: Diário volume 25 p. 33-37 e p. 8-9 da transcrição.

¹³⁵ Pouco depois se tornaria Barão de São Geraldo. Para as informações sobre ele ver: Diário volume 25 p. 9 nota 30 da transcrição.

¹³⁶ O jornal **A Província de Minas** de 10 de abril de 1881 nº 43 na p. 2 traz um texto datado de 27 de março de Ponte Nova que comenta os preparativos para receber a comitiva imperial. Para esse dia 29 ver: Diário volume 25 p. 37-42 do manuscrito e p. 9-10 da transcrição.

¹³⁷ José Cesário de Faria Alvim, deputado geral no Império, ministro do Interior e presidente de Minas na república. Uma de suas filhas casou-se com Afrânio de Melo Franco. Para essas informações ver: Diário volume 25 p. 10 notas 40 e 42 da transcrição.

¹³⁸ Diário volume 25 p. 42 do manuscrito.

mandou tirar a gargalheira - instrumento de punição física - de dois presos; colégio de meninas e a aula pública, também, para meninas. Conversou com o presidente da Câmara Municipal João Carlos Moreira e com o deputado Carlos Peixoto de Melo. Voltaram para a estação e partiram novamente. Pararam na estação Diamante onde foi servido um café para comitiva pelo tenente-coronel Daniel da Rocha Ferreira que cultivava famoso fumo de rolo¹³⁹. Às 10:35 horas tomaram na estação de Vista Alegre o trem da Estrada de Ferro Leopoldina. Chegaram na cidade de Leopoldina onde almoçaram. Foram, depois, visitar na cidade a câmara, a cadeia, as aulas primárias e um colégio de meninas. Passaram pela igreja matriz e voltaram para a estação. Partiram e chegaram, novamente, na estação de Vista Alegre. Continuaram a viagem no trem especial da Estrada de Ferro Leopoldina as 14:15 horas, passando por várias estações – Porto Novo do Cunha, Pântano, São José de Além Paraíba – e chegam na Corte as 23:40 horas. Encerrando assim a viagem que durou 36 dias pela região central, zona da mata e parte do sul da província mineira. Viagem que foi feita de trem, de cavalo, de mula, de carruagem, de liteira e até a pé.

Encerrando este capítulo gostaria de explicar uma questão: escolhemos narrar detalhadamente a viagem para; primeiro, deixar claro o que estamos chamando de viagem político/administrativa, deixar claro os procedimentos de viagem; segundo, trazer para dentro da nossa escrita a fala de D. Pedro II; terceiro, em se tratando de uma dissertação que analisa a escrita de viagem não teria sentido fazer esta análise sem antes narrar a viagem e a escrita de viagem do Imperador.

Depois de vermos no primeiro capítulo algumas das viagens do Imperador, de tentarmos compreender o que o interessava nessas viagens, de vermos quais seriam os narradores de viagem que construíram um determinado olhar viajante presente em D.

¹³⁹ Para esse tenente-coronel ver: Diário volume 25 p. 43 do manuscrito e nota 45 p. 10 da transcrição. Para esse dia 30 ver: Diário volume 25 p. 42-45 do manuscrito e p. 10-11 da transcrição.

Pedro II e, finalmente, realçarmos a função política das viagens pelo interior do Império; chegamos, no segundo capítulo, no nosso objeto: a viagem e o Diário de viagem a Minas. E, depois de descrevermos minuciosamente esta viagem, trazendo para dentro dessa dissertação o Diário, deixando nosso objeto falar; de discutirmos a influência de Saint-Hilaire naquilo que interessava ao Imperador nesta viagem; de tentarmos demonstrar um programa de viagem político/administrativo determinado por várias instâncias, como por exemplo, pelas Câmaras Municipais; chegamos ao último capítulo onde nos debruçaremos sobre a natureza do nosso objeto, nos perguntando sobre a escrita de diários e sobre a escrita de diários de viagem para compreendermos melhor a personalidade de D. Pedro II em uma de suas facetas: a de viajante. Onde nos indagaremos sobre os motivos desta viagem e deste Diário.

Capítulo 3: O Diário e a Viagem

“Viajar é aumentar o tempo com o espaço”.

(Afrânio Peixoto)

3.1. Da Escrita de Diário

A nossa fonte/objeto é um diário de viagem. O que é um diário de viagem? O que é um diário? Quando surgem na história? Qual é seu percurso social e formal na história? Perguntas que tentaremos responder a partir de agora. Primeiro, vamos à definição de diário. Temos duas, uma mais relacionada com os aspectos formais:

“[...] trata-se de um relato escrito retrospectivamente, mas em curto espectro de tempo entre o acontecimento e o registro, em que um eu, com vida extratextual comprovada ou não, anota periodicamente, com o amparo de datas e de uma maneira fracionada, um conteúdo muito variável, mas que singulariza e revela este eu narrador [...]”¹.

Outra, relacionada com aspectos sociais que os diários representam: *“[...] É um dispositivo educativo e pedagógico que permite entrever os espaços discursivos de um tempo-e-espaço, as representações sociais forjadas em cada época, o imaginário de atores sociais [...]”².*

Da primeira destacaremos: a retrospectção - a escrita de diário é sempre a tentativa posterior à experiência de guardá-la, de marcá-la com um acento especial. É

¹ MACIEL, Sheila Dias et alli. *Termos de Literatura Confessional em Discussão*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guarira/numero1/maciel-sheila-e.pdf>, p. 3.

² BASTOS, Maria H. Câmara. O diário de Cecília de Assis Brasil (1916-1928): práticas de leitura de uma moça gaúcha. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos(orgs). *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 147.

sempre uma edição que a memória e a imaginação produzem sobre uma vivência, é sempre o trabalho de um presente sobre um passado. O curto espectro de tempo entre o acontecimento e o registro – essa característica não impede a ação manipuladora da memória, à adição dos eventos às impressões pessoais; mas também, não permite a reflexão aprofundada, presente em outros gêneros auto-referenciais (como as memórias e as autobiografias), que leva, invariavelmente, a produzir uma imagem mais coesa e organizada da vida. Daí a maneira fracionada em que se apresenta um conteúdo vasto e variado dentro de um diário. São pequenas frações de uma vida, marcadas a partir da periodicidade, do calendário. A questão da orientação temporal através de datas e horários define um diário, sem isso, pode até ser uma escrita auto-referencial, mas não é um diário - a própria palavra em português já diz: algo que, diariamente, é registrado. Da segunda definição: os espaços discursivos – o local de onde o diarista fala, para quem ele escreve, com o quê ele pretende se relacionar ao escrever um diário. As representações sociais e o imaginário social – os diários desvelam uma pessoa desvelando seu mundo. Ele deve ser lido como algo que faz acionar a memória, como um dispositivo. Para aquele que escreve, ele aciona a memória pessoal que nunca é só individual, está sempre na confluência com a memória coletiva. É um mecanismo que trabalha a memória coletiva através da particular. Para aquele que estuda o diário, ele é sempre o vestígio de um tempo-espaço, é preciso entendê-lo como um discurso, como uma narrativa que é sempre imparcial, incompleta e representacional. Ele só deixa entrever, ele não mostra as representações, o imaginário, ele não é o espelho ou o reflexo daquele tempo e daquele espaço. Voltaremos a discutir todas essas características dos diários ao longo do capítulo, por hora queríamos apenas apresentar uma definição introdutória.

Quando surge a escrita de diários? Para responder a essa pergunta, primeiro se faz necessário discutir a questão do “privado” dessa escrita. Hoje em dia quando se pensa na escrita de diários apenas a associamos a uma escrita íntima, individual, privada. Mas nem sempre foi assim. Há na verdade uma grande variedade de formas e conteúdos dentro da história do diarismo³. Há diários comerciais, onde todos os funcionários de uma determinada empresa escrevem sobre os negócios⁴. Há diários familiares, onde o chefe da família registra os acontecimentos dignos de nota de toda a família⁵. Um diário, mesmo feito no mais recôndito da intimidade, sempre possui em potencial seus leitores, sempre existe, para o diarista, a possibilidade de seu diário tornar-se público. E, em alguns casos, como o dos homens públicos, o diarista já escreve com isso em mente ou já organiza em vida seus diários íntimos. Nesse caso o diário se aproxima de outros gêneros e práticas escriturais auto-referenciais, como a autobiografia e as memórias, por possuírem um projeto deliberado de construção da memória pessoal. É o caso de D. Pedro II em pelo menos no diário ao Nordeste. D. Pedro II reescreveu esse diário, como já falamos no primeiro capítulo. D. Pedro II mandava partes de seu diário para familiares e amigos, como já falamos no primeiro capítulo.

³ Para essa história ver: OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. *Diários públicos, mundos privados: Diário Íntimo como gênero discursivo e suas transformações na Contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarrios-publicos-mundos-privados.pdf>. Acessado em 30/05/06 09:40.

⁴ O texto: HÉBRARD, Jean. Por uma bibliografia material das escrituras ordinárias: A escrita pessoal e seus suportes. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos(orgs). Op. cit, p. 29-61 analisa como a escrita auto-referencial, entre elas o diário, surge de, entre outros, do universo comercial. De como se passa do livro de contas para o diário familiar e, finalmente, para o diário pessoal.

⁵ O texto: MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 197-228 faz a análise de um destes diários familiares, chamados livros de assento no Brasil, mostrando como eles permitem entrever as lutas e estratégias de negociação social entre as classes. Para um diário equivalente no contexto europeu, o livre de raison, ver o texto: FOISIL, Madeleine. A Escritura do Foro Privado. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 331-369.

Vejamos exemplos dos procedimentos escriturais do Imperador nas palavras do próprio: numa carta à sua filha, durante a viagem aos E. U. A, ele deixa claro os dois momentos da escrita do diário - e aqui, não estamos falando nada de novo: todos os viajantes que escreveram sobre sua experiência, em sua grande maioria, produzem notas e depois as organizam em uma narrativa -:

“[...] Recomendo-lhe o New York Herald, que publica tudo de minha viagem com muitíssima exatidão quanto o permitem as circunstâncias. O Partridge [ministro dos Estados Unidos no Rio de 1871 a 1877] e mesmo outros hão de recebê-lo. Adeus! As notas de viagem foram escritas a vapor e só para depois fazer uma narração exata da viagem à vista delas. Porém ainda não me chegou o tempo para isso, e vocês aproveitem o que puderem de semelhante sarrabulho. Adeus, ainda cheio de saudades de seu Pai que tanto lhe quer [...]”⁶.

Em carta para a condessa de Barral, ele fala da intenção de escrever o diário para ela ler, o que não acontece. D. Pedro II manteve uma vasta correspondência com dezenas de pessoas importantes do século XIX e com vários outros do seu círculo mais próximo. Sabemos, por essa passagem e por informações em suas biografias, que ele enviava partes do seu diário a condessa de Barral e a familiares, como a filha Isabel. Seu diário não é íntimo. A tradição do diarismo só se tornará, predominantemente, íntima - a ponto de se hoje pensar um diário sempre como um objeto da intimidade - a partir da segunda metade do século XIX na Europa e, mesmo, só no século XX é que podemos falar de uma ampla prática de diarismo íntimo⁷. Portanto, a prática de enviar um diário para outros não é, assim, tão incomum. Vejamos o trecho da carta para Barral: *“[...] Queria enviar-lhe meu Diário, mas o tempo é muito escasso e disse à Isabel que podia comunicá-lo a você [...]”⁸.*

⁶ Carta de D. Pedro II à Princesa Isabel, datada de Filadélfia, a 11 de maio de 1876. Ver: GUIMARÃES, Argeu. Op. cit, p. 2.

⁷ OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Op. cit, p. 22-27.

⁸ Carta de D. Pedro II à condessa de Barral datada de Boston a 12 de junho de 1876. Ver: GUIMARÃES, Argeu. Op. cit, p. 152.

Portanto, seus diários e, particularmente o aqui em questão, são bifronte: é feito pelo indivíduo Pedro, mas também, pela pessoa jurídica, o Imperador. Possui as impressões pessoais, mas também, os eventos públicos, as coisas feitas enquanto Imperador. Ele está na confluência entre o privado e o público, tendendo mais para esse último. Pois, podemos dizer: não há escrita íntima de um homem público⁹. Mais do que isso, D. Pedro II sabia que seus escritos eram públicos (ele reescreveu pelo menos um dos seus diários, ele manteve um diário pessoal que narrava suas ações administrativas). Além disso, nascido pessoa pública, não restava a D. Pedro II muito espaço privado e ele, em alguns momentos se angustiava com isso. Vejamos essa passagem de sua lavra: “[...] *Enfim é isso que agonia-me principalmente, o homem não pode deixar de ser confundido com o imperador e serei acusado de egoísmo quando para viver feliz não precisarei senão do gozo de minha liberdade que sacrificarei enquanto for útil [...]*”¹⁰. No caso de D. Pedro II a imagem pública vinha sempre em primeiro plano, no que cabe a conclusão de Elias: “[...] *todos os atos do rei, mesmo os mais privados, tinham o caráter cerimonial de ações de Estado, tal como qualquer ação de Estado nele revestia o caráter de uma realização pessoal do rei [...]*”¹¹. Essa concepção bifronte da escrita do Imperador conjuga, também, com a noção de uma viagem político/administrativa que tentamos mostrar nos outros capítulos no que diz respeito à viagem a Minas. Quase todo o tempo da viagem é gasto em ações e funções ligadas ao exercício do poder.

⁹ Apesar de se tratar de uma outra modalidade de escrita auto-referencial, a epistolar, Trujillo, em capítulo numa coletânea sobre correspondência, discute justamente essa bifrontalidade: público e privado que ela chama de dualidade. Ver: TRUJILLO, Maria Amparo Moreno. Registro Oficial, Registro Personal: La Dualidad de La Correspondência Del Conde de Tendilla. In: GÓMEZ, Antonio Castillo; SÁEZ, Carlos(orgs). *La Correspondência em La Historia: Modelos y prácticas de escritura epistolar*. Madri: Biblioteca Litterae Calambur, 2002, p. 205-230.

¹⁰ JÚNIOR apud SCHWARCZ, Lília M. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 383.

¹¹ ELIAS apud SCHWARCZ, Lília M. *Idem*, ibidem, p. 383.

Mas voltemos à pergunta da origem da escrita de diário. O diário pessoal¹² só é possível numa sociedade aonde o indivíduo exista, aonde exista uma esfera de ação individual. Esse processo de individuação começa no Renascimento e atinge seu auge nas sociedades industriais, urbanas e burguesas a partir do século XIX. Para escrever sobre si mesmo é necessário pensar que a vida própria esteja acima da comunidade, acima das regras e do legado da tradição e que essa vida pode ser inventada, criada, autônoma. “[...] Pois, se certamente sempre se escreveram histórias de vidas, por outro lado, a idéia de que a vida é uma história, é moderna [...]”¹³. Faremos aqui um histórico da escrita auto-referencial. O diário pessoal é uma das modalidades dessa prática e possui diferenças com as outras modalidades, como as memórias, as autobiografias. Depois faremos as distinções; primeiro, é necessário explicar sua origem comum.

3.1.1. A Escrita de Si: história e características

A escrita auto-referencial surge na história a partir da constituição do sujeito moderno, de uma existência individual pensada como separada da comunidade e como sujeito criador autoconsciente e isso só se torna possível a partir do Renascimento¹⁴.

¹² Usarei esse termo não no sentido de íntimo, de privado, mas no sentido de feito por determinada pessoa e sobre algum momento de sua própria vida. Diários íntimos só se tornam recorrentes a partir da segunda metade do século XIX, com a disseminação ampla dos valores de intimidade burgueses. Antes disso se escrevia diários, mas, como falamos no texto, eram de vários tipos. Aqui nos preocupamos com, entre eles, os pessoais no sentido exposto acima. Para a disseminação dos diários íntimos ver: MACHADO, Maria H. Pereira Toledo. A Sensualidade como Caminho. Notas sobre diários e viagens. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 134-147, junho/agosto 2003; OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Op. Cit, p. 23-27. Esse último afirma: “[...] Foi somente no final do século XIX que se pôde realmente falar no diário como o livro do eu [...]” (p. 25).

¹³ CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf> Acessado em 24/04/06 18:10, p. 8.

¹⁴ Para o individualismo moderno e seu surgimento na Renascença ver: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3. Esse livro, sob a inspiração de Philippe Ariès, um dos pioneiros do estudo do privado, tenta explicar através do estudo de várias práticas sociais qual seria as características principais do privado na

Durante boa parte da Idade Média a vida social era comunitária, não havia o espaço privado, fora do controle da comunidade. As atitudes e ações da intimidade corporal eram feitas em lugares públicos ou na frente de qualquer um. O orgânico, o “baixo corporal”, o íntimo vão se ocultando a partir do final do Renascimento. O que antes era público, comunitário, feito às vistas, se torna privado, escondido. É o processo civilizador tão bem estudado por Elias no qual as pulsões e ações vão sofrendo um controle cada vez mais rígido que criará a instância individual. Essa nova sociabilidade surge *pari passu* e determinada pelo processo de constituição do Estado Moderno, que criará instâncias separadas de poder e política, e separará o que é doméstico do que é público.

“[...] Nesse período de constituição do Estado e de profunda mutação da sociedade civil, em que o poder político visa a assegurar-se o monopólio da violência e a controlar as pessoas e seus corpos, bem como a produção de bens e signos culturais, ao mesmo tempo que surge um novo espaço público aparece também um espaço privado no qual, longe dos olhares e do controle da comunidade e do poder, definem-se novas práticas. Ou, para ser mais exato, em cada uma das áreas da prática social ou cultural muitas vezes se avizinham dois espaços unidos: o público e o privado [...]”¹⁵.

Nesse novo espaço privado, uma das práticas fundamentais é a relação com a escrita, seja lendo, seja escrevendo. Para Chartier, o contato maior ou menor com a escrita significará uma maior ou menor independência em relação às formas tradicionais

Idade Moderna. Temos uma boa síntese dessa questão na seguinte passagem: “[...] é que o problema da vida privada nos tempos modernos deve ser tratado sob dois ângulos distintos. Um é o da oposição entre o homem de Estado e o particular e das relações entre o domínio do Estado e o que, no limite, se tornará um espaço doméstico. O outro é o da sociabilidade e da passagem de uma sociabilidade anônima, em que as noções de público e privado se confundem, a uma sociabilidade florescente em que surgem setores bem diversos; um resíduo de sociabilidade anônima, um setor profissional e um setor igualmente privado, reduzido à vida doméstica [...]”. ARIÈS, Philippe. Introdução. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 18-19. Sobre o assunto ver, ainda: BURKE, Peter. *A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/argq/211.pdf>; NOVAES, Adauto (org). *A Descoberta do Homem e do Mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 1998; HELLER, Agnes. *O Homem do Renascimento*. Lisboa: Editorial Presença, 1982; TAYLOR, Charles. *As fontes do self: a construção da identidade moderna*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1997; DUBY, G. *História da vida privada. 2. Da Europa Feudal à Renascença*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

¹⁵ GOULEMOT, Jean Marie. As Práticas Literárias ou a Publicidade do Privado. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 371.

de vivência e sociabilidade. A escrita torna possível aos homens não mais dependerem de uma elite: os clérigos. A escrita incentiva a intimidade familiar e doméstica contribuindo para a constituição da família e da vida privada moderna; a escrita torna possível o isolamento individual que será fundamental para a vida moderna e, além disso, a escrita contribuirá para a disseminação do conhecimento¹⁶. Os meios nos quais a escrita se disseminará, que contribuirão para a fixação da sociedade da escrita sobrepondo a sociedade da oralidade (sobrepondo, não eliminando) serão o mundo das administrações civis e religiosas, o mundo do comércio e o mundo escolar. Cada qual terá uma forte influência na disseminação das escritas pessoais ordinárias. Por exemplo, como aponta Hébrard em texto acima citado, na origem da necessidade de registrar o movimento da vida nos mínimos detalhes temos a necessidade comercial de registrar o movimento das mercadorias e do dinheiro. As escolas serão responsáveis pela disseminação de suportes encadernados que coadunam melhor com a escrita de diários, por proporcionar uma continuidade maior do que folhas soltas. Até o século XIX a preferência do suporte da escrita recaía sobre as folhas soltas; com a ampliação enorme da alfabetização escolar neste século, a preferência foi recaindo cada vez mais para suportes encadernados, o que abriu todo um caminho para a prática diarística¹⁷.

A escrita sobre si mesmo é uma experiência possível só nessa sociedade moderna que separará o que é social do que é individual e essa escrita é um processo de

¹⁶ Chartier no seu texto *As Práticas da Escrita* faz uma análise do papel do livro e da leitura na constituição da esfera privada no Ocidente moderno. “[...] *Saber ler é primeiramente a condição obrigatória para o surgimento de novas práticas constitutivas da intimidade individual. A relação pessoal com o texto lido ou escrito libera das antigas mediações, subtrai aos controles do grupo, autoriza o recolhimento[...] saber ler e escrever permite também novos modos de relação com os outros e os poderes[...] Da maior ou menor familiaridade com a escrita depende, pois, uma maior ou menor emancipação com relação a formas tradicionais de existência que ligam estreitamente o indivíduo a sua comunidade, que o imergem num coletivo próximo, que o tornam dependente de mediadores obrigatórios, intérpretes e leitores da Palavra divina ou das determinações do soberano [...]*”. In: CHARTIER, Roger. *As Práticas da Escrita*. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 119.

¹⁷ Para esses três pólos constitutivos da escrituração pessoal e a questão das diferenças entre suporte folha e caderno ver: HÉBRARD, Jean. *Op. cit.*, p. 30-40.

individação pensado em contraposição à sociedade - como falamos acima, o indivíduo se eleva frente às injunções da sociedade comunitária tradicional. Quem escreve sobre si mesmo quer criar um mito de si mesmo, quer tornar o indistinto, o instável, o descontínuo presente na sociedade em algo estável e organizado. Quer construir de maneira consciente e deliberada para a posteridade uma determinada memória de si. O objetivo da escrita auto-referencial é fixar um sentido - de vida, fixado *a posteriori* dos eventos, portanto, inventado - e operar uma síntese - da identidade unitária do sujeito, também, inventada.

Esse caráter de invenção desta escrita está calcado no que Bourdieu (1996) chama de ilusão biográfica, ou seja, a crença que compartilhamos na possibilidade da biografia coerente de uma vida, de que seria possível apreender o sentido e o caminho que determinada vida teve de maneira organizada. Quando na verdade escolhemos falar de uma vida - principalmente se for a nossa, estamos recortando-a, editando-a, transformando o que é indistinto, desorganizado, fragmentado em algo coerente, do princípio ao fim. Há nisso boa dose de imaginação e de auto-censura¹⁸. Por isso Gomes, sob sugestão de Calligaris, diz para pensarmos em editor ao invés de autor quando se trata desta escrita¹⁹. É necessário, ao pesquisador, não se deixar enganar por essa ilusão

¹⁸ Para a ilusão biográfica ver: BOURDIEU, Pierre. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 183-191. Desse texto: “[...] Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário [...]” (p. 184). O texto: SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: Um Gênero de Fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira(orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 193-202 explica ilusão biográfica com as seguintes palavras: “[...] a idéia [...] de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como expressão unitária de uma intenção subjetiva e objetiva de um projeto” (p. 199). Sobre essa idéia de um mito de si mesmo calcado numa operação de sentido e síntese, e de uma memória de si, ver: ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.7, vol. 4, p. 66-81, 1991; GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 7-24. Todos os dois fazem referência à noção de ilusão biográfica.

¹⁹ GOMES, Angela de Castro. *Idem, ibidem*, p. 16.

biográfica: o que está escrito não é toda a experiência, nem mesmo toda a experiência daquele que a viveu e escreveu. Mais do que isso, o autor de um diário está construindo um outro mundo na escrita que não é o mesmo daquele da experiência, ele está moldando com os fragmentos de sua memória uma idealização daquilo que viveu. Escrever um diário é uma operação de automodelagem, de autorepresentação²⁰.

O escrevente pretende criar uma imagem coesa de si mesmo. Mas essa imagem nunca é estática, um diário denota uma movência do eu: o narrador não está fixo, ele se relaciona com outros textos, outras pessoas, outros tempos e esse relacionamento molda a imagem que ele quer de si e a imagem daquilo que ele vê e faz. A escrita sobre si mesmo é como um projeto: parte de um ponto escolhido e de forma consciente chega a outro ponto que o autor quis com determinados objetivos. É uma manipulação de um todo incoerente para criar um recorte coerente. O autor retira o que não lhe agrada, mitifica certas ações, despreza outras, altera dados e eventos da realidade vivida. Um aspecto muito importante desse tipo de escrita é a memória: a escrita autobiográfica é um trabalho de seleção e recorte da memória, que por sua vez, também, já é um recorte. Portanto, escrever de si é o recorte do recorte. Não podemos nunca tomar como verdade o que é dito, é um “discurso pessoal sobre a verdade”.

O indivíduo que escreve diários se sente numa posição exterior e superior aos fatos narrados. Essa posição o habilita, na sua concepção, a dizer a “verdade” subjetiva (porquê referente à sua subjetividade) dos fatos. E ela não precisa de comprovação

²⁰ O livro - CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O Quinto Século. André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1998 - aplica muito bem a noção de automodelagem e sua dimensão temporal no diário de vida de André Rebouças. Só ressalvamos que tal conceito cabe para um trabalho que se debruce sobre um tempo de vida maior da personagem pesquisada, o que não é o caso de nosso Diário. Não podemos perceber no Diário a construção da imagem de si ao longo de um período maior da vida de D. Pedro II. O nosso estudo se restringe pontualmente a essa viagem a Minas e a esse Diário. A título de hipótese, poderíamos ver essa invenção, essa automodelagem, se o objeto fosse o conjunto de todos os diários do Imperador que abarcam um período bem grande de sua vida.

social, lhe basta ter escrito. Há um grande poder na palavra escrita nas sociedades modernas, elas produzem um forte efeito de verdade.

“[...] O essencial para nosso propósito é que, na própria prática da escritura, o sujeito que escreve se coloca como fundamento da verdade daquilo que enuncia. O que garante a veracidade do conteúdo do diário paradoxalmente pertence ao não-público, ao privado e ao íntimo. A verdade não tem de ser demonstrada, provada, ela não se refere aos atos públicos do sujeito, não pertence ao grupo, aos depoimentos majoritários, pertence inteiramente a esse olhar individual, à margem, quase secreto, lançado sobre as coisas e o mundo. E é desse privilégio que o autor do diário está consciente quando se põe a redigi-lo [...]”²¹.

Outro aspecto importante e que se relaciona com a memória é a questão do tempo: a escrita autobiográfica quer controlar a descontinuidade temporal, fragmenta e compartimentaliza o tempo do vivido e, mais, tenta articular dois tempos: o da escritura e o do social. Entre o momento vivido e o momento representado na escrita há perdas, deslizamentos e re-significações. Na escrita entra todos os pré-conceitos do autor, entram todas as imagens que ele porventura tenha tido daquilo que narra, que, conjuntamente com as impressões do vivido constituem o caldo temático da escrita. Alberti (1991), em texto já citado, cunha um conceito que nos ajuda a entender a passagem da vivência para a escrita: ângulo de refração das experiências escriturais, ou seja, existe uma refração quando passamos de um tempo ao outro. Na escrita há “deformações”, ocultamentos, pois o escrevente *“[...] escreverá sobre sua vida aquilo que lhe é permitido, seja em função de sua memória, de sua posição social ou mesmo de sua possibilidade de conhecimento [...]”²²*. É da junção desses dois tempos, da tensão entre eles e de tudo aquilo que pode estar entre um e outro que nasce a escrita auto-referencial. É um exercício de rememoração, que nunca é um recuar-se completamente no passado, mas, um trabalho voltado para atualidade, marcado pelo

²¹ GOULEMOT, Jean Marie. Op. cit, p. 392.

²² ALBERTI, Verena. Op. cit, p. 76.

lugar social e pelo imaginário social daquele que escreve. “[...]Lembrar é uma atividade do presente sobre o passado [...]”²³. Falemos agora do Diário.

3.1.2. A Escrita de Diário do Imperador

O Diário do D. Pedro II não pode ser considerado uma escrita ordinária como o é a maioria dos diários pessoais. Primeiro, pela posição de quem escreve: o que D. Pedro II escreve interessa diretamente aos homens de seu tempo, às lutas políticas da sua época e, interessa, ainda, como registro histórico, como documento de uma época. O escrevente, nesse caso, mesmo que não diga nada de relevante politicamente (e não é o caso deste Diário), a posição que ocupa como Imperador já habilita seus escritos como especiais. Segundo acreditamos que D. Pedro II sabia da importância desses escritos, sabia que seriam consultados como documentos históricos. Como falamos acima, este Diário nascido nos momentos em que D. Pedro II estava sozinho consigo mesmo (antes de dormir, no quarto era o momento mais comum que ele escrevia suas impressões diuturnas), possui um caráter público, de registro das atividades feitas na função de Imperador. Ele é bifronte: pessoal e público, nascido da e sobre a pessoa de D. Pedro II, mas com um forte apelo de publicização.

Portanto, quem é o leitor de D. Pedro II? Para quem ele escreveu? Primeiro, para si mesmo: escrever diários é sempre uma forma de auto-relacionamento, uma forma de criar uma imagem de si para si²⁴. No caos do dia-a-dia da viagem, o Imperador, ao final

²³ LACERDA, Lílian Maria de. Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos(orgs). *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000, p. 87.

²⁴ Já sabemos que D. Pedro II reescrevia, portanto, era o primeiro leitor de suas notas diarísticas. No texto acima apresentamos uma carta de D. Pedro II a sua filha, Isabel, aonde ele fala de, depois de tomada as notas de viagem, fazer uma narração mais exata da viagem. Portanto, autor e primeiro leitor. Além disso, pela experiência prática do senso comum, sabemos que escrever diários é como um confissão para si mesmo, o diário funciona como um mediador entre dois momentos distintos na vida de uma mesma

do dia, tentava apreender o que de mais importante teria feito, tenta organizar o descontínuo num contínuo. Segundo, os leitores poderiam ser os amigos mais próximos: é sabido que D. Pedro II enviava em cartas partes de seus diários para seus amigos, por exemplo, a condessa de Barral. E, por último, a qualquer pesquisador que, debruçando sobre esses diários, divulgue de maneira pública a vida pessoal e política do Imperador. Portanto, seus leitores possíveis são múltiplos, variadas podem ser as interpretações e, sua escrita se conforma com essa multiplicidade: ele escreve já sabendo que seu diário não é apenas pessoal, mas pode e, necessariamente, se tornará público. Como de fato aconteceu.

“[...] Cabe, portanto, questionarmos, mesmo para os casos dos diários mais íntimos e pessoais, o problema do destinatário/leitor. Pois, no fim das contas, toda escrita pressupõe um leitor. Imaginário ou real, muitas vezes, o leitor-alvo do escritor de diários é ele próprio, o autor, colocado num ponto qualquer do futuro e numa instância crítica mais apurada. Recuperar o todo, refazer um percurso de vida, alcançando-a em seu conjunto e sentido, eis os objetivos do diário [...]”²⁵.

Falemos, agora, de algumas características da escrita de diário e do Diário aqui em questão. Eles são escritos no dia-a-dia: D. Pedro II, depois de um dia corrido, escrevia antes de dormir, deitado ou sentado; é quase uma imediata transcrição cotidiana: quase sempre D. Pedro II escrevia no mesmo dia do acontecido; o que não contradiz o que falamos aqui: que é uma interpretação do vivido, uma representação com cortes e perdas. A escrita de diários baseia-se em esquemas simples, escritura elementar com fórmulas que se repetem: D. Pedro II quase nunca faz análises profundas, é uma escrita quase taquigráfica, cheia de repetições: em cada cidade que chega se repete os procedimentos do dia-a-dia e, também, os da escrita, como vimos no

peessoa: os atos do dia-a-dia e a reflexão, a consciência sobre esses atos. Um diário é como um duplo (investigador das práticas ordinárias) de si mesmo. Os seguintes textos apontam a necessidade de investigar o destinatário/leitor do diário e, também, essa relação público/privado: OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Op.cit, p. 38-42; MACIEL, Sheila Dias et alli. Op. cit; da mesma autora: *A Literatura e os Gêneros Confessionais*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/pgletras/docentes/Sheila.pdf>; MACHADO, Maria H. Pereira Toledo. Op. cit.

²⁵ MACHADO, Maria H. Pereira Toledo. Op. cit, p. 139.

capítulo dois²⁶. É um tipo de diário crônica: com registros e apontamentos da vida pública, daquilo que é feito aos olhos de todos, na função de Imperador. Não há quase nada sobre a vida privada, sua mulher que o acompanhava é citada somente três vezes - e sem se aprofundar, parece que ela é mais um da comitiva -, os problemas domésticos com a viagem não são de interesse para a escrita, não é um diário íntimo, apenas pessoal como acima frisamos²⁷. Explicado a origem e explicitadas algumas características da escrita auto-referencial, marquemos a especificidade da escrita de diários frente a outras modalidades da escrita de si.

3.1.3. Porquê um diário de viagem não é de todo uma escrita auto-referencial?

Um diário de viagem não pode ser enquadrado completamente na escrita autobiográfica. Primeiro ele não quer construir uma história seqüencial da vida do autor, ele só toma um momento especial (a viagem) e discorre sobre ele. Segundo, os assuntos tratados num diário de viagem são na sua grande maioria os relacionados aos eventos e acontecimentos. Na escrita autobiográfica temos uma pessoa mergulhando no seu íntimo, é um exercício de psicologia pessoal. O essencial de um diário de viagem não é essa psicologia, ele pode e, muitas vezes, faz esse mergulho. O escritor de diários não

²⁶ Para essas características gerais da escrita de diário ver: FOISIL, Madeleine. A Escrita do Foro Privado. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 333-336; OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Op.cit, p. 6-10,12-22; MACIEL, Sheila Dias et alli. Op. cit; MACHADO, Maria H. Pereira Toledo. Op. cit, p. 136-140. As características do Diário do Imperador são baseadas na leitura do mesmo e, dos outros diários lidos, já mencionados a página 30 nota 29 do primeiro capítulo. A leitura desses outros diários foi de fundamental importância para perceber o estilo da escrita, as recorrências de assuntos, interesses e construções frasais. Numa palavra, nos ajudou a compreender melhor D. Pedro II enquanto um escrevente de diários.

²⁷ A idéia de diário crônica tomamos de: BASTOS, Maria Helena Câmara. Op. cit. A autora usa esse termo para fazer a mesma diferenciação que aqui fazemos, entre um diário privado, íntimo e um diário mais voltado às coisas feitas na rua, no contato público. Ela opõe diário crônica a diário pessoal, o que discordamos. Todo diário é pessoal no sentido que expressamos acima, a diferença está na motivação da escrita e nos assuntos tratados. Para o argumento dela pessoal é sinônimo de íntimo.

está preocupado em dizer quem é, em dizer como se tornou o que é - podemos, como pesquisadores, e como falei na nota 20 acima, se tivermos acesso a um conjunto contínuo e representativo de diários de vida tentar explicar nos diários essa construção de si mesmo, mas não é o caso do nosso objeto. Os acontecimentos narrados em um diário nem sempre são os da vida do diarista, não é uma forma de autoconhecimento ou válvula de escape para uma situação castradora²⁸; não está falando do “eu profundo”, mas do eu nas coisas, do mundo da experiência e não da reelaboração sistemática dessa pelo eu - há sim um nível de reelaboração, de interpretação da experiência, mas como já acima mencionamos, o tempo entre a experiência e a escrita é muito menor que em outras modalidades, portanto, a autocensura e a elaboração mental sobre os fatos é muito menor. Um diário é como um quadro impressionista feito às pressas: são as primeiras e rebuscadas impressões.

Em uma palavra: a prática diarística não é de todo uma escrita de si, só o é no sentido que acima demos à noção de pessoal: escrito pela pessoa que viveu o que está escrito. Podemos pensar, inclusive, que essa prática é, antes, uma escrita para si, o que muda completamente: o “de si” significa necessariamente que o autor está falando da sua própria pessoa. O que como falamos acima, não é sempre verdade, ele pode falar de outras pessoas, que podem ou não participarem da sua vida, ele pode falar de fatos e coisas que não tenham nenhuma relação cotidiana com sua vida. Já o “para si” coloca a ênfase no fim, no porquê alguém escreve um diário e para suas utilizações sociais. Ele nos lembra que o primeiro leitor de um diário é ele mesmo e afasta a escrita de diário do

²⁸ Usados para autoconhecimento os diários são um dos materiais de psicanalistas em seu trabalho. Além disso, podem ser usados como um desabafo de uma situação opressiva, como uma maneira de manter a calma e sanidade num momento de extrema provação. Como exemplo, desse último fim que mencionamos, temos talvez o mais famoso diário do século XX, o da menina judia que teve que se esconder com a família durante a Segunda Guerra Mundial, o diário de Anne Frank, sucesso editorial. O artigo: MACHADO, Maria H. Pereira Toledo. Op. cit, mostra como essa função catártica de um diário foi muito usada na época vitoriana. Para os fins que um diário pode ter, além desse artigo, ver: OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Op.cit, p. 34-38; MACIEL, Sheila Dias et alli. Op. cit.

excesso de subjetivismo presente quando se analisa outras modalidades da literatura auto-referencial, como as autobiografias.

“[...] A autobiografia se difere do diário sobretudo pela questão do objeto que (n) o diário pode abarcar uma temática abrangente e na autobiografia sempre retorna à história de uma personalidade. Do ponto de vista temporal, o diário se remete, mesmo que por uma ótica da construção ficcional a um passado imediato enquanto que na autobiografia o tempo em questão está vinculado à recuperação de uma história pessoal, além do que o texto do diário se apresenta fragmentado e amparado pela clássica datação externa ao relato [...]”²⁹.

3.2. A Narrativa no Diário de D. Pedro II

Uma questão fundamental para o entendimento de nosso objeto é a narrativa, ou seja, os elementos discursivos utilizados por D. Pedro II. Qual seria a técnica narrativa utilizada? Quais são os modelos de narrativa conhecidos e manejados pelo Imperador?

Primeiro definamos narrativa:

“[...] sumariamente, por narrativa estaremos entendendo o estabelecimento de uma organização temporal, através de que o diverso, irregular e acidental entram em ordem; ordem que não é anterior ao ato da escrita, mas coincidente com ela; que é pois constitutiva de seu objeto[...]”³⁰.

Nesse conceito de narrativa estão presentes algumas questões fundamentais no que se refere à escrita auto-referencial: a organização do descontínuo temporal em uma ordem contínua; é no ato de narrar que a ordem dos eventos surge, ou seja, a matéria narrada possui uma indeterminação que é própria da vida humana, quando esta matéria se torna uma narração ela adquire uma ordem. Essa necessidade de ordem, de

²⁹ MACIEL, Sheila Dias. Op. cit, p. 6. Para essas diferenças dentro do gênero auto-referencial ver, além desse texto, OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. Op.cit, p. 4-7; MACIEL, Sheila Dias et alli. Op. cit. Esse último traz, ainda, uma diferenciação na natureza das matérias manipuladas por essas modalidades. O diarista não tem acesso a todos os desdobramentos e a todas as inter-relações existentes na matéria que ele escreve. Ele está imerso nos fatos que narra, viveu-o a pouco tempo ou ainda o vive. Portanto, sua visão é bem mais estreita e a partir de um único ponto de vista. O assunto, para o memorialista ou para o autobiógrafo, já é bem conhecido, já foi madurado, a memória, a evocação trabalham neles muito mais do que no diarista.

³⁰ LIMA, Luiz Costa. A Narrativa na escrita da História e da Ficção. In: LIMA, Luiz Costa. *A Aguarrás do Tempo: estudos sobre narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 17.

determinar o devir humano está na origem da necessidade da escrita. Para D. Pedro II a viagem, com toda sua indeterminação, adquire um sentido, adquire uma organização temporal e espacial quando ele, passado tudo isso, narrava os eventos colocando-os em seqüência e construindo assim uma continuidade.

A narrativa é uma explicação de tipo causal, ela vai criando laços de significado entre um acontecimento e outro, ela nos fala da influência de fatos anteriores em fatos posteriores e para isso ela monta uma configuração, um desenho significativo da mudança, da passagem do tempo. D. Pedro II escreve de maneira esquemática: não é uma escrita corrida, com parágrafos e frases grandes e elaboradas, ele vai só pontuando as coisas que fez ao longo do dia. Escreve muitas vezes a hora e imediatamente, sem nenhuma outra palavra, o nome do local visitado acrescido de um adjetivo. Ele monta quadros curtos definindo o que fez e o que achou das pessoas e dos lugares. São instantâneos parciais dos vários momentos da viagem. Vejamos uma passagem bem ilustrativa desses quadros instantâneos:

*“[...] 11 h 5’. Vê-se a ponte. Chegamos às 11 ¼. Almoço e pouco depois conversei com o dr. Modestino Franco que julga que a estrada de ferro deve ir até a foz do Paraúna. Partida às 12 ½. 1 h 5’. Lugar das estacas resto de trabalhos de mineração. Vamos devagar porque o barco pode bater. Ficar perto do lugar chamado Carreira-Comprida. 1 h 25’. Defronte casa da fazenda da Carreira-Comprida. 1 ½ acabou a estacada. 2 h 12’. Ponta de areia que se adianta da margem esquerda no lugar Taquaras. 2 h 4’. Passou-se a ilha das Taquaras que tem seu comprimento. 2 ¾. Margem direita fazenda de Joaquim Moreira das pedras. O rio é aqui bastante fundo. 3 h 5’ Ribeirão da Mata. 3 h. Muitas macaúbas (*acrocomia selerocarpa*). Mat. St. Hilaire — *Voyages dans les provinces de Rio etc., 1^{ère} partie vol. 2 pág. 377.* 3 h 35’. Passamos por defronte da casa do engenho de cana do major Frederico Dolabella, Encerra-bodes, irmão do dr. Modestino de Sta. Luzia. 4 h. Avista-se a serra da Piedade do lado para onde o rio corre. 4 h 26’. Fazenda Pinhões — de cana na margem direita. As canas têm aparecido bonitas. Pedimos algumas que nos atiraram para bordo. 5 h. Grande montanha onde se vê uma que se me afigura parede de pedra calcária na margem esquerda. Mais de perto parece-me rocha xistosa. 5 h 10’. Rio Vermelho à direita. Já avistei a casa do estabelecimento que é grande. Grande volta Sarilho na margem esquerda que serviu para embarque de madeira. 5 ½ — Chegada ao porto de Macaúbas. 6 ½. Fui ver a igreja — nada tem de notável [...].”³¹*

³¹ Diário volume 24 p. 46-48 do manuscrito.

É uma escrita impressionista: ele pincela os quadros de maneira rápida e com poucas cores e, mais, parece não ter muito tempo a perder com a escrita, escreve rápido resumindo os eventos a poucas palavras, ele corre com a escrita tal como correu na viagem. Como podemos perceber a partir do segundo capítulo, sobrava-lhe muito pouco tempo para esses afazeres mais pessoais. Normalmente o tempo para suas notas de viagem era à noite, depois de um dia todo exaustivo de encontros, cerimônias, visitas ou deslocamentos em cima de cavalos e burros.

Há, ainda, uma questão importante a ser discutida que está relacionada com narrativa do diário de D. Pedro II: a relação entre discurso e poder, narrativa e política. Toda escrita é política na medida em que é performativa, poética, ou seja, produtora de sentido, produtora de mundos significativos. Todo discurso é disciplinador, elabora formas de seleção, de exclusão e interdição, ele quer dominar o evento aleatório e construir um repertório narrativo controlador. A narrativa é retórica, possui intenções persuasivas, quer passar e “vender” uma imagem e, por isso, demonstra uma articulação específica de poder, se há a tentativa de convencer há uma relação assimétrica de poder. A narrativa pode ser uma forma de anular o outro³². Podemos chamar atenção para a politização da linguagem, para o poder das palavras e o poder nas palavras. A narrativa de D. Pedro II viajante aponta para isso: ele vai construindo, ao longo do diário, um mapa do poder mineiro na época: por onde ele passa, as fazendas em que se hospeda há sempre, se não um comentário, ao menos a referência à classe senhorial do lugar. Receber o Imperador dava, com certeza, prestígio a esses senhores. Ser citado no diário do Imperador denotava as relações duplas de poder: é o Imperador, que, com sua presença, concede poder, interfere no jogo político local e, ao mesmo tempo, o poder

³² BENATTI, Antonio Paulo. Op. cit.

central se fortalece com o apoio dos poderes locais. Como exemplo, as festas de recepção eram momentos claros de demonstração dessa partida dupla do poder.

Podemos dizer que a narrativa do Imperador é uma forma de política, uma forma de exercer poder, já que suas palavras são carregadas dos mais variados sentidos políticos: o sentido mais geral, das questões críticas do Império (estamos na década crucial para o que a historiografia imperial define como Crise do Império); um sentido mais local de configuração de um desenho político da província ou dos municípios; um sentido mais interno, da própria escrita configurando um desenho outro do poder provincial e; um sentido mais interno ainda, das próprias opiniões e comentários pessoais de D. Pedro II. Escrever é dobrar-se sobre si mesmo, é comprometer-se, toda escrita é produtora de sentidos e não mero reflexo do mundo.

Tal como a viagem que possui um caráter político claro, como não poderia deixar de ser em se tratando do Imperador de um país viajando por seu próprio império, o Diário, também, é político. Nele assistimos o político Pedro participando de cerimônias oficiais; visitando e inquirindo como um chefe os órgãos públicos; prestigiando determinadas figuras políticas da província; numa palavra: um grande exercício de visualização política. Sua escrita se debruça - na sua grande parte - nos momentos mais nitidamente políticos e públicos. São esses eventos feitos aos olhos de todos, como representante político maior do país, que merecem serem eternizados pela escrita. Aos outros, aos eventos íntimos, apenas poucas ou quase nenhuma palavra. Por isso dizemos que é uma escrita pública, que não possui o trato íntimo que o senso comum considera presente nos diários. Por isso dizemos que é uma escrita bifronte. Mas voltemos a analisar o viajante D. Pedro mergulhando mais detidamente nas motivações da viagem aqui em questão.

3.3. Do Viajante D. Pedro II e da Viagem a Minas

D. Pedro II logo no início do único diário que sobrou no qual estão lançadas notas dia-a-dia durante um ano (1862) declara seu desejo por viagens:

“[...] *Nasci para consagrar-me às letras e às ciências e, a ocupar posição política, preferia a de presidente de República ou ministro à de imperador. Se ao menos meu pai imperasse ainda estaria eu há 11 anos com assento no Senado e teria viajado pelo mundo [...]*”³³.

Já vimos, no capítulo um, que D. Pedro II fez essas tão sonhadas viagens ao exterior. Mas ele não era um turista comum e não só por ser Imperador - como já falamos no capítulo um ele tentava nestas viagens se afastar, o quanto podia, da imagem majestática -, mas por procurar nestas viagens não apenas prazer, mas também instrução. Viajar para a Europa no século XIX representava carimbar no “passaporte” o selo da cultura, da civilização e era empreitada para poucos. D. Pedro II representava o que podemos chamar de *grand tourist*, viajantes que tinha tempo e recursos de sobra para permanecer muito tempo nos locais visitados. D. Pedro II gastou bem mais de um ano em cada uma das duas primeiras viagens internacionais. A viagem era o momento de ver com os próprios olhos todos os monumentos, lugares e pessoas que formaram a cultura intelectual ao longo do século XIX. Era o momento para D. Pedro II ver com os próprios olhos o que lia desde a infância. Não por outro motivo vai se avistar e vai conviver com vários escritores, intelectuais e cientistas no Velho Mundo. Esse tipo de

³³ PEDRO II. Diário de 1862. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 17, 1956, p. 15. Neste mesmo diário e na mesma página D. Pedro diz que queimou seus apontamentos de anos passados e a nota 1 (as notas foram feitas por Hélio Vianna) informa: “*Realmente a não ser quanto à viagem às províncias da costa Leste e Nordeste [parte publicado em: PEDRO II. Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859. Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2003], não se conhecem apontamentos diários de D. Pedro II senão posteriores a estes. Excetuam-se notas datadas, como as que conservou o mordomo Paulo Barbosa da Silva, atualmente em poder do Prof. Américo Jacobina Lacombe*” (p. 15). D. Pedro II diz que seria senador porque o art. 46 da Constituição Imperial dava como lei que os príncipes da Casa Imperial ao completarem 25 anos se tornariam automaticamente senadores. Ver: a nota 2 p. 15 deste diário.

grand tour atestava a supremacia européia, era um valor de status, ter viajado para Europa conferia superioridade.

Na tese de Claudete Daflon do Santos sobre a importância da viagem em escritores brasileiros há a construção de duas linhagens de escritores-viajantes: a linhagem de Nabuco e a linhagem modernista. A primeira é bem semelhante a este tipo de viagem que falamos acima: são os viajantes que, tal como Joaquim Nabuco, tem a imaginação européia, que viajam preocupados em vivenciar aquilo que leram durante a vida. D. Pedro II estaria mais próximo da linhagem de Nabuco, pois a modernista já são aqueles preocupados com a viagem interna ao país, interna a cultura nacional. Passa do deslumbre com a Europa para uma certa crítica e um voltar para dentro³⁴. Esse olhar educado pelas coisas da ciência e do intelecto também vai estar presente na viagem a Minas.

Quais poderiam ser as características da narrativa de viagem do Imperador? O que lhe prende a atenção na viagem e na escrita? Tentaremos a partir de agora responder estas questões. Há uma semelhança de forma entre narrar e viajar: todos os dois são deslocamentos, todos os dois alteram o que estava aceito e constroem novos sentidos para o que estava dado. D. Pedro II ao deslocar-se espacialmente desloca seu olhar, desloca seus conceitos, desloca os mineiros. O livro de Sussekind (1990), já citado, discorrendo sobre o narrador de ficção na literatura brasileira do século XIX nos aponta questões importantes: o principal interlocutor do primeiro narrador na literatura brasileira da primeira metade do século XIX é o viajante-naturalista e seus relatos de viagem. D. Pedro II, em várias passagens do diário, dialoga com o relato de viagem

³⁴ Para o *grand tour* ver: SALGUEIRO, Valéria. Op. cit. Para a tese de Claudete Santos ver: SANTOS, Claudete Daflon dos. *A Viagem e a Escrita: Uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual dos escritores-viajantes brasileiros*. Tese de Doutorado apresentada no departamento de Letras da PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2002. A tese - PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Op. cit - analisa a narrativa de viagem de alguns escritores que também podem ser enquadrados nesta linhagem de Nabuco.

naturalista de Saint Hilaire, como já explicamos no segundo capítulo. Mais do que interlocutor, do narrador de viagem esse primeiro narrador literário brasileiro toma algumas características, tais como a sensação de não estar de todo. Escrever relatos de viagem é o deslumbramento participante: passou-se o momento especial, os eventos da viagem e o narrador tenta, contra essa passagem, marcar os acontecimentos importantes para que não se perca, ao menos na memória escrita, o tempo da alegria, do idílio da viagem. Além do que se escreve sem estar-se de todo, ponderando, julgando, reelaborando o vivido. D. Pedro II mesmo escrevendo no percurso da viagem produz essa reelaboração, pois escrevia ao final do dia, passado as experiências sobre as quais escrevia. O gênero relato de viagem possui suas características próprias e seus leitores ideais. Portanto, como a narrativa do Imperador foi afetada pelas características desse gênero?

3.3.1. O Olhar Viajante do Imperador: interesses da viagem e da escrita

O olhar paisagístico-naturalista. Tal como os viajantes, D. Pedro II é rico em um certo descritivismo natural, em comentários às vezes científicos: “[...] *Caminhos sobre a ganga terra argilosa misturada com itabirito — que é composta de quartzo, óxidos de ferro e de manganês e às vezes argila branca indício de ser aurífera. A jacutinga é a itabirite friável [...]*”³⁵; às vezes, beirando o poético, o maravilhamento:

“[...] Desde que se começa a subir a serra do Caraça cresce a beleza da paisagem, e do alto descobre-se vastíssimo horizonte e depois uma das mais belas cascatas que eu conheço que forma lençóis e tanque e corre depois em fundo vale estreitado pelas montanhas de que já falei. Nunca admirei lugar mais grandiosamente pitoresco do que este [...]Felizmente o belo luar sempre deixa ver um pouco o lugar por onde se anda mesmo debaixo das árvores, e num lugar de grandes lagos, perigoso para liteira alumiaava a lua com todo o seu esplendor. O cruzeiro fulgurava em nossa frente e à esquerda Vênus faiscava quase sobre a

³⁵ Diário volume 24 p. 77 do manuscrito.

montanha. Não posso descrever tanta beleza [...]”³⁶.

Temos também um olhar geográfico-cartográfico. O narrador D. Pedro II monta uma cartografia polissêmica: são mapas políticos – que contêm a teia de relações de poder na província. São mapas botânicos - em que há uma infinidade de apontamentos sobre plantas e seus usos e sua interlocução com Saint-Hilaire é calcada em seu interesse pela matéria. São mapas administrativos: este talvez seja o maior assunto do Diário. Em toda cidade que chegava, o Imperador fazia questão de visitar minuciosamente todos os órgãos públicos, principalmente os educacionais, fazendo apontamentos pormenorizados. Tal atitude faz parte de seu projeto de governo e da imagem que cultivava: a de ser simplesmente o primeiro servidor da nação e rigoroso observador de tudo que se dizia respeito à administração.

Nessa questão administrativa, há um assunto que atormenta D. Pedro II: o fato das câmaras municipais não guardarem os padrões métricos de forma adequada. Em várias cidades ele chama a atenção para isso, como notamos no segundo capítulo. Parte do Nordeste brasileiro havia menos de seis anos sido tomado por um movimento social intitulado Quebra-Quilos, onde a população menos favorecida e alguns elementos das elites locais tinham trazido grandes distúrbios para 4 províncias: Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Norte. O movimento, bastante assimétrico em suas motivações e ações, se caracterizou pela destruição dos novos padrões métricos nas feiras e lojas de comércio, pela revolta fiscal levando a invasão e destruição de cartórios, câmaras municipais com toda sua documentação e pelo recorrente protesto contra o sistema de alistamento militar. Começou em 31 de outubro de 1874 num distrito da cidade de Campina Grande na Paraíba e rapidamente se alastrou chegando a tomar conta de mais de 70 municípios. Em 1862 o governo imperial tinha aprovado lei

³⁶ Diário volume 24, p. 83-84 do manuscrito.

implementando o sistema métrico decimal que a França vinha desde o início do século tentando exportar para todo o mundo. Ao entrar a década de 1870, no gabinete Rio Branco, entre outras tantas medidas “modernizantes” uma foi regulamentar e colocar em funcionamento o sistema, inclusive prescrevendo prisão e multa como punição para quem usasse o sistema antigo. Mas muitas câmaras municipais nem sequer receberam os pesos que seriam usados como modelo.

“Nos meses que antecederam a revolta, os agentes do Estado imperial haviam intensificado as ações para implementar o novo sistema métrico-decimal em todo o território nacional, em nome do progresso e da racionalidade. Para a maioria da população, poderia significar tudo menos isso, pois sabia que, enquanto não conhecessem bem o sistema, corria o risco de ser ludibriado por comerciantes espertos”³⁷.

O Quebra-Quilos se misturou com toda uma conjuntura de mudanças: o Nordeste vinha cada vez mais perdendo escravos para a cafeicultura do Sudeste; os produtos agrícolas nordestinos, como o açúcar e o algodão, tinham seus preços cada vez mais em baixa no mercado internacional devido a concorrência; o déficit orçamentário que já era crônico nas províncias só aumentava o que gerava uma carga tributária cada vez maior; as relações de trabalho passavam por grandes transformações com o trabalho escravo sendo substituído pelo trabalho livre e com várias formas que os grandes senhores locais inventavam para manter esses trabalhadores em regimes quase compulsórios de trabalho; o acordo de poder entre a Igreja e o Estado ruía com a chamada Questão Religiosa e com a prisão dos bispos a grande maioria da população do país que era católica se posicionou contra o governo - vários padres aproveitaram as revoltas do Quebra-Quilos para pregar contra a Maçonaria e contra o governo, o próprio Rio Branco, grão mestre da Maçonaria, considerava que o ultramontanismo³⁸

³⁷ LIMA, Luciano Mendonça de. Abaixo os quilos. *Nossa História*, São Paulo, ano I, n. 8, junho 2004, p. 35.

³⁸ Doutrina propagada pela Santa Sé de Roma que defendia a superioridade das leis religiosas frente às civis e atacava todo um conjunto de mudanças culturais que vinham se processando desde a Revolução Francesa que levava, na concepção do segmento mais tradicional da Igreja Católica, a uma perigosa

estava por trás do Quebra-Quilos³⁹. A repressão foi muito rápida e violenta: várias tropas de outras províncias foram mandadas para o Nordeste sob o comando do coronel Severiano da Fonseca, irmão do futuro presidente Deodoro da Fonseca.

Portanto D. Pedro II e o governo que, já estavam calejados com estas várias revoltas da década de 1870, chegam em Minas Gerais com um olhar voltado para essas questões administrativas, lhe preocupavam muito todas as medidas que pudessem ser aplicadas no país e tivesse a marca da modernidade européia e, particularmente, da França, como é o caso do sistema métrico-decimal. Além do que fazia parte da ação de governo e de sua imagem essas preocupações com os pormenores da administração.

Há, ainda, mapas econômicos: outro assunto de grande magnitude no diário é o desenvolvimento das riquezas minerais. Ele se faz acompanhar de Gorceix, mineralogista e fundador da Escola de Minas. Os dois conversam muito sobre mineralogia e geologia. O imperador visita a mina de Morro Velho, inclusive descendo em seu interior. Ele visita outras minas e discute com vários outros cientistas e donos de terras sobre as maneiras de melhor aproveitar o solo mineiro. Seu diálogo não é de um desentendido interessado, sua linguagem é científica e técnica, seus apartes nas discussões são profundos. Vejamos: ao visitar Morro Velho, faz anotações sobre o processo mineralógico:

“[...] Vai começar a tarefa do dia. Antes do almoço às 11 ½ — Amalgamação — O ouro talvez não esteja todo puro sem combinação química que impeça em parte a liga com o mercúrio. O minério é quartzito de piritas, uma delas muito arsenical. Por isso, segundo alegaram deixaram de prosseguir num ensaio de hostulação [...]”⁴⁰.

secularização da sociedade. Pode-se dizer que o inverso disto é o regalismo: os religiosos sob o comando do Estado.

³⁹ Todas as informações sobre o Quebra-Quilos foram retiradas dos seguintes textos: LIMA, Luciano Mendonça de. Op. Cit. MAIOR, Armando Souto. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978. Para mais informações ver: MONTEIRO, Hamilton de Mattos. *Revolta do Quebra-Quilos*. São Paulo: Ática, 1995.

⁴⁰ Diário volume 24, p. 35 do manuscrito.

Outra questão econômica importante é o desenvolvimento das comunicações, principalmente estradas de ferro. Em todo lugar que o Imperador passava, alguém sempre comentava sobre qual caminho o ramal férreo que ligaria a Estrada de Ferro D. Pedro II ao centro de Minas, em construção na época da viagem, deveria tomar. E, tal como no caso do minério, D. Pedro II visita as partes já construídas, se avista com engenheiros, e parte do trajeto seguido na viagem é feito sobre o traçado da ferrovia.

Vejam os:

“[...] Li as notas relativas ao projeto do ramal de ferro entre a estrada de ferro de Pedro 2º e Ouro Preto e outras cousas. 4h Jantar. Conversa. Sperling disse-me que o terreno entre Queluz e Ouro Preto prestava-se a estrada de ferro. Falou-me da navegação ou antes não navegação do rio das Velhas segundo entendo. Os distritos dos 5 engenheiros da Província são enormes. O de Sperling chega a Diamantina [...]”⁴¹.

Sussekind (1990) no texto já citado chama atenção para o conceito ilustrado de viagem: a partir do Iluminismo, a viagem se transforma num aprendizado fundamental na formação individual, num meio de conhecimento de outros povos e outras culturas (é o *grand tour* que acima falamos ou as viagens de formação). Consideramos D. Pedro II um viajante desse tipo - fundamentalmente nas viagens ao exterior, mas não só - e, nessa viagem particularmente, apesar de todo protocolo administrativo, ele toma conhecimento de uma série de questões ligadas à ciência, convive com cientistas e técnicos - meio intelectual que o Imperador muito prezava - aprendendo com eles e tomando notas no Diário tal qual um aluno toma notas das aulas dadas pelo mestre. A experiência, a partir da Ilustração, se torna fundamental na aquisição de conhecimentos. A relação entre sujeito e paisagem é de aprendizado: o sujeito não domina a paisagem, ela o domina e o ensina. Torna-se importante refletir sobre a experiência, deixar um registro, um relato. Esse narrador-naturalista que marcará a literatura do século XIX e o

⁴¹ Diário volume 25 p. 4-5 do manuscrito.

próprio D. Pedro II se afasta cada vez mais do maravilhoso do século XVI e da sede de aventura do século XVIII. Não é só a experiência que conta, mas o escrito dessa experiência e, de preferência, no calor da hora, tal como um relatório científico pormenorizado. A verdade aqui é garantida pela proximidade entre escrita e experiência: a escrita-em-trânsito, o que é corolário de um estilo simples, escrito às pressas, sem muito estilo literário⁴².

Seu relato de viagem não é denso, não se aprofunda muito nas questões que levanta, escreve de maneira rápida acompanhando a rapidez da viagem. Toma pequenas notas como mecanismo mnemônico para si mesmo depois de passado o momento da viagem. Essa prática de tomar notas D. Pedro II já tinha, e não só em viagens. Vejamos uma passagem do texto de conselhos que ele fez à filha quando de sua primeira viagem ao exterior:

“[...] Deve visitar os estabelecimentos públicos e particulares de utilidades pública [...] e tomar, logo que for oportuno apontamentos do que observar, e dever comunicar a qualquer ministro, ou guardar para si, evitando que suas observações sejam conhecidas por qualquer pessoa, que não for discreta [...]”⁴³.

Vemos nessa passagem como D. Pedro II comenta a prática de se visitar os estabelecimentos públicos e privados, prática esta que pode ser colocada como a mais realizada nessa viagem a Minas Gerais, vista por ele como uma obrigação, uma prescrição do exercício da majestade. É por esse viés que caracterizamos esta viagem como política/administrativa, o que não é privilégio só dessa viagem como podemos notar pela passagem acima. D. Pedro II fala, ainda, de guardar as notas destas visitas e usá-las com o intuito político: discuti-las com os ministros responsáveis pelos órgãos; ou, ainda, guardá-las para si para futuras consultas. Temos aqui essa questão dos dois

⁴² SUSSEKIND, Flora. Op. cit, p. 70-140.

⁴³ PEDRO II. *Conselhos à Regente*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958, p. 61-62.

momentos da escrita - que não se aplica ao Diário aqui em questão, mas sim, a escrita de D. Pedro II de maneira geral -: as notas e o diário mais elaborado. O trecho da carta do Imperador a filha que transcrevemos acima confirma essa questão: “[...] *As notas de viagem foram escritas a vapor e só para depois fazer uma narração exata da viagem à vista delas. Porém ainda não me chegou o tempo para isso, e vocês aproveitem o que puderem de semelhante sarrabulho [...]*”⁴⁴. Vemos, também, nessa passagem que seus relatos de viagem possuíam, como já falamos acima, caráter não-íntimo, eles eram enviados para filha e amigos. Os diários, ou alguns deles depois de escritos faziam parte das práticas epistolares, tão comuns no século XIX⁴⁵. Sabemos, pelo diário da viagem ao Nordeste publicado em livro e já citado e pelos outros diários que consultamos, que o Imperador levava consigo nas viagens uma ou mais cadernetas pequenas para lançar suas notas.

Pela leitura dos diários do Imperador podemos tecer algumas considerações. Sua escrita se prende nas questões públicas, há quase nada ou nada sobre a intimidade ou questões familiares. D. Pedro II era reservado e muito preocupado com sua imagem, gostava de tudo saber e tudo controlar no que diz respeito às coisas da política. Tanta importância e cuidado atribuía à sua função de Imperador que no livro de Conselhos a Princesa Isabel que falamos acima dizia, quase sempre o Imperador deve fazer isso ou

⁴⁴ D. PEDRO II apud GUIMARÃES, Argeu. Op. cit, p. 2.

⁴⁵ Dentro dos estudos da escrita auto-referencial que analisamos no início deste capítulo há muitos que versam sobre a prática epistolar. Ver, por exemplo: GOMES, Ângela de Castro. *Em Família: Correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Campinas: Ed. Mercado de Letras, 2006; VENANCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 111-137; VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de Papel: Cultura Escrita y Sociabilidad en la correspondência de Oliveira Vianna. In: GÓMEZ, Antonio Castillo; SÁEZ, Carlos(orgs). *La Correspondência em La Historia: Modelos y prácticas de escritura epistolar*. Madri: Biblioteca Litterae Calambur, 2002. p. 447-468; GONTIJO, Rebeca. “Paulo Amigo”: amizade, mecenato e ofício do historiador nas cartas de Capistrano de Abreu. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 163-193; GUIMARÃES, Lúcia M. P; ARÁUJO, Valdeci Lopes de. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In: GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004, p. 93-109; TRUJILLO, Maria Amparo Moreno. Op. cit.

aquilo ou mesmo falando de ações já feitas dizia o Imperador fez isso ou aquilo. Falava de si mesmo na terceira pessoa. Criou durante 49 anos de governo esta persona pública tão forte, como uma segunda natureza, que, mesmo numa escrita que guardou para si ou mandou para pessoas muito próximas, não deixava espaço para divagações pessoais. Seu estilo nos diários é conciso e direto, às vezes apenas faz a referência de hora e lugar, às vezes além destes faz alguma leve apreciação. Os assuntos que o leva a discorrer mais são: em primeiro lugar, a ciência, a técnica e a tudo que ligado a elas tenha a haver com o progresso material; relacionado a isso, os contatos, conversas e estudos sobre homens de ciência ou de letras; e, dentro dos assuntos políticos-administrativos, a instrução de maneira geral. Nos diários de viagem encontramos os mesmos procedimentos de viagem: eles falam de comissões de organização criadas pelas Câmaras Municipais; de editais de chegada; de verbas extras criadas pelas Assembléias Provinciais e Câmaras para custear as recepções; das visitas que o Imperador faz a câmaras, cadeias, assembléias, escolas, manufaturas e outros. Todos estes e outros procedimentos que descrevemos no segundo capítulo.

Falemos de um outro diário em particular, o da viagem ao Paraná, pois ele é temporalmente muito próximo do Diário aqui em questão. A viagem ao Paraná de 17 de maio e 7 de junho de 1880 é a viagem imediatamente anterior à viagem de Minas. Na Fala do Trono de 17 de janeiro de 1882 as duas viagens estão unidas e ressalta que nas duas o Imperador teve a oportunidade de conhecer os elementos de progresso existentes nas respectivas províncias. Os jornais que cobriram a viagem ao Paraná são os mesmos da viagem a Minas, sendo que o repórter José Tinoco pelo *Jornal do Commercio* é o mesmo que fará parte da comitiva a Minas. Da *Gazeta de Notícias* sabemos que foi o repórter Ernesto Matoso⁴⁶. Segundo Francisco Marques que faz uma

⁴⁶ Para esse diário e essas informações ver: SANTOS, Francisco Marques dos. D Pedro II e a Província do Paraná (Diário da Visita de D. Pedro II a Província do Paraná). *Anuário do Museu Imperial*,

breve introdução a esse diário, ele não foi alterado ou retocado como aconteceu com o diário ao Nordeste. Para tal informação se baseia no fato de não haver correções ou acréscimos neste diário. O diário ao Paraná possui o mesmo estilo do de Minas: uma escrita direta, sem muito aprofundamento, notas rápidas sobre os acontecidos, um tanto quanto lacônico. Os mesmos tipos de visita a escolas com alguns detalhes sobre os professores e alunos, e aos outros órgãos públicos. Tal como no Diário a Minas o Imperador se mostra preocupado com o descaso em relação aos padrões métricos e mostra fortes preocupações com questões mineralógicas. Tece comentários sobre a atuação dos funcionários chegando a reclamar várias vezes dos procedimentos de venda e compra de terra, inclusive falando que o vice-presidente deveria ser afastado do cargo por “traficar” com terras. O mesmo olhar minucioso para a administração. Os mesmos procedimentos de recepção: as ruas e casas são iluminadas e adornadas; bandas de música tocam; cerimônias religiosas e civis são feitas; o programa da visita é distribuído pela presidência da província para as câmaras - como vimos no capítulo 2 com a Câmara de São João Del Rei -; estas instituem comissões; arrecadam fundos e organizam a recepção. Tal como em Minas, D. Pedro II discute com os chefes locais o crescimento da malha ferroviária e os melhores caminhos para ela, tendo inclusive o Imperador, junto com técnicos, decidido a pendência sobre a estação inicial da estrada de ferro que ligaria o porto de Paranaguá com a capital Curitiba. Em alguns poucos momentos, tal como no de Minas, o Imperador deixa escapar alguma apreciação mais estética, um certo maravilhamento com a paisagem e sua força, tal como encontramos em boa parte dos relatos de viagem oitocentistas:

“[...] A serenidade e iluminação do céu ao aproximar do ocaso contribuiu muitíssimo para a impressão causada pela paisagem [...] O sol foi baixando, a

*orlar de luz colinas, e as araucárias agigantavam-se negras no meio do céu abrasado [...]*⁴⁷.

3.3.2. *As Motivações com a Viagem a Minas*

“Qualquer movimento ao longo de uma superfície plana que não seja ditado pela necessidade física é uma forma espacial de auto-afirmação, seja ele a construção de um império ou uma viagem turística”.

(Joseph Brodsky em *Menos que Um*)

Mas voltemos a Minas e ao nosso Diário. O que motivou essa viagem? O que queria D. Pedro II com ela? Para os motivos temos dois indícios. Um é uma carta de D. Pedro II a condessa de Barral onde ele diz o que pretendia ver e fazer na viagem. Vejamos ela:

*“[...] Hei de falar-lhe do mais importante da viagem, que promete ser interessante pelo rio das Velhas, navegável até o São Francisco; mineração de ouro, e exame das grutas onde o sábio dinamarquês Dr. Lund, que morreu junto a Lagoa Santa, perto delas descobriu muitos fósseis, entre os quais um crâneo humano. Hei de também visitar os lugares dos sucessos da conspiração do Tiradentes e celebrados pelos versos de Gonzaga na sua Marília de Dirceu, e de Cláudio Manuel da Costa em seu poema de Vila Rica [...]*⁴⁸

O que D. Pedro II achava de mais importante nessa viagem: a navegação do Rio das Velhas, a visita às minas, o Lund e suas grutas, os lugares aonde aconteceram a Inconfidência Mineira. Dos quatro, três são referentes à ciência ou o desenvolvimento técnico-econômico. Como estamos tentando discutir aqui: o olhar do Imperador é guiado por estas questões, a viagem pode ser pensada, então, como uma estratégia de reconhecimento e fixação de um poder sobre o território ainda desconhecido por D.

⁴⁷ PEDRO II apud SANTOS, Francisco Marques dos. Op. cit, p. 55.

⁴⁸ A carta foi retirada de: VIANA, Hélio. Op. cit, p. 70. Este retirou de: SODRÉ, Alcindo. *Abrindo um Cofre: Cartas de D. Pedro II à condessa de Barral*. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1956, p. 330.

Pedro II calcada em entrelaçamento de política e ciência/desenvolvimento técnico. É impossível dissociar estas duas instâncias: tanto a ciência e a técnica servem como aporte ou como discurso autorizador da política e de sua intervenção social quanto o fazer político legitima e sanciona uma determinada ciência e determinados desenvolvimentos técnicos a ela referentes. O Imperador, não só nesta viagem, mas em quase todo seu governo, é o ponto de convergência e de disseminação desta relação estreita. Ele é o representante político maior do país e, ao mesmo tempo, o maior mecenas, seja individualmente seja através do governo, das ciências no país. Como falamos acima, as ciências de maneira geral terão um papel fundamental na construção da nacionalidade brasileira no Segundo Reinado, construção esta que tinha na imagem e na pessoa de D. Pedro II um centro de unidade e irradiação. Esta construção que, segundo a historiografia do Império, começava a ruir desde a década de 1870, teimava em manter-se em pé através da atuação ainda forte do Imperador à época da viagem. A ciência e o desenvolvimento técnico/econômico podem ser as formas que sustentam a tentativa de D. Pedro II e de seu governo de acompanhar as mudanças ocorridas no mundo a partir da Segunda Revolução Industrial e no Brasil a partir da Guerra do Paraguai no sentido de tentar barrar o desenvolvimento da oposição ao governo imperial. Dessa forma, a viagem a Minas e outras feitas neste período podem ser pensadas como parte desta estratégia de reconhecer os lugares importantes para o desenvolvimento do país e uma possível saída para as demandas por uma modernização e arejamento da política imperial. As viagens, ao se guiarem pelo reconhecimento dos avanços técnicos e a constatação dos pontos estratégicos para o desenvolvimento da ciência, constroem para o Imperador e as elites uma imagem de conciliação política através dos avanços técnicos/científicos num momento crítico.

Uma outra questão que a carta realça e que confirma o que estamos falando aqui sobre que tipo de viajante é o Imperador são as duas referências literárias: Tomas Antonio Gonzaga e Cláudio Manuel da Costa. O olhar de D. Pedro II, além de ser guiado pela ciência, é guiado por suas leituras. Como já falamos, ele é um homem culto, votado às letras, é um *grand tourist*, que viaja impregnado de sua bagagem literária. A realidade que ele vê, por exemplo, em Ouro Preto, é pautada entre outras coisas, pelo que os textos dos inconfidentes escreveram. Sua viagem também é em parte literária. Para encerrar a discussão sobre as motivações que esta carta traz temos, ainda, a falar das primeiras palavras: D. Pedro II se promete falar (escrever) sobre o mais importante da viagem para a condessa de Barral. Será que ele tinha a pretensão de enviar-lhe o Diário aqui em questão como já fazia com outros? Não podemos responder a este questionamento, mas fica como uma boa hipótese de investigação. No mínimo tal passagem confirma o que já falamos que o Imperador escrevia seus diários para si mesmo e para os seus.

Um outro indício das possíveis motivações da viagem pode ser buscado na relação do Imperador com Claude Henri Gorceix, importante interlocutor nessa viagem como vimos no segundo capítulo. Mais particularmente em suas cartas⁴⁹. Desde pelo menos 1877 Gorceix pedia a visita de D. Pedro II para ver o andamento da Escola de Minas de Ouro Preto: “[...] *Que me seja permitido, Magestade, escrevia em 29 de setembro de 1877, lhe dirigir um pedido, cuja realização seria, para mim, uma grande recompensa: que Vossa Majestade se digne visitar a Escola de Minas de Ouro Preto*

⁴⁹ O livro de Margarida Lima, citado no capítulo 2, traz um conjunto substancial de cartas trocadas entre D. Pedro II e Gorceix. Para essa parte sobre a Escola de Minas e Gorceix usamos, ainda, além deste livro: CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

[...]”⁵⁰. Em 1º de março de 1880 Gorceix se dirige ao Imperador tratando a viagem como certa:

“[...] Não poderia exprimir a Vossa Majestade [...]o quanto sua visita me acumula de alegria [...]Ficaria muito feliz se Vossa Majestade se dignasse a me informar se desejaria que me fosse outorgada permissão para o acompanhar em suas excursões nas circunvizinhanças de Ouro Preto [...]”⁵¹.

Então, por volta de um ano antes, a viagem a Minas Gerais já estava decidida. Seria a insistência de Gorceix para visitar a Escola de Minas um dos fatores que decidiu esta viagem? É difícil responder, só podemos dizer que, como vimos no segundo capítulo, o Imperador, nas duas vezes que passou por Ouro Preto, visitou exaustivamente a Escola, assistiu a suas aulas, inquiriu professores e alunos. A Escola de Minas é um dos motivos da visita? Ela tem importância aos olhos do Imperador a ponto de motivar essa viagem? Como estamos tentando explicar aqui, essa viagem tem uma finalidade política que está calcada entre outras coisas, na observação atenta da administração e dos desenvolvimentos técnicos/científicos. A Escola de Minas, que teve desde o início um apoio irrestrito do Imperador, justifica em alguma parte a visita a Minas. É claro que a viagem não é voltada exclusivamente para a Escola, mas o contato epistolar anterior entre D. Pedro II e Gorceix e as visitas minuciosas do Imperador a Escola demonstram que ela tem uma importância forte dentro dos interesses científicos/políticos presentes nesta viagem.

Além da importância da Escola de Minas, o próprio Gorceix será companhia constante do Imperador. No Diário vemos várias frases como estas: “*Na conversa com Gorceix*”, “*Gorceix explicou-me*”, “*Gorceix disse-me*”, “*Conversei com Gorceix*”.

⁵⁰ GORCEIX apud LIMA, Margarida Rosa de. Op. cit, p. 72.

⁵¹ LIMA, Margarida Rosa de. Op. cit, p. 72. Esse mesmo livro na página 180 traz o original desta carta. Ver o trecho: “*Le voyage de Votre Majesté à Minas étant cette fois, je crois, bien décidé, je serais très heureux si vous vouliez bien faire l’honneur de m’informier si vous désirez qu’il me soit donné de pouvoir vous accompagner dans vos excursions autour d’Ouro Preto*”. Como vimos no segundo capítulo, a permissão foi dada e Gorceix acompanhou a comitiva em Ouro Preto, Morro Velho, Sabará, Santa Luzia, Lagoa Santa e Caraça.

Gorceix satisfez a vontade de D. Pedro II, expressa na carta a Barral acima mencionada, de conhecer com profundidade as minas exploradas na região: é ele que indicará várias delas, por exemplo, a lavra do coronel Assis Jardim no caminho para Morro Velho⁵². É ele também que cumulará o Imperador de informações sobre as lavras e minas da província com riquezas de detalhes que o Imperador deixa claro no Diário. Gorceix se adiantará à comitiva e chegará primeiro em Lagoa Santa para organizar as expedições às grutas de Lund, principalmente a da Aldeia que vimos D. Pedro II visitar no dia 8 de abril⁵³. Assim satisfazendo uma outra motivação do Imperador, expressa na carta mencionada, de visitar as grutas do paleontólogo Lund. Gorceix, além de ser o diretor da Escola de Minas, importante destino desta viagem, será companhia das preferidas pelo Imperador - como podemos perceber pela quantidade enorme de vezes que é mencionado no Diário, proporcionando-lhe momentos de reflexão e aprendizado sobre geologia e mineração. Gorceix pela sua ocupação profissional, diretor de uma escola científica e cientista, trazia consigo a marca da ciência e de seus desenvolvimentos mais avançados para época, marca que lhe conferia prestígio aos olhos do Imperador fascinado pelos assuntos da ciência.

D. Pedro II teve papel fundamental na criação e na manutenção da Escola de Minas até o fim do seu governo. Já no texto *Conselhos À Regente* de 1871, que mencionamos acima, ele aponta a necessidade de uma escola de minas na província mineira⁵⁴. Segundo Carvalho no livro citado acima a iniciativa da criação de uma escola de minas foi toda do Imperador. Sua criação foi um ato de vontade política do Imperador, preocupado em expandir no país os avanços científicos e técnicos e manter a imagem de nação civilizada a despeito de toda uma conformação social e econômica, calcada no regime escravista, que não coadunava com essa imagem e, muitas vezes, era

⁵² Idem, ibidem, p. 74-75.

⁵³ Idem, ibidem, p. 75-76.

⁵⁴ PEDRO II. *Conselhos à Regente*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958, p. 37.

diametralmente oposta. Foi ele que na sua primeira viagem ao exterior entrou em contato com Auguste Daubr e, recém-nomeado diretor da Escola de Minas de Paris, seu colega na Academia de Ciências de Paris, e pediu-lhe um estudo sobre a melhor maneira de conhecer e explorar as riquezas minerais do país. Daubr e sugeriu a elabora o da carta geológica do país e o ensino de geologia no país. A Comissão Geológica do Império fundada no mesmo ano da Escola de Minas de Ouro Preto, 1875 e dirigida por Hartt tentou se incumbir da primeira sugestão. Quando o Imperador voltou ao Brasil convidou Daubr e para visitar o país e estudar a possibilidade de se incumbir da segunda sugestão. O mesmo não quis largar a Escola de Minas de Paris, mas se ofereceu a encontrar uma pessoa capaz de fundar a escola, mas só conseguiu depois de muitos esforços no final de 1873⁵⁵. Gorceix, já no Brasil, se aproximou do Imperador e de sua família. Inclusive D. Pedro II e Teresa Cristina, a Imperatriz foram padrinhos de batismo da filha de Gorceix⁵⁶. Todas as dificuldades pelas quais passou a Escola de Minas nos seus primeiros anos, principalmente por seu estilo de ensino científico prático que se chocava com o ensino livresco da época e pela insistência de Gorceix em vários pontos da organiza o da escola, foram contornadas pelo seu diretor recorrendo ao Imperador.

“[...] A correspondência ativa e passiva de Gorceix com o chefe de Estado não deixa a menor d vida quanto ao enorme peso da mão imperial na história da Escola de Ouro Preto. O Diretor apelava sistematicamente para a ajuda imperial toda vez que algum obstáculo de maior vulto se lhe antepunha, e raramente ela lhe faltava. Em casos muito s rios, ameaçava renunciar, sabendo com certeza que o Imperador não admitiria a hipótese. Já na primeira carta que escreve ao monarca, em 5 de janeiro de 1876 [...] afirma que a concretiza o de sua obra não poderia “jamais avançar um só passo sem a ajuda de Vossa Majestade”. Afirma es de igual teor são freqüentes na correspondência. [...] Gorceix recorre ao Imperador em carta datada de 12 de novembro de 1879, em que afirma: “Meus alunos são tem a mim para advogar sua causa e sem v s, Senhor, este eu   um zero! [...]”⁵⁷.

⁵⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002. p. 46.

⁵⁶ Idem, *ibidem*, p. 82.

⁵⁷ Idem, *ibidem*, p. 83.

Sabendo de todo este empenho e força política que D. Pedro II usou para criar e manter a Escola de Minas não é implausível a nossa hipótese esboçada acima que a visita à mesma escola era um dos motivos da viagem a Minas. Sendo assim, a viagem é um momento de divulgação e perpetuação da estratégia política, que acima falávamos, que instrumentaliza a ciência e seus desdobramentos técnicos para fazer frente às mudanças estruturais que a sociedade brasileira sofria nos decênios finais do século XIX. Para um homem como D. Pedro II que acreditava, tão ao gosto do século XIX, no papel transformador e regenerador da ciência, só o conhecimento e a divulgação em todos os ramos científicos seria capaz de fazer avançar a sociedade ao seu objetivo principal: o progresso, segundo o pensamento vigente no século XIX. É esta preocupação com a prática científica que caracteriza o olhar do viajante D. Pedro II não só nestas viagens, não só em todas suas viagens, mas em seu governo de maneira geral⁵⁸. Mas sempre houve uma tensão, ou melhor, uma ambigüidade neste governo: foi um governo que deve toda sua riqueza econômica a um sistema que tolia e, mesmo barrava, muitos dos desenvolvimentos técnicos e científicos desejados pelo Imperador e pelos homens de ciência e letras brasileiros do século XIX.

Outra prova desse interesse científico que guia o olhar do viajante D. Pedro II e, também, das motivações dessa viagem é a sua atenção ao Peter Lund. Já na carta a Barral acima citada ele deixa claro que considerava a visita à terra de Lund uma das coisas mais importantes da viagem a Minas. No período que fica em Lagoa Santa se

⁵⁸ Todos os estudos que versam sobre ciência e política no século XIX brasileiro apontam a centralidade de D. Pedro II. O texto - SANTOS, Nadja Paraense dos. Op.cit - observa a respeito de D.Pedro II “[...]que nos relatos de suas viagens pelo Brasil e ao exterior, a ciência está sempre presente: visitas às instituições científicas e educacionais, assim como contato com cientistas[...]” (p. 59). A biografia de Besouchet citada no capítulo 1 é toda construída na tentativa de demonstrar que o Imperador é um homem do século XIX: romântico e cientificista. O capítulo 7 do livro de Schwarcz *As Barbas do Imperador* citado no capítulo 1 da dissertação analisa instituições científicas e educacionais cujo papel central é do Imperador, estudando a famosa frase atribuída a ele: “*A ciência sou eu*” (p. 125-157). O capítulo 15 analisa a participação brasileira nas famosas Exposições Universais e a presença do Imperador nestas vitrines do progresso e da ciência (p. 385-407).

concentra em tudo que diz respeito ao paleontólogo: conhece sua casa; examina algumas de suas coleções; visita as grutas que ele explorava; conversa sobre ele com todas as pessoas que consegue; aproxima-se de Nereu e seu pai que tinham sido auxiliares de Lund; traz para o Rio de Janeiro alguns textos sobre ele. Tal como Saint-Hilaire, um interlocutor intertextual, como Gorceix, um interlocutor presente na viagem, Lund representa o discurso da autoridade que a ciência carrega. Podemos dizer que estes três cientistas são os que mais atraíram a atenção do Imperador nessa viagem no que diz respeito à ciência, importante elemento definidor da viagem. Eles são a tríade científica dessa viagem: Saint-Hilaire traz consigo a botânica e os relatos de viagem, Gorceix traz consigo as ciências umbilicalmente ligadas ao desenvolvimento técnico e científico (marca da ideologia do progresso oitocentista), Lund traz consigo ancestralidade dos povos americanos, a história mais antiga do país governado por D. Pedro II. Um, Saint-Hilaire, nos faz ver as origens da ciência no novo país que se fundou à época que o cientista estava aqui e, também, a base de todas as ciências do século XIX: a ciência natural. Outro, Gorceix, nos faz ver o presente de disputas políticas e científicas e o futuro que promete ao país um grande desenvolvimento mineralógico com Minas Gerais encabeçando este processo. E, por último, Lund é a marca antropológica do processo de construção nacional que tinha na busca por origens naturais e humanas sua força imagética para inventar a nação - busca essa que foi várias vezes financiada diretamente por D. Pedro II ou, indiretamente, por instituições que eram mantidas ou incentivadas por seu governo.

Outra questão que toma o olhar do Imperador e que vimos no segundo capítulo é o cuidado em não ensinar doutrina religiosa nas escolas - algumas vezes D. Pedro II chama atenção para isso discordando de tal procedimento - e, ligado a isso, a prevenção, expressa no Diário, que o Imperador tinha contra religiosos ultramontanos -

ele chega a comentar, com um certo despreço, de alguns religiosos que tinham opiniões ultramontanas. Essas questões estão ligadas ao que a historiografia imperial chama de Questão Religiosa, conflito entre o governo civil e alguns religiosos que se arrastou por boa parte da década de 1870⁵⁹. Portanto, em 1881, tal conflito ainda estava

⁵⁹ “Constitui, na superfície, um conflito de jurisdição dos bispos do Pará e de Pernambuco com o poder civil, que, de 1872 a 1875, envolveu a imprensa e mobilizou considerável parcela da população. No entanto, nas profundezas, agitou uma série de tensões que envolviam a concepção e a prática da religião no Império, contribuindo decisivamente para abalar a Monarquia. No âmbito mais geral, a Questão Religiosa não pode ser compreendida sem referência à instituição do **padroado**, no Brasil, e à posição da Santa Sé, na Europa, naquele momento. Herança do período colonial, o padroado foi mantido na Constituição de 1824, o que significou a continuidade de uma **política regalista**, segundo a qual as iniciativas da Igreja dependiam da aprovação e dos recursos concedidos pelo Estado. Por volta de 1850, porém, uma nova geração de eclesiásticos, formada de maneira mais rigorosa e influenciada pela presença de missionários estrangeiros, passou a ver essa atuação do Estado como um obstáculo para a propagação da religiosidade mais espiritualizada e da moral mais estrita de que estava imbuída, assumindo uma posição **ultramontana**, que a colocava diretamente sob a direção da Santa Sé, na busca de uma **romanização** da Igreja no Brasil. Nessa conjuntura, ao mesmo tempo, o papado sentia-se ameaçado pelos avanços de uma sociedade cada vez mais secularizada a partir da Revolução Francesa e, sobretudo, pelo processo de unificação da Itália, os quais demoliam o ideário cultivado há séculos pela Igreja de sobrepor-se aos poderes temporais. Por isso, em 1864, Pio IX promulgou a bula **Quanta Cura** e o **Syllabus errorum**, questionando o liberalismo e voltando a insistir na posição da Igreja como autoridade suprema sobre a sociedade, além de condenar, em 1865, a Maçonaria, atribuindo-lhe a responsabilidade pelo que considerava a crescente impiedade do mundo. No Brasil, desde a Independência, a Maçonaria servia de importante espaço de sociabilidade para as elites e convivia com práticas religiosas tradicionais, congregando inclusive eclesiásticos de convicção regalista [...] In: (VAINFAS: 2002, 608). “[...] Muitos políticos de destaque eram maçons, inclusive o visconde do Rio Branco, chefe do gabinete em 1873. Diversos pontífices tinham proibido os católicos de integrar a maçonaria, mas o governo imperial (e, antes dele, o português) jamais permitiu a divulgação das bulas papais no Brasil. Embora o papado reconhecesse o direito do governo de impedir a sua aprovação, o novo e ultramontano bispo da diocese nordestina de Olinda achou intolerável a desobediência ao papa em questões de fé e moral. Jovem e impetuoso, D. Vital resolveu agir, ordenando que uma irmandade ligada a uma paróquia do Recife expulsasse todos os maçons. Em janeiro de 1873, esta se recusou a obedecer, e o bispo não hesitou em interdita-la, ou seja, proibi-la de celebrar missa. Quando o bispo do Pará imitou o exemplo do colega, a disputa se converteu em crise. As irmandades apelaram para o governo imperial, que mandou os prelados suspenderem a interdição. Em meados de 1873, os dois bispos se recusaram a fazê-lo. O imperador estava decidido a impor a autoridade do governo e sujeitar os dois homens. O gabinete decidiu processá-los criminalmente por obstrução da lei [...] Em fevereiro e em julho de 1874, os dois bispos foram julgados e condenados. O imperador comutou a sentença de quatro anos de prisão com trabalho forçado por uma de reclusão simples. A condenação e o encarceramento reforçaram, na Igreja brasileira, o apoio aos bispos, que persistiram em seu desafio. A vitória do governo não deu em nada. O gabinete Rio Branco caiu em junho de 1875, e seu sucessor, que estava decidido a pôr fim à Questão Religiosa, impôs um compromisso ao imperador. Dar-se-ia anistia geral a todas as pessoas e atos envolvidos na disputa e, a seguir, o núncio apostólico no Rio de Janeiro suspenderia as interdições. Embora D. Pedro II tenha protestado até o último instante, o necessário decreto foi promulgado em 17 de setembro de 1875. O confronto terminou sem que se resolvesse a questão central [...]” In: (BARMAN: 2005, 183-185). “[...] Apesar de encerrada com a comutação da pena pelo imperador, e a anistia concedida aos bispos em 1875, a Questão Religiosa, de um lado, acirrou a intransigência da alta hierarquia da Igreja, levando-a a assumir uma atitude ambígua em relação ao Estado, que implicava, ao mesmo tempo, a oposição a certas medidas de caráter secular e a reivindicação de conservar o lugar privilegiado, no plano espiritual, que sempre detivera junto ao poder. De outro lado, porém, quebrou o encanto da função monárquica. Para as mentalidades secularizadas que defendiam o progresso, a atuação do governo no episódio revelou-se fraca e movida unicamente pelos interesses políticos do gabinete conservador. Para os fiéis tocados pelo ultramontanismo, majoritariamente urbanos e alfabetizados, a prisão dos bispos indicou o caráter arbitrário das

fresco na memória da sociedade e de D. Pedro II que saiu um tanto quanto desgastado, pois, para os setores secularizados da sociedade que defendiam um cada vez maior afastamento da ingerência da Igreja, o governo foi fraco ao indultar os bispos presos. Para a população em geral, presa à religiosidade antiga, a prisão dos bispos foi uma impiedade. D. Pedro II sempre se posicionou como regalista, defendendo a prática já comum no Brasil do Padroado, que colocava as iniciativas da Igreja sobre a dependência do Estado. Como estamos aqui explicando D. Pedro II era um homem apaixonado pelos avanços técnicos e científicos e ele fez questão em todo seu governo em tentar introduzir no país vários destes avanços. Tentou com o apoio a instituições científicas e educacionais, implementar no país uma mentalidade aberta ao que de novo a ciência trazia. É claro que não queremos dizer que isso foi uma iniciativa só pessoal, mas sim, uma iniciativa de governo, mas havia nisso muito da crença ilustrada do Imperador. Tal mentalidade chocava com o ultramontanismo e com as tentativas de romanização da Igreja no século XIX. Esta atacava o liberalismo, a maçonaria, o industrialismo, as novas teorias científicas como o darwinismo, em suma, o processo de secularização e o avanço da ciência desvinculada da religião. D. Pedro II e seu governo defendiam este processo, é claro com limitações. E no Diário como falamos há indícios das opiniões regalistas do Imperador.

Finalizando o capítulo queremos reafirmar a questão política dessa viagem. A viagem a Minas em 1881 pode ser pensada como uma viagem político/administrativa dentro de um exercício de visualização e manutenção do poder imperial expresso na pessoa de D. Pedro II. A maior quantidade de referências, o grande assunto do Diário

instituições, distanciando-os do regime. Para a grande massa da população, ainda presa à religiosidade antiga, tudo aquilo não passara de uma impunidade [...]”. In:(VAINFAS: 2002, 610-611). Para mais informações sobre a Questão Religiosa ver: HAUCK, J. F. et alli. *História da Igreja no Brasil. Segunda época: a Igreja no Brasil no século XIX.* Petrópolis: Vozes, 1992. VIEIRA, D. G. *O protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil.* Brasília: UnB, 1980. NEVES, L. B. P das; MACHADO, H. F. *O Império do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

são as visitas aos órgãos da administração pública ou aos locais de produção agrícola ou manufatureira particulares. Como vimos, esse não é um procedimento que encontramos apenas nas viagens, D. Pedro II já fazia isto na Corte. É parte de seu projeto político e do seu entendimento da administração o cuidado estreito e minucioso com a gestão política. As viagens servem a continuidade deste projeto de uma maneira espacial, elas espacializam esse exercício que falamos acima, é uma forma de poder territorial. A viagem serve à fixação e manutenção do poder imperial - ainda mais, sendo num período denominado de Crise do Império - de duas formas: uma de cima para baixo: ver o Imperador corporificava um poder e uma política que muitas vezes era distante da maioria da população, fazia com que o Imperador ganhasse uma carga afetiva adicional a seu poder. Outra de baixo para cima: os súditos vinham para o primeiro plano do teatro político - mesmo que durante um curto espaço de tempo -, eram vistos e ouvidos com atenção por D. Pedro II e sua comitiva, poderiam ter a chance de exprimir seus anseios e suas demandas. O Imperador via seus súditos dando-lhes prestígio, o tanto que alguns eram mais vistos que outros, privavam de um contato maior com o Imperador, e os súditos viam seu Imperador dando-lhe prestígio - é claro que havia uma economia social desta visualidade que acabava por representar as hierarquias sociais locais. Mesmo esta questão científica que tanto falamos está ligada à política: não podemos, no século XIX, separar completamente estas esferas, havia da parte do Imperador e de seu governo uma política científica, no sentido que a ciência e, mais particularmente uma que fosse mais pragmática, servia de discurso autorizador do governo quando este o lançava a mão. E a política também financiava e legitimava os cientistas e as instituições científicas. Como já mencionamos as ciências e, no século XIX notadamente as ciências naturais, participavam da construção nacional e nacionalista da qual D. Pedro II é financiador e maior beneficiário.

Conclusão

A nossa pretensão com a dissertação que se acaba era explicar a viagem imperial a Minas no ano de 1881 como uma estratégia política do governo central com o intuito de fazer frente às contestações que se avolumavam desde a década de 1870. A viagem seria uma maneira de dilatar espacialmente a presença do Estado por um território onde seu representante máximo ainda não estivera. Seria o que podemos definir como uma manifestação de um poder territorial: a marca corporal do governo por sobre o mapa da província. Além do que pretendíamos contribuir para a compreensão da figura do Imperador D. Pedro II sob um viés quase não estudado: o de viajante – o real, aquele que passou por várias cidades mineiras, e o escritural, aquele que escreveu sobre suas impressões.

Não iremos aqui retomar as análises capítulo por capítulo, apenas chamar atenção para algumas questões que consideramos centrais ao longo da dissertação. A primeira, a idéia de uma viagem política/administrativa. Ao lermos o Diário o que mais nos chama atenção é a preocupação com os órgãos da administração: vimos, no capítulo dois, como D. Pedro II visitou exaustivamente câmaras, cartórios, fóruns, escolas e outros. Vimos, também, que tais atitudes não eram privilégios da viagem a Minas Gerais, são encontradas em outras viagens pelo interior do Império e, também, na Corte. Ele próprio recomendava esse cuidado à filha quando ela assumiu a regência pela primeira vez em 1871 como podemos ver pelo seu texto *Conselhos à Regente*, discutido no terceiro capítulo. Portanto, esse olhar preocupado com tudo que diz respeito à administração já fazia parte do estilo de seu governo. Portanto, as viagens pelo interior do Império fazem parte desta política, deste estilo de governo. A própria escrita de D. Pedro II é marcada quase exclusivamente por questões da política. E, aqui, temos

associada a esse predomínio do político, a segunda idéia importante que gostaria de realçar: a noção de que o Diário é uma escrita bifronte.

Consideramos toda a primeira parte do terceiro capítulo uma sugestiva tentativa de - baseado nos estudos de escrita auto-referencial nos quais se insere a escrita de diários - compreender a natureza do nosso objeto. A maioria da bibliografia analisada nesta parte se concentra na escrita feminina e em análises mais voltadas para as questões de intimidade. Nós tínhamos um problema, portanto: nosso objeto era uma escrita masculina e quase toda voltada para as questões públicas. Para sair disso é que concluímos: primeiro, a bifrontalidade da escrita, ou seja, há no Diário sempre uma tensão entre o público e o privado, entre o objetivo íntimo de se escrever um diário e os assuntos na sua grande maioria ligados às questões públicas. Como falamos no capítulo: mesmo que D. Pedro II não tenha reescrito esse Diário ele escrevia de alguma forma já resguardando a sua intimidade, já talvez pensando numa posterior publicização de seus escritos. Segundo, a noção de que a escrita de viagem é para si e não de si. D. Pedro II não está preocupado em falar de si mesmo, ele está preocupado em falar daquilo que o Imperador faz. Não existe no Diário nenhuma tentativa aprofundada de auto-análise, muito pelo contrário, há um forte apelo político, público. D. Pedro II escreve o Diário, primeiramente, como um exercício mnemônico para si mesmo. Vimos, no primeiro capítulo, que ele já tinha esse hábito antes da viagem a Minas. Inclusive recomendou-o a filha no seu livro de conselhos acima citado. E, por último, a idéia de que o Diário é um diário crônica, ou seja, sua escrita é impressionista, ele não parece ter muito tempo a gastar com ela - e sabemos disso através do capítulo dois onde vemos que o Imperador escrevia ao final dos dias bastante cansativos e cheios. São pequenas crônicas de cada dia da viagem, pequenos instantâneos. Assim, essas três idéias nos ajudam a compreender o Diário e a fugir de qualquer psicologismo que possa haver em um estudo

que analise uma escrita pessoal. Além do que demonstram que, tal como a viagem é uma estratégia política, a escrita de D. Pedro II deve ser pensada sempre, também, no seu registro político. E essa foi a intenção de toda a dissertação.

Outra questão importante para nossa conclusão são os três interlocutores principais nessa viagem: Saint-Hilaire, Gorceix e Lund. Ao lado das questões administrativas e políticas o outro grande assunto do Diário e da viagem é a ciência e seus desenvolvimentos técnicos. Aliás, consideramos impossível separar ciência de poder, técnica de política, ainda mais se tratando de D. Pedro II. Em Saint-Hilaire D. Pedro vai buscar o discurso da ciência natural, que estava entre as de sua predileção. Vai buscar um viajante que fez os mesmos trajetos da comitiva imperial, que se interessou sobremaneira com a região por onde eles passariam. Vai buscar ainda uma distração inteligente: uma leitura que não fosse excessivamente técnica e nem tão cheia de devaneios como alguns escritores de viagem. Saint-Hilaire faz parte de um conjunto de narradores de viagem que terão grande importância ao longo do século XIX: é o que hoje chamamos de “os viajantes”. Como vimos no primeiro capítulo a abertura dos portos com a vinda da família real em 1808 inaugurou entre outras coisas uma grande voga de viagens e de relatos de viagem sobre o Brasil. O universo cultural, científico e político do Segundo Reinado foi marcadamente Romântico, mesmo que após 1870 todo um conjunto de transformações tenha feito declinar a influência romântica na sociedade brasileira. Mas essas transformações foram lentas. Não vou aqui entrar muito nessa questão, pois foge ao escopo de meu objetivo, o que quero realçar é que quando D. Pedro II vêm a Minas Gerais em 1881 esse universo romântico ainda explicava muito do que era a ciência, a cultura e a política brasileira. E, no surgimento do Romantismo brasileiro, como apontam alguns estudos, temos seus construtores tomando esses

“viajantes”, entre eles, Saint-Hilaire, como modelos para a imaginação da nova nação¹. Portanto, para além do relacionamento intertextual mais imediato durante a viagem, Saint-Hilaire faz parte de um conjunto de escritores de viagem que formaram o olhar de D. Pedro II além de formarem os traços culturais de seu tempo.

Também em Peter Lund D. Pedro busca um discurso autorizado da ciência, mas a proximidade temporal é muito maior: menos de um ano antes da viagem Lund morreu. Vimos na carta a Barral no terceiro capítulo que, mesmo antes de partir, D. Pedro II já se mostrava interessado nas cavernas e no trabalho de Lund. No período que ficou em Lagoa Santa reuniu o máximo de informações sobre o cientista que, entre outras coisas, estudava o passado mais longínquo das terras governadas por D. Pedro. Essa busca por origens é um dos traços do Romantismo que acima falamos, pois que uma nação nova precisa de seus ancestrais. O Imperador sempre se interessou por questões arqueológicas, participava das reuniões do IHGB sobre esses assuntos, juntou uma coleção de vários objetos e obras arqueológicas que hoje se encontra no Museu Nacional. O seu interesse por Lund faz parte desse interesse maior.

Já Gorceix foi um guia em um bom trecho da viagem: acompanhou e indicou lugares a serem conhecidos, principalmente minas; deu explicações; participou da organização de parte da recepção em Ouro Preto. Também como os outros dois Gorceix representa o discurso da ciência, o da mineralogia e da geologia. É também a obra de Gorceix que traz D. Pedro II a Minas Gerais: a Escola de Minas de Ouro Preto. Durante todo o Diário e a viagem vemos o Imperador preocupado com a educação: faz parte desta característica principal desta viagem: a atenção minuciosa com as questões

¹ Para a importância da literatura de viagem no Romantismo ver: SUSSEKIND, Flora. Op. cit; NAXARA, Márcia Regina Capelari. Op. cit. Para os tópicos da literatura de viagem utilizados na construção nacional do Segundo Reinado ver: SCHWARCZ, Lília K. Moritz. A Natureza como Paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 6-29, junho/agosto 2003

administrativas. E, sendo a Escola de Minas uma escola de ensino superior que contou com forte apoio do Imperador deste a sua fundação ele dedicou especial atenção a ela. Concluindo essa parte dos interlocutores, os três cientistas servem para demonstrar que na viagem a Minas Gerais D. Pedro II buscava pela ciência, pelo desenvolvimento técnico-econômico - notadamente nesse caso, as comunicações e a mineração – uma forma de fazer política, uma forma de marcar seu poder nesse momento em que ele sofria fortes abalos vindos de várias frentes. O que mais do que uma ação pessoal era uma ação de governo.

E, encerrando a dissertação devemos lembrar a forte vinculação entre viagens e literatura de viagem com o Imperialismo Europeu. No momento em que as nações européias enviam seus funcionários, seus cientistas para partilhar a África com o discurso de missão civilizadora; o governo imperial, também, envia seu representante máximo por seu território com um discurso um tanto quanto semelhante. Para os grupos políticos mineiros, que se expressaram nos jornais, a visita deveria ser tomada como um sinal de mudanças, um marco daquilo que eles acreditavam ser a vocação das Minas: a mineração, que deveria nas décadas seguintes renascer de uma crise que remontava ao século XVIII. E, aqui estamos falando da economia mineradora apenas, pois já é de bastante conhecimento para a historiografia do XIX mineiro que a economia de maneira geral não vivia uma crise como durante um bom tempo se pensou. Havia toda uma vitalidade do comércio, do abastecimento e outros setores. Ou seja, a visita do Imperador, para o grupo de mineiros representados nos jornais, teria a missão de, na terminologia do século XIX, trazer as luzes. E, para D. Pedro II e seu governo seria a chance de conhecer, observar e anotar a vida daqueles que sempre tiveram longe do centro do poder, daqueles que são os mais necessitados das transformações que a ciência e a técnica propiciam. Um grande exercício de auto-afirmação da política

imperial e da imagem humana desta política, o Imperador. Uma ação bifronte de poder: o impessoal, das estruturas de dominação que sustentam o governo e, o pessoal, da imagem de o Imperador como exímio cumpridor de seus deveres e de patrocinador das ciências. Imagem essa construída pelo próprio D. Pedro II e pelos organismos e instituições de seu governo. Imagem que as viagens imperiais ajudaram a consolidar.

Na viagem a Minas Gerais que teve como estratégia a manutenção e circulação de uma representação do Império e do Imperador e de uma determinada política, podemos enxergar indícios dos processos que, desde 1870, vinham modificando o país. Ao longo da dissertação vimos, entre outros, resquícios das discussões que a Questão Religiosa gerou, a preocupação estreita com tudo que diz respeito à administração, a preocupação com os avanços técnicos e científicos. Todas essas preocupações expressam o momento de transformações que o Império passava. Podemos pensar que a estratégia da viagem como forma de, ao fazer circular a imagem do Império deter a avalanche de críticas ao regime, se enquadra na longa tradição brasileira de respostas reformistas aos problemas que se apresentam em determinadas épocas. Ou seja, frente a demandas de mudança os grupos dominantes defendem a reforma das instituições e nunca a sua efetiva transformação.

A viagem, portanto, deixa entrever essa qualidade reformista do sistema imperial que sempre quis controlar as grandes alterações político-sociais. O reformismo imperial sempre se pautou pelo recurso à tradição, quer seja cultural-intelectual – como a do Romantismo – quer seja social. Todo o processo de abolição do tráfico e depois da escravatura que, à época da viagem começava a se tornar um grande tema de opinião pública, foi uma tentativa de salvaguardar a propriedade e a desigualdade social e política que ela gerava. Uma característica recorrente do reformismo no Brasil, conquanto herança do Estado Português, é o uso político da ciência, ou seja, o

patrocínio estatal de uma política científica voltada para as soluções de problemas sociais e econômicos. Um exemplo disso encontramos nos viajantes do Reformismo Português discutidos no primeiro capítulo. Nesses viajantes encontramos a preocupação em mapear o território, os recursos naturais e a população como subsídios para as políticas reformistas. A viagem imperial, também, possui algo de um reconhecimento do território e de afirmação sob o espaço da imagem de poder imperial. Essa mistura de ciência/técnica com a política - marca do reformismo - também encontramos na viagem a Minas Gerais e na escrita viajante. Poucos anos depois da viagem a alternativa reformista já não caberia mais e o Segundo Reinado acabaria.

Fontes

FONTES MANUSCRITAS

BEDIAGA, B. (org). *Diário do Imperador D. Pedro II*. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. Para essa dissertação são usados os volumes 24 e 25 que corresponde à viagem a Minas.

No Arquivo Público Mineiro:

Fundo Câmara Municipal de Ouro Preto:

CMOP3(4) cx 33 Receita e Despesas

Folha/Doc 37: recibo dado pelo procurador da Câmara ao capitão Francisco José Lopes pela iluminação do paço da Assembléia nas noites de recepção ao Imperador.

Folha/Doc 40: recibo por conserto na calha da Cadeia e Senado por causa da chegada do Imperador.

Folha/Doc 45: relatório de despesas feitas pelo procurador da Câmara de 1 de junho de 1878 a 5 de junho de 1881.

Fundo Presidente da Província

PP1(33) cx 167 Documentos da Câmara de Ouro Preto

Doc 49: de 13 de novembro de 1880. Sobre a fiscalização das obras deixadas a cargo de comissários para a recepção ao Imperador.

PP1(40) cx 51 Fazenda Provincial

Docs 23, 24, 26: conjunto de documentos que se referem a despesas feitas com os preparativos, acomodação e reformas públicas para recepcionar o Imperador.

PP1(50) cx 169 Requerimentos e Petições.

Doc 52: sobre o conserto na estrada que liga Barbacena a Ouro Preto por ocasião da visita de D. Pedro II.

Doc 13: requerimento de pagamento das despesas feitas com conserto da estrada de Cachoeira a Casa Branca e hospedagem do Imperador e comitiva. Com a lista dos gastos.

Doc 14: mesma coisa do anterior só que o conserto é no trajeto entre Mariana e Antônio Pereira. Com a lista dos gastos.

Doc 24: requerimento de ordem de pagamento para o embelezamento da entrada de Ouro Preto pela passagem da comitiva imperial.

PP2(6) cx 09 Correspondência Expedida para Fazenda e Outros

Doc 70: do gabinete da presidência convidando funcionários dessa repartição para a inauguração do Asilo Agrícola feita pelo Imperador.

Doc 71: fala dos materiais e aparatos que foram usados na recepção ao Imperador.

No Arquivo Histórico do Museu Imperial:

Fundo Casa Imperial do Brasil:

Maço 30 doc 1059: programas da viagem a Minas elaborados possivelmente pela Mordomia da Casa Imperial.

Maço 185 doc 8402: anotações meteorológicas do Imperador feitas durante a viagem que serão enviadas à França.

Maço 185 doc 8401: apontamentos biográficos sobre Aleijadinho feitos por Monsenhor Gomes Pimenta datados de Mariana de 13 de abril de 1881. Foram feitos para a leitura do Imperador.

Maço 186 doc 8454: papéis relativos ao Peter Lund, com seu testamento. Seriam os documentos que D. Pedro II trouxe da viagem?

Maço 186 doc 8462: notas a lápis de D. Pedro II sobre o Conselho de Estado em 30 de junho e 7 de julho de 1881. Discussões sobre a exploração de produtos naturais em Minas.

Maço 186 doc 8465: rascunho com emendas da fala do trono do próprio punho de D. Pedro II. É a fala que comenta da viagem.

Na Biblioteca Pública de São João Del Rei:

Fundo Arquivo da Câmara Municipal de São João Del Rei:

ATA SES 37

Atas das sessões da Câmara de São João Del Rei. Sessão extraordinária de 19 de março de 1881 para dar conhecimento dos ofícios recebidos do presidente da província comunicando a visita Imperial e para eleger a comissão responsável pelos festejos de recepção. Sessão ordinária de 7 abril de 1881 para comunicar os ofícios enviados para todas as autoridades comunicando da visita Imperial. Outras sessões que resolvem ações relativas à recepção do Imperador.

REC 182

Receitas e Despesas da Câmara de São João Del Rei 1877 a 1882. Três recibos de pagamentos para o procurador da Câmara sobre concertos por ocasião da visita Imperial.

FONTES IMPRESSAS

LIVROS

BRASIL. *Falas do trono: desde o ano de 1823 até o ano de 1889*, coligidas na Secretaria da Câmara dos Deputados. Brasília: INL, 1977.

GUIMARÃES, Argeu. *D. Pedro II nos Estados Unidos (as reportagens de James O'Kelly e o Diário do Imperador)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1961.

PEDRO II. *Viagens pelo Brasil: Bahia, Sergipe, Alagoas, 1859*. Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2003.

PEDRO II. *Conselhos à Regente*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1958.

Viagem Imperial de Petrópolis ao Juiz de Fora por ocasião da Inauguração do Tronco Principal da Estrada da Companhia União e Indústria (cartas do correspondente do Jornal do Commercio). Rio de Janeiro: Typographia Imp e Com de J. Villeneuve e C, 1861.

PERIÓDICOS

LACOMBE, Américo Jacobina. A Fé de Ofício do Imperador. *Revista do IHGB*, Brasília, Rio de Janeiro, v. 1, Anais do Congresso de História do Segundo Reinado, 1984, p. 9-24.

PEDRO II. Voyage du haut Nil. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 8, p. 1-37, 1947.

PEDRO II. Diário de 1862. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 17, 1956.

PUPO, Celso Maria de Melo. Diário da Viagem do Imperador D. Pedro II a São Paulo. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 36, p. 66-102, 1975.

SANTOS, Francisco Marques dos. D Pedro II e a Província do Paraná (Diário da Visita de D. Pedro II a Província do Paraná). *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 20, p. 29-75, 1959.

VIANA, Hélio. Diário da Viagem do Imperador a Minas (1881). *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 18, p. 67-118, 1957.

JORNAIS

Jornais de Ouro Preto:

A Actualidade

Referência na Hemeroteca Pública de Minas Gerais: **JOP 03**

A Província de Minas

Referência na Hemeroteca Pública de Minas Gerais: **JOP 50**

Jornal do Rio de Janeiro:

Revista Ilustrada

Referência na Hemeroteca Pública de Minas Gerais: **Revista Ilustrada 1880/2 vol 5-7.**

Jornal de São João Del Rei:

O Arauto de Minas

Referência na Biblioteca Pública de São João Del Rei: **Ele não está catalogado, só encadernado com o nome e o período de circulação.**

BIBLIOGRAFIA

Livros, Capítulos de Livros, Dissertações, Teses e Monografias

AGASSIZ, Louis; AGASSIZ, Elizabeth Cary. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Trad. João Etienne Filho. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. et. alli. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. vol. 2.

ALMEIDA, Maria Inês de (org). *Para que serve a escrita?* São Paulo: Educ, 1997.

ALONSO, Angela. *Idéias em Movimento: A Geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, Ana Maria. *As Entradas Régias Portuguesas: Uma Visão de Conjunto*. Lisboa: Ed. Livros Horizontes, s.d.

ÁVILA, Affonso. *O Lúdico e as Projeções do Mundo Barroco*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1971.

_____. Festa Barroca: ideologia e estrutura. In: PIZARRO, Ana(org). *América Latina: Palavra, Literatura e Cultura*. São Paulo: Memorial; Campinas: UNICAMP, 1993. vol. 1. p. 235-263.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Einaudi, Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. vol. 5. p. 296-332.

BARMAN, Roderick J. *Princesa Isabel do Brasil: gênero e poder no século XIX*. Trad. Luiz Antônio Oliveira Araújo. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BASILE, Marcello Otávio. *Ezequiel Corrêa dos Santos: um jacobino na corte imperial*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BECK, Hanno; SCHOENWALDT, Peter. *O Último dos grandes: Alexander Von Humboldt. Perfil de um Gênio*. Trad. Peter Naumann. Bonn: Inter Nationes, 1999.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. *O Brasil dos Viajantes. Vol 1. Imaginário do novo mundo; Vol 2. Um lugar no Universo; Vol 3. A construção da paisagem*. São Paulo: Metalivros; Salvador: Fundação Emílio Odebrecht, 1994.

BENATTI, Antonio Paulo. História, Ciência, Escritura e Política. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira(orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 63-103.

BENJAMIN, Walter. O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras Escolhidas*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987, v. 1, p. 197-221.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean Pierre; SIRINELLI, Jean-François(orgs). *Para Uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 349-363.

BESOUCHET, Lúcia. *Pedro II e o século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BICALHO, Maria Fernanda Baptista. Mediação, Pureza de Sangue e Oficiais Mecânicos. As Câmaras, as Festas e a Representação do Império Português. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho(org). *O Trabalho Mestiço: Maneiras de Pensar e Formas de Viver séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2002. p. 307-322.

BINZER, Ina Von. *Os Meus Romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Trad. Alice Rossi e Luisita da Gama Cerqueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

BORGES, Augusto Carvalho. *“Esse gargalhar quem em tudo se desdobra”*: do significado das imagens cômicas de Ângelo Agostini na crise no império de Pedro II. Monografia de conclusão de curso apresentada no departamento de História da UFMG.

Belo Horizonte, 2005

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. A Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 183-191.

CALDEIRA, Jorge. *Mauá Empresário do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CAMPOS, Pedro Moacy. Imagens do Brasil no Velho Mundo. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 1º Volume: O Processo de Emancipação. São Paulo: Difel, 1965, p. 40-63.

CARDOSO, Sérgio. O Olhar Viajante (Do Etnólogo). In: NOVAES, Adauto(org). *O Olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 347-360.

CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

_____. *A Construção da Ordem: a elite política imperial*. Brasília: Ed. UNB, 1981.

_____. *Teatro de Sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice, Ed. Revista dos Tribunais; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1998.

_____. *D. Pedro II*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O Quinto Século. André Rebouças e a construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ-UCAM, 1998.

CASTAN, Nicole. O Público e o Particular. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 413-453.

CASTAN, Yves. Política e Vida Privada. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 27-69.

CASTORIADIS, Cornelius. O Imaginário: A criação do domínio social-histórico. IN: *As Encruzilhadas do Labirinto*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1987. vol.2, p. 225-243. _____ . *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. 2º edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CAVALCANTE, Berenice. Viagem Literária e Explorações Filosóficas: Notas sobre o diário de José Bonifácio. In: ABREU, Márcia (org). *Leitura, História e História da Leitura*. São Paulo: FAPESP, Mercado de Letras, 1999, p. 235-248.

CERTEAU, Michel de. Fazer com: Usos e Táticas. In: *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 91-106.

_____ Práticas de Espaço. In: *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 167-217.

_____ A Economia Escriturística. In: *A Invenção do Cotidiano: I Artes de Fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 221-246.

CHACHAM, Vera. *A Presença da Imaginação Histórica na Narrativa de Viagens: Oriente, Brasil, século XIX*. Tese de Doutorado apresentada a FALE/UFMG. Belo Horizonte, 2002.

CHAMON, Carla Simone. *Festejos Imperiais: Festas Cívicas em Minas Gerais-1815-1845*. Dissertação de Mestrado apresentada no departamento de história da UFMG. Belo Horizonte, 1996.

CHARTIER, Roger. As Práticas da Escrita. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p.113-161.

COSTA, João Cruz. O Pensamento Brasileiro sob o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 3º Volume: Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1976, p. 323-342.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para um Teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando(org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografia*. Coimbra: Almedina, 2002, p. 13-52.

_____. A Literatura de Viagem e a História Natural. In: CRISTÓVÃO, Fernando(org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens: Estudos e Bibliografia*. Coimbra: Almedina, 2002, p. 183-218.

DOLHNIKOFF, Miriam. *O Pacto Imperial: origens do federalismo no Brasil do século XIX*. São Paulo: Ed. Globo, 2005.

DUARTE, Regina Horta. *Noites Circenses. Espetáculos de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.

_____. O Ator. In: *A Imagem Rebelde: a trajetória libertária de velino Fóscolo*. Campinas, SP: Pontes: Ed. da UNICAMP, 1991, p. 21-53.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas; CAPELATO, Maria Helena Rolim. Representação Política: O Reconhecimento de um conceito na Historiografia Brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir(orgs). *Representações: Contribuições a um Debate Transdisciplinar*. Campinas: Papyrus, 2000, p. 227-267

DUVIGNAUD, Jean. *Festas e Civilizações*. Trad. L. F. Raposo Fontenelle. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFC, 1983.

FAORO, Raymundo. O Sistema político do Segundo Reinado. A direção da economia do Segundo Reinado. O renascimento liberal e a República. In: *Os Donos do Poder: Formação do patronato político brasileiro*. São Paulo: Ed. Globo; Publifolha, 2000. vol. 1 e 2, pp.385-448, pp.3-45, pp. 49-108.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Kapa Editorial, 2 vol, 2002.

FILHO, Alexandre José de Melo Moraes. *Festas e Tradições Populares do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1979.

FOISIL, Madeleine. A Escritura do Foro Privado. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 331-369.

FONSECA, Thaís Nivia de Lima. Festas Cívicas e Universo Cultural: Minas Gerais no século XIX. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho(org). *O Trabalho Mestiço: Maneiras de Pensar e Formas de Viver séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume: PPGH/UFMG, 2002. pgs. 341-355.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Vega, Passagens, 1992.

FREITAS, Marcus Vinicius de. *Charles Frederick Hartt: Um Naturalista no Império de Pedro II*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2002.

GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologias Políticas*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

GOMES, Angela de Castro (org). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

GÓMEZ, Antonio Castillo. Tras la huella escrita de la gente común. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (org). *Cultura Escrita y clases subalternas: una mirada española*. Oiartzun, España: Sendoa, 2001, p. 9-34.

GOULEMOT, Jean Marie. As Práticas Literárias ou a Publicidade do Privado. In: CHARTIER, Roger(org). *História da Vida Privada: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 1991, v. 3, p. 371-405.

HARLAN, David. A História Intelectual e o Retorno da Literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira(orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 15-62.

HAROCHE, Claudine. *Da Palavra ao Gesto*. Trad. Ana Montoia e Jacy Seixas. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia Antiga*. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

HEERS, Jacques. *Festa de Loucos e Carnavais*. Trad. Carlos Porto. Lisboa: Pub. Dom Quixote, 1987.

HELFERICH, Gerard. *O Cosmos de Humboldt: Alexander Von Humboldt e a viagem à América Latina que mudou a forma como vemos o mundo*. Trad. Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II (Brasil Monárquico) vol V (Do Império à República). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

IGLÉSIAS, Francisco. O Segundo Imperador. In: *Trajetória Política do Brasil 1500-1964*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993, p. 161-189.

_____ Minas Gerais. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II: O Brasil Monárquico. 2 volume: Dispersão e Unidade. São Paulo: DIFEL, p. 364-412.

JANCSÓ, István, KANTOR, Íris.(orgs) *Festa: Cultura e Sociabilidade na América Portuguesa*. São Paulo: HUCITEC: ed. da USP: Fapesp: Imprensa Oficial, 2001. 2 vol.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. *Os Subversivos da República*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

JÚNIOR, Caio Prado. O Império. In: *Evolução Política do Brasil: Colônia e Império*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988, p. 90-102.

LAVELLE, Patrícia. *O Espelho Distorcido: Imagens do Indivíduo no Brasil oitocentista*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

LEITE, Beatriz Westin de Cerqueira. O Senado: Problemas e Crises do Período. In: *O Senado nos anos finais do Império, 1870-1889*. Brasília: Ed da UNB, 1978, p. 131-216.

LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da Viagem: Escravos e Libertos em Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1996.

LEITE, Miriam L. Moreira. *Livros de Viagem: 1803-1900*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1996, p. 167-182.

LIMA, Luiz Costa. A Narrativa na escrita da História e da Ficção. In: LIMA, Luiz Costa. *A Aguarrás do Tempo: estudos sobre narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989, p. 15-121.

_____. Alexander Von Humboldt: Descrição da Natureza e Experiência Estética. In: *Terra Ignota: a construção dos Sertões*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997, p. 219-231.

LIMA, Margarida Rosa de. *D. Pedro II e Gorceix: A Fundação da Escola de Minas de Ouro Preto*. São Paulo: Fundação Gorceix, 1977.

LIMA, Maria Emília Amarante Torres. *As caminhadas de Auguste de Saint-Hilaire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

LISBOA, Karen Macknow. *A Nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 1997.

_____. Olhares Estrangeiros sobre o Brasil do século XIX. In: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p. 265-299.

LYRA, Heitor. *História de Dom Pedro II*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. 3 vol.

MAIOR, Armando Souto. *Quebra-Quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL; Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1978.

MARTÍNEZ, Rosa M. Blasco; PÉREZ, Carmem Rubalcala. “Sueno de uma sombra”: Escritura y clases populares em Santander em el siglo XIX. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (org). *Cultura Escrita y clases subalternas: uma mirada española*. Oiartzun, Espanha: Sendoa, 2001, p. 109-133.

MATTOS, Ilmar Rohloff de. *O Tempo Saquarema: A Formação do Estado Imperial*. Rio de Janeiro: Access Ed, 1994.

MAURO, Frédéric. *O Brasil no tempo de Dom Pedro II*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

MAXWELL, Kenneth. A Geração de 1790 e a idéia do império luso-brasileiro. Trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. In: MAXWELL, Kenneth. *Chocolate, Piratas e Outros Malandros: Ensaios Tropicais*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1999, p. 157-207.

MEYER, Marlyse; MONTES, Maria Lucia. *Redescobrimo o Brasil: A festa na política*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; BASTOS, Maria Helena Câmara; CUNHA, Maria Teresa Santos(orgs). *Refúgios do Eu: educação, história e escrita autobiográfica*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2000.

MITRE, Antonio. História, Memória, Esquecimento. In: *O Dilema do Centauro: ensaios de teoria da história e pensamento latino-americano*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, p. 11-28.

MORAES, Evaristo de. *Da Monarquia para a República 1870-1889*. Brasília: Ed. UNB, 1985.

NABUCO, Joaquim. O Abolicionismo. In: SANTIAGO, Silviano (coord). *Intérpretes do Brasil*. 2º edição. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 3-167.

_____ *Minha Formação*. 10º edição. Brasília: Editora da UNB, 1981.

_____ *Um Estadista do Império. Nabuco de Araújo: sua via, suas opiniões, sua época*. São Paulo; Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional; Civilização Brasileira Editora, 1936.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. *Cientificismo e Sensibilidade Romântica: em busca de um sentido explicativo para o Brasil no século XIX*. Brasília: Ed. UNB, 2004.

OBERACKER, Carlos. Viajantes, Naturalistas e Artistas Estrangeiros. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 1º Volume: O Processo de Emancipação. São Paulo: Difel, 1965, p. 119-131.

- OLIVEIRA, Silvana Maria Pessoa de. *De Viagens e de Viajantes: A Viagem Imaginária e o Texto Literário*. Tese de Doutorado apresentada a FALE/UFMG. Belo Horizonte, 1995.
- OZOUF, Mona. A Festa: Sob a Revolução Francesa. In: GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre(orgs) *História: novos objetos*. Trad. Terezinha Marinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.
- PAULINO, Graça; WALTY, Ivete; CURY, Maria Zilda. *Intertextualidades: Teoria e Prática*. São Paulo: Formato, 2005.
- PEDRAS, Lúcia Ricota V. *Natureza, Ciência e Estética em Alexander Von Humboldt*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.
- PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. *De Viagens e de Narrativas: Viajantes Brasileiros no Além-Mar (1913-1957)*. Tese de Doutorado apresentada a FFLCH/USP. São Paulo, 1998.
- PINTO, Olivério M. Oliveira. Viajantes e Naturalistas. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 3º Volume: Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1976, p. 444-466.
- PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil: Hóspedes, Hospedeiros e Viajantes no Século XIX*. 2º edição. Barueri: Editora Manole, 2001.
- PRADO, Maria Emília (org). *O Estado como Vocação: idéias e práticas políticas no Brasil Oitocentista*. Rio de Janeiro: Access, 1999.
- PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação*. Trad. Jézio Hernani B. Gutierrez. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- PRIORE, Mary Del. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

QUEIROZ, Eça de. *O Egípto: Notas de Viagem*. 5ª edição. Porto: Lello & Irmão Editores, 1946.

RIBEIRO, Maria Eurydice de Barros. *Os Símbolos do Poder: Cerimônias e Imagens do Estado Monárquico no Brasil*. Brasília: Ed. UNB, 1995.

RIVIÈRE, Claude. *As Liturgias Políticas*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Imago Ed, 1989.

ROBLEDO, José Ignacio Monteagudo. Escritura popular y Etnografía. In: GÓMEZ, Antonio Castillo (org). *Cultura Escrita y clases subalternas: una mirada española*. Oiartzun, España: Senda, 2001, p. 207-236.

ROQUETTE, J. I. *Código do Bom-Tom ou Regras da Civilidade e de Bem Viver no século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

ROUANET, Sérgio Paulo. *A Razão Nômade: Walter Benjamin e outros viajantes*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1993.

_____. O Olhar Iluminista. In: NOVAES, Adauto(org). *O Olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988, p. 125-148.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Trad. Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975.

_____. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Trad. Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1974.

_____. *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco*. Trad. Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1975.

_____. *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo (1822)*. Trad. Affonso de Taunay. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938.

SALLES, Ricardo. *Joaquim Nabuco: Um Pensador do Império*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

SANTIAGO, Camila Fernanda Guimarães. *As Festas promovidas pelo Senado da Câmara de Vila Rica(1711-1744)*. Dissertação de Mestrado apresentada no departamento de história da UFMG. Belo Horizonte, 2001.

SANTIAGO, Silviano. Por que e para que viaja o europeu? In: SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 221-240.

SANTOS, Claudete Daflon dos. *A Viagem e a Escrita: Uma reflexão sobre a importância da viagem na formação e produção intelectual dos escritores-viajantes brasileiros*. Tese de Doutorado apresentada no departamento de Letras da PUC-RJ. Rio de Janeiro, 2002.

SCHADEN, Egon. Exploração Antropológica. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 3º Volume: Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1976, p. 425-443.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia: Um Gênero de Fronteira entre a História e a Literatura. In: RAGO, Margareth; GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira(orgs). *Narrar o Passado, Repensar a História*. Campinas: UNICAMP, 2000, p. 193-202.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

_____. *O Império em Procissão: Ritos e Símbolos do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed, 2001.

_____. O Olho do Rei. As Construções Iconográficas e Simbólicas em torno de um Monarca Tropical: O Imperador D. Pedro II. In: LEITE, Miriam L. Moreira; FELDMAN-BIANCO, Bela. *Desafios da Imagem: Fotografia, Iconografia e Vídeo nas ciências sociais*. Campinas: Papirus, 1998, p. 113-140.

SILVA, Ana Rosa Clocllet da. *Inventando a Nação: Intelectuais Ilustrados e Estadistas Luso-Brasileiros na Crise do Antigo Regime Português (1750-1822)*. São Paulo: Hucitec: Fapesp, 2006.

SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda B; GOUVÊA, Maria de Fátima S. (orgs). *Culturas Políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

SOUZA, Antonio Candido de Mello. A Literatura durante o Império. In: HOLANDA, Sérgio Buarque (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II Brasil Monárquico 3º Volume: Reações e Transações. São Paulo: Difel, 1976, p. 343-355.

SOUZA, Iara Lis Carvalho. *Pátria Coroada: O Brasil como Corpo Político Autônomo 1780-1831*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

SOUZA, Marina de Mello e. *Reis Negros no Brasil Escravista: História da Festa de Coroação de Rei Congo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SQUEFF, Leticia. *O Brasil nas letras de um pintor: Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879)*. Campinas: Ed da UNICAMP, 2004.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

TRUJILLO, Maria Amparo Moreno. Registro Oficial, Registro Personal: La Dualidad de La Correspondência Del Conde de Tendilla. In: GÓMEZ, Antonio Castillo; SÁEZ, Carlos(orgs). *La Correspondência em La Historia: Modelos y prácticas de escritura epistolar*. Madri: Biblioteca Litterae Calambur, 2002. p. 205-230.

VENANCIO, Giselle Martins. Presentes de Papel: Cultura Escrita y Sociabilidad en la correspondência de Oliveira Vianna. In: GÓMEZ, Antonio Castillo; SÁEZ, Carlos(orgs). *La Correspondência em La Historia: Modelos y prácticas de escritura epistolar*. Madri: Biblioteca Litterae Calambur, 2002. p. 447-468.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Cia das Letras, 1991.

_____. Um Brasil Mestiço: raça e cultura na passagem da monarquia à república. In: MOTA, Carlos Guilherme (org). *Viagem Incompleta. A Experiência Brasileira (1500-2000). Formação: histórias*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2000, p. 329-359.

VIANNA, Oliveira. *O Ocaso do Império*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 1990.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e Mentalidades*. Trad. Maria Julia Cottrasser. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991. 3ª parte, pgs. 151-254.

Periódicos

ALBERTI, Verena. Literatura e Autobiografia: a questão do sujeito na narrativa. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n.7, vol. 4, p. 66-81, 1991.

BALHANA, Altiva Pilatti; WESTPHALEN, Cecília Maria. Positivismo e os Movimentos Sóciopolíticos do Final do Século XIX e Início do Século XX. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, n. 158, p. 401-426, abr/ jun 1997.

BEDIAGA, Begonha. O Arquivo Histórico do Museu Imperial e as pesquisas sobre o século XIX. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 365-373, jul-out 1997.

BLASENHEIM, Peter L. As Ferrovias de Minas Gerais no século dezenove. *Locus*, Juiz de Fora, n. 2, vol. 2, p. 81-110, 1996.

CARNEIRO, Henrique Soares. O Múltiplo Imaginário das Viagens Modernas: Ciência, Literatura e Turismo. *Historia: Questões e Debates*, Curitiba, n. 35, p. 227-247, 2001.

COLUSSI, Eliane Lucia. Política se faz em muitos espaços...Maçonaria, Igreja Católica e as idéias no Brasil do século XIX. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 4, n. 2, p. 109-121, dezembro 2003.

CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da. As Viagens são os Viajantes: Dimensões Identitárias dos Viajantes Naturalistas Brasileiros do século XVIII. *História: Questões&Debates*, Curitiba, n. 36, p. 61-98, 2002.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. As Ciências na História Brasileira. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 57, n. 1, jan/mar 2005.

DOMINGUES, Heloísa M. Bertol. As Ciências Naturais e a Construção da Nação Brasileira. *Revista de História*, São Paulo, n. 135, p. 41-59, 1996.

DUARTE, Regina Horta. Os sinos, os carros de bois e a locomotiva em São João Del Rei: notas sobre a vida cotidiana em fins do século XIX. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 17, p. 71-79, mar/97.

_____. Olhares Estrangeiros: Viajantes no vale do Mucuri. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, pp. 267-288, 2002.

DUTRA, Eliana R. de Freitas. História e Culturas Políticas: Definições, Usos, Genealogias. *Varia História*, Belo Horizonte, n. 28, 2001.

FEDERICI, Hilton. Duas visitas de D. Pedro II ao sul de Minas. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 42/43, p. 85-116, 1981/1982.

FERREIRA, Lúcio Menezes. Ciência Nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil Imperial. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, abril/junho 2006.

FERTIG, André. Centralização, Ordem e Regresso: O Tempo Histórico da Consolidação do Império do Brasil. *Fronteiras*, Campo Grande, v. 5, n. 10, p. 81-98, jul/dez 2001.

FIGUEIRÔA, Silvia Fernanda de Mendonça. Ciência e Tecnologia no Brasil Imperial. Guilherme Schuch, Barão de Capanema (1824-1908). *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 437-455, julho 2005.

FILHO, Amílcar Torrão. Narrativas de Viagem: Cruzamentos de Espaços, Saberes e Temporalidades. Séculos XVIII e XIX. *Estudos de História*, Franca, v. 12, n. 1, p. 127-144, 2005.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. Imagens do Brasil nas relações de viagem dos séculos XVII e XVIII. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 15, p. 7-15, set/out/nov/dez 2000.

FREITAS, Marcus Vinicius. As barbas do imperador ou a iconografia do império. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, nov 1999/fev 2000.

_____ O Império e as práticas científicas. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 752-756, mar/ago 2003.

GARCIA, Rodolfo. Os Mestres do Imperador. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 7, p. 7-20, 1945.

GARNER, Lydia Magalhães. “Os Dois Corpos do Rei”: Introdução ao Estudo dos Vários Corpos de Pedro II e a Consolidação do Estado. *R IHGB*, Rio de Janeiro, 160(402), p. 247-258, jan/mar 1999.

GAZOLLA, Ana Lúcia Almeida. Mulheres à Deriva: Viajantes Anglo-Americanas no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, Belo Horizonte, NAPq/FALE/UFMG, n. 27, junho 1995.

GENOVEZ, Patrícia Falco. A Viagem enquanto Forma de Poder. A Viagem de Pedro II e a inauguração da Rodovia União e Indústria em 1861. *Revista Tempo*, Rio de Janeiro, n. 5, p. 161-180, jun/98.

GRAHAM, Richard. Construindo uma Nação no Brasil do século XIX: visões novas e antigas sobre classe, cultura e estado. *Diálogos*, DHI/UEM, Maringá, v. 5, n. 1, p. 11-47, 2001.

_____. Réplica. *Diálogos*, DHI/UEM, Maringá, v. 5, n. 1, p. 75-78, 2001.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

HOLLOWAY, Thomas H. Comentário a “Construindo uma Nação no Brasil do século XIX: visões novas e antigas sobre classe, cultura e estado” de Richard Graham. *Diálogos*, DHI/UEM, Maringá, v. 5, n. 1, p. 49-51, 2001.

IANNI, Octavio. A Metáfora da Viagem. *Revista Cultura Vozes*, Petrópolis, n. 2, p. 3-19, março-abril 1996.

IGLÉSIAS, Francisco. Minas Gerais: Os Viajantes Estrangeiros. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, set/out 1970.

KURY, L. Ciência e Nação: Romantismo e História Natural na obra de E. J. da Silva Maia. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 276-91, jul/out 1998.

LAMBERT, Hercília Mara F. G. A Construção da Ordem Burocrática Imperial: As Eleições e o Discurso Oficial. *História*, São Paulo, n. 5/6, p. 1-9, 1986/87.

LEITE, Beatriz W. de Cerqueira. A Escalada Política no Segundo Reinado: A -Análise de algumas Lideranças. *História*, São Paulo, n. 5/6, p. 47-60, 1986/1987.

_____. As Instituições Políticas do Império e a Política Parlamentar. *História*, São Paulo, n. 12, p. 235-251, 1993.

LEITE, Miriam L. Moreira. Naturalistas Viajantes. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 7-19, nov 1994/fev 1995.

LIMA, Luciano Mendonça de. Abaixo os quilos. *Nossa História*, São Paulo, ano I, n. 8, p. 33-37, junho 2004.

LOPES, Maria Margaret. Invertendo o sentido das viagens. *História, Ciência, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 768-773, maio/ago 2003.

_____. A mesma fé e o mesmo empenho em suas missões científicas e civilizadoras: os museus brasileiros e argentinos do século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 55-76, 2001

MACHADO, Maria H. Pereira Toledo. A Sensualidade como Caminho. Notas sobre diários e viagens. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 134-147, junho/agosto 2003.

_____. Pratt, Mary Louise. Os Olhos do Império: Relatos de Viagem e Transculturação. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 281-289, 2000.

MARSON, Izabel Andrade. Minha Formação: Autobiografia, política e história. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 33, v. 17, p. 70-97, 1997.

MENEZES, José Luis Mota. Algumas notas a respeito da viagem do Imperador D. Pedro II a Pernambuco. *RIHGB*, Brasília, Rio de Janeiro, v. 1 Anais do Congresso de História do Segundo Reinado, p. 95-129, 1984.

NAXARA, Márcia Regina Capelari. Pensando Origens para o Brasil no século XIX: História e Literatura. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 32, p. 47-64, jan/jun 2000.

NOVAES, Maria Stella de. A Viagem Imperial ao Espírito Santo. *Revista de História*, São Paulo, n. 59, v. 29, p. 159-164, julho-setembro 1964.

PEDRAS, Lúcia Ricotta V. A paisagem em Alexander Von Humboldt: o modo descritivo dos quadros de natureza. *Revista USP*, São Paulo, n. 46, p. 97-114, junho/agosto 2000.

PIMENTEL, Thais Velloso Cougo. Viajar e Narrar: toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras. *Varia Historia*, Belo Horizonte, n. 25, p. 81-120, jul/2001.

PINHO, Wanderley. Pedro II: Aspectos de sua personalidade. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 2, p. 7-35, 1941.

RAMINELLI, Ronald. Viagens e Inventários: Tipologia para o período colonial. *História: Questões e Debates*, Curitiba, n. 32, p. 27-46, jan/jun 2000

RANGEL, Alberto. A Educação de D. Pedro II. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 4, p. 59-78, 1943.

ROSANVALLI, Pierre. Por uma História Conceitual do Político(nota de trabalho). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 15, n. 30, p. 9-22, 1995.

ROSSATO, Luciana. A escrita-viajante: narrativas dos cientistas sobre a ilha de Santa-Catarina, séculos XVIII e XIX. *Tempos Históricos*, M. C. Rondon, v. 8, p. 215-239, 2006.

SÁ, Magali Romero. O Botânico e o Mecenaz: João Barbosa Rodrigues e a ciência no Brasil na segunda metade do século XIX. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 8, supl, janeiro 2001.

SANTOS, Nadja Paraense dos. Pedro II, Sábio e Mecenas e sua relação com a Química. *Revista da SBHC*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 54-64, jan/jun 2004.

SCHWARCZ, Lília K. Moritz. A Natureza como Paisagem: imagem e representação no Segundo Reinado. *Revista USP*, São Paulo, n. 58, p. 6-29, junho/agosto 2003.

_____. Um Debate com Richard Graham ou “Com Estado mas sem Nação: O Modelo Imperial Brasileiro de fazer política”. *Diálogos*, DHI/UEM, Maringá, v. 5, n. 1, p. 53-74, 2001.

SEIXO, Maria Alzira. Entre Cultura e Natureza: Ambigüidades do olhar viajante. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 120-133, junho/ agosto 1996.

SETTE, Mário. Quando a Família Imperial visitou Pernambuco. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 5, p. 35-43, 1944.

SODRÉ, Alcindo. Visitas dos Imperadores à Bahia. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 11, p. 99-138, 1950.

SPALDING, Walter. D. Pedro II no Rio Grande do Sul durante a Guerra do Paraguai. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 6, p. 129-135, 1945.

SUSSEKIND, Flora. Palavras Loucas, Orelhas Moucas. Os relatos de viagem dos românticos brasileiros. *Revista USP*, São Paulo, n. 30, p. 94-107, junho/agosto 1996.

WRIGHT, Antonia F. P. de Almeida. Um turista coroadado viaja para a América: D. Pedro II nos Estados Unidos. *Anuário do Museu Imperial*, Petrópolis, v. 36, p. 31-45, 1975.

NET

ARTIÈRES, Philippe. *Arquivar a própria vida*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/234.pdf> Acessado em 21/04/06 18:54.

BURKE, Peter. *A Invenção da Biografia e o Individualismo Renascentista*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/211.pdf> Acessado em 24/04/06 20:01.

CALLIGARIS, Contardo. *Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf> Acessado em 24/04/06 18:10.

GENOVEZ, Patrícia Falco. *Visões de Liturgia: O Imperador e os Partidos Políticos*. Disponível em: <http://www.rhr.uepg.br> Acessado em 05/03/2006 21:00

KURY, Lorelai. *Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem*. Disponível em: <http://www.coc.fiocruz.br/hscience/index-pont.htm> Acessado em 21/04/06 18:48.

MACIEL, Sheila Dias et alli. *Termos de Literatura Confessional em Discussão*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/guarira/numero1/maciel-sheila-e.pdf> Acessado em 13/04/06 11:52.

_____. *A Literatura e os Gêneros Confessionais*. Disponível em: <http://www.ceul.ufms.br/pgletras/docentes/Sheila.pdf> Acessado em 13/04/06 11:54.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho. *Diários públicos, mundos privados: Diário Íntimo como gênero discursivo e suas transformações na Contemporaneidade*. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/oliveira-rosa-meire-diarios-publicos-mundos-privados.pdf>. Acessado em 30/05/06 09:40.

RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias de si, ou...* Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/235.pdf> Acessado em 22/04/06 10:40

SALGUEIRO, Valéria. *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*. Disponível em : <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>
Acessado em 21/04/06 18:52.

Obras de Referência

ALVES, Lúcia Maria. *Jornais de Ouro Preto: 1823-1897*. Belo Horizonte: Escola de Biblioteconomia da UFMG, 1970.

BLAKE, Sacramento A. Victorino. *Diccionario bibliographico brasileiro*, 5 e 6 vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

BARÃO DE JAVARI. *Organizações e Programas Ministeriais: Regime Parlamentar no Império*. 2º edição. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1962.

VAINFAS, Ronaldo (org). *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

VEIGA, José Xavier da. *Efemérides Mineiras*. Belo Horizonte: Centro de Estudos Históricos Culturais Fundação João Pinheiro, 1998.